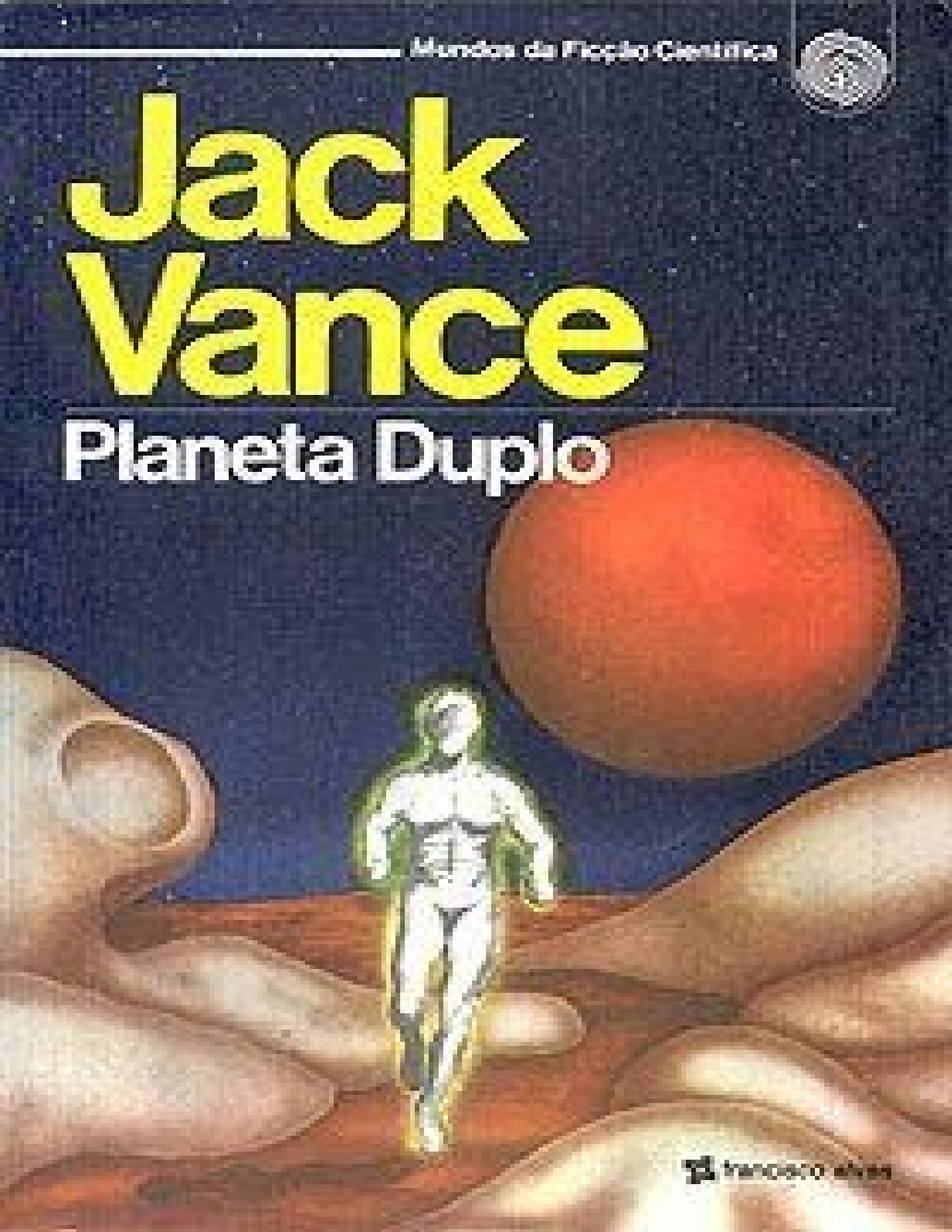
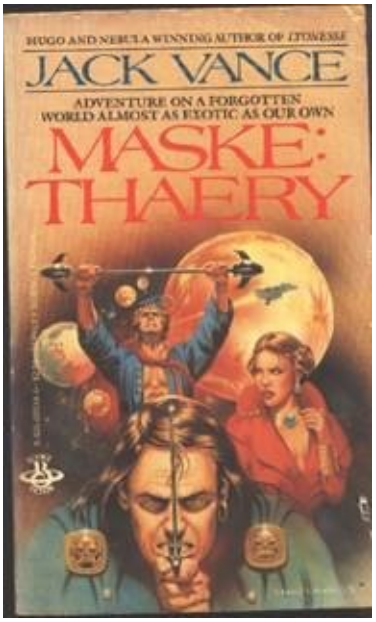
Mundos da Ficção Científica

Jack Vance

Planeta Duplo



francisco alves


HUGO AND NEBULA WINNING AUTHOR OF *LYONESSE*
JACK VANCE
ADVENTURE ON A FORGOTTEN WORLD ALMOST AS EXOTIC AS OUR OWN
MASKE: THAERY

Jack Vance

Planeta Duplo

CÍRCULO DO LIVRO

Edição integral

Título do original: "Maske: Thaery"

Tradução: Mário Molina

Formatado por SusanaCap

A margem oriental 1 do Braço de Gaea é limitada por uma notável bolsa de vácuo: a Grande Cova. A região é praticamente inexplorada, pois os astronautas não encontraram estímulo para penetrar nela. Mais adiante, paira o Veio de Zangwill, uma graciosa faixa de estrelas de reputação funesta. A Grande Cova, portanto, é um lugar solitário.

Bem no centro da Grande Cova, pende a estrela Mora. Dois de seus mundos anexos, Masque e Skay, compõem essa extravagância celeste — um planeta duplo. Um atrás do outro, Masque e Skay descrevem sua órbita em torno de Mora, girando, um contra o outro, em trabalhoso epiciclo.

Tanto Skay quanto Masque são habitados. Ninguém sabe quantas levas de migração humana cruzaram a Grande Cova na direção de Mora; talvez não mais que duas. Os últimos recém-chegados, um contingente de catorze naves de Renunciantes Credenciais do universo Diosopheda, descobriram em Masque e Skay um povo de grande antigüidade, humano mas consideravelmente afastado do *Homo gaea:* o saidanês, de uma espécie que se tornou conhecida como *Homo mora.*

Com o Veio de Zangwill obstruindo o caminho, as catorze naves pousaram em Masque. Expulsaram os saidaneses de uma região a que deram o nome Fantaeria, em homenagem a Eus Fantário, explanador da Verdadeira Fé. A companhia da 13.a nave não queria admitir a

"Tripla Divindade" de Eus Fantário e foi banida para Clarim, uma península disponível e pedregosa, a oeste de Fantaeria. Os

"Irredimíveis" da 14.a nave recusaram-se a reconhecer tanto a Fé quanto a sublimidade de Eus Fantário; foram afastados de Fantaeria.

A nave espatifou-se nas montanhas de Dohobay, ao que tudo indica após o ataque de um par de Galeras da Fé, e assim desapareceu da história.

As doze companhias repartiram Fantaeria em doze distritos e organizaram um Estado em estrita conformidade com os preceitos da 1 As convenções de direção

galáctica são como as de um planeta em rotação. A direção de rotação é leste, a oposta, oeste. Quando os dedos da mão direita se estendem na direção da rotação, o polegar aponta para o norte e o lado oposto é sul. "Para dentro" e "para fora"

referem-se ao movimento para o centro ou para longe do centro da galáxia.

Fé. Diosopheda, seu mundo de origem, tornou-se um exemplo de tudo a ser evitado. Diosopheda era urbanizado; Fantaeria seria bucólico. Os diosofídios controlavam as forças da natureza e preferiam ambientes artificiais; os fantários dedicaram-se a paisagens e substâncias naturais. Os diosofídios eram frívolos, debochados, irreverentes para com a autoridade, inclinados à novidade, à sensação artificial e à emoção viçaria. Os fantários devotaram-se ao dever, à simplicidade, ao respeito pela posição social.

Em Clarim, a companhia da 13.a nave, adaptando-se ao rude ambiente, isolou-se dos fantários e transformou-se na população clarímia. Cada grupo via o outro em termos caricaturais. Em Fantaeria, "clarímio" tornou-se sinônimo de "rústico", "grosseiro",

"rude", enquanto para um clarímio "fantário" significava "errante",

"misterioso", "artificioso demais".

Muitos clarímios puseram-se a navegar o Longo Oceano; aos poucos, esses marinheiros desenvolveram o conceito de "nacionalismo naval". Outros clarímios, notadamente as famílias residentes nas Altas Marcativas, tornaram-se bandidos, pilhando os depósitos de Isedel, e mesmo de Swing e Glistelamet, em busca de ferramentas, textura fabril e riqueza. Os fantários pagavam na mesma moeda, servindo-se das mulheres de guerreiros saidaneses, os chamados "perruptos", mas somente após três séculos foi a população clarímia subjugada, em conseqüência do quê, de fato, Clarim tornou-se o 13.° distrito de Fantaeria.

Por toda parte, em Masque, as posições revestiram-se de novas formas. Os Irredimíveis que sobreviveram à destruição da 14.a nave finalmente reapareceram como os fôntones de Fônton e as várias tribos de Dohobay. Os saidaneses, confinados ao Alto e Baixo Djanad, ficaram conhecidos como a população "djan" e persistiram em seus incompreensíveis costumes antigos. Eles não manifestavam nem curiosidade nem rancor para com aqueles que os tinham conquistado; o mesmo ocorria com os saidaneses de Skay.

Séculos se passaram, eras de vítrea sonolência. As severidades da Fé relaxaram, Fantaeria tornou-se uma terra de numerosas texturas e cultivados contrastes. Apesar das antigas proibições, certas vilas transformaram-se em cidades, das quais Wysrod, na baía Duskerl, foi a primeira. Durante o mesmo período, a população do campo se expandiu. Em pouco tempo, o excesso de mão-de-obra foi forçado a procurar emprego em outros lugares, às vezes em vão. Chegando à maturidade, na cidade como no campo, a população jovem encontrava poucas perspectivas para suas energias. As imaginações voltavam-se para fora e o mandado de isolamento começava a parecer incômodo.

Um agridoce mal-estar caiu sobre a terra como uma névoa de outono, e o povo foi afetado por emoções contraditórias; o amor à vida campestre, a nostalgia e as ainda vigorosas doutrinas fideístas não se harmonizavam com uma deterioração difusa e uma claustro-fobia espiritual. Certo número de pessoas pensou em emigrar; uma pequena fração desse número pôs em prática o trágico e irreversível processo; deles, não mais se ouviu falar.

Outro elemento perturbou o espírito público: rumores da existência de uma organização secreta conhecida como a Binadaria Pan-Djan, aparentemente dedicada à expulsão dos fantários de Masque. A Binadaria desorientava funcionários responsáveis, porquanto nem os djan, nem os saidaneses eram particularmente dotados para a intriga.

Quem tinha então instigado a Binadaria? Quem formulava seus programas e sustentava a militância? Tais questões perturbavam os serviços de informação fantários, que não conseguiam chegar a nenhuma conclusão segura.

Capítulo 1

As montanhas Marcativas, entre Fantaeria e Djanad, ao se estenderem para oeste, formam Clarim — uma terra árida, improdutiva e pouco povoada, ainda que, em proporção aos seus recursos, não menos apinhada de gente que a própria Fantaeria.

A extremidade noroeste de Clarim, estendendo-se do cabo Junção até as colinas de Alvião, constituía o território Droad, cuja posse pertencia a Benruth, o Droad da Casa Droad e primeiro da parentela.

Em virtude das rígidas leis de transmissão em Fantaeria, Trewe, o filho mais velho, entraria por fim na posse total da terra. Para Jubal, o segundo filho, o

futuro não oferecia perspectivas tão otimistas.

Não obstante, abençoado com um corpo forte e ânimo confiante, Jubal passou uma infância agradável, animada com os banquetes semanais nos quais Benruth obsequiava a família Droad e celebrava a doce fugacidade da existência. Com freqüência, os banquetes tornavam-se tempestuosos. Certa vez, o que poderia ter sido apenas uma brincadeira pesada foi levado longe demais. Benruth bebeu de um frasco de vinho e caiu no chão com cãibras. De imediato, o irmão Vaidro meteu-lhe à força azeite e açúcar goela abaixo, golpeando-lhe em seguida a barriga até ele vomitar, infortunadamente sobre um inestimável tapete djan 2, que passou a ostentar depois disso uma nódoa amarela.

Vaidro molhou a língua com uma gota do vinho de Benruth, provou e cuspiu. Não fez comentário; não era preciso.

Benruth sentiu dores por várias semanas, e a palidez persistiu por um ano. Concordaram todos em que a ocorrência transcendera qualquer definição razoável de humor. Quem tinha perpetrado a irresponsável façanha?

2 Os djans tecem tapetes de esplendor e trama inigualáveis. Dez mil nós por polegada quadrada não é coisa incomum. Às vezes, os tapetes são definidos como "uma vida", "duas vidas" e assim por diante; para indicar o número total de existências investidas em sua criação.

As pessoas presentes formavam a família imediata de Benruth: sua mulher Voira; Trewe, em companhia da jovem esposa Zonne e das filhas Merliew e Theodel; e Jubal. Ainda presentes estavam Vaidro; Cadmus de Droad, filho ilegítimo de Benruth com uma moça fantária da parentela Cargus, que passara sua Permissão no cabo Junção; e quatro outros da família Droad, incluindo um certo Rax, bem conhecido por suas gafes e conduta imoderada. Rax negou ser responsável por uma brincadeira tão brutal, mas seus protestos foram ouvidos em silêncio. Rax voltaria à Casa Droad uma única vez, para participar de eventos ainda mais funestos.

Depois disso, os banquetes de Benruth foram tanto menos freqüentes quanto mais contidos. Ele começou a definhar, a perder o cabelo, e morreu três anos após o envenenamento. Cadmus de Droad apareceu no funeral acompanhado de um tal Zochrey Cargus, fantário de expressão finória da cidade de Wysrod, que se apresentou como genealogista e árbitro de heranças litigiosas. Antes mesmo

que o cadáver de Benruth tivesse sido deposto sobre a pira, Cadmus se adiantou para proclamar-se Droad da Casa Droad por direito de primogenitura. Zochrey Cargus, subindo no estrado funerário para conseguir um ângulo mais vantajoso, endossou a pretensão e citou inúmeros precedentes. Trewe e Jubal ergueram-se, chocados e estupefatos, mas Vaidro, sem alvoroço, fez sinal a alguns parentes, e Cadmus e Zochrey Cargus foram agarrados e empurrados de lá, Cadmus gritando e praguejando por sobre o ombro. Como Rax Droad, ele voltaria à Casa Droad uma única vez.

Trewe tornou-se o Droad da Casa Droad e Jubal foi seriamente forçado a refletir sobre o futuro. As opções não eram animadoras.

Rejeitou de imediato a idéia de mourejar nas fábricas fantárias, mesmo que, como homem diligente e meticuloso, fosse capaz de impor-se no trabalho. Como clarímio, Jubal não poderia progredir nem na Patrulha Aérea nem na Milícia. A Marinha Espacial e o Serviço Salutar 3

estavam reservados aos descendentes das altas famílias fantárias e, por conseguinte, completamente fechados para ele. Os ofícios especializados não só exigiam anos de disciplina preparatória, como 3 O Serviço Salutar informa as quadraturas dos vários territórios djan e, discretamente, inspeciona as atividades djan em busca de sinais da agitação pan-djan.

operavam distorções psicológicas sobre seus profissionais. Podia ficar na Casa Droad no posto de meirinho, pescador ou auxiliar de serviços gerais, uma vida não desprezível, mas inteiramente em desacordo com seu amor-próprio. Ele poderia singrar o Longo Oceano num palucho nacional 4 ou empreender o passo definitivo e irrevogável da emigração 5. Cada possibilidade conduzia a becos igualmente sem saída. Impaciente e deprimido, Jubal saiu do país em Permissão.

Da Casa Droad, tomou a estrada que enovelava Goldwater Glen, através das colinas de Alvião, de través pelas Cinco Quedas e até o distrito de Isedel, descendo depois o vale do rio Grafa até Tissano, na costa. Aí ele ajudou a reparar a armação que sustentava uma passagem de pedestres, distribuindo estacas de cinqüenta pés por sobre as rentemarés6 até a ilha da Roca Negra. Continuou o caminho leste ao longo da praia Larga, joeirando areia, queimando gravetos e sargaços secos; depois, voltando-se para o interior, percorreu o distrito Kroy, aparando sebes e limpando os prados da erva *hariah.* Em Zaim, para evitar a cidade de Wysrod, desviou-se para o sul, depois abriu caminho por

Drune Tree e Famet. Em Chilian, cortou árvores de especiarias caídas e trocou as toras com um mercador de madeiras de lei. Seguindo viagem para Athander, trabalhou um mês nas florestas, livrando as árvores dos saprófitos e da pestilência de micróbios e pragas rastejadoras. Passou outro mês consertando caminhos na Baixada Roxa, depois, tomando o rumo sul para as terras altas de Silviolo, chegou à Alta Estrada. Fez aí uma pausa para olhar longamente em ambas as direções. Para o leste, estendiam-se os vinhedos de Dorvolo e novos meses de perambulação. Para o oeste, o caminho galgava as Altas Marcativas, e, correndo paralelamente à fronteira Djanad, reconduzia a Clarim. Melancolicamente, como se já 4 Os marinheiros do Longo Oceano reivindicam soberania sobre águas de alto-mar; descrevem a si mesmos como cidadãos da nação marítima.

5 O Ato sobre Influências Alienígenas proíbe o trânsito extraterritorial de e para Masque, e bane o retorno de emigrantes.

6 Marés do Longo Oceano, controladas pela massa de Skay, média de quarenta pés entre alta e baixa. Graband Claw, cruzando de um lado a outro o Longo Oceano, cria um espelho que desvia a onda da maré por entre as ilhas Venturosas, onde o ciclo ê defasado e baralhado. Em volta do globo, no Throtto, os morks cumprem função semelhante. Exceto por essas circunstâncias, ao mover-se em redor do globo, a onda da maré poderia atingir duzentos pés de altura.

estivesse entrando no outono da vida, Jubal voltou-se para o oeste.

A trilha levou-o para uma terra de brancos penhascos dolomitas, lagos claros refletindo o céu violeta, florestas de tirso, *kil* e *diakapre.*

Jubal viajava lentamente, emendando o caminho, podando plantações de cardos, queimando meadas de feixes mortos de galharia. À noite, com medo de desgarrados7 e rebentos venenosos, dormia nas estalagens da montanha8, onde freqüentemente era o único hóspede.

Abriu caminho através da orla meridional dos distritos Kerkaddo e Lucan, e dirigiu-se para o distrito de Swaye. Agora, somente Isedel o separava de Clarim, e ele vagava cada vez mais pensativo. Chegando à aldeia de Ivo, foi para a Pousada do Fruto Selvagem. O estalajadeiro trabalhava no vestíbulo: um homem comprido, como se tivesse saído de um espelho cômico, impressão realçada pelo

topete, que ele usava encerrado num cilindro bordado.

Jubal disse do que precisava; o hospedeiro indicou um corredor.

— A Câmara Ave Canora está pronta para ser ocupada. Jantamos ao segundo gongo; a taverna está à sua disposição até meio serão.

Ele examinou o cabelo cor de poeira de Jubal e logo esfriou:

— Você parece clarímio, e está tudo muito bem, desde que contenha o caráter brigão e não desafie ninguém para provas de coragem ou capacidade.

— O senhor tem uma curiosa opinião sobre os clarímios — disse Jubal.

— Pelo contrário! — afirmou o estalajadeiro. — Se você é corajoso, não está certo o que eu falei?

— Não pretendo lançar desafios — disse Jubal. — Não me 7 Quando conservado em solidão, o brando e plácido djan é capaz de irromper em fúria cega ante uma provocação banal. Se foge, posteriormente, para a região desértica, torna-se uma besta manhosa e sádica, um "desgarrado", cometendo atrocidade atrás de atrocidade até ser destruído.

8 As estalagens de Fantaeria são, por força de lei, situadas a não mais de sete milhas umas das outras, a fim de atender à conveniência dos que percorrem o campo. As instalações são invariavelmente agradáveis, limpas e confortáveis, em parte devido à diligência dos fiscais do Departamento de Comércio.

interesso por política. Bebo com moderação. Estou cansado e pretendo me retirar logo após o jantar.

O estalajadeiro balançou a cabeça em sinal de aprovação.

— Muitos o considerariam uma companhia sem graça, mas eu não! Além disso, o fiscal saiu agora mesmo; encontrou uma barata na cozinha e estou farto de arengas.

Pegou um caneco de cerveja, que colocou diante de Jubal, depois tirou outro para si.

— Para relaxar nossos nervos.

Inclinando a cabeça para trás, despejou a cerveja dentro da boca.

Jubal contemplou-o, fascinado. As faces cavadas permaneceram cavadas; a garganta ossuda não tremeu nem vibrou. A cerveja desapareceu como se derramada por um poço abaixo. O estalajadeiro largou o caneco e fez uma melancólica inspeção em Jubal.

— Você está viajando em Permissão, então?

— Estou perto de chegar ao fim.

— Eu sairia outra vez amanhã, se minhas pernas agüentassem. Ai de mim, que não se pode ser jovem para sempre! Que novidades soube pelo caminho?

— Nada de importante. Em Lurlock, eles se queixavam da demora das chuvas de verão.

— Imagine você os caprichos da natureza! Semana passada, apanhamos um aguaceiro que destruiu todos os nossos bueiros. O que mais?

— Um desgarrado, em Faneel, matou duas mulheres com uma machadinha. Fugiu para Djanad, nem meia hora antes de minha passagem.

— Djanad está perto demais para nos sentirmos seguros.

O hospedeiro ergueu o braço e apontou um dedo comprido:

— São apenas sete milhas até a divisa! Cada dia, ouço um novo rumor. Djanad não é uma terra tranqüila, como gostaríamos de acreditar! Já pensou que eles são vinte para cada um dos nossos? Se todos fossem "solitários" em conjunto, seríamos carne-seca em poucas horas. E não é falta de sensibilidade o que os faz desistir... Não se deixe enganar pela cortesia deles.

— Mas eles seguem os outros — disse Jubal. — Nunca tomam a dianteira.

— Olhe lá longe! — disse o estalajadeiro, apontando através do batente da janela para a massa monstruosa de Skay. — Há os líderes!

Eles descem em espaçonaves, aterrissam praticamente em nossas fronteiras. Eu considero isso uma clara provocação.

— Espaçonaves? — perguntou Jubal. — O senhor as viu?

— Meu djan me traz notícias.

— O djan lhe dirá o que muito bem entender.

— Até certo ponto. Eles são confusos, concordo, e levianos também, mas não são dados a fantasias inventivas.

— Não podemos controlar os saidaneses. Se resolveram visitar Djanad, como impedi-los?

— Os servos devem ter tirado suas conclusões — disse o estalajadeiro — e eles não vieram me avisar de nada. Quer mais cerveja? Ou já está pronto para o jantar?

Jubal jantou, e depois, por falta de melhor entretenimento, foi para a cama.

A manhã estava luminosa, brilhante. Partindo da estalagem, Jubal atingiu uma terra de reluzentes penhascos brancos e ar fresco com aroma de tirso umedecido e garoa. Duas milhas a oeste de Ivo, na encosta meridional do monte da Alface Brava, a trilha chegou ao fim, varrida por um deslizamento de pedra.

Jubal inspecionou o estrago, depois voltou para Ivo. Lá, recrutou três djans, tomou ferramentas emprestadas ao feitor e, voltando ao monte, pôs-se a trabalhar.

Não se tinha encarregado de tarefa banal. Um muro de sustentação, de pedras irregulares encaixadas umas nas outras, do comprimento de setenta pés com cinco a dez pés de altura, fora arrastado trezentos pés ladeira abaixo e se reduzira a uma pilha de pedras pontiagudas.

Jubal pôs os djans trabalhando num novo alicerce, depois cortou quatro tirsos retos, com os quais construiu um guindaste grosseiro, pendendo sobre o barranco. Depois que o alicerce foi cavado, os quatro homens levaram pedras para o declive e começaram um novo muro.

Passaram-se dezessete dias. Duas mil pedras tinham sido transportadas, guindadas, ajustadas, e a terra, socada sobre elas. O

décimo oitavo dia amanheceu frio. Uma barreira de nuvens pesadas se estendeu a leste, onde Skay flutuava: uma esfera grande e negra sobre escamas de espuma. (A cosmologia djan era tão flexível quanto sutil; seus prodígios derivavam tanto do capricho quanto de uma sistematologia coerente.) Naquela manhã, por misterioso senso comum, os três djans de Jubal conservaram-se em suas cabanas. Após esperar dez minutos junto da estalagem, Jubal desceu a encosta até o lugar da obra. Para reduzir ao mínimo a possibilidade de simulação de doença e diminuição de velocidade, ele contratara djans de três cabanas diferentes. Andou então de choça em choça, batendo com uma vara nos telhados e gritando o nome de seus empregados. Pouco tempo depois, eles se arrastavam para fora e o seguiam pela trilha, resmungando que o dia era de azar e que, além disso, ameaçava chover e esfriar.

Pela manhã, as nuvens avançaram pouco a pouco, golpeando as montanhas com garras de relâmpagos roxos; o vento gemia através das elevadas fendas do monte da Alface Brava. Os três djans trabalhavam nervosamente, fazendo pouca coisa e parando a toda hora para examinar o céu. O próprio Jubal deixou de sentir-se à vontade: nunca era prudente ignorar as intuições dos djans.

Uma hora antes do meio-dia, o vento parou bruscamente, as montanhas tornaram-se estranhamente silenciosas. Os djans interromperam outra vez o trabalho para escutar. Jubal nada ouviu.

Perguntou então ao djan mais próximo:

— O que você está ouvindo?

— Nada, mestre.

Jubal desceu a encosta até o deslizamento de terra e rolou uma pedra para a linga do guindaste: a corda continuou frouxa. Jubal ergueu os olhos para a encosta. Os djans estavam escutando, cabeças graciosas em relevo. Jubal também ouviu. De muito longe, ressoou um curioso gemido ritmado. Jubal olhou o céu ao redor, mas a névoa obscurecia a vista. O som reduziu-se a nada.

A corda esticou-se; o djan moveu a manivela com um súbito ímpeto de energia.

Chegou o meio-dia. Safalael, o djan mais jovem, preparou chá, e os quatro almoçaram ao abrigo de uma grande pedra arredondada. A névoa varreu a charneca, condensando-se numa garoa fina. Os djans fizeram sinais com os dedos entre si. Quando Jubal voltou ao trabalho, eles ainda hesitaram, mas, como eram três, não puderam formar um propósito comum e continuaram sem entusiasmo.

Jubal retornou ao deslizamento. Atirou a linga em volta de uma pedra e deu sinal para erguer. A linha permaneceu frouxa. Jubal olhou para a encosta e novamente encontrou os djans em atitude de escuta.

Abriu a boca para vociferar ordens, mas conteve-se e também escutou.

Do oeste veio um tinido e o grunhir de uma melopéia: O retinido de marcha pelo qual uma tropa djan acertava o passo quando em deslocamento.

Ao longo da trilha surgiu um fantário, guiando um preciclo, em seguida uma coluna de trinta e dois perruptos — guerreiros recrutados entre os djans "solitários" — em passo acelerado, por coluna de quatro. O fantário viajava rigidamente aprumado: homem de aparência admirável, com grandes olhos salientes, o lábio orgulhoso, o bigode desenhando um chifre negro de bezerro. Usava um sobretudo negro sobre calças de veludo cinzento e um chapéu negro com grande aba enviesada. Não ostentava anelatas9; sua aparência e postura, não obstante, sugeriam alta casta. Pedalava com pressa evidente, sem tempo de pensar no séquito que o acompanhava arquejando.

Perplexo, Jubal contemplou a coluna que se aproximava: de onde teriam vindo? O caminho conduzia a Clarim, sem entrar em ligação com as baixadas de Isedel.

Ao chegar à fenda na trilha, o cavaleiro do preciclo parou bruscamente e teve uma expressão de impaciência arrogante. Então, tomando subitamente consciência, primeiro dos três trabalhadores djans, depois de Jubal, recuou e puxou com força a aba do chapéu para baixo. Estranho mesmo!, pensou Jubal; o homem parecia furtivo.

Estava visivelmente apressado e disposto a se lançar pelo caminho precário através da construção.

Jubal gritou um aviso:

— A trilha não pode ser usada! Vai desabar debaixo de você! Faça a volta na colina!

Por arrogância ou teimosia, o cavaleiro não prestou atenção e começou a rodar pela trilha improvisada. Os perruptos precipitaram-se um passo à frente, alinhados em quatro colunas. Consternado, Jubal gritou:

— Parem! Vocês vão destruir o muro!

Com um relance oblíquo de olhos para Jubal, o cavaleiro seguiu em frente, cambaleando e derrapando. Mantendo a coluna de quatro, obstinadamente ombro a ombro, as fileiras da frente deslocaram pedras que escoravam a encosta. Jubal avançou com a ajuda das mãos, livrando o corpo:

— Maldito idiota! — gritou. — Volte! Ou mando prendê-lo!

Os perruptos avançavam, comprimindo as fileiras onde o caminho os apertava entre os flancos da montanha e pedras frouxamente empilhadas. O cavaleiro falou alguma coisa por cima dos ombros e acelerou o passo. Os perruptos deram um tranco em frente e todo o 9 Emblemas pessoais, ornamentos, tabuletas e outras insígnias de laia ou casta.

muro semi-acabado, desmoronando, rebentando em pedaços, precipitou-se pela encosta. Algumas pedras atingiram Jubal, jogando-o ao chão. Apertando a cabeça entre mãos e braços, ele se enroscou até transformar-se numa bola, e rolou pelo declive junto com as rochas. Caiu numa saliência e procurou abrigar-se.

No lado oposto da fenda, o cavaleiro fez parar o preciclo. Apreciou calmamente o novo deslizamento, depois, dando um puxão no chapéu, virou-se e prosseguiu viagem para leste. Os perruptos o seguiram num passo acelerado. A coluna inteira desapareceu na volta de uma curva da estrada.

Os três djans, convencidos de que, por aquele dia, o trabalho estava encerrado, voltaram para seus sítios. Uma hora mais tarde, contundido e sangrando, com um braço quebrado, costelas quebradas e clavícula rachada, Jubal engatinhou até a estrada. Descansou alguns minutos; depois, erguendo-se, dirigiu-se a Ivo.

Capítulo 2

No devido tempo, Jubal partiu de novo pela Alta Estrada. No monte da Alface Brava, passou dez minutos contemplando o novo muro de sustentação, seguindo então viagem para Clarim. Após um desvio ao entardecer, para o sul, em direção a Djanad, atingiu a aldeia de Murgen, e no dia seguinte cortou para Clarim.

Encontrou uma afetuosa acolhida na Casa Droad. Trewe instou-o a conservar-se na terra, como meirinho e superintendente.

— Construiremos um novo quebra-mar na angra de Balastro e uma casa incrível em cabo Junção! Onde há perspectiva melhor?

— Não conheço nenhuma — disse Jubal. — Seguramente, estou preocupado; em toda a minha vida não realizei nada.

— Trabalho e fadiga são curas bem conhecidas para a inquietação!

E no fim das contas, o que é realização? Outro nome para vaidade!

— Concordo com tudo o que está dizendo. Sou vaidoso e presunçoso. Considero-me igual aos melhores, mas gostaria de comprovar essa crença, nem que fosse apenas para mim mesmo.

— Tudo muito bem — argumentou Trewe —, mas onde e como?

Você conhece as dificuldades, com vinte mãos se esticando para cada pote. Além disso, nunca se esqueça de que você é um clarímio entre fantários, o que dificilmente se poderia considerar uma vantagem.

— Certo, tudo certo. Mas eu me recuso a capitular antes de ser derrotado, isto é, até mesmo antes de ter experimentado minhas armas.

Você vai querer negar-me este exercício? E há também outra coisa que me pesa no espírito ...

— O misterioso cavaleiro do preciclo? Um louco! Deixe um outro puni-lo!

Jubal bufou e balançou a cabeça.

— Quando penso nele, meu sangue ferve e eu ranjo os dentes. Ele não é louco. Nunca vou descansar até pegá-lo com um mandado de prisão.

— Um risco sério. E se ele ganhar a causa?

— Possibilidade remota. Posso apresentar três testemunhas e outra prova ainda mais comprometedora. Ele não vai escapar.

— É tolice queimar tanta caloria! Pense no cabo Junção, com seu paredão de rocha e queda-d'água e floresta: a terra dos Droad. Deveria ser esta a meta de suas ambições, não intrigas e mandados de prisão e perigos furtivos em Wysrod.

— Dê-me tempo! Deixe que eu esgote a minha raiva; depois vamos ver.

Trewe ergueu os braços e teria falado mais, se não tivessem anunciado um visitante.

— Disse que se chama Zochrey Cargus.

— Cargus? Zochrey Cargus? — Trewe refletiu. — Onde já ouvi esse nome?

— A mãe de Cadmus de Droad era da parentela Cargus.

— Bem, faça-o entrar; descobriremos o que ele quer. Zochrey Cargus apareceu: o litigante fantário que, um ano atrás, tinha levado a cabo as pretensões de Cadmus de Droad. Agora, ele se proclamava não um adversário, mas um negociador. E disse a Trewe, com um olhar de soslaio para Jubal:

— Nossa discussão poderia ser melhor conduzida em particular, se o senhor não se opõe.

— Este é meu irmão — disse Trewe. — Não é preciso falar em particular.

— Como quiser — disse Zochrey Cargus. — Vou direto ao cerne do assunto. Talvez o senhor se lembre de que tentei negociações junto a seu infeliz meio irmão.

— Eu me lembro das circunstâncias e estou surpreso em vê-lo de novo.

Zochrey Cargus continuou falando, a voz branda e suave:

— Na época, eu me familiarizei com as terras droad, e sobre esta base fui capaz de assessorar uma pessoa de condição elevada —

desnecessário dizer que não se trata de Cadmus de Droad. Meu cliente deseja assegurar a posse de uma parcela pitoresca de terra. Sugeri aquele promontório, ou península, no extremo norte de sua propriedade: cabo Junção. Meu representado autorizou-me a explorar a possibilidade de negociações.

A voz de Trewe adquiriu um tom perplexo:

— Está me pedindo para vender o cabo Junção?

— É a conclusão lógica de minhas propostas.

— A mando de quem?

— Meu representado prefere permanecer anônimo. Trewe riu um tanto indelicadamente.

— Eu não venderia nem mesmo um sapato velho a alguém que não conheço.

Zochrey Cargus não se ofendeu com o comentário.

— Este não é um ponto de vista razoável e tenho que pedir sua tolerante compreensão. Meu representado — é o máximo que lhe posso dizer — nasceu de uma das famílias nobres. O senhor ficará honrado em negociar com ele.

— Ele não tem bens de raiz? — perguntou Jubal. — Por que quer o cabo Junção?

— A solidão o atrai. Em minha opinião, o cabo Junção se ajusta a suas necessidades.

Trewe pôs-se de pé.

— Se tivesse telefonado, eu lhe podia ter poupado uma viagem incômoda. Não venderei o cabo Junção ou qualquer outra terra droad.

Cargus permaneceu sentado.

— Trago uma substancial soma em *toldecks* e posso dar-lhe um generoso sinal.

— O cabo Junção não está à venda — disse Trewe rispidamente.

— Nem agora, nem nunca.

Um tanto relutantemente, Cargus ficou de pé.

— Lamento ouvi-lo dizer isto. Espero que o senhor reconsidere.

Trewe limitou-se a abanar a cabeça e Cargus partiu. Uma hora mais tarde, Cargus telefonou à Casa Droad:

— Conferenciei com meu representado — disse a Trewe. — Ele prefere a venda imediata, mas concordará com um arrendamento, em termos a serem discutidos.

— A resposta permanece a mesma — disse Trewe. — Sugiro que seu cliente volte os olhos para outro lugar.

— Ele está absolutamente decidido quanto ao cabo Junção.

E Cargus acrescentou pensativamente:

— Poderia ser um erro não cooperar com ele. Trata-se de um homem influente, um amigo valioso, um inimigo perigoso.

Trewe digeriu em silêncio as observações, depois disse friamente:

— Não preciso nem de um nem de outro. O assunto está encerrado.

Cargus continuou falando, como se não tivesse ouvido:

— Talvez um arrendamento lhe seja mais vantajoso. O senhor conserva o título de propriedade e fica recebendo uma renda. E, é importante notar, o senhor agradará, em vez de ofender, meu cliente.

Trewe não mais podia conter a raiva:

— Como se atreve a me ameaçar? Foi muito esperto em preferir usar o telefone!

— Um prognóstico não é uma ameaça.

— Não deseja dizer o nome de seu cliente? Eu gostaria de ouvir essas ameaças de sua própria boca.

Não houve resposta; a ligação estava cortada.

Passaram-se dias, e uma semana. Trewe fez algumas acres alusões a Zochrey Cargus e seu cliente, e de novo discutia com Jubal um novo quebra-mar e eclusas através da angra de Balastro. Jubal quase concordou em reunir-se a ele no projeto, mas foi tolhido por uma emoção que não soube definir inteiramente. Já tinha empreendido a Permissão; seu desejo de viajar devia ser refreado; de fato, ele não mais queria perambular sem objetivo. Em seu cocuruto, roía a recordação do monte da Alface Brava, um problema que clamava por ser resolvido e assim haveria de ser. E depois, então?

Talvez Vaidro, seu algo misterioso tio, pudesse dar uma sugestão.

Vaidro viajara por toda parte em Masque, vivendo agora como um magnata menor num antigo pavilhão de caça que outrora constituíra a propriedade de Cimbar, da extinta parentela Cimbar. Se Vaidro não pudesse fornecer conselho construtivo, ninguém poderia.

Jubal pediu emprestado o velho preciclo de Trewe e rodou trinta milhas até a vertente da montanha Eirse, através de florestas de ébanos anões e tirsos altos e magros, por veredas pedregosas e desfiladeiros escuros, e finalmente chegou à antiga casa de Vaidro: um caprichoso prédio de telhado alto, construído em madeira negra. Vaidro, um homem sombrio, compacto e econômico de movimentos, saiu ao encontro de Jubal e conduziu-o a um terraço ensombrado.

Sentaram-se em poltronas de vime e a criada djan trouxe uma bandeja de prata, com uma garrafa de vinho e uma travessa de biscoitos. Vaidro, segurando a taça de vinho, inclinou-se para trás na cadeira e estudou Jubal com os olhos semicerrados.

— A Permissão o modificou, mais do que eu seria capaz de esperar.

— Envelheci um ano, sem dúvida.

— Que achou de Fantaeria?

— Deliciosa e adorável. Os vinhos são doces e as garotas, fascinantes. Visitei todo o condado, exceto Dorvo. Evitei Wysord.

Destruí milhares de cardos, peneirei acres de praia, construí um muro de pedra

ao longo da fachada do monte da Alface Brava.

— Agora, então, depois da Permissão, o que você pretende?

— Esta é uma pergunta difícil de responder.

Jubal inclinou seu copo para a frente e para trás, contemplando as oscilações sedosas.

— Vi o bastante de Fantaeria para descobrir o que não quero fazer.

Acho que certas carreiras estão marcadas para uns poucos fantários de alta casta, e essas, por má sorte, são as carreiras que me atraem.

Vaidro concordou com a cabeça, com um débil sorriso.

— Qual seria a vantagem da casta, afinal, se ela não trouxesse privilégio?

— Eu compreendo — disse Jubal —, mas eu não me acomodo a isso. Tenho apenas uma única vida. Quero empregá-la o melhor que puder.

— As forças da sociedade trabalham contra você — disse Vaidro.

— Para suplantar um Varest, um Ymph ou um Lamfery, a simples determinação não é o bastante. Você tem de apresentar qualidades inigualáveis. É capaz de fazê-lo?

— Na pior das hipóteses, posso oferecer energia, lealdade e sinceridade.

Vaidro fez uma careta.

— Por que justamente essas qualidades? — exclamou. —

Certamente, ninguém insiste nelas.

— Poderiam ser muito valiosas por sua originalidade.

— Talvez já tenham sido testadas e julgadas insatisfatórias.

Energia? Lealdade? Ambas embaraçantes. E as únicas pessoas que se podem dar ao luxo da sinceridade são aquelas tão seguramente poderosas que nada temem.

Jubal conseguiu arranjar um sorriso forçado:

— Então, posso provar que sou seguro e poderoso.

— E desse modo a sinceridade torna-se a maior de todas as duplicidades. Beba mais vinho. Eu brindo a você.

— Estou falando mais do que razoavelmente sério — disse Jubal.

— Em Wysrod, todos reivindicam seus privilégios e reclamam a conivência de todos os outros. Sou um clarímio; como posso ser bem sucedido, a menos que reivindique e reclame com os melhores?

— Em teoria a idéia tem algum mérito — disse Vaidro. — Na prática... bem, quem sabe? Quando vai a Wysrod?

— Tenho mais alguma coisa em mente. Eu daria realmente valor a um conselho seu.

Vaidro tornou a encher os copos.

— Saúde e seja lá o que valha o meu conselho!

— Você atravessou a Alta Estrada; deve conhecer a aldeia de Ivo.

Duas milhas a oeste das curvas da estrada em volta do monte da Alface Brava...

Enquanto Vaidro escutava, seu jeito passou do desligamento à atenção concentrada. Disse com voz apaixonada:

— Você é um homem de sorte.

— De sorte? Mal escapei com vida, esta é a verdade!

— Você está afobado por uma carreira. Ela está ao alcance de suas mãos, desde que possa conter sua sinceridade.

— Por favor, esclareça.

— Você deve ir amanhã para Wysrod. Voará pelo Disco Azul.

Vou lhe dar uma carta para um importantíssimo magnata: Noa, o Héter. Só entregue a carta nas mãos dele e o mais cedo possível. Eu escreverei: "Este é meu sobrinho, que quer emprego. Traz informação de grande interesse". Mas você só deve transmitir a informação depois que Noa, o Héter, se comprometer categoricamente.

Jubal examinou Vaidro com temor.

— Como é que você conhece os magnatas de Wysrod?

— Uma circunstância acidental; por favor, guarde isso em segredo.

Quanto à sinceridade e à lealdade, use-as moderadamente. Não jogue fora suas vantagens! Force um negócio firme! Você é um clarímio, o que de uma forma ou de outra tem de ser compensado. E quanto a Noa, o Héter, não é gentil nem generoso, nem sincero nem leal, a não ser com quem não tem utilidade para ele, ocasiões em que se torna extremamente direto. A não ser que consiga dominá-lo, ele o dominará. Ele não mostrará gratidão; por outro lado, não nutre ressentimentos. Jamais confie nele! Se você se conduzir corretamente, sua fortuna está feita.

— Farei tudo o que puder — disse Jubal.

Capítulo 3

Wysrod ocupava as margens da baía Duskerl: uma cidade sóbria, com prédios irregulares de fachada estreita, cada um diferente de todos os outros. O Passeio Naval contornava a baía Duskerl; todas as outras principais avenidas, compactamente plantadas com ébanos, mourões e cedros deodáricos, convergiam para a Praça Travan, nó fundamental do governo fantário. O Cam, um dedo arborizado de terra, enganchava-se em volta da baía Duskerl e ia unir-se ao Ponto Sul, em terra firme, por um maciço quebra-mar, com duas eclusas-marés.

Com Mora duas horas altas, o Disco Azul pousou na Estação Wysrod. Jubal saltou, guardou as duas valises num compartimento e deixou o depósito. Uma dúzia de coches esperava clientela, os cocheiros em uniformes negros e rijos como couraças, apertados, reluzentes, recortados como as costas de um violino, com botões de latão fixados às dragonas.

Jubal aproximou-se do coche mais próximo. O cocheiro saudou-o sem formalidade:

— Para onde, senhor?

— À Casa Héter, por favor.

— À Casa Héter?

O cocheiro examinou as roupas de Jubal.

— Como quiser. Embarque.

Um tanto irritado, Jubal sentou-se. No devido tempo, ele se vestiria de acordo com as modas de Wysrod; até essa época, as roupas que possuía, que pelo menos eram limpas e resistentes, deviam ser suficientes.

O cocheiro deslocou-se pela Estrada Sul em direção ao Plano Inclinado, e toda a Wysrod revelou-se através do revigorante ar da manhã: um milhão de linhas e ângulos, definindo contornos de cinza, negro, alfazema-claro, branco, cada um, por sua vez, mostrando esboços fumarentos de outro pormenor. Ao redor da Praça Travan, apinhavam-se as repartições do governo, janelas refletindo os raios do sol. Distante dali, na baía, flutuava uma dúzia de faluchos nacionais.

Descendo para o Passeio Naval, o cocheiro tomou a direção leste ao pé da baía de Duskerl, passando estalagens e restaurantes litorâneos. O Passeio Naval chegou ao fim; o cocheiro suspendeu o demarcador, virou à esquerda e seguiu pela aresta do Cam, até um arco de pedra, que ostentava uma serpente voadora de duas cabeças, em ferro negro: a insígnia dos Héter.

A pista de rolamento enroscava-se entre cedros deodáricos e rodópodes, passava por fileiras de margaridas roxas, sinos-de-fole brancos, bugiárias escarlates. A Casa Héter surgiu: um prédio alto e cinzento, com janelas amplas de uma centena de vidraças, telhado de uma dúzia de águas-vítreas e baias.

O coche parou; Jubal desceu e demorou-se um momento apreciando a construção. O cocheiro apontou:

— Aquela lá é a entrada principal, mas o senhor sem dúvida está à procura dessa trilha aqui perto, que leva à entrada lateral. Vai achá-la entre aqueles arbustos.

Jubal voltou para o homem um olhar frio:

— Suas observações são desaforadas!

— Como quiser. É só me pagar meu quarto de *toldeck* e eu estarei longe,

O coche partiu. Jubal continuou o exame da Casa Héter. De fato, uma mansão imponente. Ignorando o caminho lateral, subiu degraus muito amplos, cruzou uma varanda e aproximou-se de um par de portas estreitas, com doze pés de altura, ornadas com rondeis de ferro sustentando motivos de serpente alada. Elas se abriram para revelar um lacaio de uniforme verde-escuro, que rapidamente deu um passo à frente.

— Sim? Vem a propósito de quê?

— Desejo falar com Noa, o Héter.

— O Nobilissimus 10 não está disponível para entrevistas.

Jubal afastou-o e penetrou num grande vestíbulo hexagonal. Era claro que Noa, o Héter, vivia em condições de elegância e conforto. O

piso ostentava um tapete djan de duas ou três existências: uma confecção de assombrosa complexidade, cada cor fulgurando com uma incandescência rica e refinada. Passagens em arco abriram-se em câmaras adjacentes; uma escada precipitava-se de uma sacada.

O mordomo apareceu. Falou com voz friamente polida:

— Sim, senhor?

— Gostaria de dar uma palavra a Sua Excelência Noa, o Héter.

Pode anunciar o Honorável Jubal Droad.

— Impossível. Posso entregar uma mensagem?

— Informe, por favor, a Sua Excelência, que trago uma carta urgente, que deve ser entregue apenas em suas mãos.

Uma jovem de expressão fria desceu as escadas. Era esbelta, uma polegada mais

alta que o habitual, e mais bela que qualquer outra coisa que Jubal já tinha visto. O cabelo louro, claro e cintilante, com reflexos escuros e dourados sob a superfície, jorrava suave como água nas covas do rosto, e se alargava depois para os lados. Usava calças brancas apertadas e uma blusa cinza folgada; a elegante tira de um manto branco pendia-lhe pelas costas. De modo algum pareceu ter visto Jubal.

— Qual é o problema, Flanish?

— Absolutamente nenhum, Lady Mieltrude. Essa pessoa traz uma mensagem para Sua Excelência.

— Pegue a mensagem e deixe-a na escrivaninha da biblioteca.

Depois, dê o recebimento como efetuado.

— A mensagem, assim fui informado, é urgente — disse Flanish 10 É impossível traduzir sucintamente os honoríficos. O texto propicia, quando muito, aproximações mais ou menos canhestras. (N. do T.)

—, e ao que parece deve ser entregue apenas em mãos de Sua Excelência.

Mieltrude examinou Jubal; ele achou que nunca tinha visto um olhar tão desprovido de expressão.

— Sua Excelência foi para o Parlatório. A mensagem é efetivamente urgente?

Jubal respondeu com uma voz tão calma e fria quanto a dela:

— Noa, o Héter, será capaz de julgá-lo por si mesmo. Mieltrude sacudiu a cabeça num trejeito de ligeira contrariedade; o cabelo ondulou e mostrou suas variadas cores.

— Seria melhor vir comigo. Estou indo para o Parlatório e conseguirei uma entrevista para você.

Jubal executou uma reverência decidida.

— Farei como sugere.

A jovem já estava de costas, retirando-se, como Jubal descobriu ao levantar a cabeça. Reunindo sua dignidade, ele a seguiu ao terraço, cortando caminho pára uma pequena e negra carruagem a motor. Lady Mieltrude subiu na cabina; Jubal entrou e sentou-se a seu lado. Ela se empertigou, depois encolheu os ombros, resignada. Jubal entendeu que ela tencionara fazê-lo ir junto ao motorista. Ele pôs nos lábios um sorriso glacial. A ambição se tinha subitamente cristalizado em resolução. Ele perseguiria uma carreira, venceria pela simples determinação pessoal e faria jus à atenção de seja lá quem for que lhe interessasse, talvez mesmo daquela atordoante criatura que então viajava perto dele.

A carruagem avançava por um caminho complicado, através das colinas arborizadas, junto a muros cheios de musgo e sebes compridas, de feérica cintilação. O ar transportava um aroma de vegetação úmida, em crescimento: moares, árvores violeta, heliotrópios, fragrância por alguma razão associada a riquezas seculares e moradas antigas. Chegando à mansão alta e velha, sufocada por trepadeiras, a carruagem parou, o portal se abriu, uma garota de cabelo castanho correu para fora. Aproximou-se da carruagem e fez menção de entrar. À vista de Jubal, ela se deteve:

— Oh, temos companhia? Quem é este? Mieltrude fitou Jubal como se o visse pela primeira vez.

— Um mensageiro ou coisa parecida, creio. Traz uma mensagem para meu pai.

Ela virou-se para Jubal:

— O senhor poderia viajar mais adequadamente com o motorista.

— Positivamente falso — disse Jubal. — O adequado é que eu viaje onde estou.

A garota de cabelo castanho subiu na carruagem.

— Ora, isso não é importante.

— Esta é uma situação formal — disse Mieltrude mal-humorada

— e acho que ele é um clarímio.

— Sou um clarímio, e de alta casta — disse Jubal. — Sua preocupação não tem sentido algum. Prossiga! — gritou para o motorista.

As duas garotas voltaram olhares atônitos para ele, depois deram de ombros; em seguida o ignoraram. A carruagem partiu, descendo a encosta em direção ao centro da cidade. As garotas entabularam uma conversa inconseqüente, ponderando sobre pessoas e eventos alheios ao conhecimento de Jubal. O nome da moça de cabelo castanho era Sune; extraordinariamente bonita, pensou Jubal, com uma personalidade muito mais ardorosa e mais volátil do que a de Mieltrude. Achou-lhe o rosto fascinante, com anéis de cabelo caindo na testa, olhos largos, maçãs do rosto salientes, faces chatas inclinando-se para um queixo agudo. Um homem suscetível, refletiu Jubal, poderia julgar esse rosto enlouquecedor, com todas as suas expressões mutáveis. Ela não conseguia ignorar Jubal tão ostensivamente quanto Mieltrude, e lançou-lhe um olhar oblíquo, rápido e acidental, cuja implicação parecia ser que, clarímio ou não, ele não a estava ofendendo com sua presença.

Falavam de um certo Ramus, com quem ambas se relacionavam, e de uma festa a que pretendiam comparecer. Mieltrude mostrava pouco interesse pelo evento e ria quando Sune a censurava.

— Afinal — disse Mieltrude —, pode não haver qualquer comemoração. Não podemos ter certeza dessas coisas.

— É claro que haverá uma comemoração! — afirmou Sune. — O

próprio Ramus já fez os preparativos.

— Talvez ele não devesse se apressar. O processo não é automático.

Intranqüila, Sune fitou atentamente o rosto de Mieltrude.

— Você sabe claramente como as coisas se passarão?

— Ouvi meu pai falando. Quorce e Mneiodes não aprovarão.

Jubal tornou-se consciente de que a frivolidade se tinha dissipado.

Mieltrude parecia estar disputando um jogo de gato e rato com Sune.

— Sobram Angeluke e seu pai. Precisamos apenas de uma única aclamação.

— Sim, é isso mesmo.

— Por que então você levanta dúvidas? Seu pai vai aclamar, certo?

— É o que suponho. Por que outra razão ele me colocaria numa situação tão singular?

— Então, não precisamos ter medo — disse Sune, confiante.

Mieltrude olhou pela janela, o olhar passando através de Jubal como se ele fosse ar.

Pouco depois, Sune falou em voz baixa:

— Há muitas coisas abomináveis no exterior... Você compreende, não?

— Nosso mundo é como nós o fizemos.

— É acanhado e estúpido — disse Sune categoricamente. —

Precisa de uma reconstrução. Ramus fala freqüentemente nesse sentido.

— Masque está longe de ser perfeito, concordo.

— Então, Ramus deve ser aclamado!

Penetrando na Praça Travan, a carruagem foi forçada a parar, em virtude da multidão que fluía para o Parlatório. O condutor falou pelo transmissor de voz:

— Devo avançar, Lady Mieltrude? Pode haver demora. Mieltrude proferiu uma praga disfarçada num expletivo e inspecionou a praça.

— É melhor caminhar — disse ela a Sune —, se queremos encontrar meu pai.

Jubal pulou para o chão e preparou-se galantemente para ajudar Mieltrude e Sune a descer. Elas o olharam com sobrancelhas erguidas, como se Jubal tivesse executado uma excentricidade singularmente ridícula. Descendo da carruagem pela porta do lado oposto, as duas lançaram-se pela praça, em direção ao Parlatório. A multidão impedia o avanço; Mieltrude e Sune tentavam ora um ora outro caminho, procurando apressar-se. Jubal seguia, um meio sorriso congelado no rosto.

Chegando ao Parlatório, as duas moças dirigiram-se para uma entrada lateral

marcada com as cinco insígnias de ferro dos Servos: um covil de feras, um gírio de Dohobay, um grifo, um peixe de quatro barbatanas, uma cobra alada de duas cabeças, insígnias tomadas, respectivamente, das parentelas de Mneiodes, Ymph, Quorce, Angeluke e Héter. Dois guardas em uniformes roxos e negros saudaram Mieltrude e Sune, mas, dando um passo à frente, cruzaram clavas protocolares para barrar Jubal.

— Deixem-no passar — disse Mieltrude. — É um mensageiro que traz uma carta para meu pai.

Os guardas recuaram as clavas; Jubal foi admitido. Mieltrude e Sune precipitaram-se por um corredor, e Jubal trotou atrás delas de uma maneira que ele mesmo considerou ridícula. Entraram num salão iluminado por uma cúpula de vidro verde e forrado com pelúcia verde-escura. Alguns homens e mulheres em trajes formais apoiavam-se num balcão de mármore branco, tomando refrescos. Mieltrude passou uma vista de olhos pelo grupo, depois falou com um homem idoso, que respondeu com uma inclinação de cabeça e um gesto.

Mieltrude fez sinal a Jubal:

— Dê-me a carta; eu a entregarei. Ele foi para seu compartimento privado.

— Impossível — disse Jubal. — Você pode ou não ser digna de confiança.

Sune riu. Mieltrude olhou para ela com uma estudada ausência de expressão e Sune parou de rir. Mieltrude disse a Jubal:

— Ande, então. Ainda podemos pegá-lo.

Avançou depressa por uma galeria, parou diante de uma porta, incitou Jubal a se apressar com uma imperiosa sacudidela de cabeça, que fez esvoaçar seu cabelo claro. Tocou num fecho, a porta deslizou e os três a atravessaram, penetrando num gabinete almofadado, à frente de uma câmara espaçosa, repleta dos magnatas de Fantaeria.

Conversas, risos abafados, exclamações em voz baixa criavam um murmúrio musical. Aromas enriqueciam o ar: essência de rosas de Fônton, verniz, tecidos e couros lustrosos, emanações de três mil magnatas e suas senhoras — exalações, cosméticos, pomadas, pastilhas e sachês.

Um homem pálido e magro, vestido de preto e branco, estava de pé na tribuna, a menos de cinqüenta pés de distância. Mieltrude acenou, mas ele não reparou na saudação. Mieltrude fez sinal para Jubal, dizendo:

— Ali está Sua Excelência. Se o assunto é extremamente urgente, leve a mensagem até lá. Do contrário, terá de esperar até depois da cerimônia.

Jubal viu-se numa posição delicada. Vaidro o aconselhara a manobrar com astúcia, e Noa, o Héter, estava preocupado naquele momento, certamente incapaz de discutir o futuro de Jubal num estado de concentração construtiva, que pudesse produzir grandes resultados.

— Vou esperar — disse prudentemente Jubal. Olhou em volta do gabinete e sentou-se num diva comprido com almofadas roxas.

Mieltrude falou a Sune num murmúrio de estupefação abafada.

Voltaram-se ambas para fitar Jubal. O divertimento de Sune, a custo refreado, exasperou Mieltrude; ela jogou-se no sofá, sentando-se em silêncio, com os lábios cerrados.

De um gongo no alto da cúpula veio uma reverberação trêmula e suave. Quatro homens surgiram na tribuna e colocaram-se em quatro púlpitos de ébano, identificados por emblemas de ferro: um grifo, uma cobra, um peixe e uma serpente alada de duas cabeças. O murmúrio animado da câmara transformou-se num silêncio quase palpável.

O Nunciador Parlatoriano, elevando-se na tribuna e agitando os braços em movimentos largos, apresentou uma declaração:

— Magnatas de Fantaeria! Sofremos uma triste perda! Um de nossos grandes líderes se vai. Sua sabedoria guiou-nos através dos anos, sua generosidade era um bálsamo e uma bênção, e é com dor que ele é lembrado por todo o povo de Fantaeria. O Grande Untor do Rito Natural fará o discurso em seu louvor, guiando sua espiral para a Nescência radiosa. Reverenciado Untor, nós o estamos ouvindo!

O Grande Untor penetrou num balcão sobre a tribuna. Numa das mãos conduzia um orbe de cristal para simbolizar o cosmo, na outra, uma flor de alfazema indicando a fragilidade da vida.

O ritual demorou os vinte e três minutos estipulados, o Untor provocando os reptos (a audiência cantando as réplicas) e proferindo, por fim, a invocação ascendente aspirada, significando o levantar-se da queda para a Difusão 11.

O Untor, despindo a mitra branca e preta, pronunciou em seguida as Sete Palavras. Com o orbe e a flor de alfazema, desceu do balcão.

O Nunciador voltou à tribuna e continuou a declamação:

— Falo novamente da parentela Ymph! As flores de alfazema estão frescas sobre o túmulo e os laços de pesar ainda não foram desatados. Eles não renunciarão, contudo, a seu famoso programa de 11 Este rito, e suas implicações, originalmente diferenciava as doze naves regulares da 13", irregular. A indizível 14." — os chamados Irre-dimíveis — diferia ainda mais fundamentalmente. Os descendentes da 14", misturados através de algum processo aberrante com o Homo mora, formam os fôntones de Fônton

Serventia. Novamente se consagram com o que têm de melhor e mais nobre. Quem é essa pessoa indicada para o cargo? É um homem de casta e substância. Ele compreende o quinhão de um Servo: o ônus solitário, a lida não correspondida, as horas de busca de ânimo, de prece e visão criativa. Ele não se retrai. Eu me refiro, é claro, a Ramus Ymph. Ele virá agora declarar suas aspirações aos quatro Servos sobreviventes, obrigados que estão a pesar-lhe a fortaleza, o empenho e a visão.

O Nunciador fez uma pausa na locução. Dando um passo à frente, apontou um dedo solene:

— Justificadamente, reservamos infalibilidade às Gavinhas da Névoa Inefável! Por esse motivo, um simples e instante ato é suficiente para assentar Ramus Ymph no assento dos Quinze Servos.

Se os Quatro Servos concordarem em que, de algum modo, Ramus Ymph não atinge o alvo, mesmo num grau banal, então Ramus Ymph pode não ser eleito, e os Quatro terão de encontrar sem demora um outro Ymph que julguem mais adequado. Reúnem-se os Servos para as deliberações. Neste exato momento, eles pesam e ponderam.

Tornar-se-á Ramus Ymph o décimo quinto Servo? Ou insistirão eles, melancolicamente, sobre algum outro ainda mais excepcional?

Aproxime-se, Ramus Ymph! Apresente-se, faça conhecer suas opiniões e ouça a decisão!

Da entrada central, sob os compartimentos, vieram três homens com roupas tradicionais. Regulavam o passo utilizando o interrompido

"meio passo à frente, meio passo à frente" de imemorial costume. Na tribuna, os cavalheiros à direita e esquerda tomaram rígidas posturas de temor e respeito. O terceiro, Ramus Ymph, deu um passo estudado e empertigado. Ele se virou e, por um silencioso minuto, correu os olhos pelo auditório: uma figura notável, alta, resoluta, esplendidamente elegante. Seus trajes eram impecáveis, tendendo, talvez, antes para a moda que para a tradição. Calças amarelo-escuras, ajustadas sem uma única dobra em botinas negras orladas de filigranas de prata. Ao seu colete vermelho estava afixado o emblema de ferro dos Ymph; não usava outras anelatas. O fraque negro, estreitamente modelado a seus ombros, tremulava folgado nos quadris. O *dath* [12] alto e preto, engrandecia sua já nobre estatura. Sob a aba do *dath,* uma franja de caracóis negros dava forma à testa larga. Narinas arrogantes acentuavam o alto cavalete do nariz. Os olhos negros eram amplos e lustrosos; a plenitude da boca se curvava nos cantos. Estava a menos de cinqüenta pés de Jubal, que o examinava fascinado.

A câmara estava quieta. Nenhum som, arrastar de pés, tosse ou murmúrio perturbavam o silêncio. Jubal inclinou-se para trás nas almofadas do sofá. Mieltrude e Sune encaravam Ramus Ymph extasiadas, embora com diferentes expressões de arrebatamento. Os Servos sentaram-se pálidos como pedras em suas cadeiras, olhos desfocados, emoções indeterminadas.

Ramus Ymph virou-se para encarar os Servos. Seus dois padrinhos falaram em uníssono:

— Somos da parentela Ymph; nossa casta é alta. Aqui está Ramus Ymph, nosso primeiro e nosso melhor. Requisitamos que seja empossado em Serventia.

— A requisição está registrada — disse Noa, o Héter, Servo Superior na ocasião. — Ramus Ymph, nós reconhecemos sua presença!

Os padrinhos continuaram em uníssono:

— Agora, ele vai declarar suas doutrinas. Que o exame prossiga.

Girando com elegância nos calcanhares, os dois padrinhos marcharam para os lugares à esquerda e à direita do pódio.

Noa, o Héter, esguio e com os cabelos castanhos e prateados, a boca fina e irônica, falou:

— Agradecemos à parentela Ymph por seus sacrifícios. Primeiro, Rohad, tragicamente morto, agora o notável Ramus. Que fique sabido 12 Chapéu alto, com o formato de um cone truncado, de seis a cerca de vinte e quatro polegadas de altura. A peça, quando usada por mulheres, é freqüentemente enfeitada por flores aninhadas na copa, por um ramalhete de plumas de efa coloridas ou por uma lufada de fitas. O dath masculino apresenta-se, em geral, sem adornos; eventualmente, no entanto, ostenta uma pequena quantidade de anelatas prateadas que nosso exame pode não ser fácil nem tranqüilo. Os problemas de Fantaeria pesam em nossas mentes. Devem ser corretamente resolvidos. Por conseguinte, convido o indicado a expor seu parecer.

— Veneráveis Servos! — falou Ramus Ymph. — Estou impaciente para aplicar minhas energias a tais problemas.

Reconhecidamente, são reais e urgentes. Por estas palavras, assumo o compromisso de me dedicar a resolvê-los. O bem-estar de Fantaeria está pendente na balança!

Ambish, o Quorce, o mais novo dos Servos, homem corpulento e grave, pesado de bochechas e abdome, deu a réplica:

— Somos Servos; somos, ademais, nobres de Fantaeria e não ficções de pedante abstração. Temos consciência de cada um dos outros, sabemos como se têm passado suas vidas, que causas temos advogado, que feitos temos cumprido. Certas pessoas têm sugerido métodos inéditos e arrojados (eu poderia usar também as palavras

"estouvados" e "irresponsáveis") para alterar as condições atuais. Qual é sua opinião sobre isso?

Mieltrude suspirou e fez um gesto rápido de inquietação.

— Que odioso déspota é Ambish! Traz-me sempre à memória um leitão sentado numa geleira.

Sune falou mais fervorosamente:

— Lynaica descreveu seus hábitos pessoais: ele *é* incrível! Cada dia segue uma rotina inalterável, segundo a segundo. Impõe a Lynaica programas impossíveis, tudo em nome da Regularidade!

— Duvido que apóie Ramus — disse Mieltrude com voz enojada.

— Eu o considero um sujeito inteiramente desagradável — Sune declarou. — Mesmo assim... o que importa? Seu pai vai apoiar.

— Se ele tem em vista o casamento... E por que não haveria de ter?

Sune fez um trejeito esquisito com a boca.

— Ouça — disse ela —, Ramus está falando!

— O futuro é um enigma — disse Ramus Ymph. — A estrada que atravessa o futuro está semeada de obstáculos, há muitos desvios perigosos. Como podemos evitá-los? Devemos empregar as melhores técnicas que tivermos à mão. Deixem que eu me explique neste assunto... Se uma pessoa está enfrentando o problema A, e descobre que a solução B não produz efeito, deve então levar em conta as soluções C, D e E.

— E se as soluções C, D e E, ao resolverem o problema A, produzem os problemas F, G e H, com prejuízo ainda maior? —

perguntou Ambish.

— É nossa obrigação — disse Ramus Ymph — ponderar as possibilidades e calcular os riscos.

— Levantarei de novo minhas dúvidas — disse Ambish, o Quorce.

— O senhor não é considerado um homem paciente. O próximo Servo não deve ser automaticamente atraído por conceitos não-convencionais, devido unicamente à sua novidade. Nosso primeiro problema, a meu ver, *é* a continuidade da tradição. Suponha que aceitemos em nosso grupo um homem que favoreça a transformação e a mudança rápida. Ele tem grande poder. Ele pode esperar sobreviver a todos nós. Apenas com seu poder de sanção, pode

mudar a postura filosófica dos Cinco. Por esta razão, prefiro um homem mais velho que o senhor, de comprovável prudência. Não recomendo o seu serviço, embora o senhor não deva interpretar este fato como antipatia pessoal.

Ramus Ymph executou rigidamente uma mesura. Mieltrude disse com um sorriso fraco:

— Na verdade, Ramus tem um temperamento volúvel. Ambish não está mencionando papões imaginários.

— Pelo menos agora — disse Sune esbaforida — ele deve manter a calma. Oh, Ramus, porte-se bem!

Ramus Ymph era a calma personificada.

— Lamento — disse ele — que não consiga discernir em mim essa prudência a que atribui tanto peso. Naturalmente, discordo de sua avaliação.

Mieltrude riu entre dentes:

— Ele não ganhará o endosso alegando prudência. Quem vai acreditar?

Sune inclinou-se para trás no sofá.

— Às vezes — disse ela —, Ramus não é inteiramente realista.

Ramus Ymph, afastando-se de Ambish, o Quorce, dirigiu-se aos três Servos restantes.

— Eu tinha esperado um endosso unânime. Lamento que não vá ser assim. Permanece o fato de que estes são tempos estranhos. Todos nós sabemos que a mudança está a caminho: a premência paira no ar e descoroçoa nossos espíritos, tanto mais porque cada um ignora resolutamente a questão. Mas eu digo: vamos expor abertamente o problema, para que ele possa ser discutido, para que se possa levá-lo devidamente em conta. A perspectiva é realmente assim tão assustadora? Não quando homens sensíveis, criteriosos e de alta casta aceitam a responsabilidade. Estou disposto a dedicar minhas energias, tais quais sejam... — Ramus Ymph fez um gesto de súplica — para o bem-estar.

— Está errado em falar desse modo — Mieltrude observou. — Ele é realmente

inábil e estouvado. Não foram essas as palavras que Ambish usou?

— Velho e empolado Ambish. Os outros não são tão obstinados.

Jubal, por fim, sentiu-se impelido a falar:

— Ramus Ymph nunca será um Servo. Posso assegurar-lhes.

As duas garotas olharam-no de relance, cachos de um castanho escuro e um doce brilho sedoso e louro se agitando em uníssono. Sune não pôde conter um riso desdenhoso; Mieltrude deu um sorriso de pedra e voltou o olhar para a tribuna. Fez um gesto de repúdio.

— Não espere que um Mneiodes endosse um Ymph. Eles são bons inimigos.

Myrus, o Mneiodes, um homem idoso, baixo e magro, murcho e descorado, era o terceiro em procedência. Falou com voz rouca:

— A idéia de "mudança" tem ocorrido a muitas pessoas. Por esse motivo, devemos estar prontos a aceitar a mudança como fato consumado. Essa parece ser a sua posição: puro absurdo, evidentemente. A concupiscência e a inveja obcecam muitos de nós; legitimamos, por causa disso, tais impulsos? Nossa antiga doutrina é correta. Em vez de nos submetermos à mudança, devemos desviar as influências que conduzem em tal direção.

Ramus Ymph ouviu com paciente bom humor.

— As observações do arguto Servo são persuasivas, embora não consigam corresponder à realidade. A mudança a que me refiro não é meramente um capricho ou uma moda passageira, e suas causas não são fantasiosas. Refiro-me à nossa população excessiva. O campo está saturado; sua beleza está sendo saqueada, deteriorada. A mudança está sobre nossas cabeças. Quem sabe aonde ela nos levará, se não for controlada? Esta é a palavra-chave: "controle"! Temos de tomar as rédeas da mudança, cavalgá-la com mão firme e controlá-la em nosso proveito.

A compleição descorada de Myrus, o Mneiodes, tornara-se mais escura enquanto Ramus Ymph falava, e chegou finalmente ao tom do barro úmido.

— Devemos controlar a mudança, sem dúvida! Devemos pôr freio à indecente

fecundidade das camadas mais baixas. Mas o que há de intrinsecamente glorioso numa mudança? Nada. Você pede que nos desviemos de nossos velhos e generosos caminhos para ir aos trancos e barrancos através dos desertos. Por quê? Suas intenções são intrincadas demais e demasiado sutis para minha compreensão. Não o submeterei ao Serviço.

Sune inclinou-se para Mieltrude.

— Myrus é uma harpia velha e cínica. E por que Ramus não admite simplesmente que o Mneiodes quer humilhar os Ymph?

Mieltrude deu de ombros.

— Nada que qualquer um diga pode ser tomado pelo valor aparente. Não excetuando as observações de Ramus Ymph.

— E as suas? — murmurou Sune.

— Às vezes, nem eu mesma sei.

Ramus Ymph executara uma saudação cortês para Myrus, o Mneiodes.

— Lamento não ter persuadido o nobre Myrus de minha Regularidade. A incompreensão, eu espero, não se origina em mim.

Myrus, o Mneiodes, não se dignou responder.

— Meu pai descontou Quorce e Mneiodes. Angeluke é o voto incerto.

— E se Angeluke não endossar?

— Não conheço as intenções de meu pai. Ele não é previsível.

— Nem mesmo para a filha?

— Nunca me preocupo em especular. Obedeço sem discussão.

Ramus Ymph dirigiu-se novamente aos Servos:

— Não foi por acaso que empreguei a palavra "incompreensão".

Afinal, "mudança" não é necessariamente equivalente a inovação não-salutar. Tenuidades constituem o curso de nossa velha civilização. Se deve haver mudança, eu desejaria um renascimento da simplicidade, uma dedicação renovada à Regularidade.

Mieltrude balançou a cabeça simultaneamente em sinal de admiração e depreciação.

— Eu ouvi direito? Ele, que é o mais errático de todos!

— Pobre Ramus, foi longe demais; está delirante. Veja aquele odioso Ambish, como exulta!

— Esqueça Ambish. Ele já fez a declaração. Guarde seu interesse para Neuptras, o Angeluke.

Neuptras, o Angeluke, homem alto e elegante, cujos olhos nunca se fixavam diretamente em seu objeto, ouvira os pareceres com um luarento sorriso de perplexidade. Falou com cuidadosa atenção ao tom e à pronúncia, como se entoasse uma estrofe:

— A terceira opinião é, evidentemente, a mais crucial. Contudo, ainda não concebi idéias inteiramente definitivas, quer pelo endosso, quer pela rejeição... Hum. É necessário que eu reflita e reflita de novo, profundamente... Tendo a sentir que nós, os Mandantes Defensores de nosso aprazível reino, devemos ser todas as coisas ao mesmo tempo.

Cada um de nós deve, por assim dizer, tocar uma dúzia de instrumentos em conjunto, neste magnífico concerto que é nossa vida contemporânea... De modo que, preparados para todas as eventualidades com visão flexível, permaneçamos também como valentes guerreiros, prontos a rechaçar o inimigo... Admiro e aplaudo o estilo de Ramus Ymph! É a parentela Ymph num de seus melhores momentos! Mas...

Uma pausa meditativa. Mieltrude riu discreta e desdenhosamente.

Sune afundou, desolada, em sua cadeira.

— Ele pretende dizer "não" — disse Mieltrude.

— Não prestarei atenção a esta farsa — declarou Sune.

— ...num cargo de tamanha responsabilidade, eu me pergunto se um homem dinâmico não está em irreparável desvantagem. É posto onde a complexidade e a deliberação longa e lenta, com idéias se amontoando, derivando, tomando forma e se dissolvendo, são extremamente importantes. Ramus Ymph está, como é natural, ansioso por servir Fantaeria. Ele pode servir-nos melhor, talvez, onde suas magníficas energias encontrem o mais pleno escopo, não aqui, neste lago revoluteante de ambigüidades e abstrações, mas, deixem-nos dizer, como um importante equalizador 13... Apresso-me a destacar que não deploro a complexidade ou elaboração como demônio em si mesmos; pelo contrário. Não constituem essas qualidades nossa primeira linha de defesa contra adventícios de baixa casta? Com meus efusivos cumprimentos e melhores e mais esplêndidos votos para 13 O equalizador naval é o funcionário-fuzileiro que monitora a atividade nacional e, em caso de transgressão, comanda as medidas punitivas

Ramus Ymph, privar-me-ei, com alguma hesitação, de convocá-lo para o Serviço.

Ramus Ymph baixou a cabeça e pareceu estar examinando o tapete. Depois ergueu os olhos, mas, antes que pudesse falar, soou um gongo e o Nunciador proclamou:

— É o tempo de recesso. O indicado escolhe retirar-se para sua câmara e os Quatro Servos devem continuar suas reflexões.

Ramus Ymph voltou-se e caminhou a passos largos para a sala de espera, acompanhado por seus dois sombrios padrinhos.

Ambish, o Quorce, e Myrus, o Mneiodes, levantaram-se e falaram serenamente um com o outro. Neuptras, o Angeluke, foi prestar seus respeitos a um grupo de magnatas num compartimento à esquerda da tribuna. Noa, o Héter, permaneceu em seu lugar.

Mieltrude meditava em mordaz regozijo:

— Nosso delicado Neuptras passa o buquê para meu pai.

— Ele é repugnante! Mas, então, o que fará seu pai?

— Endossará Ramus Ymph. Como poderia agir de outro modo?

Afinal, foi ele quem me colocou nesta situação desagradável.

— Não verdadeiramente desagradável!

— Não estou tão convencida.

Outra vez Jubal declarou suas opiniões.

— Ramus Ymph não atinge o alvo. É o primeiro de toda uma flamejante burla, e, em segundo lugar, é um patife.

Sune deu vazão a uma gargalhada.

— Como é perceptivo! — exclamou. — Mas são qualidades como essas que o fazem estimado por nós!

Mieltrude sorriu severamente:

— Eu me tinha esquecido de você. Um momento! Vou chamar Noa, o Héter, para que lhe entregue a mensagem.

Jubal franziu a testa.

— Não se incomode por ora. A mensagem pode esperar até depois...

Mas Mieltrude tinha chamado o pai, que se ergueu e se aproximou do compartimento, homem esguio, de dignidade imperturbável, cabelos cor de prata, olhos brilhantes, castanho-dourados. Trocou uma ou duas palavras com Mieltrude e Sune, depois olhou especulativamente para Jubal.

— Você está desfrutando o espetáculo do malogro de Ymph?

— De modo algum — protestou Sune. — Pobre Ramus! O senhor o ajudará, não?

A boca de Noa, o Héter, tremeu num sorriso ralo.

— Estou sob pressão — disse ele. — Neuptras deveria ter endossado. Em vez disso, preferiu satisfazer a Mneiodes; ele quer um favor de Myrus. Bem, tudo

isso não faz grande diferença.

— Para ninguém, a não ser Ramus — disse Mieltrude. — E talvez para mim... se o senhor insiste em seu projeto.

— Havemos de ver — disse brandamente Noa, o Héter. — Os acontecimentos movem-se com grande rapidez; alguns estão inteiramente além de nossa compreensão. Quanto a Ramus, se o fizermos Servo, vamos conservá-lo fora de... discórdias, por assim dizer. Quem é esta pessoa?

— É um mensageiro. Chegou lá em casa com uma carta extremamente urgente. Decidi trazê-lo aqui.

Noa, o Héter, examinou Jubal, com relativo espanto:

— Não estou esperando um correio. Onde está a mensagem?

Relutantemente, Jubal adiantou-se.

— Talvez após a cerimônia...

— A mensagem, por favor.

Jubal apresentou um envelope bege. Sobrancelhas impertinentemente erguidas, Noa, o Héter, rompeu o selo, desdobrou o papel e leu em voz alta:

"A quem interessar possa:

O portador, meu sobrinho Jubal Droad, procura emprego..."

Noa, o Héter, não leu mais. Erguendo a cabeça, encarou Jubal de olhos arregalados e perigosos.

— Por que trouxe isto aqui?

— Meu tio disse para entregar em suas mãos.

Sune pôs a mão na boca para sufocar um riso. Não conseguiu.

Rompendo os ferros dos nós dos dedos, a hilaridade jorrou. Mieltrude devassou Jubal com um olhar chispante, dirigindo depois a Sune uma olhadela que lhe

extinguiu o riso. Mieltrude falou ao pai:

— Ele é um clarímio.

Noa, o Héter, falou num tom cuidadosamente delicado:

— Clarímio ou não, você devia saber que não se levam essas mensagens, como se fosse um ato solene, à casa de uma pessoa.

Devolveu a carta a Jubal.

— Entregue-a no Departamento de Empregos Públicos, nos escritórios do Parlatório, e o avisarão das oportunidades existentes.

Jubal executou uma reverência aos arrancos.

— Minhas instruções — disse ele — foram deixar esta carta em suas mãos, o que cumpri. Evidentemente, foi um equívoco. Vou destruir a carta. Existe, contudo, outro assunto possivelmente mais urgente do que meus problemas pessoais. Creio que devo avisá-lo: o endosso de Ramus Ymph está fora de cogitação.

— De fato? — Noa, o Héter, falou com sua voz mais neutra.

— Mande-o embora, papai — disse Mieltrude com grande tédio.

— Quero discutir a festa.

— Apenas duas palavras — disse Jubal — para seus ouvidos, somente... Vamos até ali, se assim o desejar.

Noa, o Héter, ponderou a situação, depois seguiu Jubal para o lado do gabinete. As garotas contemplavam, Mieltrude com náuseas, Sune com uma admiração vaga, reprimida. Jubal falou algumas palavras em voz baixa; os ombros de Noa empertigaram-se e seu rosto tornou-se repentinamente imóvel.

— Oh, o que pode o homem estar dizendo? — clamou Sune em voz baixa. — Ele é um *stroc*[*hane14?*]() Veja como seus olhos brilham!

— Indubitavelmente, é uma pessoa singular.

Um som de gongo reverberou a partir da cúpula. Noa, o Héter, pronunciou algumas palavras finais e, um tanto relutantemente, afastou-se de Jubal Droad. Ignorando o sinal de Mieltrude, voltou a seu lugar na tribuna.

Mieltrude e Sune sentaram-se, olhando fixamente à frente, evitando Jubal, como se ele exalasse um odor deletério.

O Nunciador proferiu uma série de exclamações rituais.

Novamente Ramus Ymph deu um passo à frente. O Nunciador dirigiu-se a ele:

— Três Servos, por sua benevolente restrição, pouparam-no do laborioso afã da Serventia. Resta consultar Noa, o Héter. Com o especial conhecimento que possui das energias do indicado, ele formará sua decisão. O indicado pode agora dirigir-lhe quaisquer observações que julgue conveniente.

Ramus Ymph, após uma saudação maquinal à audiência, voltou-se para Noa, o Héter. Tinha um aspecto ainda ligeiramente confiante.

— Não preciso estender-me sobre os atributos do Servo perfeito.

Alguns de nossos Servos exemplificam uma virtude ou outra: Ambish é precavido como uma rocha; Myrus é conhecido por sua economia frugal; Neuptras, pela sensibilidade e discernimento; mas somente em Noa, o Héter, todos esses atributos atingem pleno desenvolvimento.

Se for endossado, espero emular com o método deste nobre cavalheiro, de modo a garantir continuidade ao que considero uma 14 Criatura mitológica com poderes supranormais, a cujos comandos nenhum homem mortal pode desobedecer.

Serventia inspirada. Se possuo índole apropriada ou não, Noa, o Héter, que me tem honrado com sua convivência, o sabe. Sua integridade afiança uma decisão correta. E eu espero e faço jus a isto e nada mais.

Assim dizendo, Ramus Ymph atirou a cabeça para trás e ficou esperando.

Com voz fraca, mas clara, Noa, o Héter, disse:

— Posso apenas esperar, quando muito, aproximar-me da exaltada versão que

Ramus Ymph deu de mim. Ele é, naturalmente, um cavalheiro de atributos notáveis e não podemos nos dar ao luxo de desperdiçar seus talentos. Deliberei longa e arduamente, e sinto agora que deveríamos endossar Ramus Ymph numa categoria nova e especial, a de conselheiro extraordinário, onde ele possa operar com um raio de ação flexível. Se endossasse Ramus Ymph na Serventia, eu limitaria sua eficácia, mas não o farei. Ele pode funcionar de modo muito mais útil como consultor, nossos olhos e ouvidos. Como porta-voz da Serventia, apresento nossa enorme gratidão por ele se ter dignado comparecer diante de nós.

O queixo de Ramus Ymph caiu. Ele ficou imóvel por um longo instante depois que Noa acabou de falar, em seguida fez um trejeito formal, deu meia-volta e partiu da tribuna com um movimento rápido, fazendo girar as abas do fraque negro. O Nunciador adiantou-se e proferiu palavras de despedida; do balcão, o Untor invocou uma bênção.

Mieltrude e Sune sentaram-se atordoadas e sem forças. Sune dirigiu um olhar trêmulo para Jubal:

— O que ele pode ter dito? Mieltrude sugeriu de forma lapidar:

— Por que não pergunta a ele?

Sune hesitou, mas depois virou-se para Jubal:

— Bem, então, o que você disse a Noa, o Héter?

— Expus minha opinião sobre Ramus Ymph. Ele achou conveniente aceitar meu conselho.

Jubal curvou-se polidamente:

— Minhas desculpas; partirei agora.

Sombrias, as garotas viram-no deixar o compartimento. Daí a pouco, Noa, o Héter, juntou-se a elas. Olhando em volta da cabina, perguntou:

— Onde está o clarímio?

— Foi embora. Será que ele já não causou suficiente mal? Quanto mais não

fosse, estragou nossa festa.

— Não deixou uma palavra, nenhuma mensagem? Por que vocês não o mantiveram aqui? Mas não importa. Eu o encontrarei amanhã.

Agora, um aviso, para as duas!

Encarou uma de cada vez, com um brilhante olhar castanho-dourado:

— Não discutam este assunto com ninguém, especialmente com aqueles amigos de vocês que estão diretamente envolvidos nos acontecimentos de hoje.

A boca de Sune se abriu; parecia desconcertada e intimidada.

Mieltrude sacudiu lentamente os ombros e voltou os olhos para longe.

— Estou perplexa com o que vi e ouvi. Raramente discuto o que não entendo.

— Nesse caso — disse Noa, o Héter —, não a importunarei tentando fazê-la compreender.

Capítulo 4

Jubal Droad abandonou o Parlatório como se fugisse de um leprosário. Atravessou a praça, o queixo resoluto, os olhos brilhando, e mergulhou num quarteirão de vielas tortuosas e sombrias, de telhados salientes e sacadas. No zênite, meio Skay assomava por entre a fenda em que o céu se deixava ver. Jubal caminhava a passos largos, quase saltando, cego, surdo e indiferente à direção. Outras pessoas moviam-se à distância e, quando ele passava, olhavam-no por sobre os ombros. Um empurrão, no meio da rua, lançou-o abruptamente a uma pequena praça cercada de árvores. Parou de repente, em seguida andou até um banco e sentou-se... Noa, o Héter, era um homem sinuoso, obscuro, repelente como um verme das Marcativas. Se as revelações de Jubal lhe tinham causado mal-estar, tanto melhor!

Infelizmente, poderia não ter sido um grande mal-estar. A atitude de Noa, o Héter, fora ambígua. As duas garotas? Jubal deu um suspiro agudamente sibilante por entre os dentes. Seda dourada e descorada e cachos castanhos! Belas além da razão, as duas! Mieltrude, distante e fria, Sune, terna, descontraída, sutil, cálida. Estranho que ambas, com fervor aparentemente igual,

favorecessem o avanço de Ramus Ymph.

Dificilmente ele conseguiria ser amante das duas, ou pelo menos assim parecia. Talvez praticassem um daqueles efêmeros modismos eróticos que, diziam os rumores, eram endêmicos em Wysrod. Jubal refletiu sobre Ramus Ymph. O escore ainda não estava definido.

Longe disso! O arreganhar de dentes de Jubal tornou-se lupino. No banco oposto, uma recatada mãe de família de casta média ergueu-se rapidamente e foi embora. Jubal franziu a testa às costas dela. Seriam os clarímios considerados inumanos ali, em Wysrod? ... Wysrod, arre!

Jubal rosnou, revoltado.

Wysrod: aonde ele chegara com tantas esperanças ingênuas de modelar seu futuro! Tinha apresentado a carta. Noa, o Héter, nem sequer a lera. Jubal atirou a carta no chão. Depois, rapidamente, para não ser detido por sujar as ruas, foi buscá-la e meteu-a no bolso.

Cultivara tantos sonhos! E agora? O Departamento de Empregos Públicos? Voltar para Clarim e para a Angra de Balastro? Jubal se mexia, agitado, no banco. Subitamente, a vida pareceu tola e rançosa.

Olhou em volta da praça, sentindo-se estranho como um animal selvagem entre aquelas lojas sóbrias, cada uma guardando ciosamente um pequeno monopólio. Taciturno, examinou as vitrinas estreitas. Um prédio de três andares oferecia geléias, frutas cristalizadas, picles secos, conservas de uma centena de sabores. Outra vendia renda djan, a seguinte, amplificadores, a outra, instrumentos para desenho arquitetônico, a outra, cutelaria, a outra, bestiários mitológicos, globos da Terra primitiva, manuais de interpretação dos sonhos. Pequenas firmas, algumas com menos de trezentos ou quatrocentos anos, outras tão velhas quanto as instituições públicas. Wysrod! Uma pequena cidade no centro da Grande Cova, mas, para os fantários, o foco da vida consciente. , . Jubal ergueu-se vagarosamente. Orientando-se pelo ângulo entre Mora e Skay, afastou-se em direção à baía Duskerl.

Wysrod, uma cidade misteriosa e complicada, frustrava Jubal ainda mais uma vez. Ele andava de um lado para outro ao longo de caminhos angulosos, por vielas extremamente sinuosas, entrando e saindo de praças remotas, descendo uma grande avenida ladeada por casas altas da municipalidade e que terminava

abruptamente no Paço da Petição. Por fim, Jubal fez sinal a um coche e ordenou que o conduzissem ao Passeio Naval.

— Fica a uns cem passos daqui — disse o motorista, depois de olhar Jubal de cima a baixo. — Por que o senhor não vai a pé?

— Não me fio em fazer nada neste labirinto fantástico. Leve-me para o Passeio Naval e para uma hospedaria decente, onde se possa respirar um sopro de aragem do mar.

— Para alguém como o senhor, o Sargaço deve servir.

— Muito bem — disse Jubal sombriamente. — Leve-me ao Sargaço.

O coche seguiu o Passeio Naval até um prédio confortavelmente desbotado, resguardado sob três árvores umedecidas, com um longo avarandado dando vista para o mar e uma taverna para garantir cerveja, vinho, suco de pegamasso e peixe frito aos que assim o quisessem: a Pousada do Sargaço.

A Jubal foi destinado um aposento a meio caminho da varanda. Na taverna, devorou um prato de pastéis de peixe e um jarro de cerveja.

Depois, de mau humor, foi para a varanda.

Perto de seu quarto, esperando, havia um jovem alto. Torcia a ponta da corrente de uma anelata em volta do dedo. Era magro, lânguido e extraordinariamente elegante; suas maneiras sugeriam recôndita sabedoria e cansaço da vida mundana.

Jubal parou para avaliar a situação. Um assassino? Pouco provável. Mas não haveria tempo para as formalidades necessárias.

O homem contemplou Jubal com indiferença. Jubal foi para sua porta e o outro falou:

— Você é Jubal Droad?

— E que tem isso?

— Sua Excelência Noa, o Héter, deseja que você se apresente no gabinete dele,

no Parlatório, amanhã de manhã, na hora quarta.

Uma bolha de fúria glacial explodiu na mente de Jubal.

— O que ele quer?

— Quanto a isso, não posso informar-lhe.

— Se ele deseja conversar, pode encontrar-me aqui. Não tenho nada a dizer a ele.

O jovem inspecionou Jubal com desapaixonado interesse e limitou-se a dizer:

— Você ouviu o recado. Depois, virou-se para ir embora.

— Você não parece estar me entendendo — disse Jubal. — A situação está em equilíbrio. Eu não estou submetido a ele, nem ele a mim. Se quer alguma coisa, que venha aqui. Se eu quiser alguma coisa, eu vou lá. Por favor, explique esta norma de procedimento a Noa, o Héter.

O homem limitou-se a abrir um sorriso seco. E, saindo:

— É na hora quarta; o lugar é o Parlatório.

Capítulo 5

— Descreva as circunstâncias nos mínimos detalhes — disse Noa, o Héter.

Inclinando-se para trás, ele fixou o olhar transparente em Jubal Droad, que devolveu a inspeção com o máximo de majestade disponível. Qualquer tipo de ironia, advertência ou veemência, tudo era igualmente despropositado, e Jubal respondeu à ordem com voz tranqüila:

— Há pouca coisa a acrescentar ao que já lhe contei.

— Mesmo assim, quero ouvir o relato detalhado. Jubal refletiu por um instante.

— Fiquei três semanas no hospital de Ivo. Durante esse tempo, estudei os mapas da região. Por que aquele homem, que conheço agora como Ramus Ymph, atravessava aquela região remota de forma tão estranha? Examinei os mapas. A trilha, depois de passar por Ivo, seguia para Clarim, através de uma região

desértica. A seis milhas de Ivo fica a Pousada Skyshaw. Telefonei do hospital: não tinham visto Ramus Ymph, seu preciclo ou seus perruptos. Ramus Ymph, no entanto, tinha entrado na trilha entre o monte da Alface Brava e a pousada. Do lado de Isedel, o terreno forma pouco a pouco barrancos escarpados. Aí não há estradas, mas de Djanad se tem fácil acesso a vários platôs. Achei que meu título devedor 15 tivesse ingressado na Alta Estrada fora de Djanad. O que um homem desse tipo esperaria 15 Tradução aproximada de smaidair, isto é, uma pessoa que ganhou mana ("força", "poder") a expensas de outra, adquirindo assim um desequilíbrio psíquico. Com freqüência, a falta de equilíbrio é mutuamente reconhecida e uma reparação voluntária é feita. Em outros casos, o equilíbrio ê compulsoriamente restaurado, o que pouco se distingue da vingança, embora a distinção seja bastante legítima.

realizar nessa região? Não pude chegar a conclusão alguma. Quando saí do hospital, segui a trilha na direção leste.

No monte da Alface Brava, o muro quebrado estava reparado e a trilha, aberta. De acordo com isso, examinei cuidadosamente o terreno, esperando descobrir onde Ramus Ymph se tinha juntado à trilha. Logo duas milhas à frente, encontrei o lugar, no outro lado do monte da Alface Brava. As marcas não estavam visíveis: Ramus Ymph tentara encobri-las, mas, apesar disso, eu as encontrei. Elas cortavam para a esquerda, em direção a Djanad, somente meia milha longe da trilha. Coisas estranhas estavam em andamento. Segui o rastro para o sul, atravessando uma charneca e descendo para um vale.

A região era inteiramente desértica, uma região inculta. Eu não podia adivinhar aonde os rastros conduziriam, e estava receoso de viajar sozinho em Djanad, já que levava apenas minha lâmina clarímia.

Decidi avançar só mais duas horas, para poder voltar à Pousada de Skyshaw antes do crepúsculo. As marcas de rodas estavam suficientemente nítidas. Seguiam para baixo, contornando uma floresta, depois desapareciam num prado de plantas silvestres. Rodeei o prado, mas não encontrei mais pegadas. Um quebra-cabeça! Como os rastros podiam sair de um prado sem terem entrado? Cruzei o prado e descobri, no centro, vários trechos onde a vegetação tinha sido esmagada por grande compressão. Entre essas áreas, as plantas estavam murchas e descoradas. Perguntei-me se uma espaçonave não descera naquele prado. Lembrei-me dos sons que ouvira pela manhã e fiquei absolutamente certo: Ramus Ymph descera de uma espaçonave.

Tinha ido além-mundo e retornado.

— Ele podia ter vindo ao encontro da nave — observou Noa, o Héter.

— As marcas das rodas saíam do prado. Nenhuma delas entrava.

— E os perruptos? Eles usavam uniforme?

— Túnicas marrons sobre calças pretas. Consultei o livro de referência, mas não encontrei nada parecido.

— Por favor, continue.

— Examinei o local. Tinha a certeza de que uma espaçonave pousara para desembarcar o homem que agora conheço como Ramus Ymph.

— Isso é razoável — concordou Noa, o Héter.

— Refleti, então, que os perruptos não podiam saber a hora exata da chegada de Ramus Ymph, e deviam tê-lo esperado por um certo período. Fui para o bosque e cheguei ao local onde a tropa tinha acampado. Encontrei um buraco no chão, onde tinham queimado lixo.

Era tarde. Segui de volta as marcas de roda para a Alta Estrada e para a Pousada de Skyshaw.

Noa, o Héter, olhou pela janela, correu os olhos pela Praça Travan.

Examinando o rosto tranqüilo, algo semelhante ao de uma raposa superinteligente, Jubal perguntou-se quanto às chances de sucesso para seu jogo.

Noa, o Héter, voltou-se para Jubal:

— A situação está como está.

— E Ramus Ymph? Vai processá-lo com base no Ato sobre Influências Alienígenas?

— Ordinariamente, este seria o caso. Por outro lado, quando alimentamos dúvida sobre as atividades próprias de uma pessoa, procuramos não levar em conta pequenas delinqüências, de modo a compreender a coisa como um todo. Sempre

há tempo, como se diz, de puxar a linha no remanso. Mas tudo isso não tem interesse para você.

— Pelo contrário. Ramus Ymph ainda está me devendo sangue.

— Ele não concordaria com isso. Está extremamente irado.

— Isso não me interessa. Ele quebrou-me o corpo, eu só lhe neguei uma glória banal.

— Você não deve se espantar se Ramus Ymph avaliar cada uma de suas glórias pelo valor de cem corpos como o seu.

— Eu equilibro a balança de maneira diferente. Noa, o Héter, fez um movimento decidido. A entrevista estava encerrada. Ele empurrou um envelope para Jubal.

— Honorários pelos seus serviços. Não existem oportunidades em Wysrod. Volte para Clarim e encontre um trabalho vantajoso. Desejo-lhe todo o sucesso.

Jubal levantou-se.

— Não está interessado nos negócios de Ramus Ymph fora deste mundo?

A voz de Noa, o Héter, tornou-se repentinamente áspera:

— Por que pergunta?

— Simples curiosidade. Posso descobrir com facilidade onde ele passa o tempo.

— É mesmo? Como?

— Tenho de reservar esta informação até que certas condições sejam satisfeitas.

Noa, o Héter, inclinou-se para trás na poltrona.

— Quais são essas condições?

— São de caráter inteiramente pessoal. Mas o senhor é indiferente a essas coisas. Afinal, não somos amigos íntimos.

— Certo — suspirou Noa, o Héter. — No entanto, estou vendo que devo ouvi-lo

até o fim.

Ele acenou para a cadeira:

— Por favor, seja expedito. Jubal sentou-se mais uma vez.

— Talvez eu seja supersensível, mas parece que nosso relacionamento não tem corrido tão amavelmente quanto esperei.

Trouxe-lhe uma carta que se recusou a ler.

— Ah, bem! Não vamos estragar a ocasião com recriminações ou desculpas inúteis.

— Não posso exigir-lhe amizade, mas posso perfeitamente reclamar o respeito a que tenho direito.

— Meu caro amigo — disse Noa, o Héter —, pelo que me toca, você teve exatamente isso.

— Bem poderia mostrar esta consideração um tanto mais abertamente.

— É realmente uma questão de estilo pessoal.

— Muito bem, vou dar sua consideração como assentada. Posso apresentar meus cumprimentos a sua filha?

As sobrancelhas de Noa, o Héter, ergueram-se.

— Eles seriam extremamente mal recebidos, particularmente porque ela vem planejando desposar Ramus Ymph.

— É mesmo?

Noa, o Héter, encolheu os ombros.

— As condições modificaram-se. Quem sabe o que vai acontecer?

Mas estamos fazendo progressos... Eu o avaliei apropriadamente.

Você não pode apresentar seus respeitos a Lady Mieltrude. Tem outras

condições?

— Sim, de fato. Cheguei a Wysrod procurando um emprego adequado. Para este fim, trouxe uma carta de apresentação que lhe peço reexamine.

— Muito bem — disse Noa, o Héter, estendendo languidamente a mão.

Jubal apresentou a carta.

Noa, o Héter, leu e ergueu os olhos devagar.

— É assinada por Vaidro. A Alma de Ferro. Por que não me disse logo no início? Não importa — suspirou. — Estou vendo que devo fazer alguma coisa por você, sem levar em conta os protestos que possa enfrentar. Você sabe que uma dúzia de vezes por dia me pedem para providenciar uma boa carreira para alguém? Bem, então vou colocá-lo... convenientemente.

— E o salário, e quanto às perspectivas?

— Salário suficiente; e você tem de construir suas. próprias perspectivas. Só posso dar-lhe um empurrão inicial. Mais alguma condição? Passemos então a discutir sobre Ramus Ymph.

— Com prazer. Deseja saber aonde ele foi... Posso perguntar por quê?

Noa, o Héter, empertigou-se na cadeira. Respondeu encrespado:

— Concordei em oferecer-lhe emprego, necessariamente num dos departamentos sob minha supervisão. Como indivíduo, tolerei comportamento um tanto ofensivo. Sou agora seu superior e você deve mostrar o respeito convencional. Doravante obedecerá às minhas instruções, dobrará a língua e tentará aprender os rudimentos do comportamento civilizado. Agora, sem mais circunlóquios, diga-me o que sabe.

— Depois de examinar o local onde a nave tinha pousado — disse Jubal —, saí para investigar a floresta. Foi aí, como lhe informei, que descobri vestígios de um acampamento, com um buraco entulhado de lixo. Vamos nos referir a esse fato como "idéia 1". Quando Ramus Ymph atentou contra minha vida, ele estava vestido como um nobre fantário. Eu me perguntei se ele usara esses trajes durante a viagem espacial ou se os perruptos os tinham trazido juntamente com o

preciclo. Na última hipótese, onde estavam as roupas de além-mundo?

Esta foi a "idéia 2". Combinando as duas noções, cavei o buraco de lixo e achei um embrulho de roupas, de estilo incomum. Trouxe-as comigo, para Fantaeria.

Noa, o Héter, produziu um som ligeiramente sibilante, que, Jubal aprenderia, constituía seu único sinal de aprovação.

— Onde estão esses trajes agora?

— Eu os deixei escondidos perto daqui. Noa, o Héter, falou num interfone:

— Mande entrar Eyvant. Sua classificação — disse ele voltando-se para Jubal — é inspetor assistente júnior no Departamento 3 do Escritório de Higiene e Saúde. Eyvant Dasduke será seu superior. Ele o instruirá quanto às suas obrigações. Ao que tudo indica, você fará uma carreira triunfante, mas se assim o deseja de fato, tenha Eyvant em consideração.

Longo tempo depois, ao recordar tais palavras, Jubal sorriria enfastiado com a lembrança.

Entrou no escritório o jovem alto que, ainda na noite anterior, convocara Jubal ao gabinete de Noa, o Héter.

— Jubal Droad aceitou um posto no Departamento 3 — disse Noa, o Héter. — Você o instruirá em seus deveres. Agora, no entanto, desejo que o acompanhe a um local perto daqui, onde ele deixará um pacote sob sua custódia. Traga-me este pacote imediatamente.

Silenciosamente, Eyvant saiu da sala. Jubal hesitou.

Noa, o Héter, tinha-se distanciado e estava examinando um panfleto.

Jubal seguiu Eyvant Dasduke.

Capítulo 6

Os coches de Wysrod eram famosos por toda a Fantaeria. As silhuetas magras, as cabinas altas, como ataúdes sobre chassis desproporcionalmente curtos e atarracados, estavam por toda parte, cambaleando e guinando nas esquinas,

enxameando os bulevares como insetos grotescos, varando a noite quase invisíveis, não fossem as lâmpadas laterais perigosamente foscas. Num coche semelhante, Jubal e Eyvant Dasduke seguiam para o aeroporto. Por causa de Dasduke, rodavam em silêncio. Jubal não pôde deixar de invejar-lhe a segurança altiva, como se todos os seus pontos de vista estivessem natural e inerentemente corretos, como se nada deste mundo pudesse conduzi-lo a uma reação indevida.

Num ponto conveniente de seus devaneios, Eyvant Dasduke voltou um olhar oblíquo para Jubal.

— Qual será sua graduação? — perguntou.

— Sou inspetor assistente júnior.

Eyvant abanou a cabeça com espanto e mau humor.

— Já estamos com excesso de pessoal — disse ele. — Não consigo imaginar como você entrou. Dançamos uma música agitada lá pelo D3 — acrescentou pensativamente.

Jubal aventurou-se a uma pergunta cortês:

— Quais serão minhas obrigações?

— Terei de verificar as pautas de trabalho.

O timbre de Eyvant tornou-se enérgico e metálico.

— Nossa tarefa principal é a inspeção das hospedarias: lisura da contabilidade, limpeza da cozinha, cortesia. Você terá um curso de orientação, depois sairá e se exercitará no campo. As promoções vêm devagar, estou lhe avisando.

Jubal suspirou com tristeza. Aquela não era a carreira que tinha em mente. Melhor do que nada? Talvez. Eyvant perguntou com indiferença:

— O que é esse pacote que vamos pegar?

A hesitação de Jubal foi imperceptivelmente breve.

Noa, o Héter, não tinha especificamente recomendado silêncio, mas, pela própria

natureza das coisas, a discrição era sem dúvida oportuna. Por outro lado, ele não estava inclinado a hostilizar seu superior imediato.

— Acho que contém tecidos... Talvez peças de roupa. Isso, Eyvant Dasduke descobriria por si mesmo.

— Uma roupa? Roupa de quem?

— Isto, eu creio, é o que Noa, o Héter, deseja determinar. Você é um inspetor pleno?

— Sim, completamente — continuou a falar, com relutância. —

Não é uma ocupação prestigiosa, mas os Dasdukes não têm grande influência em Wysrod. Somos gente da árvore Drune.

— De que se ocupam os departamentos D1 e D2?

— D1 preserva a segurança industrial. D2 controla os preços e os padrões de qualidade. D4 regula pesos e medidas. D5 faz avaliações de propriedades. D6, naturalmente, é a força policial interna fantária.

D3 é o mais inglório do lote.

— Por que então você escolheu o D3 para fazer carreira?

— Eu podia perguntar-lhe a mesma coisa. Jubal deu uma resposta resolutamente honesta:

— Foi o melhor que pude conseguir. Eyvant olhou pela janela do coche.

— O trabalho tem certas compensações — disse ele com voz tranqüila. — Como inspetor, você viajará por toda parte através de Fantaeria e entrará em contato com uma multidão de pessoas.

— E meu salário?

— Você começará com dezessete *toldecks* por semana, mais despesas de viagem em campanha.

— Dezessete *toldecks!* Isso não é uma grande soma!

— Nosso orçamento é pequeno. Fazemos face a ele pagando baixos salários aos menos graduados.

Abatido, Jubal encostou-se no banco. Noa, o Héter, usara a palavra

"suficiente" ao invés de "generoso": em Wysrod, um ouvido para distinções semelhantes era decididamente indispensável.

— Quanto eu ganharia como inspetor assistente pleno?

— Nesse caso, o salário é de vinte e nove *toldecks.*

— E quando eu chegar a perito-inspetor?

— Você pode ganhar quarenta ou cinqüenta *toldecks* por semana.

Depende muito do homem.

Chegaram ao depósito do Ponto Sul. Jubal pegou o pacote e colocou-o sob a guarda de Eyvant Dasduke. Os dois voltaram ladeira abaixo e saíram no Passeio Naval. Na Pousada do Sargaço, Jubal preferiu saltar. Eyvant Dasduke deu-lhe instruções:

— Comunique-se com o Alojamento 95 amanhã de manhã, na hora primeira. Um subinspetor supervisionará seu treinamento.

O coche desceu ruidosamente o Passeio Naval. Jubal foi para a balaustrada e contemplou a baía Duskerl, onde as pontes penseis davam entrada a um belo falucho de casco roxo, com dois balões-papagaios alaranjados... Dezessete *toldecks* por semana. Instruções sobre a ciência de verificar as canalizações de banheiros e as manchas das toalhas. Inspetor Assistente Júnior Jubal Droad, alerta e zeloso, para prestar seus cumprimentos a Lady Mieltrude de Héter...

Eyvant Dasduke entrou no gabinete de Noa, o Héter, por uma porta disfarçada. Noa, o Héter, deslacrou o pacote e espalhou o conteúdo sobre a mesa.

Havia quatro peças. Primeiro: uma jaqueta vermelho-tijolo num molde que deixava os ombros curiosamente folgados e apertava na cintura. Segundo: calças com listras verticais amarelas e prateadas, folgadas nos quadris e nos joelhos. Terceiro: sapatos de couro verde, de tom lustrosamente escuro, com abas

vistosas nos tornozelos, bico comprido e pontudo, sola de discos elásticos duplos sob o tornozelo e a planta do pé. Quarto: um chapéu de veludo vermelho-escuro, tricorne e armado num formato complicado, com um laço de fitas amarelas do lado.

— Você as reconhece? — perguntou Noa, o Héter.

— Já vi semelhante no arquivo, mas não me lembro da correspondência exata.

— Ramus Ymph usou-as no espaço exterior.

— Como sabe disso?

— Soube pelo clarímio. Isto parece uma prova definitiva.

Eyvant examinou as roupas com repugnância. i

— Certamente, não são de Skay. Noa, o Héter, sorriu debilmente.

— Não posso imaginar Ramus Ymph como um binadário. Não.

Ele esteve além de Skay.

— Estranho.

— Muito estranho. Os motivos habituais parecem não ser suficientes. Bem, é indiferente. Deixe que ele vá em frente; nós o seguiremos.

— De acordo.

Noa, o Héter, indicou as roupas.

— Talvez os técnicos possam revelar alguma coisa. Somos incrivelmente provincianos aqui em Fantaeria, o que provavelmente é uma grande vantagem nossa. Mas, ao mesmo tempo, somos ignorantes quanto ao universo. Talvez tenha chegado o tempo de reparar essa deficiência.

— Vamos precisar de fundos consideravelmente maiores do que os que temos atualmente.

— É verdade. O dinheiro está curto. E como poderei explicar tal necessidade a

Myrus? Tenho de pensar cuidadosamente no assunto. O

que achou de seu novo inspetor?

— O clarímio? Ele parece razoavelmente inteligente e perfeitamente discreto. Mas duvido que o senhor encontre nele sua

"desapaixonada precisão".

Eyvant aludia a um dos mais vigorosos pronunciamentos de Noa, o Héter: "O D3 é meu instrumento de trabalho. Exijo que os componentes humanos funcionem com desapaixonada precisão!"

— Conduza-o com cuidado — disse Noa, o Héter. — Ele será empregado onde a motivação emocional for um fator positivo.

Jubal Droad andava vagarosamente pelo Passeio Naval. Era o início da noite, o céu ostentava um arrebol roxo-escuro. Baixo no lado oeste, Skay era um gancho prateado enorme e fino. Outros perambulavam pelo Passeio Naval: formas escuras, meditando sobre assuntos particulares.

Jubal inclinou-se na balaustrada e contemplou a baía Duskerl.

Dezessete *toldecks* por semana, um inspetor de pulgas e livros de reclamações. As vantagens eram reais, mas modestas: uma vida fácil percorrendo os distritos de Fantaeria, boa comida e bom vinho, atenções dos estalajadeiros — mas tinha de dizer adeus a seus sonhos... A mesma verdade seria válida se ele se tornasse um nacional.

E se emigrasse para além-mundo? Jubal examinou o céu com melancólica fascinação. Pouco era visível, exceto um pedaço tremulamente do Veio de Zangwill, pendendo de forma oblíqua atrás de Skay.

Jubal se afastou da amurada.

— Já estou me sentindo um homem velho.

Andou de cabeça baixa do Passeio Naval até a Pousada do Sargaço e entrou na taverna. Sentou-se num banco lateral e em pouco tempo lhe serviram um taça de vinho suave e açucarado. Com dezessete *toldecks* por semana, tinha de

satisfazer-se com um pouco menos que o melhor. Tudo condicionado, é claro, à sua aceitação do posto oferecido por aquele príncipe da generosidade, Noa, o Héter. Com um olhar sombrio, Jubal inspecionou os outros fregueses da taverna e especulou sobre suas ocupações. Os dois homens de meia-idade, ambos baixos, com corpos pequenos e tenros, eram comerciantes ou amanuenses de grande perícia. Eles palestravam, riam baixinho e cutucavam-se como meninas de colégio. Um deles, encontrando o olhar mordaz de Jubal, estacou como que atemorizado. Sussurrou para o amigo e ambos voltaram olhares sorrateiros para Jubal. Arqueando-se nas cadeiras, continuaram a conversa de modo mais contido. A atenção foi desviada. Próximo dali estava um homem de tipo diferente, sujeito alto, de aspecto sombrio, com calças pretas e justas, um *dath* alto e negro na cabeça. O rosto pálido, descorado e melancólico parecia de algum modo assombrado ou obcecado por pensamentos secretos. Seus ombros e braços eram musculosos; as pernas, sob a roupa apertada, mostravam calombos duros, como porretes e nós. Trabalhador braçal, arriscou Jubal, ou mais provavelmente artesão, homem especializado numa atividade que exigia mãos e vigor físico, e certamente uma pessoa que conhecera recente tragédia. Numa mesa vizinha, um sujeito de blusão cinzento e desbotado sorvia um prato de *goulash*, pão e alho. Um nacional, pensou Jubal, e sem dúvida peso pesado. O cabelo, ruço e áspero, curto e arrepiado, mostrava manchas ralas, como se o crescimento tivesse sido impedido por pancadas ou raspagens; seu nariz se achatava para um lado. Os movimentos, contudo, eram lentos e descontraídos, e os olhos não mostravam mais que um plácido interesse pelo que acontecia à sua volta.

Jubal esperou até que o sujeito limpasse o prato com o pão, depois levou o frasco de vinho e a taça para a mesa dele.

— Posso sentar-me em sua companhia?

— Tanto tempo quanto queira.

— Presumo que seja um nacional.

— Esta observação, com que sem dúvida você não quis ofender...

— De modo algum.

— ...é correta. Sou capitão do *Clanche*, cujo mastro balança lá longe; meu nome é Shrack.

— Eu sou Jubal Droad, um cavalheiro de Clarim, e gostaria de pedir o seu conselho.

Shrack fez um gesto largo.

— Geralmente, o conselho de um nacional é considerado nem mais nem menos profundo que o grito do pássaro *kakaru.* Apesar de tudo, pode perguntar.

Jubal fez sinal à garçonete, pedindo mais vinho.

— Meu dilema é o seguinte. Sou um clarímio de casta impecável.

Em Wysrod, contudo, isto não serve a nenhuma finalidade prática.

Foi-me oferecido o posto de inspetor de encanamentos, com o salário de dezessete *toldecks* por semana. É desnecessário dizer que minha ambição vai além de uma carreira desse tipo.

Shrack aceitou uma taça de vinho da garçonete.

— Dezessete *toldecks* por semana parece remuneração inadequada para um cavalheiro galante. Eu, simples marinheiro, ganho em média quase a metade dessa soma.

— Vejo três opções à minha frente — disse Jubal. — Posso tornar-me um nacional, posso emigrar, ou posso submeter-me à oportunidade e tornar-me um inspetor.

O marinheiro bebeu do vinho. Inclinando-se para trás, voltou o olhar suave para o teto.

— Cada um desses rumos acarreta seguramente uma série característica de conseqüências que um estranho à situação pode somente imaginar. Os planos serão inexatos; como pode alguém criar mundos reais a partir de fogos-fátuos? A experiência é a única fonte de sabedoria; quero dizer, de conduta competente da vida. Em suma, posso aconselhá-lo apenas no que diz respeito à vida marítima. Para completar seu levantamento, você deveria conferenciar com um inspetor e depois com um emigrante.

— Por coincidência, conheço um de cada — disse Jubal —, mas não posso

contar com nenhum deles para informação, especialmente o emigrante. Bebe mais vinho?

— Com prazer! Mas permita-me organizar esta fase de nossa discussão.

Shrack, o marinheiro, fez saber à garçonete as suas necessidades, depois retomou a postura descontraída.

— Como você, fui forçado uma vez a fazer uma dura escolha. Em conjunto, não a deplorei. Tenho me deparado com estranhas visões, enfrentado experiências assombrosas, que nenhum morador de cidade poderia entender, não importa quão ágil seja seu intelecto. O *Clanche é* meu lar. Amo cada lasquinha de sua estrutura, mas concordo que um barco é diferente de um pedaço de terra com um chalé, um regato, uma campina e um pomar de frutas. Melhor ou pior? Já conheci os dois e não consigo decidir.

— Por favor, continue — disse Jubal. — Seus comentários ancoram diretamente no meu problema.

— Levei catorze vezes o *Clanche* pelo Longo Oceano. Visitei as ilhas Afortunadas, os Morgs e as Aparições. Barganhei mel por almíscar com os rapaces de Dohobay. Tenho subido o rio Suai da longínqua Djanad até a cidade de Rountze. No lodo dos pântanos de Rountze, durante a escuridão de Skay 16, dezenove binadarias me atacaram com lanças afiadas. Negociei em Penoso e em Bazar, na Usaria; em Topólder, no mar das Tormentas; nos Oligópolos, em 16 Quando Skay eclipsa Mora, os djans ficam agitados e, às vezes, perpetram atos não-convencionais ou mesmo irracionais. Os binadários — isto é, aqueles djans de Masque e saidaneses de Skay que pretendem a expulsão dos fanlários — freqüentemente realizam atos agressivos durante a escuridão de Skay.

Fônton. Como pagamento por um bom enxó, um dríade fôntone, um imbecil, levou-me até uma árvore faladora, e foi subseqüentemente plantado...

— Plantado?

— É a punição entre os fôntones. Eu os considero o mais estranho povo de Masque, talvez de todo o braço de Gaea. Diz-se que derivam de uma união entre a ignóbil 14.a e um bando de djans que viviam à sombra.

— Já ouvi teoria semelhante, mas ainda não estou convencido.

Shrack concordou com a cabeça.

— O cruzamento de Gaea com Djan não dá resultados, como todos nós podemos atestar. Contudo, podem ter sido utilizadas porções especialmente dosadas; quem sabe a verdade? Espero visitar Oligópolis em breve, nem que seja apenas para beber o ponche de rum no Pem-Bar-Açado.

— Será que não precisaria de um assistente inexperiente?

— Está embarcando no navio errado — disse Shrack.

— Estou tão preso à terra quanto você. Não posso navegar até livrar-me de certos mandados. Em vez de se engajar como marinheiro de convés, que não ganha mais que trabalho duro, economize os dezessete *toldecks até* comprar um barco seu.

— Qual seria o preço de um navio decente?

— Cinco mil *toldecks*, ou mais.

— Com dezessete *toldecks* por semana? É um objetivo de longo prazo.

— De um modo ou de outro, você deverá aumentar sua renda.

— Mais fácil dizer do que fazer.

— De jeito nenhum. O segredo é agarrar a oportunidade e segurá-

la bem.

— Jamais me foi oferecida uma oportunidade desse tipo.

— É a queixa mais comum. Shrack se levantou.

— Tenho de voltar ao meu navio. Certos vagabundos, reparando nas vigias escuras, poderiam julgar estar reconhecendo uma dessas precisas oportunidades de que falamos. Boa noite e boa sorte.

— Boa noite para você.

Shrack partiu da taverna. Jubal ficou sentado, cismando. Os dois homens de

negócios gordos jantavam um imenso meirinho de cauda escaldada. O homem com os músculos armando nós, e cara descarnada, conversava com um sujeito corpulento, que usava um chaparral 17 castanho-avermelhado. Outras pessoas tinham entrado na taverna: um grupo de três jovens arruas com trajes afetados e um par de senhoras idosas que agora bafejavam em canecas de estanho com cerveja quente.

Jubal não viu nada que lhe interessasse. Pagou a conta e deixou a taverna.

Deteve-se por um momento na varanda. As ondas se enrolavam calmamente pela praia. Skay tinha se posto, uma escuridão profunda se apossara do céu, um único filamento do Veio de Zangwill ainda aparecia sobre o Cam.

Jubal caminhou lentamente pela varanda. Uma luminosidade pálida brilhou brevemente nas suas costas quando a porta da taverna se abriu e se fechou; por trás dele, vieram passos firmes e medidos.

Contra o brilho da rua surgiu um par de silhuetas: uma alta e descarnada, a outra, achaparrada e troncuda... Jubal apressou o passo e atingiu seu quarto; quando tentou abrir a porta, uma trave no buraco da fechadura bloqueou a chave. Deu um safanão na trave e meteu novamente a chave, mas os dois sujeitos já estavam parados junto de seu ombro.

O homem alto falou com voz rigorosa:

— Estou me dirigindo a Jubal Droad, o clarímio?

17 Chapéu chato, de quatro pontas, não passando às vezes de um quadrado de fazenda pesada.

Eventualmente, é ornado nos cantos de pequenos globos de pirita, calcedônia, cinábrio ou prata.

— Não me agrada admitir minha identidade, seja ela qual for, para estranhos. Sugiro que o senhor leve seu negócio a cabo numa hora mais convencional.

A voz do sujeito alto não pareceu modificar-se; não obstante, Jubal detectou uma vibração dissonante de divertimento.

— Senhor, nós procedemos de acordo com as coordenadas convencionais. Sou

conhecido como "Pratos". Meu colega pode ser tratado de "Balança". Somos agentes da Companhia de Retribuição Fiel. Trazemos um mandado apropriado, oficialmente selado e assinado, autorizando uma "bem-merecida penalidade extrema", a ser aplicada a sua pessoa, neste momento.

Jubal falou com uma voz que procurava conservar firme:

— Deixe-me ver o mandado.

Balança apresentou uma folha de pergaminho; Jubal levou-a para seu quarto. Pratos tentou segui-lo; Jubal empurrou-o rudemente para trás. Balança, contudo, introduziu o pé na porta.

Jubal leu o documento. Seu delito era definido como "injustificada, irracional, cruel e não-comprovável calúnia, perpetrada contra a reputação do Eminente Ramus Ymph". A própria queixosa assinava:

"Mieltrude Héter, noiva afiançada do dito Ramus Ymph".

— E o que é essa "penalidade extrema"? — perguntou Jubal pela porta entreaberta.

— Devemos impregná-lo com *hiperas* — Pratos esclareceu. — É

um agente hiperestésico e inibidor da glote. Depois o banhamos por vinte minutos com *herndyche* morno, um irritante epidérmico, depois fazemos treze aplicações do quebrador de ossos sobre seus membros.

Depois disso, a penalidade está cumprida.

— Eu contesto e apelo contra a penalidade — declarou Jubal. — O

árbitro vai derrubar este mandado. Por isso, tire o pé da porta.

— Todas as formalidades já foram cumpridas em seu nome.

Repare, embaixo da página, onde o juiz deu seu veredicto.

Jubal viu um selo e um carimbo vermelho. O subscrito dizia:

"Apelo indignadamente negado. Que justiça seja feita".

Seguia-se uma assinatura:

"Delglas Ymph,

Árbitro Supremo de Wysrod".

— O árbitro é um Ymph! Ele é parente de Ramus Ymph! —

rosnou Jubal.

— Este assunto está além de nossas competências. Agora, Sr.

Droad, permita-nos entrar em seu quarto.

— Nunca. Afaste-se ou eu o mato.

Pratos falou com voz monótona, rouca, roufenha:

— Muitíssimo imprudente, por assim dizer, Sr. Droad. Somos homens simples, curvados apenas ao nosso dever.

Enquanto ele falava, Jubal percebeu um silvo brando. Observou perto da porta um grande bocal de onde transpirava um pouquinho de condensação.

Jubal virou-se e atravessou o quarto correndo em direção à janela, apenas para descobrir, no entanto, que, para bloquear sua fuga, um gradil de madeira fora instalado do lado de fora.

Pratos pôs uma das mãos em seu ombro.

— Senhor, somos experientes. Por favor, venha conosco agora.

Jubal deu um soco no estômago de Pratos. Era como bater numa árvore. Balança agarrou-lhe os braços e amarrou-os. Jubal foi levado para fora, empurrado através da varanda até a praia escura. Ainda se debatia. Pratos ajustou-lhe um preventor na cabeça com dentes de garfo entrando na boca; Jubal não podia mais lutar sem quebrar os dentes.

Os três moveram-se cinqüenta jardas, parando onde um mato de aguapés ocultava a praia do Passeio Naval. Balança fez brilhar um lampião azul; Jubal viu uma tina de sete pés de comprimento, cheia pela metade com líquido

iridescente. O quebrador de ossos estava estendido na areia — um cacete de ferro com quatro pés de comprimento. Pratos disse a Jubal:

— O senhor pode tirar a roupa ou não, como quiser; nosso mandado não especifica isso. Temos apurado que entrar vestido na banheira é decididamente mais desconfortável; experimenta-se o atrito do tecido. Mas primeiro temos de administrar a *hiperas.* Procure relaxar, senhor...

Jubal sentiu a angústia de uma picada de seringa e uma onda de sensibilidade expandiu-se através de sua pele. Balança aproximou-se.

— Estes aros, senhor, evitam que seus braços e pernas se debatam; nós os consideramos indispensáveis. Mas primeiro o senhor deseja despir-se?

Jubal conseguiu livrar-se do aperto de Pratos. Investiu contra Balança e, fincando os pés na areia, empurrou. Balança, cambaleando para trás, tropeçou na tina e caiu de costas em toda a extensão do corpo, numa lenta pancada sugadora do líquido. Seu clamor, inicialmente um ruído rouco de horror e raiva, tornou-se prontamente estridente.

Pratos tinha agarrado Jubal.

— Esse foi um ato muito desleal. O senhor feriu meu colega no cumprimento de seus deveres legais. Não ficarei surpreso se ele solicitar um mandado contra o senhor.

Os dois permaneceram imóveis por um momento, Pratos prendendo os braços de Jubal e ambos contemplando Balança, enquanto este tentava levantar-se da tina, tropeçava, caía de costas, mas finalmente se erguia acima da borda e enroscava-se na areia.

— O *herndyche é* uma fórmula particularmente penetrante —

observou Pratos. — Pobre Balança, misturado com isso. Ele não está agindo bem, rolando assim na areia. Balança! Oh, eu o estou chamando, Balança! Tire a roupa e vá para a água! É o que lhe posso aconselhar de melhor!

Balança, ouvisse ou notasse por si mesmo, rastejou para a água, ululando maldições agudas.

— Pobre Balança — disse Pratos. — Ele foi seriamente magoado.

São os ossos do ofício; apesar disso, eu deploro sua ação. Tenha a bondade de tirar a roupa ou entrar na tina como está.

Jubal contorceu-se, arfou, escoiceou. Sua pele doía e fervilhava em resposta à *hiperas*, o cabelo parecia pesar na cabeça. Não conseguia livrar-se das garras de Pratos; as mãos prendiam-no com força entorpecida. A cabeça de Jubal começou a rodopiar, a boca parecia seca; ele, um clarímio e um cavalheiro, sendo mergulhado numa tina como um bebê?... Ouviu um baque surdo e uma voz; os grampos das mãos se afrouxaram. Jubal rolou para a areia e caiu estirado, de bruços. Golpes, arquejos, um grunhido de raiva. Jubal ergueu-se pesadamente com o auxílio das mãos e joelhos. Com majestoso domínio de si e sorrindo dignamente, Pratos lutava com o homem que o atacara.

Jubal se pôs tropegamente de pé. Pegou o esmagador de ossos, ergueu-o bem alto e o abateu sobre a cabeça de Pratos, mas só atingiu seu ombro. Pratos gemeu. Jubal brandiu o esmagador outra vez e Pratos caiu. Jubal bateu muitas vezes, com toda a força.

Mãos o puxaram para trás. Shrack falou:

— Chega. Você já pode tê-lo matado. A barra já quebrou seus ossos.

Jubal deixou a ferramenta cair no chão. Ficou resfolegando.

— Por falar uma simples verdade, diga-me, uma pessoa deve ser torturada e assassinada?

Mesmo aos ouvidos dele, a voz de Jubal pareceu aguda e histérica.

— Verdades ofendem mais que mentiras.

Shrack examinou assombrado a figura prostrada de Pratos.

— Ele é um prodígio. Nenhum homem lutou comigo com tanta facilidade.

Jubal olhou para o mar, onde Balança limpava espasmodicamente o corpo, em algum lugar na escuridão. Deu uma risada nervosa.

— Os ossos de Pratos estão quebrados, Balança tomou o banho, eu estou medicado com *hiperas*... Meus agradecimentos! Estou em dívida com você, qualquer coisa é só chamar.

Shrack rosnou:

— Se eu ficasse parado vendo dois homens fazerem mal a outro, ia duvidar se era macho ou não. Às vezes faz-se alguma coisa por alguém e o débito é ajustado mais dia menos dia.

Jubal abaixou-se e pegou o mandado.

— Repare neste mandado. Antes mesmo que eu soubesse de sua existência, eles o levaram à arbitragem. Veja você o arrojo!

Shrack leu o mandado sob o brilho do lampião azul.

— Você tem inimigos poderosos.

— Amanhã saberei se tenho amigos igualmente poderosos. Senão, por favor, deixe-me um beliche reservado no *Clanche*.

Um rosto horrivelmente manchado de sangue elevou-se na luminosidade. Pratos tentava agarrar o tornozelo de Jubal, mas seu braço direito parecia articular-se em quatro juntas em vez de duas, e ele não podia controlar o movimento.

— Verme — cuspiu Jubal, dando um passo atrás. — Será que tenho de quebrar-lhe ainda mais alguns ossos?

A voz de Pratos era gutural e profunda.

— Devo executar o mandado.

— Um mandado ilegal, seu vadio de esgoto.

— O mandado estava na forma legal.

— Quanto a isso, é o que veremos amanhã. Eu também tenho contatos.

A *hiperas* inflamara o cérebro de Jubal. Palavras derramavam-se como num jorro.

— Se escapar de morrer aqui na praia, como espero, você será excluído do ofício, e também aquele Balança chapinhando ali. Deite-se aqui e sofra.

Jubal saiu cambaleando, as solas dos pés formigando e sensíveis por causa da droga. Shrack deixou Pratos com uma saudação civil e cortês de cabeça, deu meia-volta e seguiu o clarímio. Caminharam pela praia até onde Shrack tinha ancorado sua dinga. À frente, as luzes da pousada brilhavam por entre as árvores daldânquidas.

Shrack hesitou por um instante, depois disse com voz pensativa:

— Veio-me à mente um pensamento que talvez lhe agrade considerar.

— Fale; só posso tirar proveito disso.

— Esta noite discutimos sobre oportunidades e como elas devem ser agarradas. Preciso dizer mais?

— Sua idéia lança nova luz sobre o incidente — disse Jubal. —

Certamente, vou levá-la em conta.

— Uma noite reparadora para você.

— Para você também.

Jubal mancou até seu quarto, que fumegava então com narcogênio decomposto. Fatigado, examinou a janela gradeada, mas não teve forças para ir até os fundos e arrombá-la.

Removeu as roupas com extremo cuidado: uma sensação de arrancar esparadrapos. A roupa de baixo aferroou-o como pêlo curto, quando ele se prostou sobre o catre. Em pouco tempo, caiu num cochilo inquieto, e a noite transcorreu sem maiores incidentes.

Capítulo 7

Meia-manhã: duas horas e meia após o horário estipulado por Eyvant Dasduke. Mora, uma crepitante bola branco-violeta dentro de uma coruscação magenta, pendia no meio do céu. De nenhum lugar Skay podia ser avistado. O céu, para usar a terminologia fantária, estava "livre".

Jubal Droad, saindo do edifício da Chancelaria, cruzou a praça pública até a velha e maciça massa negra do Parlatório. O pacote de roupas espaciais tinha-lhe granjeado uns meros dezessete *toldecks* por semana; não conseguira tirar máximo proveito de Noa, o Héter. Desta vez, ele levaria o negócio com pulso firme.

Jubal entrou no vestíbulo do Parlatório, enorme salão pintado de um intenso e depressivo amarelo-pardo. Num certo número de guichês, os cidadãos de Wysrod conferenciavam com funcionários, tanto em acordo tranqüilo quanto em rancoroso debate. Uma série de tabuletas penduradas nas paredes indicava a localização dos vários departamentos; Jubal viu que o Departamento 3, da Câmara de Comércio, ocupava a ala norte do terceiro andar.

Uma escada rolante conduziu-o para cima, despejando-o num aposento octogonal. Atrás de uma escrivaninha semicircular, estava sentado um homem severo e idoso, usando um chaparral oficial de cor negra. Ele impeliu a cabeça para a frente examinando Jubal da cabeça aos pés, e não pareceu chegar a uma conclusão favorável.

— Qual é seu problema?

— Eu sou Jubal Droad, um empregado deste departamento.

Queria...

O funcionário interrompeu-o de modo incisivo.

— Seu nome não está em nossas listas e sua pessoa não me é familiar. Desça outra vez e consulte adequadamente a sinalização.

Jubal disse friamente:

— Notifique ao Eminente Eyvant Dasduke que estou sendo mantido à espera por um subalterno.

O funcionário apreciou novamente Jubal.

— O senhor trabalha no D3?

— É isso mesmo.

— Qual é sua categoria?

— Sou inspetor assistente júnior.

O velho deu um riso escondido e rouco.

— O valor do seu tempo é o menor possível. Poderá ser mantido à espera por horas sem fim; talvez, possa, então, aprender a ser paciente!

Jubal ergueu os olhos para o teto. Devia aprender a ignorar pequenas provocações. Disse com voz tranqüila:

— Suas opiniões não são tão empolgantes quanto crê. Se não se importa,

anuncie-me a Eyvant Dasduke.

O funcionário falou num intercomunicador.

— Sim, senhor... Um sujeito aqui para vê-lo... Qual é o seu nome?

— Já não lhe disse? Jubal Droad!

— Chama-se Jubal Droad e parece um clarímio... Mandá-lo entrar?

— um tremular de surpresa; depois, resignado: — Como quiser.

Virou-se para Jubal.

— Entre pela porta azul, siga o corredor até a bifurcação, vire à esquerda, vá sempre em frente e se anuncie.

Jubal caminhou para a porta azul, que deslizou para trás à sua aproximação. Atravessou-a para um corredor de teto elevado, pintado num verde bolorento, interrompido a intervalos regulares por algumas portas curiosamente altas e estreitas, devido ao capricho de algum arquiteto há muito falecido. O assoalho rangia sob os pés, o ar transportava o ranço amargo e picante de verniz em decomposição.

O corredor fez um ângulo, depois juntou-se a outro corredor. Jubal dobrou à esquerda e logo foi detido por uma porta ainda mais alta e mais arruinada que as outras. A tabuleta dizia: "Câmara de inspeção sanitária. Use o sinal de recepção".

Jubal encontrou uma chave, que puxou, sem resultado visível.

Bateu nas almofadas da porta, chocalhou a maçaneta, e daí a pouco a porta se abriu. Uma mulher velha, usando um turbante marrom, avançou a cabeça pela porta entreaberta.

— Sim, senhor. Que deseja?

— Sou Jubal Droad, vinculado a este departamento. Quero falar com Eyvant Dasduke.

— Entre, então.

Jubal ultrapassou a porta.

— Este lugar é de acesso extremamente difícil.

— É verdade. Havia pessoas demais trazendo suas queixas até aqui. Deitavam-se aos nossos pés como fiéis cães. Mas eram extremamente exigentes. Recusavam-se a ser consoladas por uma ou duas palavras. Por isso as conservamos agora à distância, e nossa vida tornou-se mais tranqüila. Venha. Esta é nossa sala de espera.

Ela introduziu Jubal num aposento mobiliado apenas com um par de bancos e uma escrivaninha. Falou por um interfone:

— Jubal Droad espera que venha logo que lhe convier.

A resposta, que Jubal não conseguiu distinguir, a satisfez: ela fez sinal com a mão e, ofegante com as diligências, trotou até uma porta onde se lia "Supervisor assistente". Impelindo a cabeça à frente, observou:

— Aqui está o clarímio.

O escritório de Eyvant era um pouco mais agradável que a sala de espera. Um tapete cristosoram, em blocos de tiras opacas verdes e azuis, cobria o chão. Os móveis formavam um eclético jogo de antigüidades: uma escrivaninha de negro idume entalhado, um canapé de belbotim verde-pálido, uma mesa com samovar de chá, um par de cadeiras de cabeceira de Morg. Eyvant Dasduke, de pé contra a parede oposta, inspecionou Jubal com uma expressão arrogante.

— Você está confuso e muito atrasado — disse ele com voz serena. — Mandei que se dirigisse à Câmara 95 na primeira hora da manhã.

— Eu me lembro de suas instruções — disse Jubal. — Não atendi a elas por muito boas razões.

— Assuntos pessoais?

— Sim, naturalmente.

— Quero enfatizar que seus deveres oficiais têm absoluta precedência sobre considerações pessoais.

— Neste caso, "os assuntos pessoais" suplantam meus deveres oficiais. Por favor, ao menos num nível primitivo de julgamento, acredite-me.

Eyvant ergueu as sobrancelhas.

— Você não está reagindo amavelmente à censura.

— A censura devia basear-se na compreensão dos fatos, não devia ser um clamor automático.

— Oh, meus ouvidos! — murmurou Eyvant. — E o que temos então? — perguntou, debruçando-se na cadeira. — Então, quais são os fatos?

— O assunto interessa mais diretamente a Noa, o Héter. Devo contatá-lo através de você, foram as ordens que ele me deu. É por isso que estou aqui.

Eyvant permitiu-se mostrar uma ponta de interesse.

— Você pode me falar em segurança. Já sei, já sei — disse com a mão levantada —, sou um reles subalterno, você é um legítimo clarímio dos mais altos picos de Junção e pretende tratar somente nos níveis mais importantes. Todavia, em Wysrod, Noa, o Héter, é inacessível até que eu solicite sua atenção. Por sinal, aliás, eu não encaminharia irrefletidamente a ele qualquer pé-rapado. Assim, por favor, explique-se.

Jubal sentou-se no canapé de veludo.

— Você é confidente pessoal de Noa, o Héter?

— Quanto a certos assuntos.

— Meu problema diz respeito a Noa, o Héter, no mais íntimo sentido. Quando conseguir conferenciar com ele, terei de informá-lo que você insiste em se meter em sua vida privada.

Por um momento, Eyvant pareceu empalidecer. Depois sorriu severamente e, sentando-se, esticou as pernas compridas e elegantes sobre o tapete.

— Sua conduta é bizarra, mesmo para um clarímio. Em vez da humildade típica de um recém-nomeado, você prefere tratar com insolência justamente o superior

que controlará cada estágio de sua carreira. A tática é nova; eu me pergunto se dará bons resultados.

Admito que estou começando a assumir certo interesse por seu futuro.

— Hoje estou aqui a título pessoal — disse Jubal —, não como funcionário do departamento.

Eyvant inclinou a cabeça para trás e riu. Por algum tempo, pareceu alguém muito diferente de seu ego habitual.

— Vou esclarecer um fato elementar. Quando você se torna um funcionário do D3, você está por inteiro no D3: manhã, dia, noite, dormindo, acordado. Agora então, com isso em pratos limpos, esclareça seu problema.

Jubal não fez mais protestos.

— A substância do assunto é esta: na noite passada, a filha de Noa, o Héter, e estou me referindo a Lady Mieltrude, cometeu grave crime.

Obteve um mandado contra mim com fundamentos fictícios.

Imediatamente depois, sem meu conhecimento, conseguiu uma legitimação totalmente ilegal de um árbitro. Depois enviou dois bandidos para me torturar e matar. Como no entanto eu me chamo Jubal Droad e sou um clarímio, os bandidos podem sobreviver ou não.

Estou longe, contudo, de me dar por satisfeito. A injúria clama por justiça.

Eyvant arrancou um suspiro enfastiado.

— Primeiro, lembre-se disso: um inspetor sanitário jamais fica agitado. E, em segundo lugar: garotas serão sempre garotas. Você derrubou seu predileto; ressentida, ela propôs o mesmo para você.

— Por acaso atirei Ramus Ymph num tanque com fluido algésico?

Por acaso quebrei os braços e pernas dele em treze lugares? Essa é uma solicitude de amante ou corrupta irresponsabilidade?

— Calma. O assunto pode ser resolvido. Vou invalidar o mandado.

Deixe-me vê-lo.

Jubal apresentou um documento. Eyvant leu com austera indiferença.

— Isto não é...

Continuou a ler e sua complacência desapareceu. Ele encarou Jubal.

— Você é louco! Jubal pareceu perplexo.

— Não posso entender suas sutilezas.

— Pretendo dizer que sua conduta toca as raias do inconcebível.

Jubal balançou lentamente a cabeça.

— Você desaprova esse documento?

— Sim.

— Pela lei fantária, um crime deve ser devidamente retribuído; isso é de domínio público. Por esse motivo emiti este mandado contra Mieltrude Héter. Agora, vou notificar seu pai para saber se ele deseja arbitragem.

— Você é insano ou então muito tolo.

— Sou um inspetor sanitário. Você me forçou a revelar assuntos particulares de Noa, o Héter; agora, o que tenciona fazer?

— Consulte Noa, o Héter. Que mais poderia dizer? Com exagerada amabilidade, Eyvant perguntou:

— Gostaria de tomar uma xícara de chá enquanto espera?

— Muito gentil de sua parte.

— De modo algum.

Eyvant tocou um interruptor. Uma porta se abriu deslizando na parede da sala.

Surgiu uma jovem consideravelmente mais bem-parecida que a velha esmirrada da sala externa.

— Sim, senhor?

— Uma xícara de chá para este cavalheiro. Ele passou por uma experiência desgastante e precisa reanimar-se.

— Imediatamente.

Eyvant deixou o aposento. Logo depois a jovem trouxe chá e um prato com bolinhos.

— Isso será suficiente?

— Muito bom — disse Jubal, e a jovem se retirou. Passaram-se cinco minutos. Eyvant voltou, o semblante com uma expressão carrancuda em vez da serenidade habitual.

— Noa, o Héter, deseja conferenciar com você.

— É o que esperava.

— Quais são suas verdadeiras intenções neste caso?

— O mandado não as declara em linguagem explícita? Pretendo ver punida a megera.

— Já lhe ocorreu que Noa, o Héter, é um dos homens mais influentes de Fantaeria?

— O que isso tem a ver com o caso? Se ele é honesto, estará ansioso por me prestar auxílio.

— Bem, veremos. Venha.

Caminharam por saguões rangentes e corredores sombrios, até uma escada rolante, que os conduziu a uma galeria iluminada por clarabóias abobadadas. Numa porta lustrosa-mente envernizada com vermelhão, Eyvant parou e bateu. O próprio Noa, o Héter, abriu a porta. Entrando no aposento, Jubal encontrou-se

de pé num tapete azul, branco e negro, com estrelas cintilando, e sob uma clarabóia de uma centena de facetas e aspectos. A um sinal, Eyvant voltou pelo caminho por que viera.

Noa, o Héter, levou Jubal para um sofá, convidou-o a sentar-se e, meditativo, sentou-se por sua vez numa cadeira próxima.

— Diga-me exatamente o que aconteceu.

Não era boa hora para expansividade ou imprecações apaixonadas, por isso Jubal narrou os eventos o mais sobriamente possível.

Os olhos vivos de Noa, o Héter, não se afastaram em nenhum momento do rosto do clarímio.

— E por que você estabeleceu seu próprio mandado? Quais foram suas motivações?

— Ressentimento e desejo de justiça, respectivamente.

— Estou vendo que você exibiu meticulosamente o mandado para Eyvant Dasduke.

— Não tive escolha. Ele insistiu em saber por que eu queria falar-lhe.

— Bem, então, exatamente por que você quis conferenciar comigo?

— O senhor poderia preferir pôr o mandado em arbitragem.

— Já lhe ocorreu que eu poderia facilmente encaminhar o mandado a Delglas Ymph?

— Seria imprudência de sua parte.

— E por quê?

— Quando sua filha pediu sua conivência para legitimar o mandado contra mim?

— Mas, nesse caso, eu teria dado uma contribuição, muito modesta. Sem dúvida, eu podia tê-lo matado tranqüilamente.

— Nem tanto. Meu tio Vaidro foi informado de toda a questão.

Noa, o Héter, examinou o mandado.

— Você especifica "trabalhos forçados por dois anos, com um golpe de pêlo de vassoura toda meia-tarde, a critério do carcereiro".

Ele franziu a testa.

— Em tais circunstâncias, uma exigência relativamente suave.

— É suficiente. Ela é insensata, irresponsável e supercivilizada.

Além disso, por que eu deveria injuriá-lo desnecessariamente?

— Por que, de fato, o senhor deveria injuriar-me seja lá como for?

Noa, o Héter, fez uma pausa, depois falou refletidamente:

— Até agora, não ouvimos Mieltrude. Com toda a sinceridade, estou assombrado com sua atitude... Sim, extremamente curiosa...

Mas, quanto a este mandado, você pretende levá-lo a cabo?

— Se sua filha estabeleceu um mandado, como parece, por que eu não o faria?

— Eu poderia muito bem ressentir-me de sua conduta, e sua carreira sofreria com isso.

— Que carreira? Inspetor assistente júnior, com dezessete *toldecks* por semana? Minha "carreira" dificilmente pesa na balança. Contudo, não sou intransigente. Posso admitir circunstâncias...

Noa, o Héter, interpôs uma observação circunspecta:

— Você usou a palavra "justiça". Eu não o aviltaria sugerindo uma promoção com aumento de salário. Devemos buscar a solução em outro lugar.

Jubal franziu a testa. Após um momento, perguntou:

— Pretende levar este mandado à arbitragem?

— É claro que não.

Noa, o Héter, olhando em volta da sala, bateu de leve com os dedos pálidos no braço da cadeira.

— Vou examinar o assunto. Enquanto isso, por favor, dilate o prazo para cumprimento do seu mandado.

— O senhor não está entendendo meus problemas! O mandado contra mim, não importa se ilegal, ainda é válido.

Noa, o Héter, tocou um interruptor na parede.

— Ligue-me com a Companhia de Retribuição Fiel. Vários coros musicais em crescendo anunciaram que a ligação fora completada.

Uma voz grave, de baixo, falou:

— Quem chama a Retribuição Fiel?

— É o Nobilissimus Noa, o Héter. Ontem vocês aceitaram um mandado espúrio, supostamente assinado por minha filha, Lady Mieltrude. O senhor o admite?

A voz grave produziu-se num nível de semitom.

— De fato, aceitamos tal mandado, Nobilissimus. Com tal queixosa, como suspeitar de má fé?

— O mandado era evidentemente fraudulento. Um homem inocente foi vitimado.

— Homem inocente? Quem desmantelou meus operadores? Ele constitui uma ameaça à lei e à ordem e deve ser severamente repreendido. Designei quatro operadores fortes para a tarefa.

— Sob o mandado de quem? Houve silêncio.

— O mandado não é válido, Nobilissimus?

— Naturalmente que não, como bem sabe. Se os seus operadores processarem Jubal Droad, eu firmarei pessoalmente um mandado executivo contra o senhor,

com indenizações triplas.

A voz grave, de baixo, tornou-se de barítono.

— Estou convencido de meu erro, Nobilissimus. Cancelarei a expedição.

— Aja com absoluta presteza. Eu o considero responsável, e o senhor ainda não ouviu tudo de minha parte.

— Seja tolerante, Nobilissimus! Agi baseando-me em seu nome!

— O senhor me insulta! — disse Noa, o Héter. — Desligue!

Virou-se para Jubal, um traço sardônico nos lábios.

— Você está a salvo do oficial de justiça.

— E do magistrado Delglas Ymph?

— O caso dele será considerado pelo órgão apropriado. Pode dar o caso por encerrado.

Para sua contrariedade, Jubal descobriu que não tinha mais nada a dizer. De uma forma desconcertante, de novo a vantagem se esquivara de suas mãos. Ele se levantou.

— Nesse caso, o melhor é ir no encalço de minha "carreira".

Enquanto isso, vou sustar este mandado até que o senhor tenha feito investigações e me esclarecido sobre o assunto.

— Vimos a essência do assunto — disse Noa, o Héter, com sua voz mais fria. E tocou o interruptor. — Eyvant Dasduke. — Eyvant entrou na sala. Noa, o Héter, disse: — Chegamos a um entendimento.

Leve Jubal Droad ao agente orientador para que ele possa começar o treinamento. Esperemos que não haja mais interrupções, uma vez que o salário dele já foi diminuído do valor de meio dia de trabalho.

— Quê! — vociferou Jubal. — Meus miseráveis dezessete *toldecks?*

Eyvant disse serenamente:

— O departamento conserva-se rigidamente separado da vida privada de seus funcionários. Seu pagamento começa quando você se apresenta ao serviço.

— Assim seja — suspirou Jubal. — Por favor, conduza-me ao meu trabalho antes que eu caia em débito para com o departamento.

Capítulo 8

Num salão bolorento, mergulhado nos alicerces do Parlatório, Jubal recebeu instruções de uma dupla de meia-idade, de castas não imediatamente identificáveis. Clary era o mais velho e o mais sereno dos dois; Vergaz, um homem empertigado e nervoso, de olhar agitado, penteava-se no estilo "morro ventoso", um corte rente em cima, com tufos laterais repuxados por uma série de contas douradas.

Clary expôs a teoria da perícia inspetora.

— Basicamente, o trabalho *é* simples. Você examina o livro de reclamações; você olha, mede, cheira. Quando em dúvida, consulta o Código. De vez em quando, diz: "Isto não é o bastante". Se o estalajadeiro é suficientemente atencioso, se os delitos são banais e não são os mesmos de que já foi advertido anteriormente, se a cerveja *é* boa e as camas são macias, então você confirma o certificado dele.

Caso contrário, você cola um grande selo amarelo de um lado da porta e, ignorando subornos, ameaças e algazarras, parte decididamente dali no preciclo.

— Tudo isso parece bem dentro do alcance da minha inteligência

— disse Jubal. — Onde consigo o preciclo?

— Será entregue a você, junto com uma valise, um uniforme diurno e um uniforme noturno, e uma cópia do Código Regulador.

Toquei no problema das propinas, e eu não as recomendo, é um tipo pernicioso de gratificação. Seu salário, uns magros vinte e quatro *toldecks*, embora possa ser...

— Dezessete *toldecks.*

— ... é um dinheiro extremamente mais confortador. Uma propina é geralmente descoberta; você é repreendido e humilhado. E, às vezes, o hospedeiro que o subornou passa a chantagear, serve-lhe vinho de sarça e dá-lhe o canto mais frio da espelunca.

— Nenhum estalajadeiro ousaria subornar um clarímio.

— Talvez você tenha razão — disse Clay. — Contudo, os estalajadeiros são uma raça corajosa. Aqui está seu Código. Assimile-o tanto quanto for necessário e conserve-o à mão, como um guerreiro conserva sua arma. E isso é a essência do que eu tinha a dizer! Você é agora um inspetor assistente júnior, faltando apenas algumas técnicas incidentais que Vergaz vai demonstrar.

Jubal arrancou um suspiro de reconhecimento.

— Temi que o curso fosse tedioso.

— De modo algum! Com relação a essas técnicas incidentais, nós poderíamos, talvez, começar com exercícios calistênicos...

No dia seguinte, Vergaz disse a Jubal:

— Temos de prepará-lo para cada fase do trabalho. Como grupo, os estalajadeiros são imprevisíveis. Freqüentemente, quando um inspetor condena os encanamentos de um hospedeiro, ou aponta falhas em sua cozinha, ou ainda dirige uma simples palavra cordial à sua filha, o estalajadeiro reage com excitação paranóica, e o inspetor tem de conhecer alguns truques elementares, tanto de defesa quanto de desagravo. Pelos séculos afora, temos desenvolvido um sistema secreto que nunca é revelado ao grande público. Por exemplo, dê um murro na minha cara. Venha agora, a sério!

Três semanas mais tarde, Jubal protestou:

— Eu não tinha idéia de que tanta agilidade e tantas manhas sem princípios fossem exigidas de um inspetor.

— Você só aprendeu os mais elementares rudimentos — disse Vergaz. — Por exemplo...

Seus olhos deslocaram-se pela sala; sua expressão modificou-se.

— Ah, Nobilissimus!

Jubal virou-se, o suficiente para receber um pontapé no traseiro.

— Assim mesmo — disse Vergaz. — Um inspetor nunca deve deixar que sua atenção seja distraída. Um truque favorito de estalajadeiro é conservar o inspetor batendo papo, na frente de uma garrafa de alguma bebida, enquanto os ajudantes esfregam a cozinha e esvaziam potes de sobras de comida.

— Conservarei isso em mente.

— Também é necessário — disse Clary — desenvolver seus poderes mentais. O cérebro é um órgão notável que os níveis júnior e assistente nunca utilizam em sua capacidade plena.

Subdividiremos nossos exercícios em categorias. Primeiro, acuidade e consciência. Segundo, mnemotécnicas. Terceiro, precognição, intuição, telepatia e assim por diante. Quarto, simulação e dissimulação. Quinto, as técnicas de persuasão e sugestão. Sexto, indução e dedução. Isso é adequado para o nível de dezessete *toldecks.* Que horas são? Meia-tarde? Podemos começar logo de uma vez.

Ele olhou no fundo da sala e sua expressão se modificou.

— Nobilissimus!

Jubal não estava disposto a cair duas vezes no mesmo truque.

— Ignore o velho bufão. Deixe-o esperando até que acabemos o treinamento de hoje.

— Quando puder me dispensar seu tempo — disse Noa, o Héter

—, desejo dirigir-lhe algumas palavras.

— Certamente — disse Jubal após uma pausa. — Estou a seu dispor.

Os dois partiram da câmara de orientação e entraram num elevador que os

transportou ao quinto andar. Noa, o Héter, conduziu Jubal por um desvio, através de um corredor ladrilhado de branco e marcado com monótonas listras de metal. Sobre uma porta de saída, piscou uma luz azul. Noa, o Héter, balançou a cabeça, satisfeito.

— Um sinal indicando que nem espreitadores estão nos ouvindo às escondidas, nem microfones, nem outros aparelhos eletrônicos nos estão vigiando.

Jubal estava antes divertido do que impressionado.

— Quem nos espreitaria?

— Você levantou uma questão extremamente profunda — disse Noa, o Héter. — Posso responder apenas o seguinte: estranhos acontecimentos se estão passando neste mundo. Você pensa que Fantaeria é um porto de serenidade, um paraíso bucólico? Está enganado.

Deixando a passagem ladrilhada de branco, tomou o caminho de seu gabinete.

— Sente-se, por favor.

Jubal sentou-se numa cadeira e aguardou discretamente que Noa, o Héter, acabasse de examinar as mensagens que tinham sido colocadas em sua mesa. Ele nada encontrou de urgente e voltou a atenção para Jubal.

— Agora... aos negócios.

— Presumo — disse Jubal — que o senhor analisou integralmente toda a história...

Noa, o Héter, empalideceu e encarou-o.

— De que história se trata?

— O mandado ilícito solicitado por sua filha contra a minha pessoa. Que mais haveria de ser?

Noa, o Héter, refletiu.

— Sim. Aquele assunto. Ainda não está resolvido. Colhi uma ou duas

informações, mas os dados que obtive foram ambíguos. Falando francamente, tenho me preocupado com problemas de maior alcance.

Ele ergueu a mão quando Jubal começou a fazer um comentário indignado.

— De acordo. Falaremos disso noutra oportunidade.

— Já se passaram três semanas!

A voz de Noa, o Héter, tornou-se áspera.

— Tudo será arranjado a seu contento — disse ele. — Agora ouça atentamente. Como já pode ter adivinhado, D3 é uma organização complexa. Vez por outra nos incumbimos de investigações que podem ser consideradas incomuns. Tais investigações são sempre secretas, e a conversa que estamos tendo agora é confidencial; você não deve, em hipótese alguma, reproduzi-la, nem na essência, nem de outro modo.

Está claro?

— Certamente.

— Uma dessas investigações especiais tornou-se agora necessária.

Preciso de um homem com habilidade, tato e autoconfiança. Pelo menos a última qualidade você possui. Está disposto a se encarregar desta tarefa?

— Com dezessete *toldecks* por semana? Não.

— A compensação será adequada.

— Nesse caso, eu o escutarei com prazer.

— É uma tarefa que deve satisfazer sua selvagem índole vingativa clarímia. Suponho que você ainda não esteja reconciliado com Ramus Ymph...

— Um homem que duas vezes atentou contra minha vida? Por que o senhor não apurou a responsabilidade por aquele mandado? Assim eu poderia atuar.

— Neste momento, isso não é importante. Ouça. Noa, o Héter, apoiou os cotovelos sobre a mesa e entrelaçou os dedos pálidos.

— Sua informação advertiu-nos das atividades extra-planetárias de Ramus Ymph. Minhas suspeitas foram imediatamente despertadas e coloquei Ramus Ymph sob estreita vigilância. Há uma semana, Ramus Ymph partiu dissimuladamente de Wysrod. Ele voou para Tissano, depois viajou num preciclo para o sul através de Isedel, fazendo esforços contínuos para despistar. Perto de Ivo, ao cair da noite, moveu-se furtivamente pela fronteira de Djanad e não conseguimos descobrir de novo sua pista. O radar, no entanto, informou a passagem de um objeto pelo espaço. Em suma, Ramus Ymph partiu mais uma vez de Masque, presumivelmente para o lugar que já visitara antes. As roupas que você nos entregou foram exaustivamente examinadas. Nossos peritos relacionaram-nas a um certo mundo do braço Gaean. Agora, então... o que mais?

— Eu não me atreveria a aconselhá-lo.

— Nós podíamos pedir contas dos fatos a Ramus Ymph — disse Noa, o Héter. — Duas objeções perturbam a elegante simplicidade do plano. Primeiro, os Ymph formam uma parentela poderosa, que não me interessa hostilizar. De fato, batalho continuamente para aplacá-

los. Em segundo lugar, formular as questões para Ramus Ymph poderia nos impedir de obter um conhecimento muito maior da situação. Por esse motivo, decidi que as investigações devem ser feitas no palco dos acontecimentos. É uma tarefa que cai dentro da sua competência e você deve realizar essa sindicância.

Em todas as suas especulações, Jubal não tinha esperado nada de tão notável. Um momento depois, ele perguntou:

— Por que me escolheu para a missão? Noa, o Héter, fez um gesto cortês.

— Você está fortemente motivado, conhece alguma coisa do pano de fundo da questão, demonstra nítido talento para investigações. Tais fatos compensam, até certo ponto, sua inexperiência. Além disso, estamos relutantes em usar outros inspetores, cuja perda, digamos, poderia causar-nos transtorno.

— Não tenho mais interesse pelo suicídio do que esses outros inspetores — disse Jubal.

— Muito possivelmente não haverá qualquer tipo de risco — disse Noa, o Héter. — Você será perfeitamente instruído sobre o caso e todo o transporte será providenciado. Além disso... sim, sim! Não vamos antecipar! Você receberá uma

compensação adequada.

— O que tem em mente? Uma elevação para vinte *toldecks?*

— É claro que não. As promoções não vêm assim tão facilmente.

Proponho uma quantia paga de uma só vez, digamos, quinhentos *toldecks* contra a conclusão bem-sucedida de sua missão.

Jubal deu uma risada zombeteira.

— Se fosse suficientemente tolo para levar sua proposta a sério, insistiria em alterar os termos. A palavra "bem-sucedida" seria omitida e "quinhentos *toldecks"* mudados para "dez mil". O senhor me pagaria cinco mil *toldecks* antes de eu sair de Wysrod, e outros cinco mil quando voltasse, antes mesmo que eu fizesse o relatório.

Noa, o Héter, inclinou-se, o rosto pálido e fechado.

— Dez mil *toldecks?* Por uma viagem que a maioria das pessoas pagaria para desfrutar? Sua ganância é realmente fantástica!

— Que são dez mil *toldecks* para o senhor? Eu serei pago dos fundos públicos. É fora de dúvida que há um risco tremendo nesta missão. Minha vida é preciosa para mim, mesmo que não o seja para o senhor. Mande Eyvant Dasduke; ele irá por quinhentos *toldecks* e eu o substituo no cargo que ele ocupa.

— A cifra — entoou Noa, o Héter — será baseada em dois mil *toldecks,* mais um bônus de dois mil *toldecks* se você apresentar resultados de valor. É uma oferta generosa, categórica e final. Aceite ou volte para sua inspeção de ralos.

— Eu poderia aceitar mais prontamente — disse Jubal

— se o senhor tivesse resolvido o outro assunto. Eu sofri a crueldade caprichosa de sua filha...

— Provavelmente, seus termos não estão sendo cuidadosos.

— "Provavelmente"! Por que o senhor não procura descobrir a verdade?

— Tenho andado ocupado com outros problemas. Se está tão interessado, pergunte a ela mesma.

Jubal resfolegou:

— Quando? Onde? Como? Ela se recusaria a me receber, quanto mais responder às minhas perguntas.

— Vamos esclarecer o assunto de uma vez por todas

— disse Noa, o Héter. — Vá esta noite à Casa Héter, ao pôr-do-sol. Apresente-se na entrada lateral. Asseguro-lhe que Lady Mieltrude responderá a suas perguntas.

Na cervejaria, Jubal refletiu sobre a extraordinária proposta feita por Noa, o Héter... Uma idéia tomou forma em sua mente, tão óbvia, tão natural, tão monstruosa, que ele reclinou-se para trás na cadeira, atordoado.

Passou-se uma hora e mais outra. Mora submergia no céu. Jubal voltou para seu quarto, numa das vielas tortuosas atrás do Parlatório.

Sombrio, vestiu sua melhor roupa, não demasiado esplêndida. Da gaveta da cômoda, tirou a lâmina cinzenta, de aço, que recebera em seu rito de iniciação, umedecida com três sangues. A lâmina tinha um nome secreto: "Saerq", Vento da Montanha. Era uma arma de peso incomum, aço cristalizado fortalecido por uma treliça de fios de ferro, uniformemente compensada para o arremesso. Jubal ergueu a faca com a palma da mão; depois, fixando a bainha por dentro da cintura, prendeu o confortador peso da Saerq junto da coxa.

Ainda faltava uma hora para o pôr-do-sol. Sentando-se à mesa, Jubal redigiu cuidadosamente um documento, que dobrou e meteu no bolso.

Mora caía no leste. Jubal ganhou a rua e chamou um coche.

— Para a Casa Héter. Vá pelo Cam.

Foi por ruelas tortuosas, ameaçado por uma confusão de telhados altos e salientes, até um dos bulevares nas colinas; fez a volta para o Cam, e portanto para a Casa Héter. Jubal atravessou o arco de entrada, subiu lentamente os degraus para o majestoso portal principal. A porta dupla abriu-se para o lado,

Flanish precipitou-se à frente. Ele reconheceu Jubal.

— Por favor, senhor, o que há desta vez?

Jubal avançou para o vestíbulo e Flanish teve de abrir espaço.

— Anuncie-me, por favor, ao Nobilissimus — disse Jubal. —

Estou esperando.

Flanish hesitou.

— Que nome devo anunciar?

— Sou o Honorável Jubal Droad; onde está sua memória?

Flanish fez sinal para um lacaio e sussurrou uma palavra ao ouvido dele. Com um olhar de soslaio, despeitado, para Jubal, ele saiu da sala.

O lacaio apoiou-se na parede, conservando ostensivamente Jubal sob vigilância.

Passaram-se cinco minutos. Noa, o Héter, apareceu num informal traje de noite cinzento. Examinou Jubal com uma contrariedade a custo dissimulada.

— Creio que lhe pedi para utilizar a entrada lateral.

— Como sabe, sou um clarímio — disse Jubal. — Não uso nenhum dos caminhos laterais dos homens.

— Isto é Wysrod, não Clarim, e temos de fazer concessões às boas maneiras locais.

— Se o senhor se recorda — disse Jubal —, estou aqui para discutir um problema de boas maneiras: um ato criminoso cometido por sua filha. Ela é a única que devia usar a porta lateral, não eu.

Noa, o Héter, fez um gesto curto e decidido.

— Venha, vamos dar um fim a esta lamentável história. Flanish, peça a Lady Mieltrude para reunir-se a nós no pequeno salão —

ordenou ele, tornando outra vez a Jubal: — Por aqui, por favor.

Noa, o Héter, introduziu Jubal numa sala ornada com duas magníficas tapeçarias djan: paisagens da selva, tecidas com filamentos roxos, verdes e vermelho-escuros. Um tapete branco revestia o assoalho; um par de antigos cântaros djan repousava sobre uma mesa de marfim. Noa, o Héter, permaneceu de pé, e tampouco convidou Jubal a sentar-se. Passou-se um minuto. Noa, o Héter, falou descontraído:

— Estou acostumado à informalidade. Em minha posição, relaciono-me com pessoas de todas as castas. Por outro lado, Lady Mieltrude é bastante convencional. Ela se permite considerações de decoro para aperfeiçoar a conduta dos outros. Fique assim avisado.

O queixo de Jubal caiu de espanto.

— O senhor não é capaz de compreender que sua filha cometeu um crime perverso? O senhor considera isso uma conduta decorosa?

— Em breve, ouviremos os pontos de vista de Lady Mieltrude sobre a questão. Enfatizo que ela só corresponderá a um comportamento correto.

— Talvez, então, o senhor mesmo prefira interrogá-la.

— De modo algum — disse Noa, o Héter. — Você está ansioso para ficar a par de certos fatos. É uma exigência razoável; eu concedo.

Mas não estou disposto a assistir à sua inquisição.

— Como quiser.

— Por favor, não se debruce nessa mesa — disse Noa, o Héter. —

É extremamente velha e nunca foi tratada rudemente.

— Eu apenas pousei minha mão sobre a peça! — retorquiu Jubal, indignado. — Por quem o senhor me toma?

Noa, o Héter, abanou os ombros com desinteresse. Virou-se quando Mieltrude entrou na sala.

Ela usava uma toga branca, informal. Sob um chaparral de couro azul-claro e descorado, o cabelo claro caía suavemente até a curva do queixo. Ignorando Jubal, olhou com uma expressão quase recatada para o pai.

— O senhor me pediu para vir ao seu encontro?

— Sim, meu bem, um problema a ser esclarecido. Este é Jubal Droad, que você levou ao Parlatório.

— Lembro-me perfeitamente.

— Ele reclama ter sido alvo de uma inconveniência. E pede para formular um ou dois pontos obscuros, para que você possa elucidar os fatos ao nível da compreensão dele.

— Resolverei seus problemas o melhor que puder, mas espero que ele seja rápido, pois estou esperando uma chamada telefônica.

— Obrigado, meu bem. Jubal Droad, pode expor suas dificuldades.

Jubal tinha ouvido com assombro, olhando de um para o outro. Ele se dirigiu a Noa, o Héter.

— Ouvi direito? São esses os termos em que vamos discutir o assunto?

— Por favor, demarque o domínio de sua incerteza. Jubal debateu-se com as palavras, depois apresentou o mandado espúrio.

— A senhora extraiu, ou não extraiu este mandado contra a minha vida?

Mieltrude examinou o documento com o mínimo de interesse.

— Recordo alguma coisa deste tipo.

— O mandado é ilegal. A senhora cometeu um crime. Mieltrude deixou o mandado escorregar de seus dedos para o chão.

— Os eventos seguiram seu curso. Não creio que precisemos levá-

los mais longe — completou, voltando-se para o pai.

— A senhora admite que extraiu o mandado — persistiu Jubal.

— O tópico não possui aplicação presente; meu melhor conselho é que o senhor rejeite toda a matéria... Ficará em casa esta noite, papai?

Tenho de começar a reelaborar nossa lista de convidados. Jubal virou-se para Noa, o Héter.

— Senhor, queira ser suficientemente gentil para esclarecer à sua filha que isto não é uma de suas habituais frivolidades. Saliente, por favor, que foi emitido um mandado contra ela e que ela está sujeita a punição.

Noa, o Héter, refletiu por um momento.

— Permita-me uma suposição. Talvez tenham colocado um papel diante de Lady Mieltrude, com a sugestão de que certas estabilidades tradicionais deviam ser sempre sustentadas, e Lady Mieltrude assinou o papel após um exame não maior do que ela pensou que a questão merecesse.

A voz de Jubal fraquejou, insultada.

— E um homem inocente por pouco não escapa de ter a pele escaldada e os ossos quebrados? E sou eu esse homem inocente, um nobre clarímio da mais alta casta? Isso transcende o gracejo feminino.

— Estarei na sala de música com Sune — disse Mieltrude a seu pai. — Logo que o senhor esteja livre, vamos discutir os lugares.

— No devido tempo, meu bem.

Mieltrude afastou-se da sala, graciosa. Circunspecto, Jubal foi apanhar o mandado do chão.

— E assim ficamos resolvidos — disse Noa, o Héter. — Vamos considerar o assunto encerrado. Venha por aqui, para minha biblioteca, que é à prova de som. Temos outras coisas a discutir.

Na biblioteca, Noa, o Héter, indicou a Jubal uma cadeira de encosto vertical e debruçou-se sobre uma mesa comprida, coberta de documentos e jornais.

Jubal sentou-se com gravidade.

— Devo entender, então, que o senhor está renunciando à arbitragem deste mandado? Se assim for, não haverá dificuldade em vê-lo tramitado.

— Meu caro amigo, você é positivamente monomaníaco! Será que não consegue abandonar um tema que nitidamente já teve todos os seus aspectos devassados? Não posso perder a noite com você, e temos de discutir sua missão.

— Esta notável missão — escarneceu Jubal. — Não é animador ser tomado por um sujeito sem juízo!

Noa, o Héter, sentou-se numa cadeira confortável. Recostando-se, contemplou Jubal com imparcialidade clínica.

— Foi-lhe oferecida uma tarefa vingadora e a chance de ganhar generosa recompensa. Estou desconcertado com sua atitude. Por certo, você não está procurando trapacear por mais dinheiro?

— Estou procurando dizer-lhe que seu plano é transparente.

— É mesmo? De que plano se trata?

— O senhor pretende fazer-me viajar para sempre para fora do planeta, desfazendo assim o embaraço causado pelo crime de sua filha. De que servem seis mil *toldecks* se eles estão aqui e eu estou lá?

Noa, o Héter, deu um sorriso irônico e divertido.

— Estou vendo que, no final das contas, você dará um inspetor competente. Possui uma inclinação natural para o subterfúgio e o artifício. Comparado a você, sou um inocente. Mas, neste caso, está enganado. Não existe tal plano.

— Gostaria que o senhor provasse essa afirmação. O divertimento de Noa, o Héter, transformou-se rapidamente em desdém.

— Como você mesmo assinalou, não é estimulante ser tomado por um sujeito sem juízo. Será que eu desperdiçaria tão elaboradas maquinações com um problema tão banal? Você vive num mundo de realidade distorcida.

Jubal continuou impassível.

— É precisamente esta vociferação indignada que o senhor usaria se estivesse tramando um plano contra mim.

Noa, o Héter, estendeu a mão para uma gaveta e pegou um maço de notas.

— Aqui está uma prova que você poderá entender. Dois mil *toldecks.*

Atirou-os para Jubal.

— O total de seus honorários será de quatro mil, não seis mil. Não cultivemos incompreensões sobre esta conta, pelo menos.

Jubal enredou-se por entre as notas. Uma soma bastante grande.

Com outros dois mil, quase suficiente para comprar um barco como o *Clanche.*

— Dois mil *toldecks* convencem — Jubal concordou. — Traga papel e tinta, por favor, e escreva o que eu ditar.

Noa, o Héter, não se mexeu.

— E o que você vai ditar?

— Escreva, e o senhor saberá.

— Dite e eu gravo. Ficarei sabendo assim. Sobre o que é essa sua declaração?

O próprio Jubal forneceu papel.

— Primeiro, o lugar e a data... Depois: "Por este documento, saibam todos os homens que eu, Noa, o Héter, em minha qualidade oficial de Servo da Serventia fantária, por este meio contrato e solicito ao Honorável Jubal Droad que empreenda uma tarefa por sua conta e risco em favor do bem-estar público. É estipulado que tal tarefa, por minhas instruções explícitas, devem levar Jubal Droad em viagem para longe do planeta Masque, que tal viagem não deve, por meu decreto executivo, ser considerada uma contravenção das leis de Fantaeria, e que Jubal Droad pode pública e livremente reassumir, ao término do trabalho, a plenitude de sua antiga casta e privilégios como um fantário e um clarímio de

nobre estirpe. Garanto fornecer transporte seguro e confortável para Jubal Droad, de Wysrod para o destino estipulado e de volta. Concordo em pagar-lhe a soma de cinco mil *toldecks..."*

— Quatro mil *toldecks.*

— "...quatro mil *toldecks,* pagamento a ser feito imediatamente no retorno de Jubal Droad a Fantaeria, ou tão logo após, como lhe for conveniente. Reconheço Jubal Droad como meu agente e agente do Estado, e comprometo-me solenemente a considerá-lo inocente e defendê-lo, com toda a força de meu cargo público, contra qualquer acusação que possa ser levantada contra ele, relacionada à tarefa acima especificada, que constitui contravenção do Ato sobre Influências Alienígenas."

Jubal inclinou-se para trás.

— Depois, o senhor assina, afixa seu selo, seu polegar e seu sinete secreto Héter. O documento deve ter testemunhas.

Noa, o Héter, desligou o gravador.

— Você fez exigências irreais. Tal documento, se emitido, poderia obviamente ser usado contra mim pelos Ymph. Você deve se fiar em nosso acordo verbal.

— Devo confiar no senhor, em suma?

— Exatamente.

Jubal atirou os dois mil *toldecks* sobre a mesa e se levantou.

— Boa noite, Noa, o Héter.

— Um momento!

Noa, o Héter, cocou o queixo pálido e agudo.

— Se eu lhe fornecesse tal documento — disse em seguida —, onde você o guardaria?

— Num lugar seguro, naturalmente.

— Onde?

— Isso é meu problema particular.

Noa, o Héter, ainda refletiu, as luzes de metal dançando nos olhos.

— Muito bem — suspirou. — Vou atender à sua exigência.

Ele virou-se para um intercomunicador.

— Minha querida Mieltrude.

— Sim, papai.

— Vá até meu gabinete privado. Abra a gaveta da escrivaninha onde está marcado "Oficial n.° 4". Traga-me duas folhas de pergaminho, uma caneta-estilete e o frasco de tinta com o rótulo

"Documentação Oficial". Traga esses objetos para a biblioteca.

— Sim, papai.

Mieltrude surgiu um momento depois com o que Noa, o Héter, pedira.

— Obrigado, meu bem — disse Noa, o Héter. — Por favor, espere um instante. Quero que você sirva de testemunha num documento.

Jubal protestou com veemência.

— Ela não é somente frívola, mas também uma pessoa com quem não se pode contar. Em deferência aos ouvidos do pai, não a caracterizarei com maior precisão... Além disso, ela nunca será discreta. À meia-noite de hoje, nossos segredos já serão a piada de toda a Wysrod.

— Calma — disse Noa, o Héter. — Você a julga com muita severidade. Uma testemunha é uma testemunha. Quem mais está aqui em casa, filha?

— Sune Mircea estava comigo, mas está de saída. Devo ir buscá-

la?

— Duas garotas tontas numa coisa de tanta importância? — Jubal esbravejou. — Minhas suspeitas voltaram!

— Nesse caso, nós o faremos sem Sune — disse Noa, o Héter, pegando pergaminho, tinha e caneta. — Primeiro, escrevo a data, o lugar, a hora. Agora o texto.

— Sinceramente, senhor! — Jubal gritou com voz de desespero.

— Não na frente desta moça! Ela está pessoalmente envolvida. Esse procedimento é razoável?

— Os erros deram-lhe sabedoria — disse Noa, o Héter. — Tornou-se perfeitamente sensata.

Ele ligou o gravador. "Por este documento, saibam todos os homens" — chiou a voz de Jubal — "que eu, Noa, o Héter, em minha qualidade oficial..."

Noa, o Héter, completou a declaração, assinou e selou. Sem comentário, Mieltrude apôs a assinatura.

Noa, o Héter, dobrou o documento, meteu-o num envelope e passou-o a Jubal.

Com um olhar desconfiado para Noa, o Héter, e Mieltrude, Jubal abriu o envelope, tirou o papel e examinou-o.

— Há uma trapaça bem conhecida — disse Jubal — chamada

"pato mergulhado", na qual os envelopes são agilmente substituídos.

— Essa eu não conhecia — disse Noa, o Héter. — Está agora inteiramente satisfeito?

— Onde estão meus dois mil *toldecks?*

— Tome-os. Não são falsificados. Esteja aqui amanhã, o mais cedo possível. Dirija-se à cozinha e Flanish lhe servirá o desjejum.

Jubal ignorou a observação.

— A que horas deseja tratar do negócio?

— Ao segundo gongo.

— Apresentar-me-ei aqui ao segundo gongo. Só mais uma coisa...

Agora sou seu agente especial e um funcionário representante do Estado. Meu salário, de dezessete *toldecks* por semana, retrata pobremente a missão. Um substancial aumento seria apropriado.

— Talvez tenha razão — suspirou Noa, o Héter. — Vou falar com Eyvant Dasduke. Doravante, você ganhará vinte *toldecks.* Flanish!

Leve Jubal Droad até a porta.

— Por aqui, senhor, por favor.

— Vou sair como entrei, pela porta da frente.

Era meia-tarde nos relógios; Skay ainda não se tinha levantado; o céu estava escuro. Globos feéricos, de branco, azul e roxo pálidos, iluminavam o jardim. Do lado de fora, o caminho curvava-se até o arco de entrada, e os Héter não se preocuparam em chamar um coche para a conveniência de Jubal.

Não importava. Jubal puxou o maço de notas do bolso: dois mil *toldecks,* a maior soma em que já tocara. E no seu bolso, ainda, o contrato entre ele e Noa, o Héter: um documento não menos confortador que as notas. Saiu andando pelo caminho em direção ao portão principal.

Um coche dobrou na estrada. Tinham os Héter pensado, afinal, na comodidade do visitante?

A porta da frente se abriu; alguém saiu da casa, uma pessoa delgada e graciosa, usando uma capa verde-escura. Jubal reconheceu Sune Mircea.

Ela dirigiu-se para o coche. Jubal atravessou a estrada e aproximou-se.

— Posso compartilhar sua carruagem até a cidade? Sune não tinha reparado nele. Deu uma guinada em redor, sobressaltada, depois se tornou tensa e circunspecta.

— Que está fazendo aqui?

— Estive tratando de negócios com Noa, o Héter. Estamos, em certo sentido, associados; você não estava ciente disso?

A luz dos globos fantásticos iluminou o rosto de Sune. Jubal examinou-lhe os ossos frágeis do queixo e da testa, o declive provocante das faces. Que se estava passando em sua mente? Por certo, nada diretamente coerente ou simples. Com voz pensativa, Sune falou:

— Sim. Você pode ir no coche. Para onde vai?

— Para o centro da cidade.

— Está em meu caminho.

Ela subiu no coche; Jubal seguiu-a.

— Onde mora? — perguntou Jubal, à falta de melhor assunto.

— No alto das colinas do Tronco Vergante. É o mais velho bairro de Wysrod. Os Mircea constituem uma casta *setrevant,* que sustentamos ser mais antiga que as castas de origem *istvant* e igualmente nobre, embora nos dias de hoje talvez os *istvant* ostentem mais de um floreio.

Jubal sentou-se, rijo, ereto e cauteloso. Sune parecia inteiramente descontraída, e continuou a falar, aparentemente sem reserva ou cálculo.

— Você não é a pessoa que criou aquele terrível cataclismo no Parlatório?

— Eu me chamo Jubal Droad. Sou um clarímio, tão elevado quanto os melhores de Wysrod.

Sune riu, um riso fácil e natural.

— Tinha esquecido o famoso orgulho clarímio. Muito bem, então: você não é Jubal Droad, o clarímio responsável pela queda de Ramus Ymph?

— Comuniquei um fato a Noa, o Héter. O fato causou o estrago.

Não sinto pena de Ramus Ymph; é um patife.

— Oh, espere! — Sune protestou. — Não é bem assim!

Ambicioso, picante, galanteador, invencível, talvez tudo isso. Até mesmo sem princípios. Mas não um patife.

— Chame-o do que quiser; ele e aquela amoniacada Mieltrude fazem francamente jus um ao outro.

— Oh, a ligação está rompida agora. O Nobilissimus não precisa mais da associação. Ramus Ymph estava desinteressado; suas sensações não estavam efetivamente empenhadas.

— Incompreensivelmente. Sune riu outra vez.

— Você realmente faz mau juízo de Mieltrude. Ela não é a estátua de gelo que gosta de aparentar. Com ela, tudo é um jogo. Creio que prefere o mundo da imaginação à vida habitual. Não é realmente gregária, você compreende.

— E quanto a você?

— Eu me sinto à vontade em todas as classes da sociedade. É

cansativo estar sempre afirmando a casta.

O coche, rolando então por um dos bulevares, diminuiu a marcha num cruzamento. Observando um pequeno café, Jubal falou:

— Talvez você queira descer aqui e tomar alguma coisa, como um copo de vinho?

Sune observou-o de esguelha. Um tanto lentamente, ela disse:

— Gosto de vinho verde. Eu me decidiria por um copo estimulante de Baratra.

Jubal fez o coche parar. Eles desceram e foram para o café. Sune escolheu uma mesa à sombra de um tabique com trepadeira e, para ocultar o rosto, puxou gravemente o capuz para cima.

Com displicente extravagância, Jubal ordenou um frasco do soberbo Baratra-Baratra, ao preço de um dia de salário. Sune bebericou e lançou um olhar pensativo pela avenida. Não encontrando assunto, disse Jubal:

— Então, Lady Mieltrude não vai mais desposar Ramus Ymph.

Ela está melancólica?

— Nunca se conhece Mieltrude. Ela guarda com grande habilidade seus pensamentos íntimos. Às vezes, eu a julgava indiferente para com Ramus Ymph, outras vezes ela se empenhava em ser afável. Talvez levasse todo o relacionamento em brincadeira, quem poderá dizer?

Nunca me confidenciou nada integralmente, isso é certo.

Jubal encheu-lhe novamente o copo.

— Alguma coisa muito estranha e assustadora aconteceu-me —

disse ele.

— Estou surpresa em ouvir um clarímio admitir ter tido medo.

Jubal arrancou um suspiro.

— Lembra-se do que aconteceu no Parlatório?

— É claro. Como poderia esquecer?

— Na noite seguinte, fui atacado por executores, com um mandado para meu tormento punitivo. O mandado estava assinado por Mieltrude e foi arbitrado ilicitamente. Noa, o Héter, não ouvirá minhas queixas, mas quero ir até o fundo da questão.

— Não há realmente qualquer mistério. Mieltrude está envolvida pelas circunstâncias. Após sua rejeição, Ramus Ymph encontrou Mieltrude e a mim no aparador do Parlatório. Mieltrude explicou sua interferência no caso e Ramus ficou furioso. Afirmou que você o caluniara com mentiras absurdas e que merecia pelo menos dez, ou melhor, vinte golpes de vara no traseiro nu. A idéia divertiu Mieltrude e ela declarou que tal tratamento podia desinflar sua "tola vaidade clarímia", conforme disse. Ramus Ymph falou: "Excelente, somos da mesma opinião. Vamos subir para o escritório jurídico e expedir um mandado. Você terá de assiná-lo, porque eu comprometeria minha respeitabilidade caso o fizesse". Mieltrude estava com um humor volúvel e agradou-lhe simular uma

irresponsabilidade fútil. Por isso limitou-se a rir e sacudir o cabelo. Quando Ramus Ymph apresentou o mandado, ela rabiscou o nome com extrema negligência. A história é essa. Você não deve censurar Mieltrude; ela estava só brincando.

— Sabe qual seria o efeito? Deviam me injetar um hiperestésico, embeber-me em *herndyche*, fazer-me sofrer treze fraturas de braços e pernas, depois me abandonar na praia entre a vida e a morte.

— E o que aconteceu? Você não está morto.

— Não. Tive sorte suficiente para conseguir derrotar os executores. Não graças a Ramus Ymph ou Mieltrude Héter.

Sune disse pensativamente:

— Ramus Ymph é cruel para com os inimigos. Contudo, com os amigos é mais que indulgente.

— Fala como se o aprovasse! Sune deu de ombros.

— Ele é um homem dinâmico e formoso. Mas vamos falar de outras coisas. Você está agora empregado pelo Nobilissimus? Em que posição?

— Vou empreender uma missão perigosa. Gostaria de discuti-la com você, mas fui advertido para me manter discreto.

— Empolgante! Então você se tornou um dos agentes secretos do D3!

— D3? Para o D3, eu trabalho como inspetor.

— Não precisa ser modesto. D3 é a agência secreta de inteligência.

Não vai trabalhar com Eyvant Dasduke? Que romântico! É um homem de sorte! Os agentes do D3 trabalham quando querem e tiram o salário em pacotes de cem *toldecks!*

— Ainda não avancei até esse nível. Tiro meu salário num único pacote muito leve de notas de um único *toldeck.*

— O Nobilissimus é notoriamente sovina. Tanto com os fundos públicos, quanto com seus próprios fundos. Mas nunca revele que eu contei isso a você!

— Nunca. Pode confiar em mim... para qualquer coisa.

Sune bebeu metade do copo e pousou-o sobre a mesa.

— Tenho de ir. Por favor, chame um coche.

— Vou acompanhá-la até sua casa.

Sune tocou-lhe a mão com os dedos; vibrações nervosas correram pelo braço de Jubal.

— Lembre-se de que sou uma Mircea. Meu pai ficaria irritado se me visse com uma pessoa como você.

— E o seu ponto de vista? Você está constrangida porque sou um clarímio?

Sune pensou por um momento.

— Deixe-me ser franca. Aqui, eu não estou constrangida. Gosto de sua companhia. Eu o considero um homem notável, e não é sua culpa se você nasceu em Clarim. Mas em outros lugares, com minha família e amigos, não sou suficientemente forte para enfrentar a pressão.

— Então, posso vê-la de novo?

— Sim. Mas devemos ser discretos.

Jubal inclinou-se para a frente, pegou-lhe as duas mãos entre as suas.

— Posso me atrever a esperar que você pense favoravelmente a meu respeito?

Gentilmente, Sune desprendeu o aperto das mãos dele.

— Olhe ali um coche! Mande que encoste no meio-fio.

Jubal fez sinal para o coche e com o coração aos pulos ajudou-a a subir na cabina. Ela lhe deu a mão.

— Boa noite, Jubal Droad.

— Quando vou vê-la outra vez?

— Telefone para minha casa. Anuncie-se como Aladar Szantho. E

não diga a ninguém que somos amigos ou tudo irá por água abaixo.

— Farei como está dizendo.

O coche partiu subindo o bulevar. A lâmpada de trás diminuiu e desapareceu. Jubal virou-se e saiu andando pelo bulevar para seu quarto.

Jogou o pacote sobre a cama. Dois mil *toldecks.* Agora ele podia se dar ao luxo de um apartamento respeitável e um endereço decente.

Podia usar roupas de acordo com o estilo Wysrod. Podia comprar Baratra-Baratra e bombons Dravny; podia acompanhar Sune Mircea para onde e como ela preferisse, e talvez Sune superasse o fato de que ela era *setrevant,* e ele, clarímio.

Capítulo 9

De manhã, precisamente à hora combinada, Jubal chegou à Casa Héter. A porta abriu-se deslizando; Flanish ficou) na passagem.

— As ordens são definitivas — disse Flanish. — Pedem-lhe para utilizar a entrada lateral informal, que o senhor encontrará virando à direita.

Jubal respondeu com um lacônico sinal de cabeça. Fez uma anotação numa tira de papel e deu-a a Flanish..

— Quando o Nobilissimus quiser ver-me pode chamar-me neste endereço.

Virou-se e afastou-se a passos largos para a rua. Um minuto mais tarde, um lacaio foi correndo atrás dele.

— O Nobilissimus deseja vê-lo neste momento. ' Jubal voltou para a casa e atravessou a porta da frente,

onde Flanish permanecia com olhos prevenidos. Noa, o Héter, esperava no

vestíbulo.

— Com todos os diabos, Jubal Droad, essas brincadeiras devem acabar! Não tenho nem tempo, nem paciência para me submeter aos seus caprichos. De uma vez por todas, você deve aceitar as realidades da vida aqui em Wysrod, e agir como a etiqueta requer que você aja.

— Positivamente o contrário; é o senhor quem deve tratar comigo, um nobre clarímio, sobre a base que minha casta determina. De outro modo, não haverá entendimentos.

— Muito bem — disse friamente Noa, o Héter. — Será como você quer. O assunto é realmente banal. Venha.

Ele levou Jubal para a biblioteca e indicou-lhe uma cadeira.

— Ouça com atenção. Eu repetirei, se necessário, mas você deve aprender a assimilar informações instantaneamente. Você vai para um mundo gaeano chamado Eiselbar, no lado oposto da Cova, na constelação Quincunx. A informação que temos a respeito de Eiselbar é escassa. Conhecemos pouco dos outros mundos; somos ignorantes até mesmo acerca de Skay. O Veio de Zangwill é um mistério absoluto. No tempo devido, proporei que se corrija essa falha; este é um dos nossos programas futuros. Uma unidade da Marinha Espacial vai transportá-lo agora para a Junção de Frinsse, no Mundo de Bossom. O navio semanal o levará para Kyash, em Eiselbar. Você conduzirá lingotes de paládio, que são convertíveis em moeda corrente gaeana. Seus documentos o identificam como Neval Tibit, turista do planeta Phrist. Eiselbar está acostumado a viajantes, ninguém questionará sua identidade. Contudo, você será instruído a respeito de Phrist com nossas melhores informações. Em Kyash, dará início a suas investigações. Os eisels são um povo idiossincrásico, com costumes bem diferentes dos nossos. Você deve adaptar-se a esses costumes. Nada pode haver de sua habitual tagarelice sobre linhagem nobre. Para variar, você deve adaptar-se aos hábitos locais. É capaz de fazê-lo?

— Se necessário.

— É necessário. Você tem de ser mais que sutil. Se Ramus Ymph ficar alarmado, perderemos nossa vantagem. Sob circunstância alguma deve chamar a atenção. Prefira abandonar uma linha de investigação a expor-se. Está claro?

— Inteiramente.

— Creio que já lhe falei de certos fatos inexplicáveis, que consideramos não somente misteriosos, mas alarmantes. Estamos, é claro, envolvidos em operações de contrabinadaria; na verdade, no mês passado, perdemos três de nossos melhores inspetores.

Noa, o Héter, mostrou a Jubal um sorriso perverso.

— Por causa disso, você foi selecionado para a missão em Eiselbar. Nada mais direi sobre o assunto; quero apenas assinalar que Ramus Ymph pode estar ou não envolvido nessas estranhas ocorrências, de modo que tudo o que você possa saber será útil. O que sabemos de Eiselbar é o seguinte: trata-se de um mundo um tanto maior que Masque. Entram turistas em grande número; o turismo, como indústria, está bem desenvolvido. Os eisels são gregários e também fortemente egocêntricos. A sinceridade nem é esperada, nem sua ausência é notada. A sociedade é igualitária. Os eisels dão enorme importância a uma distribuição equilibrada de deveres. Tudo tem um valor específico; nada é livre. Uma criança nascida numa família eisel incorre num débito de nascimento que deve, por fim, ser pago aos pais. Os bastardos consideram-se afortunados; eles não ficam endividados com o débito de nascimento. A criança fujona, que declara ser um bastardo para se livrar do débito de nascimento, é muito comum. Quando maduro, o filho tem de manter os pais em caso de necessidade. Contudo, se os pais são doentes, senis ou simplesmente excessivos como encargo financeiro, o filho ou a filha podem submetê-los à eutanásia. Por essa razão, a segurança financeira é uma consideração primordial entre todas as classes de pessoas. A economia baseia-se no turismo e na exportação de produtos químicos.

Lodos movediços habitam as areias de superfície. As estradas e o caminhos de Eiselbar elevam-se sobre o solo para evitar os lodos, muitos dos quais são venenosos e selvagens. Os lodos fazem uso de um metabolismo pouco ortodoxo e sintetizam compostos considerados impossíveis pelos químicos ortodoxos. Algumas dessas substâncias atuam como catalisadores de notável eficácia, obtendo preços muito altos. A linguagem é o gaeano padrão. Você se submeterá a uma série de exercícios destinados a suprimir seu sotaque fantário, embora em Eiselbar não se dê particular atenção ao sotaque. Como turista, será tratado com grande cortesia, a menos que roube. O roubo é considerado um crime hediondo, já que a propriedade representa uma considerável proporção do esforço da vida de um homem: *ergo*, sua força vital. Propriedade é vida; em Eiselbar não roube,

Jubal Droad.

— Jamais em minha vida roubei sequer um alfinete!

— Logo que cumprir os termos de sua missão, volte para Frinsse, onde um certo sinal convocará seu transporte para casa.

— Entendi suas exigências — disse Jubal. — Em essência, tenho de descobrir tudo o que puder sobre as atividades de Ramus Ymph, sem atrair atenção sobre mim.

— Exatamente.

Noa, o Héter, pôs um cartão sobre a mesa.

— Vá a este endereço, onde providenciarão seu guarda-roupa.

Devo lembrar que Eiselbar é um mundo barulhento. O som é considerado um complemento indispensável da vida. Todos usam um instrumento produtor de som, pelo qual controlam sua ambientação emocional. Alguns dos eisels utilizam impulsos psicocinéticos, outros treinam certos músculos para que o som, ou música, se você prefere, responda quase inconscientemente às suas exigências. Como turista, você produzirá apenas uma série de temas padrão, que selecionará manualmente. Sexualmente, os eisels são descontraídos.

Acompanhantes para turistas estão livremente disponíveis a preços convenientes. Dizem que a comida é excelente e as acomodações, confortáveis.

— Eiselbar parece um sonho de sibarita — disse Jubal.

— É também muito caro — disse Noa, o Héter. — Os eisels contam com um bom retorno em seus investimentos e ninguém trabalha barato. Você será o mais estritamente econômico possível e manterá um livro com suas despesas. O *svu* gaeano é aproximadamente igual ao *toldeck* em valor de compra, de modo que você pode avaliar adequadamente os gastos. Tem alguma pergunta?

— No momento, não.

— Então, isto é tudo por ora. Outras instruções surgirão em breve.

Jubal e Sune Mircea lancharam no jardim sombrio e retirado de uma estalagem campestre, vinte milhas a leste de Wysrod. Sune usava uma toga verde-clara e uma fita da mesma cor prendendo o cabelo negro. Jubal estava encantado pelo efeito.

— Você parece Azolais do Reino da Fantasia ou uma dríade da Floresta Mágica!

— Por favor, não me compare a uma dríade — disse Sune. —

Lembro-me sempre dos fôntones e de seus hábitos doentios.

— Quando ficar rico, comprarei um bonito falucho e navegaremos pelas ilhas Afortunadas e pelo mar Violeta. Podemos penetrar em Fônton e descobrir a verdade sobre as dríades fôntones.

— Não, eu nunca iria a Fônton. Ouvi coisas incríveis das três doutrinas e dos três cultos. Dizem que eles estão mais Irredimíveis do que nunca.

— Mas você vai navegar comigo para as ilhas Afortunadas?

— Se eu dissesse não — Sune sorriu —, você ficaria de cara feia.

Se dissesse sim, você suporia temerariamente uma centena de impossibilidades. Então, que devo dizer?

— Não vou tolerar a palavra "impossível". Sune lançou um olhar pelo jardim.

— Infelizmente, a palavra existe. Você não deve esperar nada de mim. A imprudência maior que cometo é encontrá-lo aqui.

— Então, por que o faz?

Sune fez uma careta maliciosa.

— Você nunca devia perguntar essas coisas. Mas aceite o fato.

Todo esforço é tão inútil!

— Onde estão as dificuldades? Elas só existem na sua cabeça!

Podem ser derrotadas!

Sune balançou a cabeça, a expressão ansiosa e melancólica. Jubal circundou a mesa e sentou-se perto dela.

— Olhe para mim.

Sune obedeceu, pálpebras longas disfarçando-lhe os olhos. Jubal implorou numa voz baixa e ardente:

— Diga que tem pelo menos uma vibração de simpatia por mim!

Sune afastou-se.

— Não deve fazer tais exigências! Você não sente a > minha posição?

— Minhas sensações são por você. Estou extasiado, pegando fogo de desejo!

Pôs-lhe o braço em volta dos ombros e curvou-se para beijá-la. Ela distanciou-se, depois olhou travessamente para trás. Jubal beijou-a, ela consentiu, mas, ao tentar um abraço mais caloroso, Sune recolheu-se para o canto do banco.

— Jubal Droad, de bom grado você nos levaria para regiões das quais não podemos retornar.

— Por que devíamos querer retornar?

— Considere os fatos! Sou Sune, da parentela Mircea e da velha casta *setrevant.* Aqui, em Wysrod, seu *status é* desconhecido. Você está empregado como agente secreto, uma vida extremamente insegura. Agora mesmo vai partir para uma missão distante e perigosa.

Posso nunca mais tornar a vê-lo!

— Creio que Mieltrude delineou cada detalhe de minha missão —

rosnou Jubal.

— Naturalmente. Somos confidentes.

— E você contou-lhe que está se encontrando comigo?

Sune balançou a cabeça. \

— Ela nunca compreenderia. Receio que Mieltrude seja uma criatura de conceitos rígidos.

— Ela ainda sente alguma coisa por Ramus Ymph?

— Acho que nem mesmo pensa nele. Ele foi para seu presbitério nos charcos de Athander. Há semanas que ninguém o tem visto.

— É como um lobo num covil: senta-se em sua poltrona arreganhando os dentes e planejando novas abominações.

Sune riu divertida.

— Pobre Ramus; você não devia falar dele assim! No fundo do coração, é um rapaz delicioso, pulsando com sonhos românticos.

— Ele é um rapaz delicioso, extravasando-se com impulsos depravados e crueldades infantis. Ele e Mieltrude formam um ótimo par. Posso ouvi-los tramando no Parlatório. "Oh, Ramus" — Jubal falou em falsete —, "estou desolada com sua derrota! O nobre clarímio desvendou certas verdades sobre você!" "O irresponsável vilão!" — continuou Jubal, com uma voz rouca e retumbante — "Vou puni-lo!" "Oh, faça isso, Ramus! Não gosto de seu estilo de cabelo! E

ele atirou um olhar lascivo a Sune e não a mim. Ele merece um bom banho em *herndyche* e vinte ossos quebrados. Isso o ensinará a não ofender favorecidos da sociedade, como nós." "Suas fantasias são fascinantes, meu bem! Posso propor um tratamento que a divertirá.

Primeiro, despertamos os nervos dele com *hiperas*, e ele sentirá cada tormento dez vezes dobrado." "Oh, Ramus, que idéia deliciosa. Deixe que eu assine o mandado!"

Arreganhando os dentes, Jubal olhou para Sune.

— E foi assim que as coisas se passaram. Estou certo?

— Não exatamente — disse Sune.

Jubal não pôde concluir se ela estava vexada ou divertida.

— Mas quase assim? Sune encolheu os ombros.

— O episódio está completo e encerrado.

— Você subestima a extensão de uma memória clarímia.

Sune olhou-o perplexa.

— Você é tão instável quanto uma borboleta. Num instante declara seu fervor com relação a mim, no seguinte, treme de raiva contra o pobre Ramus. Realmente, isso não é agradável.

— Minhas desculpas! Estou pensando só em você.

— Contudo, está ansioso para aventurar-se até as lonjuras da Grande Cova, numa gloriosa aventura, sem pensar nos que ficam.

Mieltrude era singularmente indiscreta, ponderou Jubal.

— Suponho que você conheça perfeitamente meu destino ...

Sune fez gravemente que sim com a cabeça.

— Fui informada de que os eisels são um povo intemperado e que as garotas faltam ao decoro. Você se surpreende agora com minha prudência? Você se relacionará com criaturas descaradas, com peitos enormes e nádegas espalhafatosas. Estarei longe de seu pensamento enquanto tais criaturas o adestrarem numa dúzia de exercícios vulgares.

— Acredite-me — clamou Jubal. — Nenhuma intenção desse tipo passou por minha cabeça! Estou cativado por uma só pessoa! Preciso mencionar-lhe o nome?

— Por favor, não se incomode. Creio que sua missão é secreta, até mesmo para mim, mas, pelo menos, tenho direito a saber se você estará em perigo.

— Não, ou pelo menos espero que não. Vou apenas colher informações.

— Em que Eiselbar nos interessa? Fica no outro lado da Grande Cova!

— Bem... Tenho de investigar as atividades de certas pessoas que podem estar

trabalhando contra nós.

— Acho difícil de acreditar. Quem nos ameaçaria de Eiselbar, assim tão longe?

Jubal olhou carrancudo para o céu.

— Não pretendo discutir o assunto. Contudo, já que você parece estar a par da maioria dos fatos...

Ele hesitou.

— Eu não estou interessada — disse Sune.

Ela deslizou pelo banco e inclinou o rosto para Jubal.

— Você não é obrigado a contar-me seus segredos. Lentamente, Jubal curvou a cabeça. De início, Sune não recuou, mas após um momento escapou do abraço. Ela deu uma olhada pelo jardim e proferiu uma exclamação alarmada. Jubal, seguindo-lhe o olhar, viu um grupo de seis pessoas sentadas numa mesa.

— Eles não devem me ver! — Sune arfou. — Minha capa, oh, onde está minha capa?

Jubal passou-lhe o traje; ela atirou o capuz sobre a cabeça.

— Enquanto estiverem pedindo as bebidas temos de ir — disse Sune. — É o Nobre Teviat, Lady Nanou e a volúvel Lady Dimmis; não devem me ver aqui, com você... Agora! Vamos agora. Rápido!

Ande entre mim e o grupo.

Atingiram a estrada sem nenhum reconhecimento excitante. Um tanto casmurro, Jubal escoltou Sune até o coche.

— Manter-se incógnita tem realmente essa importância toda para você? Não deprecia ninguém ser visto comigo.

— Sim, eu sei — disse Sune, com a voz cansada. — Você é Jubal Droad, um nobre clarímio. Lady Dimmis, no entanto, pode não fazer a associação. Temos de ser cautelosos.

Jubal não disse nada. Rodaram de volta a Wysrod, um silêncio pesado entre eles.

Por fim, Sune tentou consertar as coisas. Esticou-se no assento e tocou a mão de Jubal.

— Por favor, não fique aborrecido. Eu simplesmente não posso me dar ao luxo de deixar o mundo cair aos trambolhões sobre minha cabeça.

Jubal arrancou um suspiro.

— Eu não posso mais... Tenho de pesar as coisas com muito cuidado.

Sune sacudiu a cabeça.

— Se você está tendo segundas intenções, é evidente que suas primeiras observações não foram sinceras.

— Isso não tem lógica — disse Jubal. — Mas de outro modo eu concordo com você.

— Que "outro modo" é esse?

— Como estou prestes a partir, não devia deixar-lhe meu endereço.

— Você é absolutamente incompreensível! Primeiro, você sopra quente, depois frio!

O coche dobrou na Avenida do Tronco Vergante e parou perto da alta e velha mansão dos Mircea. Jubal saltou e ajudou Sune a descer.

Sem palavras, ela puxou a capa sobre si e afastou-se rapidamente pela avenida. Jubal permaneceu ao lado do coche, contemplando a forma delgada distanciar-se. Ela atravessou o portal. Jubal viu o brilho pálido de seu rosto quando ela olhou para trás; depois, Sune desapareceu.

Capítulo 10

A nave *Hizbah*, da Linha Periférica, flutuava no espaço a meio milhão de milhas de Eiselbar, esperando a abertura do espaçoporto de Kyash. Jubal Droad passeava no convés, constrangido em suas roupas eisel: calça branca cintilante

com tiras negras se agitando, uma jaqueta amarela apertada nos ombros e com forma de sino nos quadris, chinelos escarlates e um brilhante *katch* [18] verde. No alto pendia Bhutra, a estrela gigante e amarela. O vidro fotosseletivo enegrecia o disco de Bhutra e moderava o fulgor da coroa. Era fácil ver ressaltos gigantescos, línguas rodopiantes de chama amarela jorrando para fora da superfície.

Recebendo autorização de pouso, a *Hizbah* deslocou-se para Kyash e dali a pouco aterrou.

A atmosfera já fora ajustada havia bastante tempo na nave. Os passageiros saíram em fila, atravessaram a inspeção médica, passaram pelo registro de visitantes, e saíram na grande sala de espera.

Jubal parou e examinou os arredores. O senso de extraterritorialidade era forte. Pela cor da luz, pelo cheiro do ar, por uma dúzia de sensações subconscientes, ele entendeu que estava pisando a superfície de um planeta estranho.

Permaneceu sob uma cúpula cônica e chata, formada pela alternância de segmentos de vidro verde e alaranjado [19:] a sala de espera vibrava com uma luz vigorosa. Homens e mulheres de muitas raças tratavam de seus assuntos nos balcões, chegavam, partiam, encontravam amigos, familiares ou parceiros comerciais, conversavam em pequenos grupos ou simplesmente se mantinham sentados, 18 Chapéu masculino eisel: um chapéu sem aba, de fazenda pregueada, comumente usado numa angulação esmerada.

19 Sendo intensa a luz de Bhutra, os eisels vivem debaixo de sombras e abrigos, freqüentemente painéis de vidro monocromático. Através dos séculos, eles desenvolveram uma sensibilidade para combinações — acordes, por assim dizer — de luz monocromática. O

eisel perspicaz pode sentir combinações visuais na mesma medida em que um ouvido musical treinado é sensível aos componentes dos acordes

esperando. Faziam uso de uma grande variedade de posturas e atitudes desconhecidas, que Jubal achava fascinantes. O ar pulsava de sons, vozes estridentes e guturais, o arrastar de pés e o roçar das roupas, a batida, a lamúria e o zumbido de mil músicas sobrepostas pelos aparelhos portáteis nos ombros de cada eisel presente.

Sobre um portal, caracteres adornados de vermelho e amarelo formavam um aviso: "Centro de Recepção Turística". Jubal cruzou a sala de espera, atravessou o portal e entrou numa câmara espaçosa, sob uma segunda cúpula de vidro verde e alaranjado. Na periferia, um anel de balcões exibia mercadorias decorativas, roupas e *souvenirs.* De um balcão circular, no centro, uma dúzia de funcionários prestava informações.

Quando Jubal se aproximou, uma jovem adiantou-se vivamente para oferecer seus préstimos. Assemelhava-se, num grau impressionante, àquela versão da feminilidade eisel que Sune Mircea definira: criatura alta, de seios grandes, com grandes massas de anéis bronzeados de cabelo, presos por ornamentos de jaspe trabalhado. O

vermelhão da blusa de cetim era enfeitado com borlas de seda cor-derosa; calças justas amarelo-pálidas estourando em volta dos quadris.

Sua "música pessoal 20" trinava e soava como foles: uma melodia fraca e alegre, reforçada por um timbre dissonante. Ela sorriu com efusiva cordialidade, mostrando dentes brancos e grandes.

— Em que posso servi-lo, *husler 21?*

— Talvez me possa indicar um hotel confortável.

— Não podemos sugerir hotéis específicos. Contudo — ela apresentou um folheto —, aqui está uma lista de acomodações por categoria. Pode estar certo de que aquelas marcadas com cinco 20 Tradução claudicante e inadequada do termo "chotz": música de que o eisel se cerca, de modo a projetar seu humor ou apresentar uma versão ideal de sua personalidade. É

interessante notar que os eisels não têm interesse na composição ou interpretação da música; raramente cantam ou assobiam, embora eventualmente batuquem com os dedos ou batam os pés numa reação reflexa ao ritmo. A habilidade de tocar um instrumento musical é tão rara a ponto de ser considerada uma excentricidade. A "música pessoal" é produzida por um engenhoso mecanismo programado não por músicos, mas por musicólogos 21 Honorífico apelativo, aplicado a todas as pessoas. Faltam à sociedade eisel distinções formais de casta, existindo o status essencialmente em função da riqueza sorrisos dourados são de qualidade excepcional.

Jubal deu uma olhada pela lista.

— Estou procurando um amigo que chegou há uma ou duas semanas. Como poderia encontrá-lo?

— Quanto a isso, *husler,* não posso ajudá-lo. Recebemos milhares de visitantes, e nos empenhamos em não perturbá-los de modo algum.

Por isso, não podemos absolutamente acompanhar seus assuntos individualmente. Seria, afinal, um tributo excessivo para o turista, não? Em Kyash, cada um persegue o estilo que mais lhe agrada, sem constrição e lengalenga.

— Tudo muito bem — disse Jubal —, mas eu ainda gostaria de encontrar meu amigo.

— Por que não indaga das Relações Mútuas ou recorre a seus expedientes habituais? Mais cedo ou mais tarde, o senhor o encontrará; Kyash é uma cidade feliz e amigável. Se precisar de uma companhia do mesmo gênero — deu outro folheto a Jubal —, aqui estão as fotos de pessoas disponíveis para as funções a uma taxa de dez *svu per diem.*

— Obrigado.

Jubal virou-se para ir embora.

— Um momento, *husler!* Outra coisa extremamente importante...

Tenho o prazer de presenteá-lo com seu adjunto musical. Vou fixá-lo em seu ombro. Este é o seletor, que lhe oferece um sortimento de temas cuidadosamente projetados, incluindo *Semblante altivo, Jovialidade, Sonhos meditativos, Canto da cotovia, Receptividade a idéias desconhecidas, Orgulhosa asserção, Fantasia e capricho original, Em busca do amor, Verve e vivacidade, Condolências, A glória da beleza,* e outros. Este pino proporciona o ajuste para

"manhã", "tarde", "noite", "madrugada"; este para "solidão", "bons companheiros", "proximidades eróticas" e "multidões". Se está interessado em musicologia teórica, pode ler este pequeno folheto.

Enquanto a funcionária falava, seu *chotz,* ou "música pessoal", alterou-se para

uma tilintante série de acordes, espaçados a intervalos rigorosamente lógicos, para enfatizar a pontualidade das observações.

Jubal deu uma olhada no folheto musicológico, depois examinou a lista de hotéis.

— O hotel preferido, este com sete sorrisos, parece ser o Gandolfo.

— Exato. E absolutamente luxuoso.

— E caro.

— As duas qualidades estão inevitavelmente associadas.

— Ao menos aí procurarei meu amigo.

— Ele parece ser uma pessoa de gosto distinto. Ela apertou um botão.

— Há uma viatura aqui pertinho, *husler.* Se quiser ser tão gentil a ponto de andar até a porta...

Um pequeno veículo esperava sob um pórtico, marcado com um sol irradiante de tom arroxeado e dourado, resplandecente: o emblema do Hotel Gandolfo. Um porteiro acompanhou a entrada de Jubal.

— Já a encontrará no hotel, Husler Tibit.

A viatura deslizava suavemente, com Jubal um tanto confuso. Se tudo era tão descontraído e improvisado, como o porteiro soubera de seu nome?

O veículo derivou pela Avenida das Amplitudes, um domo de vidro fotosseletivo protegendo Jubal do brilho solar. Palmeiras guarda-sóis, gigantescas ervas encrespadas, zagazigues azul-claros, brancas árvores eriçadas. As árvores estendiam-se ao lado da estrada e lançavam uma sombra que, por reação óptica ao fulgor amarelo de Bhutra, parecia quase azul-escura. A viatura penetrou nos jardins do Hotel Gandolfo: uma construção de cinco domos e cinco *shdavis* 22 ,

cada um brasonado com o emblema dourado e roxo do Gandolfo.

A viatura parou sob um dos domos. O porteiro, precipitando-se à frente,

acompanhou Jubal na descida. Com um sorriso gentil, ligou a 22 Torre que faz um globo residencial manter-se elevado no ar, de construção semelhante ao caule e esporângio do mirófodo indígena (e talvez moldada de acordo).

caixa de música de Jubal, manejando com agilidade botões e pinos; *Semblante altivo*, "tarde", "solidão" impregnaram os arredores de Jubal.

— Obrigado — disse Jubal.

— Foi um prazer, Husler Tibit! Gostaria de seguir por este caminho?

Ele conduziu Jubal por um caminho de vidro em relevo. Embaixo, na aridez da areia, quatro dos famosos Iodos eisels ondularam e dispararam: extravagantes criaturas matizadas de negro e amarelo.

Jubal deteve-se para olhar.

— Esses Iodos são perigosos?

— Perigosos, *husler?* Bem, na verdade não. Eles só dão ferroadas.

— Só ferroadas? Ouvi dizer que são mortalmente venenosos.

— Boatos alarmantes, *husler.* Os turistas devem manter-se nos passeios, a menos que estejam usando botas de areia. Assim, nunca há problema.

— E se eu andasse na areia sem botas?

— Bem, alguns dos Iodos reconhecidamente têm má reputação.

Mas por que se preocupa? Simplesmente conserve-se nos caminhos!

— Suponha que eu caia e um dos Iodos maus me dê uma ferroada.

O que acontece?

— Sem dúvida, o senhor ficaria numa situação um pouco incômoda. Contudo, não me cabe prognosticar, pois não sou médico, nem empresário de pompas fúnebres.

— Em outras palavras, eu morreria?

— Bem, talvez. É esse o mórbido rumor; entretanto, nunca deixamos que ele interfira no prazer de nossos hóspedes, que dificilmente são do tipo de tentar algum truque vertiginoso, colmo andar em caminhos estreitos quando bêbados.

Jubal entrou no saguão de recepção, onde foi saudado e instado a escolher sua acomodação.

— Que vai preferir, senhor? A grande suíte? Uma suíte comum?

Talvez um simples quarto de dormir com banheiro e jardim anexos?

Lembrando as recomendações de Noa, o Héter, Jubal pediu o quarto simples. Passando negligentemente os folhetos fornecidos pelo Centro Turístico de uma para outra mão, deixou cair uma foto sobre o balcão.

— É meu amigo, Husler Aldo — disse ao empregado. — Está hospedado aqui, creio. Ou já terá partido?

— Husler Aldo não está entre nossos hóspedes, Husler Tibit.

— Evidentemente, Aldo é seu nome pessoal — Jubal apressou-se a dizer. — Provavelmente está usando seu nome de clã aqui. Um homem de excelente figura, não concorda?

— Naturalmente! — o *chotz* do empregado cadenciou num arpejo enjoativo. — Mas não estou reconhecendo o cavalheiro. Talvez ele tenha escolhido outro hotel.

— Para azar dele.

— Perfeitamente.

Jubal subiu num elevador para seu quarto no *shdavi* norte, onde de imediato desligou a caixa de música. Tomou banho; em seguida, após consultar o cardápio que surgiu no vídeo da parede com fotos ilustrativas, selecionou uma refeição cujo preço, convertido em *toldecks,* representava metade de seu salário semanal em Wysrod.

A refeição foi servida em seu jardim-sacada, sob uma tela de vidro cinzento metafótico, através do qual Bhutra surgia com anéis concêntricos de vermelho,

verde-claro, amarelo-claro e azul-cobre penetrante. Folhagens de traçado negro enquadravam sua visão da cidade: ruas elevadas, *shdavis* alcançando duzentos pés de altura e, à distância, os montes Ririjin, cobertos de neve, brilhando como uma miragem.

Jubal jantou faustosamente e sem sentimentos de culpa: aperitivos e um copo de vinho claro e turvo, gelado, ácido e ardendo na língua; uma salada de ervas delicadas; fios de massa perfumada e carne em pequenas tiras incrustadas de pimenta; um espetinho de uma pequena ave grelhada, escaldante e crepitando sobre uma fatia de torta de cereal, com uma guarnição de pedaços de melão ácido; um *parfait* com glacês nos sabores de cinco frutas. Nunca Jubal jantara tão gostosamente, e os confortos de seu aposento teriam agradado ao mais exigente sibarita de Wysrod. O interesse de Sune com respeito ao perigo da missão parecia, no momento, sem justificativa. Bom, então, e Ramus Ymph? Nenhum método fácil de localizá-lo acudia-lhe ao espírito. Dificilmente poderia ir de hotel em hotel exibindo a fotografia. Além disso, no hotel em que Ramus Ymph efetivamente residisse, o empregado da recepção o notificaria de que um "amigo"

queria vê-lo, e ia haver o diabo. Muito bem! Alguma dedução, então!

Evidentemente, Ramus Ymph não viera como turista, mas com um objetivo definido em mente. Não seria necessariamente encontrado em lugares freqüentados por turistas. Era mais provável achá-lo na companhia de pessoas importantes. Em Kyash, tais pessoas eram os grandes empresários.

Ou talvez não houvesse mais que um ponto de encontro conveniente em Eiselbar, onde Ramus Ymph pudesse tratar de assuntos com pessoas de um dos mundos distantes.

Se fosse esse o caso, um hotel ainda seria o lugar mais lógico para procurá-lo.

A fonte mais imediata de informação era o Centro de Recepção Turística. A funcionária, contudo, desencorajara suas indagações. Sem dúvida, eles controlavam agências para descobrir qualquer informação que pudesse interessar-lhes... Jubal examinou brochuras e folhetos exaltando locais de interesse turístico. Leu sobre o Pavilhão Ririjin, empoleirado num rochedo a vinte mil pés, e com uma vista que alcançava centenas de milhas de neve, gelo, nuvens açoitadas pelo vento, cristas afiadas como facas. Do Pavilhão Ririjin, um

tobogã monumental descia por uma extensão de vinte milhas até o Sítio das Terras Francas, na base da escarpa de Ririjin.

De início, o caminho atravessava um leito de rolamento até a montanha da Geleira Sagrada, depois descia a geleira para o Chacinado, onde a neve se tornava insegura e fora construído um viaduto com piso artificial; prosseguia pela fenda do rio Ushdikar e por uma série de vertiginosas estradas em ziguezague, com passagens pela fachada da escarpa Protubular. A brochura descrevia três categorias de tobogãs: o luxo, o especial e o conforto maior, este último fechado, equipado com ar-condicionado e bar, um ecônomo e um entretenimento cinemático. Todas as categorias de tobogã eram eletronicamente monitoradas e controladas, e todas proporcionavam música ininterrupta, de uma natureza cuidadosamente selecionada para aumentar o prazer do aventureiro.

Outro folheto descrevia a Coroa do Padre, um sistema de lagos no Grande Deserto Salgado, duas mil milhas a oeste de Kyash. Os lagos, numa região com elevada presença de minerais, tinham ficado, num primeiro caso, saturados de sais de cobre que tingiam a água de um azul límpido; no segundo caso, a saturação se dera com vanádio, sulfetos de selênio e complexo de sulfossilicatos, para produzir uma solução rubra semelhante a sangue diluído. O terceiro lago, graças à perícia dos engenheiros químicos eisels, tinha sido tingido de verde-musgo, para completar o ciclo das cores. Os visitantes podiam observar os lagos em confortáveis carros-torpedos de vidro que, guiados em segurança por um trilho, transportavam os turistas através de bancos de cristais gigantes, passando por cavernas especialmente iluminadas para produzir efeito impressionante, tudo acompanhado de um comentário contínuo com fundo musical. "Para um *grand finde",* dizia a brochura, "as Dezenove Ninfas Travessas executam seu inigualável bale aquático, provocador de sorrisos, aos acordes da jamais esquecível Música Líquida (realmente transmitida através da água), com fascinantes efeitos especiais. Refrescos estão disponíveis em todos os carros."

Jubal leu sobre os Jardins do Paraíso, erigidos acima do deserto sobre palafitas de vidro, onde "o turista maravilhado, enquanto passeia em segurança por veredas elevadas, avistará não menos que duzentas mil curiosidades botânicas ou quase-botânicas, importadas de inúmeros mundos distantes. Quando um tanto exausto, o turista ficará ansioso por tomar bebidas refrescantes no Pavilhão do Deleite, onde refeições soberbas são servidas por nossas charmosas Flores da Graça, que também executam divertidas pantomimas. Através de vidraças, o visitante pode contemplar na areia as momices dos lodos-palhaços locais, assim

como as pedras-tigres de rapina e os sinuosos contorcionistas".

Outro folheto descrevia as plantas de lodo-beneficiamento.

"Nossos desertos produzem uma inesgotável variedade dessas criaturas estranhas, para as quais usamos a qualificação genérica de

'Iodos'. Estudiosos apaixonados do assunto estão bem conscientes de que tais Iodos apresentam diferenças notáveis. O que possuem em comum é o metabolismo extremamente insólito, que funciona por meio de sistemas demasiado complicados para serem aqui discutidos, sistemas que, em muitos casos, ainda não são inteiramente compreendidos.

"Os turistas são conduzidos alegremente, através da planta de beneficiamento, por guias afáveis que desenvolveram um agradável e singular método de decantar as descrições do processo técnico em tons melodiosos, que tornam todos os conceitos o mais interessantes possível.

"Por fim, os turistas são regalados com uma demonstração dos efeitos das estranhas e maravilhosas substâncias químicas obtidas de nossos fabulosos indígenas."

Jubal leu sobre as cavernas Vertigat, pelas quais as caravanas turísticas eram transportadas em "vagões troglodita", com uma música especialmente sintetizada para a ocasião. Ficou a par da tundra Haruga e da Taverna das Tormentas, no extremo norte, bem como do Grande Oceano Salgado, com suas ilhas flutuantes (impulsionadas por jatos submarinos para as mais pitorescas localizações), e seus confortáveis "covis de piratas", com ar condicionado.

Jubal pôs as brochuras de lado. Viera Ramus Ymph a Eiselbar para desfrutar a série de delícias turísticas?

Caso contrário, por que viera?

Bhutra caiu por trás do horizonte ocidental. O céu resplandecia com um pôr-do-sol fulgurantemente dourado e alaranjado. Jubal foi para seu aposento, e como por milagre surgiu um homem de traje branco, retinindo com um *chotz* jovial.

— Husler Tibit está disposto a sair para um passeio noturno? Devo untar sua cabeça com bálsamo emoliente e frisar-lhe o cabelo no popular estilo

"dionisíaco"? Ou devo preparar o *husler* com uma cabeleira postiça adequada, para que ele possa mostrar-se com munificência de ricos anéis de cabelo?

— Obrigado — disse Jubal. — Meu atual cabelo é suficiente para minhas necessidades.

— Conchas de orelhas? Pastilhas para a respiração do *husler?*

— Não, obrigado.

O homem de traje branco partiu. Surgiu em seu lugar uma jovem com calças de seda amarela lustrosa e um reduzido corpete xadrez.

— O *husler* está fatigado. Sugiro-lhe uma massagem para deixar seus músculos em forma.

— Não, obrigado.

— Ah! O quarto está calado e desalentado; permita-me trazer música ao *husler.*

Ela se encaminhou para um equipamento de câmara e o aposento reverberou com o som.

— Obrigado — disse Jubal. — Contudo, eu estou de saída!

— Se o *husler* deseja o acompanhamento de uma jovem charmosa só precisa apertar o botão branco.

— Estou vendo. E para que serve este botão negro, e o vermelho, e o botão verde?

— As instruções estão contidas naquele manual ali.

— Terei isso em mente.

Quando Jubal deixava o hotel, um porteiro adiantou-se.

— O *husler* esqueceu o *chotz!*

Ele puxou o mostrador da caixa de música de Jubal.

— Para uma noite serena como esta, por que não *Receptividade?*

— Por que não, de fato?

— Horas felizes, Husler Tibit.

Jubal seguiu caminho pelo bulevar. Viaturas derivavam ao acaso, carros fechados não menos freqüentes amontoavam-se com grupos de excursão de precisamente quarenta pessoas: iam saltitar de um a outro ponto de interesse para uma noite de prazer.

Sem nada melhor para fazer, Jubal conservou meticulosa guarda montada sobre Ramus Ymph, chegando a ponto de inspecionar fregueses em cafés de calçada, salões de jogo mecânico, empórios de *souvenirs* e jardins rústicos. Muitos desses estabelecimentos, ele observou, estavam preparados para acomodar grupos, ou módulos de quarenta pessoas, o número de pessoas do grupo de excursão padrão.

Num grupo de excursão ou sozinho, Ramus Ymph não estava em nenhum lugar visível.

Jubal voltou para o Gandolfo de ânimo desconsolado, a caixa de música tocando *Sonhos meditativos.* Subiu de elevador para o quarto, desligou a música, tirou a roupa e, reclinando-se no leito, adormeceu.

Capítulo 11

Jubal moveu-se e esticou as pernas. Um sensor, detectando o movimento, ligou a música e o quarto tornou-se fulgurante de luz solar difusa. Jubal tomou uma ducha e o café da manhã. Sua mente estava preparada; durante o sono, chegara a uma decisão.

Sua única esperança de achar Ramus Ymph residia num uso criterioso da fotografia. O ponto de partida lógico de uma investigação era o Centro de Recepção Turística.

Jubal sintonizou a caixa de música no *Canto da cotovia* e saiu do hotel. Uma viatura levou-o bulevar afora, até o Centro Turístico.

Jubal entrou no domo. Esperou sua vez, depois aproximou-se da jovem com quem falara anteriormente. Após breve instante de hesitação, ela o reconheceu.

— Bom dia, *husler!* Está aproveitando sua visita?

— Até certo ponto. Estou preocupado porque não consigo localizar meu amigo.

— Que pena! Certamente não queremos nenhuma cara triste nas ruas de Kyash. O senhor tem de procurar com perseverança!

— Sim, é por isso que estou aqui. Jubal atirou a foto no balcão.

— Se não esquecesse a foto e o avisasse...

A jovem examinou a fotografia com um sorriso negligente.

— Mesmo assim, *husler,* nossos regulamentos nos impedem de transmitir informações.

— Bem, deixe que eu lhe pergunte ao menos isto: você reconhece a foto?

— Já que pergunta, acho que me lembro de alguém parecido se aproximando do balcão. Um homem tão formoso grava-se na memória.

— Seria suficientemente gentil para indagar de suas colegas? Não há regulamento referente à troca de informações entre vocês mesmas.

— Isso é verdade. Bem, qual *é* o mal? Agora, já que eu me recordo...

Ela passou a fotografia pelo balcão para a funcionária vizinha, que a examinou primeiro superficialmente, depois com interesse. Fez sinal afirmativo com a cabeça e gesticulou para as prateleiras em frente, depois virou-se e olhou vivamente para Jubal. As duas funcionárias trocaram gravemente algumas palavras e por fim a jovem voltou a Jubal.

— Minha colega diz que estou decididamente equivocada, e que as condições a que estamos submetidas não nos permitem discutir os regulamentos.

— Muito bem — disse Jubal. — Aprecio sua cortesia. Ele se afastou, encaminhou-se para um posto de venda de jornais e procurou examinar os periódicos em exposição.

A segunda funcionária reconhecera Ramus Ymph. Era uma mulher mais velha que a outra, com faces magras e grandes tufos de cabelo ruivo: não era pessoa de passar por cima nem da letra, nem do espírito de regulamentos oficiais.

Jubal caminhou vagaroso para os mostruários de parede e interessou-se por uma exposição de broches de ametista, cada um gravado com um tobogã e a inscrição "Lembrança de Ririjin". Uma vitrina contendo representações de Iodos em cerâmica vitrificada chamou-lhe em seguida a atenção, depois um balcão de perfumes oferecendo essências dos desertos setentrionais. Vitrina por vitrina, balcão por balcão, Jubal avançou, gradualmente contornando a sala, chegando afinal àquela seção para onde a mulher do balcão de informações tinha gesticulado. Com vivo interesse, Jubal examinou os conteúdos das vitrinas; de algum modo, diziam respeito a Ramus Ymph.

A seção parecia dedicada a têxteis: sedas com lustros multicoloridos do tipo preferido pelos eisels; blusas com paisagens e epígrafes; pequenos *souvenirs* pendurados na parede, bordados com vistas das montanhas de Ririjin; mapas esquemáticos dos lagos Jewel.

Talvez Ramus Ymph tivesse adquirido uma dessas camisas decoradas.

Perto dali, havia dois tapetes, confeccionados em tons brilhantes de azul, roxo, verde e negro, em padrões de complexidade quase microscópica. Jubal curvou-se, sentiu a felpa, examinou o ponto.

Tapetes djan. Oh, muito bons, mas não da melhor qualidade. Não obstante, tapetes soberbos... E como chegariam a Kyash, a não ser por intermédio de Ramus Ymph?

Jubal caminhou para outro mostruário, fingindo-se fascinado por um sortimento de caixas de cosméticos. No devido tempo, observando o interesse de Jubal, o balconista saiu de seu posto e aproximou-se.

— Artigos encantadores, não são, *husler?* O material é um bonito sintético produzido aqui em Kyash, por meio de nossos maravilhosos catalisadores. O preço é de apenas nove *svus.*

Jubal produziu um rumor ambíguo.

— E essas calças... Parecem notáveis.

— Cairão perfeitamente no senhor. A cor também lhe fica bem.

— São feitas aqui em Kyash?

— Sim, a maioria dos artigos que vendemos são produtos locais.

— Aqueles dois tapetes são interessantes. Locais?

— Para dizer a verdade, não. São de um mundo distante, para lá do Braço. Trabalho meticuloso, mas um tanto insípido para nosso gosto, e talvez não da melhor qualidade.

— O senhor me surpreende. Sou ignorante nesses assuntos e presumi que tivessem sido elaborados com muito cuidado.

— Com muito cuidado, sim; mas nossos tapetes locais são melhores. Usamos uma matriz elástica esticada, contendo bolhas de ar induzidas. Chama-se iseflin. Desenhos escolhidos são impressos sobre esse material. O tapete que resulta daí não é caro, é durável e decorativo. Aqueles dois tapetes são sobrevivências dos tempos do artesanato.

— E como consegue espécimes tão singulares?

— Foram postos ali por um certo Husler Arphenteil, que negocia com tapeçarias exóticas. Avisei-o de que o preço estava extremamente alto, que nunca seriam vendidos em competição com nossos bons produtos eisels, de baixo preço, mas ele foi insistente.

— Talvez esteja interessado num deles, como curiosidade, se o preço for justo.

— Ele pede seiscentos *svus* por peça.

— Quê? Por aquelas pequenas bugigangas sem graça? Jubal fez um cálculo rápido. Em Wysrod, os tapetes

seriam vendidos talvez por trezentos *toldecks.* Se um *svu* e um *toldeck* tinham o mesmo valor, Ramus Ymph estava pedindo um preço elevado. Disse com voz desdenhosa:

— Num momento de descuido eu poderia pagar vinte *svus*, não mais.

O balconista deu de ombros.

— Husler Arphenteil não sonhou com tamanha redução.

— Talvez sim, talvez não, vou consultá-lo. Onde ele pode ser encontrado?

— Não tenho idéia, *husler.* Ele aparece a intervalos irregulares.

— Os tapetes nunca serão vendidos a esse preço. Há quanto tempo já estão expostos?

— Quase seis meses. Eles despertam pouco interesse, e todos os interessados ficam aterrados com o preço.

— Vou conservar meus olhos abertos sobre Husler Arphenteil.

Não conhece o hotel onde ele costuma ficar? Ou alguma pessoa através de quem ele possa ser encontrado?

— Temo que não, *husler.*

Jubal foi embora do Centro, antes de despertar suspeitas na mulher do balcão de informações, que já o estivera olhando de esguelha.

Num café de jardim, Jubal sentou-se sob uma hera frondosa e esparramada. Durante meia hora, esteve meditando diante de uma garrafa de vinho espumoso. Finalmente: traços deixados por Ramus Ymph! Eles não eram menos desconcertantes que a total ausência de pistas. Os Ymph não estavam acometidos de pobreza; por que Ramus Ymph rebaixaria sua casta envolvendo-se em comércio?

Jubal pediu um guia de Kyash e consultou a seção rotulada

"Revestimentos para assoalhos: tapetes, carpetes e iseflins". Se Ramus Ymph quisera colocar um tapete no mercado, podia muito bem tentar sua sorte com outros.

Ele chamou uma viatura e, cifrando o primeiro endereço para o condutor, foi

impelido bulevar abaixo. Sentado, contemplou o cenário que passava. Subitamente farto do *Canto da cotovia,* mudou para *Empresa destemida e audaz.*

A viatura parou junto de um pavilhão, sob uma cúpula de vidro verde. Uma tabuleta branca e alaranjada dizia:

"Empório do Absoluto Conforto,

onde apetrechos para a casa, o escritório

ou o centro de esportes podem ser adquiridos".

Jubal respirou várias vezes, profundamente, para acalmar os nervos. Aumentando ligeiramente o volume de *Empresa destemida e audaz,* desceu da viatura, cruzou o passeio com passo firme e entrou no pavilhão.

Não havia grande sortimento de mercadorias em exibição. Em compartimentos em toda a volta, alguns empregados produziam projeções holográficas, a serem exibidas para os fregueses que preferissem fazer suas escolhas na sala do mostruário e não em seus próprios apartamentos. Uma mesa exibia acessórios: fabricóides, iseflins, metalitos, *sklans* de variadas cores e texturas. Uma prateleira acomodava tapeçarias: revestimentos de iseflin cuidadosamente adornados, e um pequeno e único tapete djan.

Jubal reviu as premissas e fixou a atenção sobre um homem pequeno e corpulento, notável pela grande massa piramidal dos anéis castanho-avermelhados do cabelo. Seu *chotz* era tão complexo quanto enfadonho: uma seqüência de coros monótonos, unidos por um trêmulo de sibilações de flauta e gorjeios.

— É o gerente do estabelecimento? — perguntou Jubal.

— Sou o Diretor Kliffets.

— Sim, esse é o nome que Husler Arphenteil mencionou. Ele deseja saber quantos tapetes a mais o senhor vai querer.

O Diretor Kliffets ergueu as sobrancelhas e os olhos azul-claros pareceram saltar.

— Mais tapetes? Nem sequer vendi aquele tapete ali. Todos ficam consternados

com o preço. Eu mesmo disse isso a Husler Arphenteil, nem dez dias atrás. Ele não o informou?

— Ele pensou que as coisas pudessem se ter modificado para melhor. Contudo, estou autorizado a oferecer-lhe preços mais favoráveis. Tenho aqui uma tabela...

Jubal tirou alguns papéis do bolso, que, como por acaso, vieram junto com a fotografia.

— Aqui está nosso amigo agora — disse ele, mostrando a foto ao Diretor Kliffets. — Ele estava usando bigode quando o senhor o viu?

O Diretor Kliffets não estava interessado em fotos.

— Não, estava como está no retrato. Agora, quanto à nova tabela de preços...

— Parece que a esqueci no hotel. Pode falar diretamente com Husler Arphenteil, se quiser. Creio que o senhor tem seu endereço atual.

— Não. Ele é um homem reservado e seu *chotz é* um tanto cheio de si. Em minha opinião, Husler Arphenteil deseja exceder suas possibilidades.

— Mesmo? Por que está dizendo isso? Não que discorde do senhor...

O Diretor Kliffets apontou para uma loja do outro lado do bulevar.

— Só pessoas bastante ricas são freguesas da Companhia Intersol.

Mas o comportamento dele não sugere tanta riqueza.

Jubal inclinou-se.

— Vou dizer-lhe uma coisa em confiança. Husler Arphenteil vem de uma família em decadência. Acostumou-se ao melhor quando criança, mas agora não pode alcançar seus objetivos.

O Diretor Kliffets balançou a cabeça.

— O que estaria de acordo com minhas observações pessoais. Sou um estudioso arguto da personalidade humana.

— Isso é evidente. Que preço Husler Arphenteil deu para o tapete?

— Quatrocentos *svus*. Bastante irrazoável, levando-se em conta que um grande e fascinante iseflin pode custar um décimo, quando muito. Quem se importa que as fibras do tapete de Husler Arphenteil tenham sido tecidas à mão? Que os pigmentos sejam animados pela mágica de xamãs? Que as fibras tivessem de ser colhidas uma de cada vez, de quatro lugares diferentes? Precisa o pé de alguém saber de tudo isso quando pisa o tapete? As cores são mais brilhantes por causa disso? Muito pelo contrário! Repare na beleza daquele iseflin ali, em contraste com o roxo escuro do tapete de Husler Arphenteil.

— Os gostos variam — disse Jubal. — Husler Arphenteil não mencionou nenhum de seus planos?

— Não, ele não me faz confidencias, embora durante nosso encontro sintonizasse o *chotz* em *Lado a lado, camaradas.*

— Às vezes, ele é uma pessoa obscura — Jubal concordou. —

Permita que lhe dê uma sugestão confidencial; mas o senhor nunca deve revelá-la a Husler Arphenteil... De fato, seria melhor até que não mencionasse que estive aqui. Estamos de acordo?

— Sem dúvida.

— Então... Primeiro tenho de perguntar, quando espera vê-lo outra vez?

Pensativamente, o Diretor Kliffets inflou as bochechas.

— Ele estava muito vago. Tenho mesmo a impressão de que perdeu o interesse pelos tapetes. Quando de nosso primeiro encontro, estava muito entusiasmado, mas agora parecia... não exatamente indiferente, mas como se tivesse o pensamento noutro lugar: talvez a Intersol e seus incríveis passatempos. Mas qual é a sugestão confidencial?

— É a seguinte: se lhe pedir vinte por cento a mais de comissão, ele vai ceder. Talvez com relutância, mas mantenha-se firme.

O Diretor Kliffets balançou a cabeça, mal-humorado.

— Tudo muito bem, mas de que serve uma comissão sobre um artigo invendável? Ele tem de taxar sua mercadoria competitivamente; depois, provavelmente, pode esperar vender uma ou duas peças.

— Ele é um mistério tão grande para mim quanto para o senhor.

Não disse nada que pudesse revelar seus planos futuros?

— Não. É um homem de uma reserva quase insolente.

— Sei muito bem disso tudo. Foi um prazer falar com o senhor.

Lembre-se, o senhor não me viu!

— Certo e entendido!

— Adeus, então. Acho que vou dar só uma olhada na Intersol, e me familiarizar com a última excentricidade de Husler Arphenteil.

Jubal saiu para a intensa luz amarela do sol. O passeio arremessava uma faixa azul-escura de sombra na areia embaixo. Lodos perambulavam aqui e ali, ingerindo os filamentos de mirófodo, seu principal alimento. Criaturas parasíticas muito pequenas, cavalgando com os lombos, mordendo-se em disputas, cavando buracos no tecido dorsal pela introdução de gavinhas de sucção. Durante algum tempo, Jubal contemplou maravilhado a variedade de cores: verde-claro com traços negros, roxo-marrom com manchas brancas, cinza pontilhado com vermelhão. Jogou uma pedra. Os lodos nas proximidades, com rapidez assombrosa, atiraram-se para ela, aparentemente atraídos pela vibração do impacto. Cutucaram a pedra, mas, nada encontrando para atrair ou sensibilizar, foram-se embora.

Jubal passou a sentir-se atormentado pelo fulgor de Bhutra, tão diferente da claridade amena de Mora. O clarão o cercava, ofuscava-lhe os olhos, provocava transpiração em seu pescoço e em sua testa.

Ele atravessou o bulevar, seguiu o passeio através de um jardim de cactos negros, e entrou com alívio na sombra do domo branco e verde da Intersol. Teve consciência imediata de que penetrara num ambiente de opulência. Móveis amarelos, suntuosos e elegantes, estavam dispostos ao redor de um assoalho de vidro negro transparente, que brilhava com constelações representando o céu

noturno da Terra Velha. Um *st and* exibia uma dúzia de modelos de iates espaciais, e painéis fotofugidios nas paredes retratavam famosas cidades gaeanas.

Numa secretária, estava o agente de vendas da Intersol, estudando um prospecto.

O agente levantou-se — um homem de meia-idade, usando uma digna cabeleira postiça marrom, uma jaqueta ocre-mostarda acampanada sobre calças marrons; sua música era um murmúrio baixo, sem insistência egocêntrica.

— Em que posso servi-lo, *husler?*

— Um amigo recomendou que eu visitasse suas instalações, e decidi fazê-lo.

— A satisfação é toda minha.

Os sentimentos, assim sugeriam as maneiras do agente de vendas, eram mais formais que de coração. Com a experiência de muitos anos, avaliara o peso da bolsa de Jubal e não vira razão para cordialidade efusiva.

— Em que, precisamente, está interessado?

— Talvez pudesse informar-me sobre a linha de seus produtos.

— Aqueles modelos são representativos de nossa produção corrente, embora, é claro, trabalhemos sempre sob encomenda especial. O Vagueador Magalânico está no topo de nossa linha.

Repare no convés de proa e na cabina de estar, ambos envidraçados com vidros fotocromáticos. Há acomodações para dezesseis pessoas, mais uma tripulação de seis. Os motores têm quatro pistões Furnos, dois inter-rotores Thrussex operando independentemente, seis estabilizadores de gravidade Meung. Os equipamentos são excelentes, sem concessões. A instrumentação inclui um par de navegadores transgalácticos, de funcionamento independente, e ajustadores sintonizáveis a qualquer mundo do braço Gaean. O preço é de trezentos e vinte e sete mil *svus.*

— Muito bonito — disse Jubal —, mas um tanto além de meus recursos.

O agente abanou a cabeça sem surpresa.

— Na outra ponta do cruzeiro está o pequeno Teleflo, com acomodações para seis pessoas e uma tripulação de dois elementos.

Equipamentos e acessórios são de alta qualidade; as especificações técnicas são perfeitamente adequadas. O preço é de dezoito mil e quinhentos *svus.* Somos também agentes do Saltador Planetário Devaunt Cadete, a nove mil e oitocentos *svus.*

Jubal fingiu estar refletindo, como se calculasse seus haveres.

— Naturalmente, não posso pretender colocar-me ao nível dos recursos de meu amigo Husler Arphenteil... Creio que ele deveria estar interessado no Vagueador Magalânico, não?

— Todo mundo está interessado no Vagueador Magalânico. O

amigo de Husler Arphenteil, contudo, influenciou-o a favor do Sagitário, este modelo aqui. É uma embarcação muito luxuosa, com acomodações para doze pessoas e uma tripulação de quatro.

— Que amigo era esse?

— Não sei o nome dele. Sem dúvida, é um comerciante importante.

Com um tom de voz ligeiramente mais cordial, o agente perguntou:

— Quais são os planos de Husler Arphenteil? Ele também estava pensando num Bendle Espaçomestre, mas cometerá grande erro decidindo-se dessa forma. O custo é pouquíssimo menor, mas os Bendles não têm a qualidade de nossos modelos, e há uma longa história de contratempos com seus estabilizadores Desafio, que não passam de imitações de segunda classe dos Meungs.

— Creio que ele está se inclinando para o Sagitário, embora eu já não o veja há uma semana ou mais. Por acaso não tem seu endereço atual?

— Não está mais no Shirbze? Não sei de outro endereço.

— Estranho. Outro dia fui até lá e me deram a entender que Husler Arphenteil tinha se mudado. Provavelmente um mal-entendido. A propósito, por favor, não diga que estive aqui. Ele pode imaginar-me tomando liberdades superiores à

minha posição. Mas sem dúvida eu possuiria de bom grado um Teleflo.

— Sim, as possibilidades de descobertas maravilhosas são as mesmas, não importa a amplitude do preço. Posso oferecer-lhe uma de nossas brochuras?

— Obrigado.

Jubal tomou uma viatura até um dos cafés de jardim do Bulevar das Visões Mercantes. Sentia-se em paz consigo mesmo. Através de hábil investigação, que Noa, o Héter, devia aprovar, reunira uma soma substancial de informações. Ramus Ymph viera para Eiselbar como um negociante de tapetes, uma idéia ridícula por si mesma e que deveria divertir Noa, o Héter. As motivações de Ramus Ymph podiam ser ao menos vislumbradas: ele cobiçava um iate espacial, para a compra do qual os *toldecks* não tinham valor, mesmo que a transação não estivesse em flagrante violação da lei fantária.

Com gratificante senso de realização, Jubal consumiu um dispendioso lanche. Os *chotz* dos outros fregueses e dos empregados do café entrelaçavam-se numa rede sonora que não era desagradável.

Sua visita a Eiselbar fora não apenas produtiva, mas também fruível.

Gastar o dinheiro de Noa, o Héter, era um prazer em si mesmo. E

quanto às premonições de perigo de Sune Mircea? Absurdo. Kyash era uma cidade extremamente ordeira. Não se podia creditar nem escrúpulos, nem moderação a Ramus Ymph, mas dificilmente iria ao aposento de Jubal, no Gandolfo, com um mosquetão, para matá-lo.

Ou iria?

Evidentemente, não! Jubal esvaziou o copo de vinho com um gesto decidido. Sintonizou a caixa de música em *Verve e vivacidade.* Agora, não era tempo de descansar sobre seus lauréis. Havia necessidade de mais informações.

Terminado o lanche, Jubal decidiu-se por uma tática aparentemente plausível. Voltou para o Gandolfo e vestiu um traje eisel vespertino: uma blusa azul em forma de sino, uma calça estreita vermelho-salmão com cinturão e babados negros. Telefonou ao camareiro pedindo uma peruca, de um estilo à vontade dele. Foi equipado com uma volumosa criação, que, erguendo-se bem alto acima

do couro cabeludo, escondia-lhe a testa, as orelhas e o pescoço sob tufos de anéis vermelho-escuros de cabelo.

Jubal examinou-se no espelho e ficou satisfeito com sua aparência.

Desceu para o bulevar e caminhou pelo clarão amarelo da tarde até um telefone público, num café vizinho.

Antes de fazer a chamada, reparou na natureza algo estridente de *Verve e vivacidade* e mudou para *Integridade sincera.* Depois apertou o botão rotulado "Chamada".

— Hotel Shirbze.

Surgiram na tela o rosto sorridente e os cachos louros e desalinhados da recepcionista.

— Hotel Shirbze! Às suas ordens, *husler.*

— Sou Husler Dart, da Companhia Importadora de Tapeçarias Mundos Distantes. Husler Arphenteil está nas instalações?

— Um momento, *husler...* Husler Arphenteil está aqui? — ela perguntou para alguém ao lado. — Lamento — voltou a Jubal depois de ouvir a resposta. — Não desfrutamos mais da presença de Husler Arphenteil.

A tensão que entorpecera os nervos de Jubal relaxou-se abruptamente.

— Quando partiu? — perguntou ele com voz cavernosa.

— Há seis dias.

— Como posso encontrá-lo agora?

— Husler Arphenteil não deixou indicações, sinto dizer.

Jubal expressou seus agradecimentos e encerrou o contato. Saiu para o bulevar e ficou casmurramente andando para um lado e para outro. O suor escorria da peruca e molhava-lhe o pescoço. A caixa de música enchia os arredores com uma marcha de andamento; sintonizou com irritação *Nuvens distantes em*

formação majestosa.

Captando sua presença, uma viatura parou. Jubal subiu e deu um endereço sucinto.

— Hotel Gandolfo.

A viatura moveu-se para leste, descendo o bulevar. Jubal sentou-se empertigado na ponta do banco.

Os cinco esplêndidos *shdavis* do Hotel Gandolfo agigantaram-se sobre ele. Jubal pigarreou. Não desistiria tão facilmente!

— Altere o curso. Leve-me para o Hotel Shirbze.

A viatura fez a volta num semicírculo, voltou para oeste pelo bulevar e alcançou um domo com três arestas, do qual se erguiam três *shdavis,* o mais alto, azul-claro como giz, o segundo, bege poeirento, o mais baixo, de um vermelho descorado e rosado. Duas enormes árvores frondosas e negras inclinavam-se por sobre a entrada, com as letras formando "Hotel Shirbze" flutuando no alto, balançando e bamboleando na brisa.

Descendo da viatura, Jubal sintonizou outra vez *Integridade sincera* e entrou decididamente no hotel.

Aproximou-se de um balcão de recepção com dois empregados, emanando ambos uma plácida música vespertina.

— Sou Husler Skanet, da Companhia Transgaláctica de Iatismo Espacial. Tenho importantes papéis para serem entregues a Husler Arphenteil. Posso deixá-los a seu cuidado?

Um dos empregados sorriu e inclinou a cabeça.

— Pode deixar os papéis, *husler,* mas Husler Arphenteil não está mais conosco e não podemos garantir se conseguiremos entregá-los.

— Que maçada! — Jubal exclamou, chateado. — Ele foi extremamente insistente! Naturalmente, jamais nos deixa um novo endereço. É um sujeito enfatuado que ignora a conveniência dos outros.

— É isso mesmo, *husler* — disse com prudência o empregado. —

Ele simplesmente deixou nossas instalações.

— A culpa não é minha, o que já me tranqüiliza — disse Jubal. —

Mas escute bem o que eu digo, alguém vai sofrer por causa disso! E

não serei eu. Ele vai alegar que deixou o endereço com você e ele tem amigos ricos 23.

Jubal pousou um envelope no balcão.

— Aqui está. Dê-me o recibo e a responsabilidade é de vocês.

O empregado ergueu as mãos e afastou-as do balcão.

— Não podemos aceitar documentos importantes sob tais condições.

Com um sorriso feroz, Jubal empurrou o envelope para o lado do outro.

— Husler Arphenteil ordenou que estes papéis lhe fossem entregues neste hotel. Estou feliz por ter cumprido meu dever. Husler Arphenteil é um homem impaciente, que desmanda-se cegamente quando o aborrecem. Você tem de entregar os papéis.

— Impossível! Ele não deixou outro endereço! Eu lhe peço que confirme minha afirmação!

— Bem, então onde poderíamos encontrá-lo? Não veio aqui com amigos que pudessem ajudar?

O empregado olhou interrogativamente para um auxiliar.

23 A palavra, entre seu feixe de significados, inclui "poder", "grandeza", "inclinação a não suportar contrariedades pacientemente".

— Quem era o homem corpulento, com a peruca descorada, que parecia amigo íntimo de Husler Arphenteil? Você vai falar 24!

*

O segundo empregado fez sinal afirmativo com a cabeça.

— Eu reclamo benefício 25! O amigo é um homem importante, de grande riqueza, que tenho a honra de reconhecer. É Husler Wolmer, que controla a Agência Turística Passeio Popular. Husler Arphenteil, penso eu, saiu numa viagem de recreio.

De alguma maneira sutil, o primeiro empregado regulou sua música num andante sereno e confiante.

— O senhor pode avisar, através de Husler Wolmer, que os documentos estão à disposição. Nossa responsabilidade está inteira e absolutamente encerrada.

— Farei como está sugerindo — disse Jubal, partindo do hotel.

Mais uma vez ele se pôs a céu aberto. Filamentos de fogo pareciam emanar de Bhutra para lamber as avenidas de Kyash. Uma viatura aproximou-se furtivamente do lado de Jubal; ele entrou.

— Agência Turística Passeio Popular.

A viatura dobrou numa rua lateral e atravessou um viaduto.

Apenas selvagens Iodos venenosos e moitas de cactos negros quebravam a aridez do barranco embaixo.

A rua penetrava numa praça, onde uma fonte lançava altos jatos de líquidos não-voláteis, matizados de diferentes cores. Uma centena de domos de muitas empresas cercavam a praça, cada um com um anúncio pairando em cima. A viatura parou junto de um prédio onde letras flutuantes diziam PASSEIO POPULAR, e abaixo a inscrição: o PRAZER PROJETADO PARA ATENDER AO GOSTO DE TODOS.

24 Expressão idiomática significando premência e estimulando a pessoa interpelada a uma revelação precisa.

25 Expressão idiomática de resposta, caracterizando o serviço prestes a ser entregue, e incluindo-o no balanço das obrigações existentes entre as duas partes. ?

Jubal entrou no interior refrigerado. Em quatro balcões, funcionários conferenciavam com fregueses; outros esperavam nos bancos. Uma recepcionista falou com Jubal:

— Seu nome, *husler?* Eu o avisarei quando chegar sua vez.

— Sou Husler Delk. Diga-me, qual desses cavalheiros é Husler Wolmer?

— Nenhum deles. Husler Wolmer é o proprietário da firma.

— Ele está aqui neste momento?

— Não, *husler,* normalmente ele não freqüenta as instalações. O

senhor deve marcar uma entrevista para encontrá-lo.

— Obrigado.

Enquanto esperava, Jubal admirou os painéis fotofugidios com anúncios de excursões aos mundos Dwet e Zalmyre, os seguintes em órbita, a contar de Eiselbar. Em Dwet, safáris para quarenta pessoas, em veículos de vidro, com ar condicionado, cruzando a selva, os pântanos e a savana, observando terríveis e estranhos animais durante o dia, em quartos unidos, e, à noite, repousando em acomodações de primeira classe na selva, com ar purificado, música apurada, excelente cozinha e cassinos. Em Zalmyre, uma excursão de três semanas incluía uma visita às montanhas da Opala Negra, um giro submarino pelo lago Meya e uma viagem, em modernas embarcações para quarenta pessoas, através do pujante rio Orgobats, com paradas a cada noite em luxuosas hospedarias estilo nativo, onde gerentes e pessoal de Eiselbar garantiam pleno conforto cosmopolita. As taxas eram calculadas tomando como base módulos de quarenta; grupos maiores podiam pretender um desconto.

Por fim, a recepcionista aproximou-se de Jubal.

— Por favor, Husler Delk, nosso "perito em prazer" está ansioso por satisfazer seus desejos.

Ela conduziu Jubal a um balcão, onde estava sentado um jovem de rosto pálido, cujos cabelos brancos e descorados enquadravam-lhe a face numa auréola felpuda. Ele repuxou os lábios num sorriso de boas-vindas e tocou num botão

que, erguendo-lhe a cadeira, elevou-o a uma posição amavelmente vertical.

— Boa tarde, Husler Delk. Sente-se, por favor.

A cadeira dele baixou, fazendo-o descer a uma posição sentada, poupando-lhe assim, pela centésima vez naquele dia, a fadiga de pular em pé para saudar os clientes.

— E como o Passeio Popular pode servi-lo? Somos conhecidos como "os peritos do prazer"; estamos ansiosos por cumprir as promessas de nosso cognome.

— Não tenho certeza de que o senhor possa ajudar-me — disse Jubal. — Vim me avistar com Husler Wolmer, mas, ao que parece, isso é impossível.

— Sim, Husler Wolmer é um homem muito ocupado.

Talvez eu possa, pelo menos, auxiliá-lo a descobrir suas necessidades.

— Talvez eu quisesse trazer alguns membros de minha associação a Eiselbar, mas tenho primeiro de indagar de suas facilidades.

— Quantos em seu grupo, *husler?*

— Aproximadamente setenta e cinco ou oitenta.

— Dois módulos. Um número suficiente. Todas as nossas atrações são projetadas em termos de módulos: achamos tal planejamento muito mais eficiente... Todas, exceto o Recurso do Rio Temenk e as Cabanas do Vale da Felicidade, que por sua natureza específica devem isolar a clientela sob base diversa.

— Esses são os "recursos terapêuticos"?

— Sim, trata-se de luxuosas hospedarias onde se encorajam os clientes a explorar, definir, e talvez resolver seus problemas eróticos.

Cada uma das cabanas especializa-se num ou noutro aspecto desse vasto tema. Este folheto vai fornecer-lhe detalhes explícitos; examine-o em seu tempo de lazer.

— Obrigado. Por acaso... não o interrompendo, no Hotel Shirbze familiarizei-me com Husler Arphenteil, grande amigo de Husler Wolmer. Onde poderia ter o prazer de vê-lo outra vez?

— Husler Arphenteil?

— Sim; este próspero cavalheiro — disse Jubal mostrando a foto.

— Creio ser o cliente que Husler Wolmer está atendendo pessoalmente agora. No momento, estão em Zalmyre.

— Onde estão hospedados?

— Não posso dizer, *husler.* Nada sei de seus negócios. Quando seu grupo chegaria?

— Em cerca de seis meses.

— Excelente. Somos agentes, é claro, de todas as linhas de espaçonaves e arranjaremos o translado de espaço-porto a espaçoporto. Agora, quanto aos detalhes...

— Gostaria de conversar com Husler Wolmer sobre algumas providências especiais. Talvez possa vê-lo em Zalmyre.

— Deseja visitar Zalmyre, *husler?*

— Sim, acho que devo fazê-lo... no interesse de meu grupo.

— Vou acomodá-lo num módulo A-116 que parte amanhã.

Capítulo 12

O tempo estava escuro, um crepúsculo roxo. Skay, no apogeu, dominava o leste. Jubal Droad dirigia-se apressadamente pelo Caminho Sprade, num bairro um tanto lúgubre de Wysrod, conhecido como Baixa. Movia-se furtivamente, não se distanciava das sombras onde as casas de fachada estreita bloqueavam a luz de Skay. Parou num quiosque telefônico, lançou um olhar rápido rua acima e rua abaixo, depois resvalou para dentro. Falou no fone:

— Casa Héter, no Cam.

O painel exibiu uma serpente alada de duas cabeças: o emblema dos Héter. Jubal sentiu-se alvo de um exame severo, depois ouviu a voz lacônica de Flanish:

— Qual foi sua intenção ao chamar?

— Ligue-me imediatamente com Noa, o Héter! — disse Jubal, espreitando uma sombra em movimento na rua.

— O Nobilissimus está comprometido por toda a noite. Sugiro que o senhor se apresente nos escritórios do Parlatório de manhã.

A sombra em movimento aproximou-se lentamente do quiosque: uma anônima e corpulenta massa humana. Jubal falou com voz tensa:

— Informe a Noa, o Héter, que eu estou ao telefone; seja rápido!

— Seu assunto é urgente?

— É claro que é urgente! Por que outra razão estaria telefonando?

— Vou mencionar sua chamada ao Nobilissimus.

— Depressa!

A sombra pareceu hesitar, depois, atravessando uma faixa com a luz de Skay, revelou um clarão exaltado de faces e olhos, girou e foi embora. Jubal virou a cabeça para acompanhar-lhe a retirada.

Passou um momento. Jubal batucou com os dedos na prateleira de apoio.

A imagem de Noa, o Héter, surgiu no painel.

— Onde você está?

— Num quiosque do Caminho Sprade.

— Venha imediatamente para minha casa.

— Ramus Ymph voltou a Fantaeria?

— Voltou; está na sua mansão dos charcos de Athander.

— Tenho medo de estar sendo seguido.

— É bem possível. Ataque ou despiste a turma que está na ofensiva, como achar melhor, mas venha logo.

— Vem vindo um coche. Vou pegá-lo.

— Um coche pelo Caminho Sprade? A estas horas? Estranho. Saia do quiosque, corra para a esquina e esconda-se antes que ele chegue.

Depois, o mais depressa possível, venha até minha casa.

— Tem os três mil *toldecks* à mão?

— Dois mil foi a soma estipulada.

Jubal escapou para fora do quiosque, cruzou a rua até a mais profunda das sombras e subiu o Caminho Sprade numa disparada veloz.

O coche, assim ele imaginou, aumentava a velocidade. Jubal esquivou-se dobrando a esquina e se introduziu numa escada de porão.

Saindo do Caminho Sprade, o coche virou na direção oposta.

Jubal abandonou o esconderijo e continuou seguindo a rua.

Encontrou outro coche dali a pouco; trepou na cabina apertada e disse o endereço da Casa Héter.

Rodou por bulevares amortalhados de árvores, subiu até a encosta da colina, circundou o Cam, desceu a Senda de Héter até a entrada frontal.

Flanish deixou deslizar uma brecha mínima no portal e fez sinal com um dedo. Jubal entrou e, a um novo gesto de Flanish, seguiu-o por um corredor. Cruzaram uma sala de visitas, de onde saíam vozes e risos. Olhando de relance pelo vão da porta, Jubal viu um grupo de jovens bebericando em taças de cristal, discutindo os temas que os divertiam mais. Sune Mircea levantou os olhos e Jubal pensou que talvez ela o tivesse visto, embora os olhos não tivessem convergido para um

foco.

Noa, o Héter, esperava por ele na biblioteca, uma folha de jornal dobrada na mesa à sua frente.

— Suas façanhas o precederam. "O herói anônimo que com coragem inabalável", e assim por diante.

— Meu nome não é mencionado? Minha identidade é desconhecida?

— Que diferença faz?

Jubal tinha resolvido conservar em todas as situações um semblante pelo menos tão frio e imperturbável quanto o de Noa, o Héter.

— Eu queria saber exatamente como e por que o evento foi noticiado. Em suma: sou conhecido pelo nome ou por descrição? Ou foi tudo uma coincidência? Se não foi uma coincidência, quem me traiu?

— São perguntas interessantes — disse Noa, o Héter.

— Exatamente o que aconteceu?

— Quando me aproximava de Wysrod, mergulhei num estranho estado de espírito. Tio Vaidro advertira-me para nunca desprezar um pressentimento e, recordando minha própria experiência anterior, fiquei alerta. Chegando à estação de desembarque, senti-me ainda mais apreensivo, sensação que continuou quando entrei no saguão. No saguão, reparei num homenzinho de chaparral azul-escuro, em pé ao lado. Não demonstrou interesse em mim, mas, quando saí, ele me seguiu. Parei logo depois de atravessar a porta, como se estivesse esperando por alguém. Ele veio atrás, caminhou alguns passos para o lado, depois virou-se e apontou o revólver. Joguei-me no chão e o tiro atingiu um homem suficientemente azarado para estar passando na hora. Mas antes que ele pudesse atirar outra vez, atirei minha faca e trespassei-lhe o pescoço.

— Impensado — resmungou Noa, o Héter. — Você devia tê-lo dominado.

— Com seu revólver pronto para um segundo tiro? O senhor está escassamente inteirado de táticas defensivas. De qualquer modo, como não queria notoriedade, fui buscar minha faca, limpei-a na camisa do sujeito morto, para quem ela não

teria mais utilidade, e fui embora o mais depressa possível.

— Aí, pelo menos, você demonstrou certo tato — disse Noa, o Héter, tocando o jornal que tinha em frente.

— A vítima foi um magnata de alta casta, o Nobre Cansart do Waygards. Seu assassinato está sendo uma fonte geral de especulação.

Ninguém consegue sequer fazer suposições quanto ao motivo. Vários circunstantes gabam a coragem de... deixe-me ver, qual é o texto?...

"um jovem, ao que parece não pertencente a uma casta elevada, e de parentela não identificada, que certas pessoas suspeitam ser um clarímio. Esse jovem demonstrou notável habilidade e pôs fora de combate o louco, expondo de fato sua vida. Depois, recusando-se modestamente a aceitar os aplausos dos circunstantes, partiu sem demora. A desolada parentela Waygards está ansiosa para expressar seu reconhecimento ao desconhecido valente".

Com um enfadado movimento do dedo indicador, Noa, o Héter, empurrou de lado o jornal.

— A pergunta permanece — disse Jubal. — Quem instigou o ataque? E, mais importante, como tal pessoa soube que eu devia estar de volta?

Noa, o Héter, comprimiu os lábios.

— Você precisa disciplinar-se contra observações clamorosamente óbvias, e também contra questões retóricas que servem apenas para enfraquecer o gume afiado da atenção.

— Permita-me reformular a questão. O senhor sabe quem planejou esse ataque contra mim?

— A suposição natural seria: Ramus Ymph.

— E como pôde... ou talvez fosse melhor dizer... o senhor sabe como Ramus Ymph tomou conhecimento de que eu estava para retornar a Wysrod nessa data?

— Evidentemente, alguém lhe contou.

— Quem?

— Não tenho idéia precisa. Deixemos o assunto de lado. Essa é fundamentalmente uma questão secundária...

— Não para mim! Eu enfatizo este ponto!

— Sim. Bem, vamos discutir por algum tempo sobre Eiselbar e suas descobertas. Presumo que tenha alguma coisa para relatar.

— Na verdade, tenho. Com relação à segunda metade de meu pagamento, parece haver algum desacordo quanto à soma combinada ter sido de dois ou três mil *toldecks*...

Noa, o Héter, interpôs uma pergunta aparentemente despreocupada.

— Quanto paládio você trouxe para casa?

— Mera questão secundária, para usar suas palavras. Chateado, Noa, o Héter, puxou um envelope e atirou-o

para Jubal.

— Dois mil *toldecks.* Jubal sacudiu as notas.

— Sem dúvida está gravando meus comentários... Noa, o Héter, inclinou afirmativamente a cabeça.

— Então, preciso falar refletidamente.

Jubal fez uma pausa quando Flanish trouxe uma bandeja com chá e *wafers*, partindo discretamente em seguida.

— Cheguei à cidade de Kyash. É um lugar notável, inteiramente diferente de Wysrod, e os eisels não são menos extraordinários.

Ignoram casta e parentela. Avaliam a qualidade de um estranho unicamente pelo tamanho de sua carteira. O sistema é estável e as pessoas têm bom temperamento, ainda que um tanto gregário em excesso. A música deles ainda retine em meus ouvidos.

Noa, o Héter, sorvendo gravemente o chá, não fez observações.

— Instalei-me no Hotel Gandolfo. Ramus Ymph não era conhecido por lá. Fiz indagações sem resultado. Depois, para meu espanto, num balcão de loja comercial, vi um tapete djan. Descobri que Ramus Ymph, usando o nome Husler Arphenteil, tinha levado um número considerável de tapetes djan para Kyash, esperando vendê-los para os turistas. Ele parece ter obtido pouco sucesso... nenhum sucesso, talvez. A questão levantada: por que Ramus Ymph, de uma importante parentela, venderia tapetes em Kyash? Por que precisaria de *svus* gaeanos em vez de sólidos *toldecks?*

Jubal olhou interrogativamente para Noa, o Héter.

— É capaz de adivinhar?

— Não.

— Ramus Ymph tem uma ambição incondicionalmente ampla. Ele deseja comprar um iate espacial: especificamente, do tipo conhecido como Sagitário.

— Como soube disso?

— O comentário casual de um negociante de tapetes induziu-me a visitar uma agência de iates espaciais, onde fiz indagações indiretas.

Noa, o Héter, produziu o fraco som sibilante que indicava sua aprovação.

— E então?

— Finalmente, localizei o hotel de Ramus Ymph, apenas para ser informado de que ele tinha ido embora. Segui-lhe as pegadas até a Agência Turística Passeio Popular, e outra vez o perdi: ele saíra em excursão por outros planetas. Decidi segui-lo e me juntei a um módulo de quarenta turistas em rota para Zalmyre. Foi o único procedimento possível: um viajante sozinho pode não encontrar acomodações, já que todas as facilidades são calculadas para grupos de quarenta pessoas. A experiência foi memorável. Meus trinta e nove companheiros eram entusiastas e alegres. Freqüentemente estavam embriagados e faziam muito barulho. A música era incessante.

— Ramus Ymph cedeu a esse comportamento? — perguntou com assombro

Noa, o Héter.

— Assim me deram a entender, embora ele fosse em companhia de um certo Husler Wolmer, dono da agência. Suspeito que pretendesse vender seus tapetes para a Agência Turística Passeio Popular, o que vale dizer, obter os fundos de que precisava para o Sagitário.

— Você, então, encontrou Ramus Ymph em Zalmyre?

— Pela própria natureza do sistema, eu não podia fazê-lo. Os módulos movem-se de um ponto a outro, um atrás do outro. Eu não podia escapar do meu módulo para juntar-me ao de Ramus Ymph, nem mesmo temporariamente. Fui forçado a colher migalhas de informações enquanto nos deslocávamos. Esses fragmentos eram pobres e, no essencial, não faziam sentido. Descreviam-no como um turista atento, interessado, que não reclamava, não destruía a propriedade, jogava um mínimo de papéis no chão nas regiões por onde passava. Mas não era considerado de bom temperamento e certas pessoas ressentiam-se de seus hábitos de autoridade. Os eisels não são apenas gregários; são dedicadamente igualitários, e o que é suficientemente bom para um é também bom para todos.

Noa, o Héter, deixou escapar um sorriso pequeno e velado.

— Então, não chegou a encontrar Ramus Ymph? Jubal fez um gesto, aconselhando Noa, o Héter, a ser paciente.

— O módulo A-116, "Alegres Viajantes", como nós mesmos nos chamávamos, excursionava por Zalmyre numa cápsula de cúpula de vidro, preparada para oferecer todo o conforto, com ar condicionado, equipada com bar, telas de tevê e difusores de música individual.

Descemos o rio Orgobats, parando cada noite num alojamento numa das margens, onde nos era fornecido entretenimento, facilidades de jogo, serviços de massagistas de ambos os sexos e lembranças fotográficas. Visitamos o bosque da Árvore de Ferro, onde permitiram que cada um de nós gravasse uma folha. Passamos em revista um aldeamento *khret-hurde,* sociedade de duas raças indígenas distintas, interagindo em proveito mútuo. Eles toleram turistas, mas recusam-se a executar danças excêntricas, ritos de fertilidade ou prodígios xamanistas. Os Alegres Viajantes acharam-nos um tanto monótonos.

Chegamos ao cabo do Ocaso, num oceano cujo nome esqueci, onde o grupo

desfrutou uma mascarada carnavalesca, com acompanhantes do quadro fixo de pessoal e um banquete de gala. Finalmente, voltamos ao espaçoporto. O módulo de Ramus Ymph, "Os Canários Intrépidos da Terra", já havia chegado e estava esperando a embarcação.

Evidentemente, procurei Ramus Ymph, mas ele não era mais membro do grupo. Em algum lugar do roteiro, ele se separara da excursão. Fiz algumas perguntas discretas a Husler Wolmer, mas achei-o impenetrável.

"Em Kyash, voltei para o Gandolfo, para pensar em minha próxima tática. Mal acabara de chegar, quando dois cavalheiros vieram me ver. Identificaram-se como funcionários do Departamento Paz e Tranqüilidade. Perguntei-lhes se não eram, na verdade, agentes de polícia, e eles admitiram que funcionalmente dava quase no mesmo. Começaram a me fazer perguntas. Por que eu sistematicamente não me apresentara na forma devida? Por que usara tantos nomes diferentes? Qual era meu interesse em tapetes, para não mencionar iates espaciais e Husler Wolmer?

"Expressei indignação. Não estava eu em Eiselbar, onde um visitante podia fazer o que quisesse, desde que não destruísse a propriedade nem roubasse lojas? Verdade, até certo ponto, eles me disseram, mas, para manter tal atmosfera de despreocupada irresponsabilidade, conservavam todo mundo sob discreta mas justificada vigilância.

"Caímos numa discussão filosófica. A sociedade igualitária, assim eles explanavam, é caracterizada pela placidez, pela ordem e pela inclinação de cada indivíduo em restringir-se a seu quinhão de gratificações. Tais condições não eram automáticas, assim me foi assegurado, e até mesmo muitos turistas confundiam liberdade com permissividade. Já que o DPT não podia atuar sem conhecimento da situação, a vigilância cordial e os relatórios detalhados eram uma necessidade.

" 'E os recursos de terapêutica sexual', perguntei com certa perplexidade, 'aonde as pessoas vão para purgar-se de deformações e inibições? Certamente, neste caso...?' 'Toda atividade é monitorada, fotografada e gravada' fui informado, 'em benefício último do turista inocente. Naturalmente, pessoas incômodas podem ser diligentemente seguidas de perto por um dentre muitos meios.' Eles voltaram ao meu caso particular. Iam achar que eu me recusava a explicar minha conduta? 'Eu já a expliquei', disse a eles: 'simples capricho de um turista.' Responderam

que definitivamente eu não era o tipo de turista que eles queriam; advertiram-me para abandonar o planeta antes que eu tropeçasse ao cruzar um caminho e caísse entre os Iodos. Tais acidentes aconteciam freqüentemente a indivíduos perigosos, especialmente aos que perturbavam pessoas como Husler Wolmer.

Considerei a sabedoria do conselho deles e peguei a primeira nave para Frinsse, retornando assim a Wysrod."

— Devo dizer — disse Noa, o Héter, com voz comedida — que você voltou com alguma informação a mais do que eu esperava.

Vamos agora discutir o assunto com todos os detalhes.

— De bom grado — disse Jubal —, mas primeiro, por favor, há um problema que me envolve diretamente. Alguém que tem acesso aos dados sobre meus movimentos está transmitindo essa informação a Ramus Ymph.

— Assim parece — disse pensativamente Noa, o Héter.

— Por que está tão tranqüilo? É um assunto sério! Precisamos identificar esse indivíduo e submetê-lo — ou submetê-la — a uma punição severa.

— A sugestão tem seu valor — concordou com firmeza Noa, o Héter. — Todavia, nem sempre se pode agir tão diretamente quanto se deseja. Os Ymph são extremamente poderosos. Minhas opções são limitadas por equilíbrios delicados, e simplesmente não posso fazer justiça, mesmo que o deseje.

— Oh? Por que não pode?

Noa, o Héter, mostrou seu sorriso frio.

— Porque nem todos os mistérios que cercam Ramus Ymph foram bem iluminados. Os que permanecem na sombra talvez sejam os mais importantes. Por exemplo, como ele se transporta para cá e para lá, entre Wysrod e Eiselbar? Em várias ocasiões, nosso reconhecimento tem observado espaçonaves entrando em Skay, embarcações nunca anotadas no registro oficial. Ficamos inquietos e atentos frente a espaçonaves misteriosas. A hipótese imediata, de que Ramus Ymph seja um binadário, parece absurda. Contudo, onde ele obtém os tapetes que tenta vender em Eiselbar?

— Por que simplesmente não convidar Ramus Ymph para tomar aqui uma xícara de chá e pedir-lhe para esclarecer isso?

— A idéia tem a virtude da simplicidade — disse gravemente Noa, o Héter. — Confesso que não me tinha ocorrido. Reluto sempre em puxar os cordões antes de saber aonde eles conduzem e a que estão atados.

Noa, o Héter, ergueu-se para indicar que a conferência estava encerrada.

— Amanhã, analisaremos seu relato com maiores detalhes. Por ora...

— Só mais uma coisa: gostaria que me informasse sobre meu salário e minha situação atual.

Noa, o Héter, cocou o queixo pálido.

— Seria melhor você permanecer inativo por uma semana mais ou menos — disse ele — até sabermos se sua viagem teve ou não repercussões. O D3 não pode se dar ao luxo de utilizar os serviços de uma pessoa supostamente culpada de crime; nosso orçamento já é mínimo.

— Mas não sou culpado de nenhum crime! — exclamou Jubal com espanto.

— Certo, mas alguém podia fazer uma declaração vingativa de que você se teria empenhado em migração criminosa, e teria transgredido o Ato sobre Influências Alienígenas.

— Nesse caso, seu documento me inocenta explicitamente. Atuei como agente do Estado.

— Isso mesmo. Contudo, por que provocar uma confrontação inútil? Vamos ver o que acontece. Se, no tempo devido, ninguém ameaçar sua presença, você pode retomar a rotina anterior.

— Meu salário, desnecessário dizer, continua a ser pago?

— Não é a prática habitual — hesitou Noa, o Héter, levantando a mão quando Jubal começou a falar. — Mas, neste caso, creio que devemos fugir aos regulamentos.

— Que aumento posso esperar?

Noa, o Héter, falou com certa aspereza na voz:

— Como já deixei bem claro, você precisa acomodar-se à promoção gradual pela hierarquia. Seu salário atual é bem adequado para uma pessoa de sua casta e condição. E por sinal, já que estamos falando em dinheiro, onde está o paládio que sobrou?

— Deixei-o no depósito da gare. Aqui estão minhas contas —

disse Jubal, entregando uma folha de papel.

Noa, o Héter, passou os olhos pelos primeiros apontamentos.

— Hum. Vejo que não fez por menos. "Hotel Gandolfo"... O lugar deve ser um santuário do luxo sibarita.

— É o melhor hotel de Kyash.

— Hum. "Aluguel de peruca", estou perplexo. Por que precisou alugar uma peruca?

— Disfarce.

— E este tópico: "Regalo — cinco quantidades mínimas"? — Noa, o Héter, fitou Jubal com as sobrancelhas erguidas.

— Observei a montanha Véu Cascata em Zalmyre por um telescópio pago. Pode-se argumentar que eu mesmo devia arcar com essa despesa.

Noa, o Héter, pôs o papel de lado.

— Examinarei suas contas quando tiver mais tempo. Por ora, isso é tudo.

— Só mais uma pergunta: e quanto aos atentados contra a minha vida?

— Não estou certo se eles continuarão. Contudo, poderia ser prudente alugar outros aposentos ou empreender uma marcha pelos Paredões de Glistelamet.

Quatro dias mais tarde, Noa, o Héter, convocou Jubal a seu gabinete no

Parlatório. Ele não perdeu tempo com explicações preliminares.

— Suas férias terão de ser sacrificadas. Posso utilizá-lo de um modo que não comprometerá a agência. A coisa diz respeito a Ramus Ymph. No meio da noite, ele saiu de Athander num escapo. Seguimos sua pista até uma aldeia chamada Forloke, em Clarim.

— Fica perto da morada de meu tio Vaidro!

— Exatamente. Ele se hospedou na Pousada de Dintels-bell, usando o nome de Serje Estope. Você vai agora visitar seu tio... Mas temos de presumir que Ramus Ymph esteja familiarizado com sua aparência. Você precisa trocar de aspecto: ponha um *clouche* 26 , uma tintura na cara e uma barba preta e curta.

— E depois?

— Estou interessado nas atividades dele. Por que foi para Clarim, entre tantos lugares?

Jubal refletiu por um momento.

— Nunca mencionei meu primeiro encontro com Ramus Ymph.

Isso pode ou não se relacionar aos seus movimentos de agora. Ele tentou comprar dos Droad o cabo Junção.

26 Capacete ou gorro apertado, de couro ou feltro, com abas e copa pontuda; um artigo usado por alpinistas clarímios.

— Quando isso aconteceu?

Jubal descreveu as circunstâncias. Noa, o Héter, ouviu sem mais expressão do que um lagarto.

— Você devia ter contado isso antes.

— Parecia não ter importância.

— Todos os fatos têm significado.

Noa, o Héter, pegou um mapa de Clarim e o projetou num painel na parede.

— Mostre-me a Casa Droad e o cabo Junção.

— Aqui e aqui. Junção é tanto o ponto extremo oeste quanto o ponto extremo norte de Fantaeria.

Noa, o Héter, examinou o mapa.

— Como disse, o assunto pode não ter importância. De qualquer modo, você voará em seu escapo pessoal para Forloke. Observe Ramus Ymph e investigue suas atividades. Continue sem chamar a atenção e evite o contato pessoal.

Logo após o pôr-do-sol, com o céu numa mistura de roxo, cereja, vermelho e azul, Jubal aproximou-se da Pousada de Dintelsbell, nos arredores de Forloke. Entrou, solicitou acomodações e foi conduzido a um quarto agradável, sob as duas águas do teto, com vista para o vale da Água Brava. Jantou numa sala quase vazia, onde a única coisa digna de nota era a ausência de Ramus Ymph. Mais tarde, na taverna, algumas indagações descontraídas revelaram que Ramus Ymph tinha partido das instalações naquele mesmo dia, mais cedo, não deixando indicações quanto a seus movimentos futuros. Também nada transmitira durante sua estada, além de algumas fórmulas sóbrias de cortesia.

Jubal foi até o telefone e ligou para a residência da montanha do tio Vaidro. O rosto de Vaidro surgiu no painel. Ele encarou, sem entender, a cara escura com barba preta e curta.

— Aqui é Jubal. Modifiquei minha aparência. Estou telefonando de Forloke.

— Que está fazendo aqui em Clarim? — Vaidro perguntou com voz rude.

— Pretendo ir até sua casa amanhã de manhã; então lhe explicarei tudo.

— Melhor vir hoje à noite. Amanhã cedo parto para a Casa Droad.

— Naturalmente, se não puder adiar a partida... Mas amanhã de manhã não seria mais conveniente?

— Então, você não ouviu as notícias?

— É claro que não.

— Lembra-se de Cadmus de Droad e de sua pretensão à sucessão Droad?

— Muito bem.

— Pois ele levou sua pretensão a cabo. Trouxe perruptos para a Casa Droad. Matou seu irmão Trewe e agora ocupa as propriedades.

— Neste caso, vou matá-lo.

— Podem despojá-lo do privilégio. Já notifiquei a parentela. Vai haver derramamento de sangue na Casa Droad.

— Irei imediatamente.

Capítulo 13

O período de lutas entre os clãs clarímios já se fora, mas a tradição subsistiu e ainda persistiam vendetas transpondo gerações. Se Cadmus de Droad pensou que a efetivação de suas pretensões provocaria apenas uma resposta verbal, a convergência imediata da parentela Droad sobre a Casa Droad deve ter surgido como uma desalentadora surpresa.

A Casa Droad ocupava o centro de um prado, para os lados do rio Alys, com colinas escarpadas e cobertas de florestas em volta.

Chegar durante a noite com uma companhia de perruptos mascarados 27, arrombar a porta, apresentar suas exigências a Trewe Droad e em seguida, ante a rebeldia de Trewe, abatê-lo com um tiro foi apenas uma tarefa de minutos para Cadmus de Droad. A operação de dominar os filhos de Trewe e matar os mais insubordinados exigiu uns dez minutos mais. Depois, Cadmus de Droad considerou que a maior parte de seu trabalho estava encerrada — e, afinal, a um custo muito pequeno.

Cadmus de Droad, homem obcecado e depravado, era doze polegadas mais alto que a maioria dos seus pares. O cabelo, em nós amarelado-cinzentos, aderia rente à sua enorme cabeça. Os olhos, sob sobrancelhas ameaçadoras e desgrenhados fios de cabelo, tinham um brilho fosco como os olhos de um peixe morto. Mãos enormes balançavam desconjuntadas como se pendessem de correntes, os joelhos saltavam para a frente, a postura era curva, arqueada. Cadmus meditara, durante a melhor parte de sua vida, sobre o tecnicismo banal

que elevara Trewe ao topo da hierarquia e o rebaixara. Tinha agora endireitado o que não era certo, e estava confiante em que, no tempo devido, o mundo aceitaria seu ponto de vista.

27 O djan, geralmente meigo, quando isolado de seus companheiros, tende a tornar-se velhaco.

Quando djans solitários são recrutados como perruptos, obrigam-nos a usar máscaras para evitar que estabeleçam relações sociais normais com seus companheiros, em detrimento de suas qualidades como combatentes.

Ao meio-dia do dia seguinte ao assalto da Casa Droad, ele foi chamado ao telefone por um mordomo atemorizado. O rosto de Vaidro Droad olhava-o fixamente.

— Toda a parentela está se reunindo. O senhor vai sair desarmado da Casa Droad para encontrar seu destino, ou vai lutar e levar homens inocentes à morte?

A princípio, Cadmus deixou de perceber todo o alcance das palavras.

— Eu sou o Droad — disse ele. — Assumi o que me pertence.

Não pode haver conversa fiada sobre morte.

— O senhor é um assassino, e a parentela vai cortá-lo em pedacinhos.

— Que tentem — disse Cadmus com indiferença. — Acha que estou indefeso? Tenho armas... Tantas quantas forem necessárias.

Tenho um número ilimitado de perruptos; quando um cair, outros dois tomarão seu lugar.

— A parentela está descendo das montanhas — disse Vaidro. —

Às dezenas, às dúzias, às vintenas e às centenas. Amanhã, a Casa Droad estará cercada.

— Cercada de bem longe. Eu mantenho reféns: Zonne Droad e as filhas.

— E Bessel Droad?

— Ele atacou-me e destruiu meu escapo; em troca, eu o matei.

Matarei qualquer outro que me perturbe, e lhe porei fogo na casa. Não me considere fraco e indefeso. Tenho recursos que você ignora e farei uma limpeza nas montanhas. Sou Cadmus, o Droad, e a Casa Droad é minha... E você deve aceitar o fato.

O painel ficou escuro.

Vaidro e Jubal estavam à sombra de uma baixa escarpa de pedra nos flanços do monte Quebrado. A meia milha de distância e cem jardas abaixo ficava a Casa Droad.

— Ele tem cerca de cinqüenta perruptos — disse Vaidro. —

Cadmus tem razão. Não podemos atacá-lo sem perder uns cem homens. Não podemos fazê-lo render-se pela fome por causa dos reféns. Mas podemos esperar. E sabe o que vai acontecer?

— Cadmus ficará muito inquieto.

— Certo. Ele achará que seu prêmio perdeu a graça.

Além disso, os perruptos começarão a fazer desordens. Isso é inevitável. E então, serão inúteis.

— Por esse motivo, ele não pode se dar ao luxo de esperar. E por conseguinte, vai atacar.

— Foi essa a sua ameaça. Disse que faria uma limpeza nas montanhas entre a parentela Droad.

— Não com cinqüenta perruptos.

— O que sugere que ele tem à sua disposição mais perruptos em outro lugar.

— A passagem óbvia seria descer a ravina de Aubrey vindo da Garganta da Avó. É o caminho mais curto de Djanad à Casa Droad.

— Deveríamos enviar batedores e preparar emboscadas.

— Se Ramus Ymph estiver envolvido, como suspeito, ele também trará recursos para ajudar, de uma direção ou outra: talvez de cima.

— Então, você precisa comunicar-se com Noa, o Héter. Ramus Ymph está dentro de sua esfera de interesse.

Na vizinha Taverna do Vale Estreito Encavalado, Jubal fez contato telefônico com Noa, o Héter, e descreveu os acontecimentos na Casa Droad.

Noa, o Héter, parecia distraído. Ouviu apenas com um débil interesse.

— Isso não diz respeito ao D3. Os clarímios devem controlar suas próprias irrupções.

— Deixe-me expor alguns fatos — disse Jubal. — Cadmus de Droad chegou num escapo, que certamente não lhe pertencia, e que já foi destruído. Ele está esperando reforços. Creio que Ramus Ymph, em troca do cabo Junção, concordou em providenciar um apoio decisivo.

Noa, o Héter, emitiu um brando murmúrio de desagrado.

— Por reforços, presumivelmente, você quer dizer perruptos...

Vamos organizar uma patrulha. Os reforços não chegarão.

Noa, o Héter, estendeu o braço para interromper a ligação, mas, como se tivesse pensado melhor, ainda disse:

— Se possível, pegue Cadmus de Droad vivo.

— As circunstâncias vão decidir esse assunto.

Passaram-se um dia, uma noite e uma manhã. A parentela Droad, como Vaidro prometera, cercou a Casa Droad e cada hora testemunhava a chegada de novos contingentes dos sítios remotos. De Porto Bailas fora trazido um par de antigos rifles de longo alcance, outrora usados para proteger as eclusas-marés. Eles estavam chumbados e corroídos, mas ainda capazes de projetar uma sucessão de explosivos numa linha de luz. Montados no outeiro Norte e no outeiro Romã, comandavam a abordagem da Casa Droad.

Ao meio-dia, Cadmus de Droad mostrou seu vulto brevemente num dos balcões superiores. Sob sobrancelhas carrancudas, espreitou à direita e depois à esquerda, erguendo os punhos fechados num gesto selvagem e deselegante. Em seguida, recuou para as sombras.

No meio da tarde, Jubal telefonou outra vez para Noa, o Héter, e apresentou um relatório, relatório breve, pois não havia muito para dizer. E mais uma vez, Noa, o Héter, pareceu apenas marginalmente interessado no sítio. Ele deu-se ao trabalho de observar que Ramus Ymph ainda não aparecera nem na Casa Ymph, nem no Palácio Gais dos Charcos de Athander. Quase por acaso, revelou que a embarcação-patrulha tinha descoberto e destruído um grande destacamento de perruptos no Grande Vale do Shome, ao longo do caminho para a Casa Droad.

Vaidro exultou com as notícias.

— Cadmus foi jogado numa situação difícil. Não pode avançar nem recuar. Se ataca, é massacrado. Se retarda o ataque, suas tropas destruirão a ordem na casa. Vou chamá-lo outra vez e dar-lhe a opção de se render.

O rosto de Cadmus de Droad, que apareceu no painel, estava transtornado e contraído, como o crânio de um bisão morto há um mês no deserto.

— Seus reforços nunca chegarão — disse Vaidro. — Sabe disso?

Cadmus limitou-se a arregalar os olhos. Por fim, um rosnado rouco projetou-se de sua garganta.

— Não preciso de reforços. Estou residindo na casa que me pertence. Venha pôr-me para fora.

— Não há pressa.

— Você pensa em nos matar de fome? Os primeiros a morrer serão Zonne Droad e as filhas. Nós as comeremos e atiraremos seus ossos do balcão.

— Não pretendemos matá-lo de fome. Mas deixe-me proferir uma ameaça. Você está para morrer: isso está estabelecido. É tão inevitável quanto o vulto negro de Skay. Mas se os reféns sofrerem algum dano, você morrerá muito lentamente. São essas as suas escolhas.

Cadmus de Droad deu uma gargalhada rude.

— Você vai ter surpresas! Sou eu quem vai impor condições!

O painel ficou abruptamente branco. Vaidro afastou-se lentamente.

— Ele é louco. Mas ainda não está batido. Ainda conta com recursos.

— O que quer dizer que Ramus Ymph...

— Se Ramus Ymph estiver de fato envolvido. Não temos prova direta.

— A prova indireta é suficiente.

— Talvez sim. De qualquer modo, Cadmus não receberá reforços por terra. Por isso, precisamos vigiar o céu.

Ao pôr-do-sol, amontoaram-se nuvens no céu nordeste. A penumbra foi acompanhada por talhos triplos e quádruplos, cutiladas pesadas de relâmpagos. Duas horas mais tarde, as nuvens se tinham dissipado, o céu estava escuro, mas límpido. À meia-noite, um Skay corcunda ergueu-se no leste.

Uma sombra escura apareceu no alto, sobre a Casa Droad: a princípio, não mais que um borrão, depois, como foi rapidamente determinado, um objeto sólido.

De fato, o objeto não passou despercebido. Vaidro tinha adaptado o único telêmetro em funcionamento dos dois rifles de longo alcance para ativar um tosco censor. Antes que a forma tivesse adquirido solidez óptica, Vaidro observara a marca fosca e rosada descendo pela escala do telêmetro.

Vaidro sacudiu Jubal e tirou-o do cochilo.

— Olhe lá longe.

O objeto estabilizou-se após uma manobra que parecia deliberadamente furtiva. Do cimo do outeiro da Ameixeira veio o facho de um holofote; o objeto revelou-se um grande escapo, revestido de uma couraça improvisada, feita com escudos detervan.

Dos rifles de longo alcance partiram dois raios de luz viscosa, verde-amarelada,

que atingiram o escapo. Ao longo de cada raio, como bolhas num tubo de vidro, correu uma sucessão de balas explosivas. O

escapo ficou por um instante incandescente, enfeitado com os fragmentos que caíam.

— As esperanças de Cadmus de Droad diminuíram — disse Jubal.

— Lá se foram seus reforços.

— Mais provavelmente, seu meio de escape — disse Vaidro. —

Agora, ele tentará uma retirada com caráter de assalto; não tem outras opções. Aposto que dentro de meia hora ele experimentará a sorte.

— E aposto que arremeterá através dos jardins dos fundos. Vai irromper pela sebe e se arremessar para os Bosques Rasos.

— Creio que tem razão. Vamos nos preparar para recebê-lo.

Passou-se meia hora, cada minuto palpitando com uma vibração quase audível. Luzes trêmulas, nervosas, mostraram-se da Casa Droad, onde geralmente não havia luz alguma. Entre os outeiros e sob as árvores, vultos tomaram posição, murmuraram entre si, olharam para suas armas.

Na sebe do jardim, abriram silenciosamente uma brecha, deixando tocos de árvores cortadas. Os perruptos correram pela abertura, protegendo-se com escudos. Mais atrás, Cadmus de Droad moveu-se pesadamente, uma espada de mais de um metro numa das mãos, um fuzil maciço de quase três quilos na outra. À direita dele assomou outro homem, trajado de preto como os perruptos, com uma máscara de guerra negra velando-lhe a face e um chapéu negro, de corte nobre, caído sobre a testa.

Partindo da direita e da esquerda, holofotes iluminavam o prado.

Os fuzis mastigaram e dispararam. Os perruptos, brandindo os escudos para se proteger, continuaram obstinadamente a marcha para os Bosques Rasos. Mas o fogo encontrava frestas entre os escudos; perruptos caíam, abrindo novas brechas. De súbito, as sólidas fileiras se haviam transformado numa misturada de corpos que se debatiam.

Cadmus vociferou pragas furiosas, ao ver seus planos irem por água abaixo. A parentela começou a sair dos abrigos. Vaidro berrou:

— Recuem! Recuem! Eles ainda têm suas armas! Cadmus parou, depois deu a volta para refugiar-se na

Casa Droad. Abandonando preocupações, a parentela atirou-se à frente para bloquear-lhe a retirada, abrindo fogo à medida que avançava. Vaidro gritou: — Peguem-no vivo!

Ofuscados pelos holofotes, os perruptos abandonaram os Bosques Rasos para atacar seus algozes, mas foram destruídos quase de imediato.

Cadmus atirou o escudo ao chão. Sacudindo a espada e brandindo o rifle, avançou por entre os cadáveres, xingando a parentela, atirando, berrando.

— Peguem-no vivo! — gritou Vaidro. — Não matem a besta!

— Apanhe-me vivo se puder! — vociferou Cadmus. — Aproxime-se, seu Droad cuspo de cachorro! Prove do meu aço!

— Aqui estou — disse Jubal.

Cadmus apontou o rifle de quase três quilos.

— Agora — disse ele — você não estará mais em lugar algum.

Jubal atirou sua faca. A lâmina brilhou por um instante no facho do holofote e mergulhou no pulso de Cadmus. O rifle caiu dos dedos surpreendidos. Cadmus curvou-se e tateou às cegas. Os Droad enxamearam sobre ele. Cadmus tombou para a frente, caiu com um rosnado, depois se ergueu e livrou as costas de seus inimigos. Mais uma vez apontou o rifle. Fez mira em Jubal. Com tristeza, Vaidro baleou-o na testa. Sobre as pernas ainda rijas, Cadmus deu uma olhada para trás, depois desabou.

— Uma pena — disse Vaidro. — Isso não pôde ser evitado.

Jubal recuperou a faca, depois virou-se para esquadrinhar os arredores. O homem de chapéu preto tinha recuado para a Casa Droad.

A parentela ficou ofegando, encarando extasiadamente o morto.

No clarão do holofote, surgiu o homem de máscara negra. Levava pendurada pelos tornozelos uma menina de seis anos de idade, que chorava: Sanket Droad. Na outra mão segurava uma faca, a ponta apertada contra o rosto da criança. Atrás vinham três outros homens, cada qual abraçando um refém: Zoone Droad e duas meninas de oito e dez anos, Merliew e Theodel.

O mascarado penetrou em cheio na luz do holofote. Um silêncio de terror imobilizava a parentela.

O homem gritou com voz de clarim:

— Ninguém me detenha! Eu pretendo sair daqui e todos devem abrir caminho. Ou essas quatro mulheres provarão a faca!

Jubal adiantou-se lentamente. Ele parou a dez pés do homem mascarado.

— Você me conhece?

— Não me importo em conhecê-lo. Fique de lado!

— Sou Jubal Droad. Ponha a garota no chão e lute comigo com sua faca. Se sobreviver, você sairá livre, eu juro.

— Sairei livre de qualquer modo.

A voz do mascarado ressoou viva e nítida, como se

estivesse cantando. Ele deu um passo à frente. Jubal pôs-se em seu caminho. O homem, atirando a menina sobre o ombro, apertou-a até o ponto de a lâmina tocar-lhe o olho.

Alguma coisa tremulou brilhando à luz do holofote. Uma faca zunindo veio de um dos lados, passou pelo ombro de Jubal em direção à garganta do mascarado, apenas para bater e resvalar no gorjal de sua máscara. Ele gritou com raiva, os músculos se retesaram. A faca deu um arranco em suas mãos e a menina gritou, o globo ocular perfurado.

Jubal deu um bote para a frente, mas um par de mãos o seguraram e o fizeram

recuar. Por sobre seu ombro veio a voz de Vaidro.

— Deixe-o ir! Ele vai matá-la!

— Ele a cegou!

— Ela ainda tem um olho. Espere sua hora. Fantaeria não é assim tão grande.

O homem passou por Jubal. Abrindo resolutamente caminho por entre os cadáveres, penetrou na obscuridade dos Bosques Rasos e desapareceu. Ninguém foi atrás dele.

Romperam chamas bem altas na Casa Droad. Jubal contemplou-as por um minuto ou dois, depois virou-se e foi embora.

Ao meio-dia do dia seguinte, Jubal telefonou para Noa, o Héter, da Taverna do Vale Estreito Encavalado.

— Cadmus de Droad está morto. Ramus Ymph escapou.

— Você identificou Ramus Ymph?

— Tenho certeza de que era ele.

— Tem certeza? Ou meramente alimenta uma suspeita?

— Na verdade, minhas suspeitas são muito fortes, embora ele usasse uma máscara.

— Então você não conseguiu realmente identificá-lo.

— Não.

— Você não é agora o Droad chefe, ou cacique,-ou seja lá como for que chamem seus notáveis? — perguntou Noa, o Héter, após um instante. — Por que está tão mal-humorado?

Jubal encarou a face ainda branca no painel.

— Espera que eu me regozije com a morte de meu irmão e o incêndio de minha casa ancestral?

— E normal que se saboreiem os ganhos que surgem de qualquer situação.

— Não tenho ganhos para saborear. Somente perdas.

— Você deve julgar por si mesmo. Como exatamente aconteceram as coisas?

— Ramus Ymph trouxe Cadmus de Droad para a Casa Droad em seu escapo. Eles assassinaram meu irmão, mas o filho de meu irmão destruiu o escapo. Seus destroços continuam no prado. Minha parentela cercou imediatamente a Casa Droad e Ramus Ymph tornou-se prisioneiro, junto com Cadmus. Ele mandou vir uma força de socorro de Djanad, mas ela foi interceptada por sua patrulha. Em desespero, ele pediu um escapo blindado, tencionando fugir. Nós destruímos o escapo e matamos Cadmus. Ramus Ymph viu-se em situação extremamente infeliz. Ele usou a viúva de meu irmão e suas três filhas como reféns para fugir.

— E depois? Presumindo que esse homem fosse realmente Ramus Ymph...

— Ele desceu o rio Flant até Arraspe. Abandonou as reféns sob os penhascos e embarcou num falucho nacional. Fez-se ao mar e eu perdi suas pegadas.

— Você cumpriu as exigências fundamentais de sua missão —

disse Noa, o Héter. — Já temos pistas sobre a natureza das atividades de Ramus Ymph. Mas suas motivações ainda nos confundem. Por que, por exemplo, Ramus Ymph está ansioso por adquirir o cabo Junção? Agora, de sua base em Clarim, você vai investigar os movimentos dele, em detalhe, e procurar explicar motivações.

— Ramus Ymph partiu de Clarim, levando consigo suas motivações — disse Jubal. — Não há nada mais que se possa saber por aqui. Estou com muita vontade de discutir minhas suspeitas face a face com Ramus Ymph.

Noa, o Héter, suspirou.

— Seus instintos clarímios são extremamente inconvenientes. A confrontação que você tem em vista, ao menos por ora, não é vantajosa. De fato, sua presença em Wysrod torna-se agora verdadeiramente embaraçosa.

Jubal encarou o rosto pálido de Noa, o Héter. Controlou cuidadosamente o timbre de sua própria voz.

— Por que embaraçosa?

— Aconteceram fatos. As perspectivas modificaram-se.

Especificamente, os Ymph souberam que você é um emigrante retornado, e desejam ajustar as contas com você nessa base. Prefiro que permaneça em Clarim.

— Como eles souberam disso?

— Só podemos fazer conjecturas.

— Exatamente. Eu conjecturo que somente duas pessoas sabiam de minha missão em Kyash: o senhor e sua filha.

— Havia outros — disse vivamente Noa, o Héter. — Alguns oficiais da Marinha Espacial, por exemplo.

— Eles não sabiam meu nome.

— Essas coisas inevitavelmente dão origem a comentários.

— Contudo, se Ramus Ymph é um emigrante retornado, dificilmente eles poderão insistir em me perseguir, em especial porque estou sob sua proteção.

Noa, o Héter, sorriu debilmente.

— As coisas não são assim tão simples. Você tornou-se odioso para os Ymph, que formam a principal parentela de Wysrod. É sempre imprudente desafiar homens poderosos, a menos que se consiga pôr em ação uma força compensadora. Esta é a simples realidade.

— O assassinato de meu irmão e a queima de minha casa: isso também não é real?

— O passado nunca é real — disse Noa, o Héter. — O fluxo dos acontecimentos é o presente. E a menos que você seja capaz de impor uma norma a esse fluxo, é mais sensato não pô-lo à prova.

— Tudo isso é indubitavelmente correto — disse Jubal lentamente.

Noa, o Héter, preparou-se para interromper o contato, depois disse:

— É bem possível que você venha a ser abordado, pelo próprio Ramus Ymph ou através de um intermediário, a propósito do cabo Junção. Se isso acontecer, comunique-se imediatamente comigo.

— Sem dúvida o farei.

Capítulo 14

Nuvens irregulares corriam através do céu noturno, alternadamente obscurecendo e revelando a meia face brilhante de Skay. O ar transportava umidade e os jardins da Casa Héter emanavam um cheiro fresco de folhagem molhada e solo úmido.

Um velho coche se aproximou; saltou um homem de cabelo negro, usando trajes esplêndidos de arroxeado-claro e branco. Um quadratim negro, com uma ametista pendurada, cobria-lhe a cabeça; uma capa negra e curta descia por suas costas. Ele ordenou que o chofer esperasse, depois caminhou com passadas elásticas para a porta frontal.

Um lacaio fez as portas altas se abrirem; Flanish avançou ainda mais sério que de hábito. Ele examinou o recém-chegado com hesitação.

— Boa noite, Excelência!

A entonação ascendente levava a ausência de reconhecimento.

— Por favor, informe ao Nobilissimus que cheguei, e que desejo conferenciar com ele sobre um assunto urgente.

— Certamente, senhor; que nome devo anunciar?

— Mencione apenas que há uma ligação com o nome "Ramus Ymph".

Flanish partiu. O homem de cabelo negro esperou no vestíbulo, onde primeiro inspecionou seu reflexo num espelho, depois foi para uma mesa de pau-cetim entalhado e preguiçosamente virou as páginas de um jornal.

Ele ouviu passos e levantou os olhos para ver Mieltrude descendo os majestosos

degraus. Estava vestida para uma festa, de branco, com uma jaqueta azul-escura. Prendendo-lhe o cabelo claro, havia um diadema de safiras enormes, com a cor e luminosidade de seus olhos.

Parou para olhar o visitante, a princípio ingenuamente, depois com relativa atenção, em seguida com crescente perplexidade.

O visitante fez uma saudação gentil.

— Boa noite, Lady Mieltrude.

— Boa noite... Tenho certeza de que já o conheço... Mas não consigo me lembrar de seu nome.

— Nossa convivência foi apenas casual.

— Sim, mas estou confusa. Acho...

Ela estudou a face do recém-chegado, depois deu um súbito riso de incredulidade.

— O clarímio! — ela riu outra vez. — Agora me lembro do seu nome. Jubal Droad!

Mieltrude cruzou o salão, detendo-se para olhar para trás, de soslaio.

Noa, o Héter, apareceu no vão da porta. Examinou Jubal com uma ligeira expressão de curiosidade. Mieltrude murmurou-lhe alguma coisa com um riso borbulhante estrangulado na garganta. A expressão de Noa, o Héter, adquiriu um ar de carrancudo deleite.

— Seus adereços — disse ele a Jubal — são esplêndidos, mas por que você está aqui?

— Quanto aos adereços — respondeu Jubal —, da última vez que vim a Wysrod fui reconhecido no aeroporto. Agora vim secretamente e disfarçado como um de seus gorilas locais.

— Mas não lhe dei a entender claramente que você devia ficar em Clarim?

— Vim a Wysrod por três razões — disse Jubal. — Para fazer-lhe um relatório, para cobrar meu salário... e seguindo um conselho seu.

— Eu o aconselhei a vir a Wysrod?

— Indiretamente, sim. O senhor disse-me para investigar os movimentos de Ramus Ymph em detalhe e para descobrir suas motivações.

— Especifiquei que você limitasse as buscas a Clarim.

— Não. O senhor instruiu-me para conduzir a investigação de minha base em Clarim. Eu fiz isso. A pista conduziu-me até aqui, a Wysrod.

— As instruções talvez tenham sido ambíguas. Sugiro que vá embora imediatamente. Quanto a seu salário, ele não existe; você não é mais empregado do D3.

— Por que motivo?

— Porque os Ymph o têm como proscrito e por ora não posso suportar atrapalhações.

— Não significa nada que Ramus Ymph tenha assassinado meu irmão, incendiado minha casa e cegado a filha de meu irmão?

Noa, o Héter, murmurou ceticamente:

— Derson Ymph informou-me que Ramus está no Pavilhão Sarpentine há mais de três semanas. Sou forçado a aceitar sua palavra.

— Em face de prova em contrário?

— Que tipo de prova?

— Eu lhe disse que ele tinha tomado o navio em Arraspe. Cheguei a Wysrod uma semana atrás e desde então tenho feito investigações.

Obtive algumas informações muito interessantes. Primeiro localizei o falucho em que Ramus Ymph viajara; obtive uma credencial do capitão do barco e tirei as impressões de Ramus Ymph da cabina, na presença de testemunhas. Esta é a

prova definitiva de que Ramus Ymph participou do assalto à Casa Droad.

— A informação é fútil e irrelevante — Noa, o Héter, murmurou mal-humorado. — Quero relações plácidas com os Ymph, até que certos contornos se desvendem por si mesmos. Mas ainda não é hora de isso acontecer.

Noa, o Héter, tocou o queixo com um indicador em que brilhava uma opala branca como leite.

— Por simples curiosidade, que mais você soube?

— Estou definitivamente empregado pelo D3 ou não? Pálido, Noa, o Héter, olhou para ele.

— Definitivamente não! Já não expliquei minha posição?

— Então vou guardar a informação e agir como julgar adequado.

Noa, o Héter, encolheu os ombros de forma quase petulante.

— Se fizer a atenção dos Ymph cair sobre você, eles vão persegui-lo como a um emigrante renegado.

— Por que razão? O senhor comprovará a natureza oficial de meu negócio.

— E revelar a extensão do que sabemos? De modo algum. Vão obrigá-lo a sofrer uma punição, estou lhe avisando.

— Mas o senhor não pode deixar de reconhecer nosso contrato assinado com testemunhas.

— Evidentemente posso, e vou fazê-lo.

— Sua assinatura está bem clara.

— É mesmo? Você examinou detidamente o contrato?

— Por que deveria? Lembro-me dos termos.

— Por favor, examine-o agora.

— Se prefere...

Jubal puxou um maço de papéis, dos quais tirou um envelope.

— Aqui está o documento.

— Abra o envelope.

Jubal voltou um olhar interrogador para Noa, o Héter, depois rompeu o selo, levantou a orelha, retirou o papel e o desdobrou.

Revelou-se uma brancura virginal. Em dúvida, Jubal estudou a folha vazia.

— A tinta evaporou-se — disse Noa, o Héter — e com ela sua posição privilegiada. Você devia ter suspeitado de que eu nunca poderia dar curso a tal documento. Estaria me comprometendo.

— Desenvolvi essa mesma linha de raciocínio — disse Jubal. —

Naquela mesma noite, fiz várias cópias autenticadas e certificadas do original.

Ele puxou outro papel.

— Aqui está uma delas. É um documento legal. Noa, o Héter, examinou o papel, os cantos da boca caídos.

— Isso joga nova luz sobre o problema. Você é um homem inescrupuloso. Preciso pensar por um momento.

Mieltrude fez um trejeito espevitado.

— Já estou atrasada, tenho de ir. Flanish! Chame meu coche!

— Ainda não, por favor — disse Noa, o Héter. — Quero ter uma palavra com você sobre algumas táticas que talvez precisem ser revisadas. Você se encontrará esta noite com nosso mensageiro?

— Sim.

Noa, o Héter, olhou para Jubal com uma expressão especulativa.

— Está no mesmo endereço?

— Por que pergunta?

— Não importa. Entre em contato comigo amanhã. Vamos formular um plano de ação. Por ora, não lhe posso dizer mais nada.

— E sobre meu salário?

— Ele continua, naturalmente.

— Em vista dos serviços prestados, solicito um aumento de, digamos, quarenta e cinco *toldecks* por semana.

— Isso bem pode vir a ser possível — disse Noa, o Héter, suavemente. — Boa noite.

Jubal partiu da casa sem escolta de nenhum lacaio ou mordomo.

Algumas nuvens ainda erravam através da meia face muito brilhante de Skay. A luz de Skay crescia e declinava, talvez afetando Jubal com sua influência. Ele recordou Mieltrude descendo os degraus, seu deleite e seu olhar por cima do ombro ao sair do vestíbulo. Recordou as amáveis ambigüidades de Noa, o Héter, e a conivência negligente de Mieltrude. Contemplou Skay e viu-se envolvido por uma emoção que nenhuma palavra podia rotular, uma emoção que nunca sentira antes: uma ansiedade triste e doce, mesclada com paixão e temerária determinação. Que utilidade tinha sua simples e única vida se ele não a usasse bravamente? Em vez de partir da Casa Héter e levar consigo seus problemas, aproximou-se de um coche e chamou o chofer.

— Resolvi fazer uma brincadeira com meus amigos — disse. —

Aqui estão dez *toldecks;* eu dirigirei o coche; você vai para o Café Hexagrama, perto da Praça Travan, e espera por mim ali.

O chofer olhou de Jubal para os dez *toldeks* e de novo para Jubal.

— E como vou para o Café Hexagrama?

— Ande, corra, alugue um coche, como quiser.

— Mas o senhor pode destruir o coche!

— Sou um homem cauteloso. Seu coche ficará seguro.

— Acontece que dez *toldecks* não chegam.

— Aqui: mais cinco. Agora, vá embora.

Olhando para trás, o chofer partiu a pé. Jubal levou o coche para o portão de entrada e esperou.

Silêncio através do Cam, que dali a pouco refinou-se num quase silêncio, com sons quase imperceptíveis batendo nos ouvidos: o criado de jígitos na terra úmida, o murmúrio sibilante de uma fonte no jardim, um som semelhante, mais fraco, produzido pela própria cidade de Wysrod.

Passaram-se dez minutos. Descendo o caminho, surgiu um coche.

Jubal manobrou na estrada e fez-lhe sinal para parar.

— A chamada foi um engano — disse ele ao chofer. — Outro coche já tinha sido pedido.

Deu um *toldeck* ao chofer.

— Isto é pelo contratempo.

— Muito bem, senhor, e obrigado.

O cocheiro fez a volta no veículo e afastou-se.

Jubal dobrou a gola da capa para cima e puxou o quadratim sobre a testa. Guiou o coche para a Casa Héter e parou à sombra de um portal.

A porta deslizou para o lado. Mieltrude saiu, correu para o coche, subiu nele, acomodou-se.

— Leve-me à Casa Bazenant, subindo em círculo o monte Mathis.

Jubal fez o coche subir o caminho e saiu na Estrada do Cam. Virou no Baunder em direção ao Passeio Naval, em vez de continuar pelas colinas. Mieltrude,

absorta em pensamentos, não prestou atenção por vários minutos, depois gritou:

— Está tomando o caminho errado! Quero ir para a Casa Bazenant, no monte Mathis!

Jubal parou o coche e virou o rosto para Mieltrude.

— Não há engano.

— Jubal Droad, o clarímio!

— Sim. Por favor, não proteste.

Ele puxou outro de seus documentos.

— Este é o mandado que tirei contra você, por sua tentativa ilegal de me assassinar. Não foi objetado, contestado, nem invalidado. Está válido e estipula dois anos de trabalhos forçados, à vontade do queixoso, junto com duas pancadas diárias de escova de pêlo. Agora estou a serviço desse mandado. Nos próximos dois anos, você estará sob minhas ordens. Lamento fazê-la perder sua festa, mas esta noite, nem dez minutos atrás, decidi tomá-la sob custódia. É uma época adequada, em especial levando-se em conta que seu pai estava planejando matar-me amanhã. Possivelmente com sua conivência.

Agora ele precisará reconsiderar.

Mieltrude falou com a voz abafada:

— Como você sabe de tudo isso? Jubal riu entre dentes:

— Ele concordou com um aumento em meu salário.

— Acontece que você está errado. Ele sabia que os Ymph o matariam. Por que precisaria esforçar-se?

— Isso eqüivale à mesma coisa — disse Jubal. — Os planos dele incluem meu cadáver. Os meus, não. Por esse motivo, escolhi este momento para cumprir o mandado. A punição, aliás, é bem merecida.

— Você pretende mesmo aplicá-la sobre mim?

— É claro. É a força da lei.

— Quase nem é preciso lembrar que em última instância você será o perdedor.

— O que tenho a perder?

— Sua vida.

— A morte chega para todo mundo: Droad, Ymph ou mesmo Héter. Nesse meio tempo, você ganhará uma útil experiência, pela qual talvez finalmente venha a me agradecer.

Mieltrude não disse nada.

— Agora, queira ter a gentileza de sentar-se no chão, para que eu possa poupar-lhe a indignidade de mordaças, vendas nos olhos e laços.

Mieltrude tentou pular do coche. Jubal agarrou-a e deitou-a no chão. Por um momento, lutaram corpo a corpo, mas logo ela se estendeu, dominada, seu rosto muito perto do rosto de Jubal, ambos ofegantes, o cabelo dela despenteado, a pungente fragrância de flores formigando nas narinas de Jubal.

Ele se afastou lentamente. Ela ficou deitada e calada; não se moveu quando Jubal deu partida no coche. Elevando os olhos para a janela, Mieltrude só pôde ver folhagens resvalando através da meia face de Skay e um ou outro brilho dos lampiões de rua.

O coche dobrou cautelosamente numa vereda ensombrada e parou.

Mieltrude podia ouvir o sussurro da suave rebentação das ondas na baía Duskerl.

Jubal abriu a porta.

— Saia.

Mieltrude, curvando-se até sentar-se, foi se movendo lentamente para fora do coche. Ela reconheceu a área: a praia junto à Pousada do Sargaço. Atrás dela, brilhavam as luzes de Wysrod; a baía cintilava sob a luz de Skay; do outro lado, assomava o longo vulto do Cam.

— Por aqui.

Mieltrude olhou de lado. Se gritasse, alguém podia ouvir, e pelo menos chamar a patrulha de segurança. Mas o clarímio, encostado a seu cotovelo, não lhe permitiria fazê-lo. Ele pegou-lhe o braço; ela encolheu-se para evitar o contato.

Desceram à praia. Jubal pegou uma linha de sonda e a puxou, fazendo-a correr de uma mão a outra, enquanto Mieltrude se arqueava e tremia. O cabo da espia de um bote rangeu na areia. A um sinal do clarímio, Mieltrude embarcou com extrema cautela. Soltando o cabo, Jubal fez o barco avançar pela rebentação. À frente, elevando-se em arco sobre o mar, havia outra linha. O bote aproximou-se do costado de um navio ancorado. A um novo sinal de Jubal, Mieltrude subiu a bordo, sombria e apreensiva, plenamente consciente, afinal, de sua situação.

De repente, ela correu para o parapeito do convés e, indiferente aos peixes ferozes, tentou pular. Jubal pegou-a pela cintura e puxou-a.

— Está tentando praticar um ato ilegal. O mandado estipula dois golpes diários com escova de pêlo. Se quer que sejam vigorosamente aplicados sobre seu corpo nu, continue agindo assim.

Mieltrude achou a idéia tão ultrajante, que estremeceu, sem encontrar palavras.

— Este barco está sob meu comando — disse Jubal, empolgado.

— Chama-se *Clanche*. Você passará pelo menos uma fase de sua servidão a bordo deste navio.

Mieltrude, agora mais do que razoavelmente confusa, balbuciou:

— Pensei que você fosse um clarímio; como pode ser um nacional?

— Fretei este barco com *toldecks* que me foram pagos por seu pai.

Sou ainda um clarímio e o Droad da Casa Droad.

— Você é um patife desprezível! — gritou rancorosamente Mieltrude. — E será punido!

— Como se atreve a me chamar de patife? Você cometeu o crime, não eu!

Recobrando a compostura, Mieltrude tornou-se silenciosa como uma pedra.

— Vou tranqüilizá-la quanto aos limites da retaliação — disse Jubal. — Não precisa temer uma violação de sua pessoa. Ao contrário de você, de seu pai e de seu amigo Ramus Ymph, eu tenho escrúpulos.

Daqui para o futuro imediato, você servirá a bordo do *Clanche* como cozinheira e camareira.

— Mostre-me seu mandado.

— Está na cabina.

No clarão da luz noturna, Mieltrude examinou o mandado. Depois foi sentar-se numa poltrona entalhada, de Dohobay.

— Quanto você quer?

— Quanto você está preparada para pagar? — perguntou Jubal com voz decidida.

Ela calculou por um minuto ou dois.

— Por três mil *toldecks*, você pode contratar duas camareiras.

— Exato. Mas isso seria fazer justiça? Mieltrude fez um trejeito de impaciência.

— Vamos falar de coisas reais — disse ela.

— Eu estava esperando que você chegasse a esse ponto. Olhe em volta desta cabina. Esta mesa, estas cadeiras, o beliche lá embaixo, o tapete sobre o piso: estas são coisas reais. Até seu pai o admitiria. Este mandado deriva de seu insolente descaso pela minha vida e pelo meu bem-estar. O mandado é uma coisa real. E se você continua a ser insolente, vai sentir o pêlo da escova. Ele também é uma coisa real.

Mieltrude ouviu sem qualquer expressão.

— Não tenho medo de seu cabo de escova — disse ela num tom quase lânguido. — Ele nada significa para mim. Vou agir como achar que é justo. Não me

tornarei sua serva.

— Nesse caso — disse amavelmente Jubal —, ficará sob minha custódia até que decida dar início a sua servidão penal. Por favor, avise-me quando estiver pronta; começaremos a contar dois anos a partir de então...

Mieltrude sentou-se pensativa. Era mais jovem do que ele supunha, ponderou Jubal, e certamente mais jovem que Sune Mircea, cujos encantos, considerados retrospectivamente, pareciam um tanto superficiais. Sem dúvida, brincar com Sune na cama seria uma experiência gratificante para os nervos, as glândulas e o corpo em geral. Mas apoiar-se no cor-rimão da popa do *Clanche* com Mieltrude, os ombros se tocando, e contemplar o céu noturno e a colossal ascensão de Skay seria um júbilo para a alma e prolongaria uma existência. Falar de escovas de pêlo era puro disparate.

— Presumo que você esteja se pondo ao mar alto — disse Mieltrude afinal.

— É bem possível.

— Então, agora você está fugindo — zombou Mieltrude. — Que clarão...

— Clarímio!

— Que clarímio de nada é você, que insuflou tamanho fogo contra Ramus Ymph!

Jubal deu um sorriso mordaz.

— Sim, estou correndo da barra, ou melhor, navegando para fora da barra. Graças a você e a seu pai, Wysrod está quente demais para mim.

— Você não consegue compreender certas coisas. Estão além de sua compreensão.

— Não creio. Não esqueci Ramus Ymph; longe disso.

— O que tenciona fazer?

— Ainda não sei. Não saberei até que meu imediato venha para bordo.

— E quem é seu imediato?

— O dono do *Clanche*. Ele deve subir a bordo ao amanhecer. E

agora repare nesta cabina. É espaçosa, aconchegante e não demasiado desconfortável. É ventilada e possui uma sólida fechadura na porta.

Entre, por favor. Preciso descer a terra para devolver o coche e fazer com que uma mensagem seja entregue a seu pai. Ele ficará aliviado por saber que você está em boas mãos. Entre logo! Não vou demorar mais que uma hora; não tenha medo.

Uma hora mais tarde, Jubal estava de volta. Abriu a porta do camarote. Encolhida num canto, Mieltrude encarou-o com o olhar dilatado de uma criatura selvagem.

— Venha — disse Jubal rudemente.

Ele pegou-lhe a mão e levantou-a com movimentos rígidos.

— Esta noite você pode dormir naquela cama ali. Silenciosamente, Mieltrude foi para o beliche. Sentou-se

e viu quando Jubal puxou uma cadeira para a frente da porta e, após diminuir o lampião, instalou-se nela.

Mieltrude virou-se. Meio sentada, meio ajoelhada, olhou desconsolada, através da vigia, para a baía iluminada pela luz de Skay.

O Cam interpunha seu vulto comprido e negro entre baía e céu.

Mieltrude achou que estivesse vendo as luzes da Casa Héter, e brotaram lágrimas em seus olhos. Ela quase virou a cabeça para Jubal e depois controlou resolutamente sua emoção. Era Mieltrude Héter, da Casa Héter, e jamais imploraria alguma coisa a um clarímio.

Especialmente, a Jubal Droad.

A abóbada de Skay cruzou o vulto celeste, ultrapassando os severos batentes das vigias e caindo atrás do Cam. O vento mudou de direção; o *Clanche* balançou

sobre sua âncora e as vigias voltaram-se para o leste.

A noite passou. Um brilho roxo prateado formou-se no céu a leste e transformou-se numa fosca cintilação magenta. Mora ergueu-se no céu. Alguma coisa bateu contra o casco e do convés veio um arrastar de passos.

Mieltrude sentou-se na cama, estimulada por súbita esperança.

Seria alguém para socorrê-la? Jubal não ocupava mais a cadeira.

Correu para a porta, mas ela estava trancada. Espreitou pela vigia o convés central do navio.

Um homem alto, de feições duras, subiu a bordo e foi sentar-se ao lado de Jubal no porão. Usava calções largos, cinzentos, e uma camiseta azul, desbotada. Mieltrude viu que era um nacional.

Shrack disse a Jubal:

— Estive com Torquasso na Taverna de Chambros e tentei acompanhá-lo copo a copo. Não consegui. É um sujeito muito forte...

Foi avisado para não dar com a língua nos dentes, mas não gosta de Ramus Ymph e deu-me de presente tudo o que sabe. O frete tem a duração de dois meses; isto já lhe contei. Ele tem aprovisionado o *Farwerl*, que está pronto para zarpar. À meia-noite foi-lhe entregue uma mensagem. Torquasso é um tipo agitado. Toda noite lamenta sua sorte: balançando no ancoradouro aos caprichos de Ramus Ymph. A mensagem não o deixou menos deprimido. Foi notificado de que devia preparar-se para uma partida imediata, e de repente, então, Torquasso descobre que ainda não tinha feito verdadeiramente o giro das tavernas de Wysrod. Quando fui embora ele estava se aplicando com firmeza a esse trabalho.

— A mensagem menciona algum destino?

— Não.

Observando um leve movimento na vigia, Shrack comentou:

— Estou vendo que embarcou um passageiro.

Jubal já começara a estranhar a loucura skayliana da noite anterior.

Sentia-se um tanto tolo e como que na defensiva...

— Fiz cumprir meu mandado e tomei a pessoa em custódia.

— É coisa sua — disse Shrack.

— Não estou certo de que tenha sido um ato realmente sensato, mas o que está feito está feito. E agora, preciso cuidar dela.

— Noa, o Héter, ficará irritado, mas você não se incomoda, é claro.

Mesmo em pequeno grau, a observação reanimou o moral de Jubal.

— Estou irritado com Noa, o Héter.

— Bem, veremos que irritação provará ser a mais pungente. A propósito, um bote está saindo da doca. Pode estar indo para o *Farwerl*, e sem dúvida aquele vulto na popa é Torquasso... Mas não!

Torquasso está a bordo do *Farwerl;* .seu bote está na popa do navio.

Os dois subiram ao tombadilho. Shrack pegou um macroscópio e examinou o bote. Depois passou a lente a Jubal.

— É Ramus Ymph — disse Jubal.

— Está tomando cuidado para não ser reconhecido.

— Estou reconhecendo-o pelo modo como está sentado... Pela emanação que sai do corpo dele.

— Então... E agora?

Jubal contemplou o bote deslizando através da baía.

— Teoricamente, ainda estou empregado pelo D3. Certamente, Noa, o Héter, me instruiria para segui-lo e investigar. É o que faremos, então.

Shrack guardou o macroscópio num camarote.

— Se quer seguir o *Farwerl,* devemos pôr-nos ao mar agora. Se sairmos mais tarde, nossa perseguição ficará inteiramente evidente.

Jubal correu e soltou as amarras. O *Clanche* oscilou num lento semicírculo e puxou para a eclusa-maré. Vinte minutos mais tarde, o navio se atirava às ondas do Longo Oceano. Os cutelos estavam no tope, a vela espanava-se à ré, e as esperanças de Mieltrude, quer de resgate, quer de que Jubal recuperasse o juízo, foram finalmente destroçadas.

Capítulo 15

Cessara o vento matinal. O Longo Oceano estirava-se por ondas vagarosas, que se moviam eternamente em volta do mundo. A superfície era lustrosa, viscosa como um copo com água. As colinas negras e o céu de um tom violáceo claro refletiam-se em distorções aquosas e ondulantes. Mora era uma pocinha dançante de água, manchada de um roxo esbranquiçado e derretido.

Descalço na ponte de comando, Shrack tinha exposto os cutelos às poucas rajadas de ar que perturbavam a calma. Shrack já tirara o traje de terra. Agora, usava apenas um chapéu preto, de banda, e calções pretos, muito folgados, cortados acima do joelho. Jubal também tirara o blusão; ao lado do dorso muito moreno de Shrack, a pele do clarímio parecia pálida.

O *Clanche* deslocava-se para o norte, num avanço quase imperceptível.

— Quando o *Farwerl* ultrapassar as eclusas — disse Shrack —

daremos mais vela, porque vento há... Podemos seguir qualquer curso sem chamar a atenção de Torquasso. Aí vem ele!

As eclusas-marés se abriram. O *Farwerl* deslocava-se para o oceano. Os grandes cutelos iam no tope, rosado e azul-claro. Por acaso, o ar começou a se agitar e o *Farwerl* avançou serenamente à frente.

Shrack inspecionou pelo macroscópio.

— Está velejando a todo pano. Talvez num ângulo de dez ou vinte graus.

— Para onde isso o levará? Shrack apontou para o mapa.

— Veja você mesmo. Jubal examinou o mapa.

— Terão de contornar a costa de Dohobay, a leste de Fônton, a menos que pulem para o mar das Tormentas.

— Não vão fazer isso. Torquasso está com os cutelos dobrados.

Está se preparando para manobrar a leste. Acho que vão para Fônton.

— O que Ramus Ymph estaria querendo em Fônton?

— O que ia querer em Dohobay ou no mar das Tormentas?

— Exato...

Jubal desceu pela escada de meia-laranja para o convés principal e empurrou a porta que dava para a grande cabina. Mieltrude estava sentada na cadeira de *skaneel* entalhado. Jubal fitou-a do vão da porta, enfrentando náuseas de culpa e vergonha. Como dava pena aquela criatura etérea, resplandecente de ouro e prata, miseravelmente apanhada numa armadilha... Com raiva, Jubal alinhou na consciência o rol das injúrias de Mieltrude e recuperou a fé em seu projeto. Entrou na cabina e sentou-se no sofá.

— Por que Ramus Ymph está navegando para Fônton? A resposta de Mieltrude foi negligente e quase arrogante:

— Porque os navios não podem levá-lo voando.

— Que razões ele pode ter?

— Não tenho a menor idéia.

— Não pode sequer fazer uma suposição? Mieltrude ignorou a pergunta.

— Quais são suas intenções a meu respeito?

— Eu já expliquei.

— Quero me comunicar com meu pai. Jubal fez que não com a cabeça.

— Impraticável, do meu ponto de vista. O queixo de Mieltrude caiu.

— Se eu esclarecesse tudo o que aconteceu, você me levaria de volta a Wysrod?

Jubal inclinou-se no sofá.

— Pode justificar seu comportamento?

— Se necessário.

— Eu ouvirei, mas nada prometo em troca.

— Ouça, então. Como sabe, meu pai comanda as operações do D3.

Ele tem grande responsabilidade sobre os ombros e deve agir de acordo com esse dado. Há muitos anos vem tendo conhecimento de influências estranhas e secretas, que é incapaz de compreender. Nesse meio tempo, Ramus Ymph passou a agir de forma muito curiosa, e meu pai se perguntou se os mistérios não estariam relacionados entre si. Para descobrir, tem observado Ramus Ymph de modo muito cauteloso. Não se arrisca a fazer perguntas; não pode ameaçar nem molestar. Pode apenas empregar incitações prudentes, como impedir o acesso de Ramus Ymph à Serventia.

— E você participa dessas incitações? — perguntou Jubal.

— Não estou entendendo — disse Mieltrude com expressão calma.

— Você ficou noiva dele. A aliança era por afeição, conveniência... ou incitação?

— "Incitação" não é a palavra mais adequada.

— Mas ela se aplica no sentido em que você a empregou há pouco?

— Sim.

— E você maquinou um mandado ilegal contra mim para tornar a

"incitação" mais convincente?

— Eu não maquinei nada. Não assinei o mandado.

— Aquela assinatura é sua.

— Você acredita que eu assinaria premeditadamente tal documento, contra um estranho, por mais que fosse grosseiro? O

mandado levava minha assinatura simplesmente porque alguém a falsificou.

— Ouvi coisa diferente.

— De quem?

— Alguém que estava presente no momento da expedição do mandado.

— Deve ser Sune Mircea — disse Mieltrude sem ênfase. — Ela é amante de Ramus Ymph e extremamente sem princípios. Ela mesma assinou meu nome no mandado. Tem talento para trapaças desse tipo.

— Pensei que fosse sua amiga íntima.

— É muito difícil para mim suportá-la. Meu pai insiste em que a falsa intimidade seja mantida, para que ele possa transferir informações aparentemente secretas para Ramus Ymph. Sou obrigada a ser indiscreta, tagarelando segredos. Sune leva-os para Ramus Ymph.

— Como por exemplo a minha volta de Eiselbar, para que me pudessem assassinar?

— Essa informação veio através dos Ymph que estão na Força Espacial. Mas você não foi relacionado nem com o D3, nem com aquele problema no Parlatório. Como meu pai não podia fazer frente a um conflito com os Ymph, você teve de ser mandado para Clarim. Por um infeliz acaso, deu de cara com Ramus Ymph no problema do cabo Junção.

— E o que ele quer com o cabo Junção?

— Esse é um dos mistérios.

— Venha comigo.

Levou-a para o tombadilho. Cinco milhas a noroeste, o *Farwerl* navegava, uma vela rosada e uma azul, inclinadas no horizonte.

Shrack continuava na ponte de comando, mantendo frouxas e baixas suas próprias velas verdes e azuis, mas gradualmente ajustando o timão para se pôr no rumo do *Farwerl.*

— Estão mantendo o mesmo curso? — perguntou Jubal a Shrack.

— Estão indo diretamente para o Poço de Erdstone: uma viagem de duas semanas.

Shrack sacudiu o polegar para Mieltrude, no corrimão da popa, que seguia saudosa com o olhar a esteira do navio, até Fantaeria, do outro lado.

— E ela?

— Alega inocência. Diz que seu nome no mandado foi falsificado.

— Qualquer um diria o mesmo.

— Eu acredito nela. Shrack riu.

— Por que ela não lhe contou isso antes?

— Pura arrogância, creio.

— Voltamos, então?

— Jamais. Ela importa menos do que Ramus Ymph. Jubal se pôs ao largo do tombadilho, parando junto ao corrimão, onde o vento agitava o cabelo claro de Mieltrude, deixando transparecer sombras e reflexos escuros e dourados.

— Venha dar uma olhada no mapa — disse Jubal. Mieltrude deu uma olhada na carta exposta sobre uma

prancha.

— E então?

— Ali está Clarim, terminando no cabo Junção. Aqui está Fônton.

Não está reparando?

Mieltrude deu de ombros.

— Estão quase em posição oposta. Ambos se estendem para os estreitos. O cabo Junção ao sul, Fônton ao norte. Não há mais nada a reparar.

— Exceto que Ramus Ymph pretendeu tomar o cabo Junção. E

agora está naquele barco lá embaixo, viajando para Fônton.

Mieltrude contemplou as velas longínquas do *Farwerl.*

— Você devia voltar a Wysrod e avisar meu pai.

— Não confio em seu pai. Mieltrude encrespou o lábio.

— Por que não seguiu as instruções dele? Da primeira vez que fanfarreou em nossa casa, comportou-se como se ele e não você fosse o servo. E foi extremamente paciente! Ainda se admira por se ter tornado antipático? Agora você me seqüestra, e, mesmo depois de eu lhe ter explicado a situação, recusa-se a me libertar.

— Eu estava cumprindo meu mandado de boa fé. Talvez você não seja de fato culpada. Mas, se é assim, devia ter apelado contra o mandado.

— Estava além de minha imaginação que você se atrevesse a executá-lo.

— Então foi você mesma que se permitiu ser molestada.

Mieltrude não deu resposta. Jubal apontou para o nordeste.

— Lá vai Ramus Ymph navegando em outra de suas missões misteriosas. Se seu pai soubesse, aumentaria meu salário e mandaria que eu o perseguisse, sem olhar para sua conveniência pessoal.

— Possivelmente sim, possivelmente não.

— Nossos objetivos são de fato diferentes. Ele quer que eu observe Ramus Ymph e fique sabendo de seus segredos. Eu quero trazê-lo de volta a Wysrod na ponta de uma corda, rebocado.

Achando as palavras insuficientes, Mieltrude foi apoiar-se no corrimão da popa,

para olhar melancólica na direção do horizonte, seguindo a esteira do navio.

Mora se levantou, o vento refrescou. Vindas do leste, ondas se aproximavam e erguiam o *Clanche,* passavam por baixo e seguiam sempre em seu curso em volta do mundo. O *Farwerl* era mantido sobre a linha do horizonte. Skay se levantava no leste como uma montanha esbranquiçada e se dilatava prodigiosamente pelo céu.

Shrack inspecionava a ma-nivela da âncora. Mieltrude foi para a cabina. Jubal sentou-se no tombadilho, inclinando-se contra o corrimão. Mieltrude saiu da cabina e subiu ao tombadilho. Só lançou a Jubal um olhar apressado, mas ficou contemplando uma grande massa de cúmulos que, elevando-se bem alto, eclipsava os contornos mais baixos e Skay. Ela ainda usava sua túnica de festa, mas acompanhada de chinelos azul-claros: um traje inadequado, mas que de alguma maneira conseguia envergar com dignidade.

Jubal pensou em Sune: a traiçoeira, manhosa Sune, enganando-o para ajudar o amante. Deve ter pensado que ele era muito tolo!

Pensativo, estudou as proporções graciosas de Mieltrude. Podiam essas formas ocultar também duplicidade?

Categoricamente, sim. Já se conduzira falsamente com Ramus Ymph, a acreditar em suas próprias afirmações.

Mieltrude pareceu sentir a pressão do interesse de Jubal. Virou-se para encará-lo:

— Estou curiosa para saber qual é minha situação agora.

Jubal pensou sobre a questão, a mesma questão que o preocupara pela manhã.

— A pergunta é: acredito ou não em suas explicações?

— Não estou acostumada a que duvidem da minha palavra.

— Antes que volte para casa em Wysrod, estará acostumada a todo tipo de coisas.

A voz de Mieltrude tornou-se ainda mais glacial.

— Então, ainda devo considerar-me uma prisioneira?

— Não — disse Jubal. — Não verdadeiramente.

— Então está revogando o mandado?

— Não inteiramente. De fato, não.

— Você não deveria conservar-me detida se sua queixa não é válida.

— Seu pai tem ainda menos direito de me maltratar. Num certo sentido, há um equilíbrio de injustiças.

— E eu sou o bode expiatório!

— "Ponto de apoio" é uma expressão melhor.

— Por conseguinte, em termos claros, sou ainda uma prisioneira.

— Eu a conservo sob custódia. Trouxe você para bordo deste navio; é minha responsabilidade fazê-la voltar para casa em segurança.

— Então, faça a volta com o barco e leve-me para casa agora.

— E perder Ramus Ymph? Seu pai ficaria terrivelmente aborrecido.

Mieltrude afastou-se encolerizada.

A tarde findou-se; Mora mergulhou no oeste. De lá, uma hora antes do ocaso, aproximou-se um cardume de peixes-fortalezas.

Shrack preparou o canhão de bordo.

Um dos peixes rondou a umas trinta jardas do *Clanche.*

Suas torres dorsais, cada uma equipada com olho e arpão, erguiam-se duas jardas acima das amuradas do barco.

O peixe deu voltas, os olhos inspecionando o navio e seus ocupantes. Depois mudou de direção para reunir-se aos companheiros.

Mieltrude olhava do tombadilho. Pela primeira vez, Jubal viu animação em seu rosto: interesse, medo, uma careta de alívio quando o peixe pôs-se ao largo.

— Eles costumam atacar? — Mieltrude perguntou a Shrack.

— Com muita freqüência. Õ alcance de seus arpões é de vinte jardas. Se algum deles chegasse mais perto um pouco, eu o teria afundado.

Mieltrude olhou para o mar com uma expressão algo parecida com solenidade.

— Você enfrenta o perigo muitas vezes?

— Se me mantenho alerta, raramente fico em perigo. Exceto, talvez, ao longo da costa de Dohobay, onde o perigo vem quando menos se espera.

— Por que ir, então, à costa de Dohobay? Shrack sacudiu os ombros.

— B uma das rotas do mundo. O comércio é vantajoso quando se evitam os recifes, as rochas, a rebentação, os piratas.

De novo Mieltrude examinou o mar.

— Você não fica entediado com a solidão? Shrack abanou a cabeça.

— O mal-estar 28 incomoda mais. O oceano é imutável. Às vezes, encontra-se um barco vagando sozinho, sem ninguém a bordo.

Suspeita-se sempre de mal-estar.

— E você sente sempre mal-estar?

— Não sentirei nenhum nesta viagem.

Mieltrude deu uma olhada em Jubal, mas não fez comentários. Daí a pouco disse:

— O *Farwerl* desapareceu. Como conseguirá segui-lo?

— O *Farwerl* está rumando para o Poço de Erdstone. É esse curso que estamos seguindo.

— Veremos fôntones no Poço de Erdstone?

— Não muitos. Eles vivem isolados.

— Soube que esse isolamento os levou a caminhos estranhos, que vivem para si mesmos, que veneram árvores, que seu Grande Deus é uma simples árvore, antiga como o tempo.

— O que está dizendo pode ser verdade. Cada fôntone cultiva um pequeno bosque de árvores sagradas e a elas devota sua vida. Como em Fantaeria, há superpopulação. Não excesso de fôntones, mas excesso de árvores sagradas. Crescem por toda parte e só há espaço para mais algumas. Isso torna a vida difícil para os fôntones.

— Acredita que eles sejam uma raça híbrida, mistura de gaean e djan?

— Não sei. Podem ser até mesmo produto do cruzamento de homens e árvores. Soube de um nacional que seduziu uma garota 28 Tradução aproximada do termo "ankhe": volubilidade, depressão, desencorajamento fôntone... Logo depois, ele ficou coberto de um musgo verde, de onde brotaram flores negras antes de ele morrer.

— E as flores deram fruto ou semente?

— Ninguém sabe. Ele foi a pique no meio do oceano.

— O que há no Poço de Erdstone?

— Uma espécie de cidade, com entrepostos para a troca de mercadorias, e estaleiros no litoral. E, naturalmente, o Pem-BarAçado, uma taverna.

— É para lá que está indo o *Farwerl?* — Assim parece.

— O que Ramus Ymph poderia querer em Fônton?

— Talvez queira comprar um barco.

— Improvável.

— Não há nada mais por lá. E não permitirão que ele se afaste da vila.

— É tudo muito estranho... Às vezes, sinto-me como se estivesse sonhando.

A tarde findou-se; o ocaso se aproximava. Mora surgiu num esplendor majestoso de tons vermelhos, cereja, azul-escuros e, para completar, um jato da cor da flor chacane, da qual os djans extraem sua tintura roxa.

Shrack, compreendendo que Jubal era demasiado impenitente para cozinhar para Mieltrude, e que Mieltrude preferiria morrer de fome a incomodar-se com sua própria alimentação, muito menos servir a ele e a Jubal, desceu judiciosamente para a cozinha e preparou um cozido de carne e verduras. Os três jantaram à luz de lampião, no convés de meia-nau, com um jarro de vinho verde suave. O vento extinguiu-se; o *Clanche* moveu-se através da água ao impulso de seus jatroletes. Na linha do horizonte,

despontou o clarão da luz no topo do mastro do *Farwerl.* Shrack desligou a força e o *Clanche* derivou à luz de Skay. Um tanto de má vontade, Jubal arrumou a cozinha; quando saiu de lá, Mieltrude estava sentada no banco da popa com um copo de vinho; Shrack debruçava-se na bitácula. Jubal serviu-se de uma caneca de vinho e escarranchou-se no convés. Shrack falava da vida do marujo.

— Pelo menos é vibrante, e um homem acostuma-se aos horizontes. A rotina é menos persistente do que se pode imaginar; eu chegaria a dizer que a variedade *é* a situação mais típica, às vezes num grau enervante. Não pode haver dois lugares tão diferentes quanto, digamos, Jorgoso, no mar dos Calafrios, e Urze, no Grande Morgue, ou ambos em relação a Wysrod. Quando o navio atravessa o Throtto, fica-se sempre na expectativa de uma parada tranqüila na baía Duskerl. É desalentador descobrir que coisas terríveis acontecem em Wysrod, tanto quanto em Lacargo, no cabo Navlus. Não há muito tempo, encontrei dois bandidos cruéis preparados para assassinar Jubal Droad sob a autoridade de um mandado ilegal.

Mieltrude mexeu-se com irritação, mas não disse nada. Shrack continuou:

— Dois meses em Wysrod é o bastante. É impossível para um forasteiro conhecer os prazeres de Wysrod. Em comparação, os fôntones são amigáveis. Fico pensando em mares extensos e nas nuvens, nas sinistras meias-noites à luz de Skay e nas ilhas Afortunadas erguendo-se no horizonte. Mesmo os salões de Dohobay têm seu apelo. E de novo eu me largo pelas eclusas-marés, partindo em viagem para oeste. A estrada em volta do mundo é longa; singro o Longo

Oceano. Há lugares familiares a visitar, velhos amigos a encontrar. A cada vez, os amigos são mais velhos e os lugares mudaram. Ou talvez só eu tenha mudado. Mas quando o vento refresca e as velas vão a todo pano, e o navio rola nas ondas, então, a gente se esquece das horas de meia-noite iluminadas por Skay e de Jorgoso, no mar dos Calafrios.

Mieltrude fez um trejeito arrogante com os ombros.

— Você faz suas próprias opções. Eu jamais teria me aventurado pelo oceano por minha própria vontade.

— Você devia agradecer a Jubal Droad — Shrack sorriu, mostrando os dentes. — Por decisão e iniciativa dele, você está vivendo uma nova experiência.

— Pela intolerável presunção dele! Perdeu todo o senso de medida.

Capítulo 16

Passaram-se dias: alvoradas, meios-dias, ocasos, noites iluminadas pelas fases de Skay ou escuras com o Veio de Zangwill, uma cortina li vida atravessando o céu. O *Farwerl* desapareceu no horizonte e não foi mais visto. Shrack não mostrava preocupação e Jubal não tinha escolha senão aceitar a opinião dele, de que o Poço de Erdstone era o porto de destino. Com graça, Mieltrude aceitou um par de calças curtas, uma camiseta de Shrack e andava descalça. Não dizia palavra a Jubal, mas conversava com Shrack quando estava disposta.

Cada dia, ao meio-dia, Shrack marcava um ponto na rota entre Wysrod e o Poço de Erdstone; diariamente, a razão entre a distância à frente e o curso à ré diminuía. No início de uma manhã, um sombreado escuro por sobre o norte: a costa de Fônton.

Quando o dia avançou, as colinas cobertas de árvores ergueram-se bem recortadas contra o céu. O mar estava sem barcos e o único sinal de vida era uma leve cortina de fumaça cinzenta estendendo-se pelo céu. Shrack apontou dois promontórios e uma fileira de ilhotas rochosas cruzando a água entre eles.

— O Poço de Erdstone. Chamam a cadeia de "as Céludas". Não há quebra-mar e os navios só podem penetrar na volta da maré.

Entraremos no fim da maré de quarto.

— Pensei que fosse uma cidade — disse Mieltrude.

— A aldeia fica em volta da costa, junto dos estaleiros. A fumaça está saindo do fogo sob o caldeirão de grude; ele nunca se apaga.

— Não estou vendo o *Farwerl.*

— Deve estar dentro do Poço, nas amarrações.

— Suponha que Ramus Ymph tenha mudado de idéia e navegado para outro lugar?

— Vamos ter a resposta em cerca de uma hora.

O *Clanche* aproximou-se das Céludas. A maré enchente tinha inundado o porto, mas as correntes ainda rodopiavam e serpenteavam por entre as ilhotas rochosas. Shrack baixou as velas e rumou lentamente, através das rochas sentinelas, para uma baía circular de águas tranqüilas cujo colorido se estendia do azul-escuro ao verde. A cidade de Erdstone ladeava a praia. Mais adiante, estavam os estaleiros e uma dúzia de cascos em vários estágios de acabamento.

Um comprido cais flutuante afundava no mar; dois navios preparavam-se para ancorar; outro já se achava ao lado do cais. Shrack apontou para o terceiro navio.

— O Farwerl!

Jubal examinou o barco através do macroscópio.

— Não vejo ninguém a bordo.

— Torquasso deve estar na Taverna do Pem-Bar-Açado, lá embaixo, junto à praia. Talvez Ramus Ymph também lá esteja, dependendo da urgência de seus negócios.

— Que negócios Ramus Ymph pode ter aqui? — murmurou Mieltrude. — Acho que você cometeu um erro tolo.

— Que negócios Ramus Ymph poderia ter no cabo Junção? —

Jubal perguntou. — Ou em Kyash, em Eiselbar? Seja como for, por favor, não

fique à vista, para que ele não a reconheça.

Graciosamente, Mieltrude afastou-se para as sombras sob o tombadilho.

O *Clanche* aproximou-se do cais, uma estrutura de vigas de madeira e compartimentos flutuantes, atados com cabos.

Shrack atracou cuidadosamente; Jubal pulou em terra e prendeu rapidamente as amarras. Alguns fôntones trabalhavam na praia, emendando redes e entrelaçando algas marinhas em cavaletes gradeados. Deram apenas umas poucas olhadelas, indiferentes, para Jubal. Eram homens ágeis, de um tom moreno-pálido, com traços mansos e rudes, de estatura média. Tinham algo do curioso lustro verde-metálico dos djans resplandecendo na pele. Usavam os cabelos negros curtos e soltos; peças coloridas de roupa ficavam amarradas em volta de suas cinturas, deixando nus os pés e o peito.

Mieltrude entediou-se com as sombras sob o tombadilho.

Começou a subir pela escadinha do convés, mas Jubal a deteve.

— Um momento.

Da cabina da popa, ele trouxe um lenço vermelho e azul que amarrou em volta do cabelo e da testa de Mieltrude.

Com um sorriso amplo, Jubal examinou-a a partir dos pés nus, movendo rapidamente o olhar pela calça curta e camiseta até a cabeça coberta de vermelho e azul.

— Duvido que a reconheçam com facilidade.

— Sou um espetáculo assim tão divertido? — Mieltrude perguntou com frieza.

— Diverte o suficiente para que Ramus Ymph não a reconheça caso passe pelo convés.

Mieltrude assumiu um ar de desdém.

— Seria melhor se tentasse evitar que ele reconhecesse você.

— Duvido que ele me reconheça se me vir. Mas não correrei riscos.

Jubal voltou para a cabina da popa. Mieltrude virou-se para Shrack.

— Você está envolvido em toda essa coisa?

— Estritamente falando, ela não é nem um pouco da minha conta

— disse Shrack. — Mas se alguém tiver que perder a taxa do frete, eu prefiro que seja Torquasso.

— Então agora você vai a terra?

— Habitualmente, os homens do mar vão à Taverna do Pem-BarAçado. Torquasso deve estar lá, e talvez Ramus Ymph.

Jubal surgiu no convés usando calções cinzentos folgados e uma camiseta rosada e desbotada. Um gorro cinzento de pescador caía baixo sobre sua testa. Parecia um camponês jovem, vaidoso, de origem incerta. Shrack contemplou-o sem comentário e pulou para a doca. Jubal o seguiu. Shrack olhou o mar à sua volta, depois advertiu Mieltrude:

— Mantenha o olho firme nos cabos quando a maré se alterar. Se eles se esticarem, afrouxe-os.

Mieltrude afastou-se, afrontada. Então agora precisava executar tarefas servis no navio! Por quem a tomavam? Irritada, contemplou os dois homens caminhando devagar pela doca. Depois subiu para o tombadilho, de onde se- descortinava uma vista mais ampla da costa.

Jubal e Shrack seguiram ao longo da praia até um prédio baixo e comprido atrás de uma árvore frondosa. Pararam por um momento para conferenciar e olharam para trás examinando o *Clanche.*

Mieltrude afastou-se e passeou os olhos pelo mar. Quando voltou a olhar para a praia, Jubal e Shrack estavam entrando na Taverna do Pem-Bar-Açado.

Mieltrude franziu a testa e foi sentar-se no banco da popa. A situação lhe agradava cada vez menos. Sua docilidade fora encarada como certa, mas estava livre para fazer o que quisesse. Ninguém se preocupara em adverti-la ou extrair-

lhe promessas; ela não concordara com coisa alguma. Poderia ir a terra e pedir asilo aos feitores fôntones.

Poderia procurar Ramus Ymph ou mesmo soltar as amarras e singrar o oceano de volta a Fantaeria.

Ela refletiu sobre a extensão de suas opções, mas nenhuma a atraía. Simplesmente deixou cair os ombros com irritação, apoiando-se no corrimão da popa com uma postura que duas semanas atrás jamais se teria permitido. Roupas ordinárias e companhias ordinárias favorecem uma conduta ordinária, resmungou Mieltrude para si mesma.

Com o canto do olho, ela contemplou a Taverna do Pem-BarAçado. A missão de Jubal Droad não era de sua conta, mas esperava que ninguém saísse ferido. Gostava razoavelmente de Shrack. Mesmo de modo negligente, ele respeitava sua dignidade. Chegava mesmo a encarar Jubal com certa tolerância. Não queria que nenhum dos dois fosse morto ou ferido. A idéia causou-lhe uma estranha angústia. Não obstante, as possibilidades de violência eram bastante reais. Sabia que Ramus Ymph era impiedoso e cruel: um homem que nunca esquecia uma ofensa. Seria capaz de eliminar Jubal Droad com deleite vingativo... Pensando em Ramus Ymph, fez um trejeito de aversão com os ombros. Os planos de seu pai eram às vezes supercomplicados e freqüentemente cínicos. O contrato de casamento fora mais elaborado e mais cínico que de hábito. Ramus Ymph, não menos sinuoso, tentara diligentemente explorar a situação, sempre insistindo em seu caso amoroso com a execrável Sune. Puxando daqui e dali, forçada a simular e dissimular, era de estranhar que tantos amigos seus a julgassem excêntrica? E se a vissem agora? A idéia veio com um toque de divertimento mordaz.

O tempo passava. A maré começou a baixar. O cais acomodou-se com um gemido de madeira molhada. Nenhum problema havia com as amarras, já que o *Clanche* também se acomodara ao nível mais baixo da água, mas Mieltrude mesmo assim as afrouxou, por puro tédio.

Realmente, não havia razão para não ter acompanhado Jubal e Shrack à Taverna do Pem-Bar-Açado. Seu disfarce improvisado poderia não enganar Ramus Ymph, mas ela era a última das pessoas de Masque que Ramus esperaria encontrar na taverna.

Finalmente, Jubal e Shrack saíram do bar. Caminharam lentamente para a ponta

da doca e pararam para conversar.

Era claro que não estavam de acordo. Jubal insistiu em seus pontos de vista e Shrack submeteu-se com relutância. Separaram-se. Jubal continuou seguindo pela praia, Shrack desceu o cais. Chegando ao *Clanche,* verificou as amarras e pulou no convés.

Mieltrude não pôde conter a curiosidade. Gritou do tombadilho.

— Encontraram Ramus Ymph?

— Não exatamente.

— Para onde foi Jubal Droad?

— Saiu para uma missão maluca.

— É o talento especial que possui. O que é desta vez?

— Deixe-me achar um pouco de comida para esquentar o estômago; o grogue do Pem-Bar-Açado tem uma característica toda própria.

Shrack trouxe pão e salsicha da cozinha. Sentou-se sobre a gaiúta.

— Fomos para a taverna e entramos com cuidado, mas só encontramos Torquasso. Ramus Ymph não estava. Reunimo-nos a Torquasso e trocamos idéias. Torquasso está decididamente desgostoso; Ramus Ymph foi um passageiro exasperante. Fretou o *Farwerl* por uma taxa mínima, depois trouxe para bordo provisões de rações e bebidas finas para seu uso exclusivo. De manhã, estava sempre de humor intratável, mas à tarde, depois de um ou dois copos, ficava expansivo e estimulava Torquasso à dedicação, à lealdade.

Dizia-lhe que se fosse leal poderia ganhar o comando de uma flotilha inteira de barcos, barcos de um tipo que assombraria a Nação Naval.

Coerentemente, Torquasso se declarava contente com o *Farwerl,* uma preferência de que Ramus Ymph zombava... Quando chegaram ao Poço de Erdstone, Ramus Ymph marcou um encontro com o feitor de Erdstone no Pem-Bar-Açado. Entrando na taverna, Torquasso preocupou-se apenas com sua vida. Primeiro Ramus Ymph fez propostas ao feitor, depois discutiu, depois tentou

usar a lábia, depois decidiu ser mais severo. Finalmente, o feitor fez alguma concessão, que Ramus Ymph aceitou sem gratidão. Chamou Torquasso e disse:

"Não posso completar meus negócios aqui. O feitor não tem autoridade para isso. Preciso viajar até um lugar chamado Durruree.

Estarei de volta daqui a quatro dias; esteja pronto para navegar com a maré". Partiu imediatamente com o feitor. Torquasso ficou sentado no Pem-Bar-Açado, bebendo grogue e renovando sua amizade com as garotas da casa.

— E Jubal Droad?

— Foi fazer perguntas ao feitor.

— E depois?

— Depois vamos esperar a volta de Ramus Ymph, é o que penso.

— Quatro dias? Sem nada a fazer a não ser arregalar os olhos pelo Poço de Erdstone? Já estou farta!

— Erdstone não é de todo monótono — disse Shrack. — Sobre a vereda lá embaixo está o mercado, onde você pode comprar ametista, sachê e sapatos mágicos. Se caminhar para fora da cidade, certamente encontrará alguém dançando em seu bosque particular; a visão é extasiante à luz de Skay. Você pode visitar os estaleiros, onde cada prancha é modelada à mão segundo normas fantásticas. Cortam a madeira em toras que depois unem com *mais,* "a matéria-prima da vida", que guardam em garrafas de vidro negro. O que é *mais?*

Ninguém sabe, a não ser os fôntones. Se amaldiçoam um navio, o *mais* desprende-se no meio do oceano e o navio se transforma num feixe de galhos.

— Parece uma raça curiosa. Ouvi sobre suas superstições.

— Os fôntones são diferentes de qualquer outro povo de Masque.

Pergunte a eles sobre o *mais.* Você ouvirá explicações generosas e solenes, mas não ficará sabendo de nada. Eles vão acariciá-la, pentear seu cabelo, agradá-la no que quiser. Se você os magoa, cantam uma estranha música, e você fica perplexa. Mas pedir a verdade a um fôntone é o mesmo que pedir à água que

corra para trás.

Mieltrude olhou para as colinas cobertas de árvores atrás da cidade de Erdstone.

— Como Ramus Ymph pode pensar em negociar com um povo tão caprichoso?

— Não posso dizer, nada sei dos negócios de Ramus Ymph. Os fôntones têm falta de comida. Plantam suas árvores sagradas em todo solo aproveitável. Eles dizem que assim é que deve ser. Mas homens com fome têm pouca energia para dançar. Se Ramus Ymph puder providenciar comida para a necessidade deles, sem dúvida lhe darão ouvidos.

Mieltrude sacudiu os ombros com irritação.

— Estou com medo de me defrontar com Ramus Ymph. Outra coisa não haveria senão humilhação para nós dois. Jubal Droad não leva em conta meus sentimentos; *é* rústico e cansativo.

Shrack foi dar uma olhada na doca. Não se avistava Jubal em lugar algum.

— Agora, então, que devemos fazer? —: perguntou Mieltrude.

— Esperar.

A tarde findou-se. Atrás das colinas, Mora mergulhou num céu da cor de ameixas e caqui. A maré drenou o Poço de Erdstone, depois fez a água afluir de novo pelas Céludas.

Shrack ficou inquieto.

— Se Jubal Droad — disse ele a Mieltrude — tenciona tragar todo o grogue do Pem-Bar-Açado e consolar-se com todas as mulherzinhas, por que deveria agir sozinho? É muito justo que eu vá ter com ele.

Mieltrude gritou:

— Você me deixa de novo aqui, à mercê de qualquer malandro?

Estou cansada de ficar sentada sozinha neste barco!

Shrack estudou a expressão de Mieltrude com o canto dos olhos.

— Não há malandros no Poço de Erdstone, exceto talvez Torquasso. Mas venha comigo, se é isso o que está pensando. O navio cuidará de si mesmo. Rápido! A luz está indo embora.

— Estou pronta!

Ao pularem do barco para a doca, depararam-se com um jovem fôntone, vestido apenas com um gorro com dois penachos e uma túnica branca em volta da cintura.

— Trago uma mensagem para Shrack, do navio *Clanche.*

Shrack pegou a mensagem e levantou-a contra o brilho do céu.

Leu e passou depois o papel para Mieltrude, que deu uma olhada na mensagem com estudado desinteresse. A nota dizia:

"Adivinhei os planos de Ramus Ymph. Ele é mais perverso do que se possa conceber. Estou indo para Durruree, para detê-lo antes que consiga ganhar a confiança de Fônton".

Shrack dirigiu-se ao mensageiro:

— Quando pegou a mensagem?

— Durante o dia.

— Por que não a trouxe mais cedo?

O mensageiro começou a afastar-se, respeitoso, mas distraído, sua mente completamente envolvida pelo crepúsculo.

— O necessário foi feito.

— Onde está o homem que lhe deu a mensagem?

— Foi para o lugar que chamamos Durruree.

— Onde fica?

— Sobre as colinas, para lá de Lamadeira.

— Pode levar-me até lá?

— Fica longe demais.

Sorrindo por cima do ombro, o mensageiro desceu a doca. Dali a pouco, como que impelido por incontrolável entusiasmo, disparou numa correria de passadas compridas e desapareceu no escuro.

Shrack resmungou:

— Ainda assim vamos para o Pem-Bar-Açado.

Capítulo 17

Jubal viajava num escapo de estilo imemorial. Guiado por um sistema invisível, o escapo movia-se em silêncio profundo a apenas nove pés acima do solo arborizado. No alto, a folhagem alternadamente obscurecia e revelava a grande meia face de Skay. Vez por outra, Jubal via luzes trêmulas à direita ou à esquerda; uma vez, um dançarino solitário deslizou atravessando a floresta.

Jubal recostou-se nas almofadas. Cochilou, despertando maravilhado com os topos das árvores movendo-se em cima. Skay corria através do céu. Jubal dormiu de novo. Deparou-se ao acordar com uma sombra pardacenta no leste. Um homem com um gorro branco de três penachos estava sentado de pernas cruzadas na ponta do escapo. Jubal ergueu-se, apoiando-se no cotovelo. O homem falou com voz branda:

— Este é um assunto importante.

— Sim — disse Jubal. — Estou de acordo.

— Não está com medo? — Medo de quê?

— De envolver-se em coisas tão importantes?

Jubal piscou os olhos, querendo saber se estava sonhando.

— Creio que sim, até certo ponto.

— Haverá um julgamento, você sabe.

— Julgamento de quem?

— Seu.

Jubal sentou-se e cocou a testa.

— Nada fiz de errado.

— Não esteja tão certo. Em Durruree, você não deve jamais provocar tumulto.

— Não tentarei fazê-lo — disse Jubal laconicamente. — Quando chegaremos a Durruree?

— No fim do dia. Vai haver um conclave. Não tratamos este assunto com leviandade.

— E por que deveriam? Ele *é* muito sério.

— Que sabe você de seriedade? — perguntou o fôn-tone num tom suave de zombaria. — Um forasteiro é um incômodo para nós. Veja como as folhas se enroscam quando passamos, veja como os ramos se encolhem. Sua mente envia pensamentos flamejantes; você atravessa nossa floresta como um cometa raivoso.

Jubal encarou o fôntone com curiosidade, desconfiando de que fosse um louco. Debaixo do gorro de três penachos, olhos redondos, sem vida como seixos, num rosto franzido e arredondado, devolveram pacificamente o olhar.

— Dormi muito? — perguntou Jubal.

— Dormindo ou acordado, tem de aprender a se controlar, para que não chameje por entre nossas árvores sagradas.

Jubal chegou à conclusão de que uma aquiescência gentil poderia acalmar com muita eficácia seu excêntrico companheiro.

— Eu prometeria agir assim, é claro, mas provavelmente nunca visitarei Durruree outra vez.

— Se levar falsidade no coração, nunca a abandonará. Jubal mudou de posição e

contemplou o sol se erguendo à distância.

— Não planejo enganar ninguém.

Silêncio. Jubal olhou em volta. O homem desaparecera. Jubal ajoelhou-se e espiou para os lados. O escapo andava a seis metros acima do solo arborizado. Raios horizontais de luz do sol tingida de roxo-claro filtravam-se por entre os troncos. Em cima ou embaixo, Jubal não viu ninguém... Intrigante. Fora enganado pela imaginação?

Voltou a seu banco. Tais incidentes não eram do seu gosto, especialmente àquela hora da manhã.

Mora levantou-se no céu. Jubal comeu o pacote de frutas secas que lhe tinham dado. Bebeu também o vinho ralo e suave de uma cabaça.

O escapo derivou para o norte, seguindo as curvas e desvios do túnel na floresta. Aquelas árvores eram sagradas, crescendo de modo imperceptível. Jubal observou uma placa indicativa, uma estaca gravada. De vez em quando, alguns fôntones moviam-se por entre as árvores, fazendo pose, indicando a região atravessada, lavando as árvores com líquidos tirados de tigelas de porcelana.

O escapo passou por uma clareira. Jubal virou-se e viu o homem com o gorro de três penachos novamente sentado na proa do escapo.

— Gostaria de saber como faz isso — disse Jubal.

— De que serviria? A cada instante, enquanto um milhão de eventos ocorre, uma quantidade ínfima ultrapassa o fio de sua consciência. Não acredita?

— Como posso discutir? — Jubal perguntou com aspereza. — Sei somente o que posso saber. O que não posso saber, não sei.

— Deseja aprender?

— Aprender o quê?

— Aí está a pergunta errada. O "quê" é construído por cada pessoa para si mesma e a despeito de si mesma. Você pode somente saber

"como", e às vezes ter uma vaga idéia do "porquê". O "quê" é meramente a qualidade que o distingue de Ramus Ymph.

— Realmente não o entendo nem no mais leve grau. Acho que estou ficando louco.

O homem fez um gesto de desinteresse.

— Endireitaremos sua mente. O cosmo é variado; muitos ambientes ocupam a mesma área. Os "quês", os "cornos" e os

"porquês" diferem uns dos outros. Tudo o que se pode aprender em Fônton são nossos pontos de vista locais. Nossas realidades são as superstições de nossos vizinhos.

— Os fôntones são considerados um povo extraordinário; isso de fato é verdade.

— Então você endossa essa opinião?

— Sinto que está se divertindo à minha custa com truques e enigmas.

— Não está ofendido?

— Estou confuso. Por exemplo, por que dançar entre as árvores?

— Por entusiasmo, alegria, solenidade. Para tranqüilizar os espíritos que vivem nas árvores. Para afirmar o Agora e produzi-lo no mesmo movimento como Em Seguida.

— Mas para dançar é preciso comer. Se as florestas cobrirem todos os campos, a dança tem de parar.

— Os dias de Alcione já se foram — o homem entoou. — A mudança está no ar. Ramus Ymph viaja por Lamadeira e você o segue, explodindo de raiva. Esta noite você conhecerá sua sorte.

Jubal franziu a testa.

— Quem *é* você?

— Sou o Minie.

— Por que está viajando comigo?

O homem não deu resposta e Jubal virou o rosto, aborrecido.

Um momento depois, olhou para a proa. Como esperava, o homem tinha ido embora.

Através da floresta, cruzando clareiras e lagos tranqüilos, entrando numa região de rochas abruptas, subindo um vale soalheiro, saindo num charco. Corriam nuvens pelo céu, quase raspando uma cadeia de penhascos, remanescentes de um antigo gargalo vulcânico.

O escapo deslizou pelo charco, os penhascos assomaram acima, o escapo pousou no relvado junto a um arvoredo de troncos grossos e escarranchados, que Jubal pensou pudessem ser uma variedade do djim. De uma construção baixa, de pedra, saiu um homem usando um gorro com três penachos brancas. Com aceitação impassível do maravilhoso, própria de um sonhador, Jubal constatou que era o Minie.

Jubal andou na direção da fachada e o Minie lhe fez sinal para entrar no prédio.

— Venha. Restaure suas forças.

Jubal penetrou na casa, piscando ante a obscuridade. O Minie conduziu-o a uma mesa rústica de madeira e apontou uma tigela de caldo grosso.

— Coma.

Jubal puxou lentamente um banco e sentou-se.

— Onde está Ramus Ymph?

— Está lá embaixo, no lugar que chamamos Zul Erdour.

Jubal esticou-se para se levantar, mas o Minie falou com voz severa:

— Coma! Fique em paz consigo mesmo. Ordene seus pensamentos. O Sen não será levado por malícia.

— O que Ramus Ymph está fazendo agora?

— Está esclarecendo seu negócio. Jubal empurrou a tigela para o lado.

— Como posso refutar o que não sei? Quero ouvir as palavras de sua própria boca. — Ergueu-se e completou: — Dê-me uma roupa e um gorro fôntone, para que ele não me reconheça; caso contrário, não abrirá o jogo.

— Naquele cabide estão pendurados uma capa e um gorro.

Jubal pôs a capa e o gorro. Não satisfeito, ainda mergulhou as mãos na lama, lambuzou e esfregou no rosto, pescoço e testa, para que a pele parecesse escura. O Minie fez-lhe um sinal:

— Siga-me.

Subiram uma trilha que passava entre dois penhascos e desembocava numa clareira central. Ao lado, havia uma dúzia de árvores grandes. A névoa descia pelos penhascos e rodopiava por entre o alto arvoredo. Jubal parou. Aquelas árvores não eram como as que vira antes. Cada uma parecia uma entidade em si mesma: maciça criatura de incalculável espiritualidade, severa e dominadora. Nas sombras se achavam alguns fôntones, todos fitando alguma coisa fora do alcance da visão de Jubal.

— Ali está o Sen — murmurou o Minie.

Jubal não foi capaz de concluir se ele se referia às árvores ou aos fôntones; talvez a ambos.

— Você chegou a Zul Erdour — continuou o Minie. — Antes que vá embora, haverá um julgamento.

— Não vim aqui para ser julgado — disse Jubal. — Meu negócio é com Ramus Ymph.

O Minie fez-lhe sinal para que seguisse a trilha até a sombra das árvores. Uma plataforma de antiga serpentina polida, densa como jade, erguia-se a algumas polegadas do relvado: lá estava Ramus Ymph, junto de uma árvore com tronco grosso e encaroçado, de mais de cem polegadas de diâmetro.

Ramus Ymph usava uma roupa negra e um boné verde e vermelho-escuro, com um penacho branco. Estava aprumado, o rosto brilhava com ardor, a voz soava

num ritmo confiante.

— O escopo do plano está agora diante de vocês — declarou Ramus Ymph. — Em áreas específicas ao longo do litoral de Fônton e em vários pontos do interior, entrepostos ou, digamos, enclaves comerciais de porte adequado serão instalados, e nunca, assim foi estipulado, sobre terra arável. Nesses locais, a associação compromete-se a construir depósitos adequados, fornecer instalações técnicas se necessário, e também alojamentos, do tamanho que for preciso, para empregados, agentes comerciais e pessoas eventualmente em trânsito. Nesses locais, nossos bens e serviços serão trocados pelas comodidades que forem úteis para vocês. No passado, os fôntones se isolaram cuidadosamente do contato exterior, para que as singulares instituições de Fônton pudessem ser preservadas. Respeito essa ambição! Nada será exigido dos fôntones, exceto cooperação passiva.

Assistir-nos-emos mutuamente com lealdade e boa camaradagem, para tirarmos proveito mútuo. Nada mais há a ser dito; por favor, concedam-me o endosso ou a rejeição de minha proposta.

Com uma gentil saudação às pessoas presentes, Ramus Ymph afastou-se para o lado da plataforma de pedra e esperou. Jubal maravilhou-se com o domínio de si que Ramus mostrava; não podia sentir a quietude e o temor que Zul Erdour inspirava?

O Minie estava ao lado de Ramus Ymph, perto da Velha Árvore.

Jubal abriu a boca de espanto. Um momento antes, o Minie achava-se a seu lado... E o Minie falou com voz impassível:

— Ouvimos suas propostas com esperanças, pois nossas necessidades são grandes. Participaríamos de semelhante pacto sem malícia; como povo tímido e fraco, falta-nos flexibilidade. Pela mesma razão, quando avaliamos o vício e a virtude de um acordo, nossos julgamentos são rígidos. Reagimos com a determinação impiedosamente decisiva da fraqueza e da timidez. Você é forte e hábil; de você, esperamos sinceridade... Especialmente aqui, em Zul Erdour, à sombra do Sen.

— Exatamente — disse Ramus Ymph, sorrindo e calmo. Seu olhar passou de Minie para a árvore grande. Seus olhos moveram-se pelo tronco acima até um grande nó da madeira, dezoito pés acima do solo.

Seu rosto tornou-se momentaneamente confuso. Seguindo-lhe o olhar, Jubal descobriu traços de um semblante humano no retorcido contorno da casca. Estranho.

Ramus Ymph dirigiu-se ao Minie num tom cordial de argumentação.

— Por que uma linguagem tão aparatosa? Não estou proferindo discursos vazios; não prometo milagres. Estou simplesmente colocando meus termos diante de vocês à espera de aprovação.

— Palavras faladas duas vezes não são duplas em significação —

disse o Minie. — A natureza deste contrato está clara para todos?

Seu olhar correu em volta da clareira. Com duro esforço, Jubal Droad encontrou sua própria voz.

— Desejo fazer algumas perguntas — disse ele.

— Responderá com toda a sinceridade? — indagou o Minie a Ramus Ymph.

— De bom grado! Pode perguntar!

O Minie encarou Jubal, que, atraído pelo olhar, chegou-se lentamente para a base da plataforma de pedra. Ramus Ymph viu-o aproximar-se sem emoção.

— Faça todas as perguntas que quiser.

— Você pediu permissão para dar início a operações comerciais em Fônton?

— Absolutamente certo.

— Onde?

— Em vários pontos ao longo da costa, talvez no interior. Tais pontos nunca excedem dez acres de área. Comprometo-me a não ocupar terras aráveis, nem invadir os bosques sagrados do djim. Em troca, ser-me-ia concedida uma patente de livre crescimento.

— E o que isso significa?

— Que vou gerir as empresas sem obstruções ou interferência.

— Que espécie de operações comerciais você planeja?

— Comércio ordinário, para começar. Fônton precisa de cereais, combustíveis, utensílios e ferramentas, tecidos e fibras. Nos novos entrepostos, isso será trocado por produtos e serviços fôntones, em nosso proveito mútuo.

— Seu negócio, então, é comércio puro e simples?

— Eu comercio, promovo operações de compra e venda para outros, executo serviços, represento... Mas somente dentro dos limites rigidamente fixados de meus enclaves. O estilo de vida fôntone não precisa ser afetado e toda construção será feita estritamente de acordo com a paisagem: tal é minha intenção.

— Que instalações você propõe?

Ramus Ymph fez um gesto descerimonioso.

— As que forem necessárias. Depósitos, facilidades de transferência, acomodações adequadas.

— Nem mesmo num grau mínimo a grandiosidade cênica de Fônton será desfigurada pelas instalações?

— Isso é inevitável — disse Ramus Ymph. — Eu seria a última pessoa a negá-lo. A expressão correta é "num grau mínimo". Pretendo realizar unicamente as benfeitorias indispensáveis.

— E o seu pessoal?

— Empregarei fôntones, se possível. Se os fôntones forem incapazes de fornecer os serviços necessários, naturalmente terei de buscar colaboradores em outro lugar.

— Você mencionou "acomodações adequadas"... O que isso significa?

Ramus Ymph olhou pensativo por Zul Erdour, depois desfechou um rápido olhar enviesado para Jubal.

— O termo se auto-explica.

— De acordo. Mas o que é adequado para mim pode não ser para você. Pretende viver numa tenda atrás de seu armazém?

Ramus Ymph riu.

— Alguma coisa melhor que isso. Gostaria de proporcionar abrigo decente aos que dele precisarem.

— Pessoas de passagem? Viajantes eventuais? Visitantes para Fônton?

— Certamente.

— Acomodações grátis? É uma atitude hospitaleira. Ramus Ymph riu outra vez e balançou a cabeça.

— Sou hospitaleiro até certo ponto, mas não na medida em que está sugerindo. Pretendo recolher uma razoável tarifa por todo serviço que proporcionar.

— Em essência, então, em cada um de seus entrepostos de comércio, estaria operando uma estalagem.

— A palavra só se aplica em seu mais amplo sentido. Penso que esgotamos nosso assunto. Ainda há perguntas de mais alguém? Caso contrário, eu desejaria...

— Mas eu não acabei — disse Jubal. — Estou curioso a respeito dessas "estalagens".

— Não lhe posso dizer muito mais do que já disse — Ramus Ymph argumentou. — Os planos da Associação não estão ainda especificados.

— Estou procurando entender o objetivo de suas operações.

Quantas pessoas empregará em cada entreposto comercial?

— Não posso fazer nem mesmo uma estimativa.

— Seus empregados fôntones viveriam em seus próprios domicílios?

— É o que presumo.

— Cada "estalagem", então, alojaria pessoal administrativo: talvez seis ou oito pessoas. É uma cifra razoável?

Ramus Ymph levantou os ombros.

— Ainda não calculei de forma rigorosa.

— As "estalagens" acomodariam, no máximo, doze pessoas?

— Mais ou menos.

— Certamente, esse número não chegaria a dezoito?

— Não estabeleci padrões formais. Certamente, é melhor planejar para mais do que para menos.

— Concordaria em que dezoito é um limite máximo?

— Não necessariamente — disse Ramus Ymph com irritação. —

Eu preferiria conservar a flexibilidade.

— Poderia eventualmente querer acomodar mais de dezoito?

— Eventualmente.

— Quem sabe cinqüenta. Ramus Ymph sorriu.

— Você está simplesmente colhendo números do ar.

— Estou interessado em conhecer a extensão de seus planos. Os termos de sua proposta são de grande latitude.

Ramus Ymph pensou por um momento.

— Posso dizer-lhe o seguinte: sou um otimista infatigável e penso em termos generosos. ,

— Mas você não pretende construir desnecessariamente.

— Evidentemente, não. Mas, às vezes, uma visão ampla mostra-se mais sensata, em última instância.

— De qualquer modo, suas estalagens alojarão um máximo de quantos?

— Não posso especificar um número exato.

— Chegaria a cinqüenta?

— Talvez.

— Cem? Duzentos?

— Esses são números elevados — disse cautelosamente Ramus Ymph. — Meu primeiro interesse é criar o fato básico dos entrepostos.

— Mas não exclui a possibilidade de que as "estalagens" possam alojar até mesmo duzentos visitantes?

— Repito: sou um otimista e um visionário. Não excluo nada.

— Mas considere: nem três viajantes por mês visitam Fônton.

Como pode, mesmo um plano otimista, erigir uma cadeia de seis ou oito grandes hotéis onde eles são desnecessários?

— Viajantes são imprevisíveis. Vão para toda parte se lhes forem oferecidas acomodações adequadas e atrações paisagísticas. E nunca se esqueça: os viajantes vertem ouro!

— De onde virão? Certamente não de Dohobay, nem de Djanad, nem sequer de Fantaeria.

A paciência de Ramus Ymph estava se esgotando.

— Não estamos nos desviando para longe de nosso assunto?

— Mas já deve ter pensado detidamente sobre esse ponto. Se prefere reter a informação...

— Não é esse o caso. Prefiro não perder tempo com irrelevâncias.

— Temos tempo de sobra. Ninguém aqui está impaciente e todos nós estamos interessados nos detalhes de seu esquema. Por exemplo, como tantos viajantes chegarão e partirão? Por faluchos nacionais?

Ramus Ymph sorriu aborrecido.

— Já que estamos especulando... obviamente não.

— Já que estamos especulando, quem prestaria esse serviço?

— Por que não uma frota de navios modernos e luxuosos, especialmente planejados para tal serviço?

— Por que não? — respondeu Jubal. — Mas e os nacionais?

Certamente proibiriam o uso do oceano deles?

Ramus Ymph sorriu com desdém.

— É bastante absurdo que um punhado de marinheiros decadentes controle o oceano do mundo. A Associação não o permitirá.

— Você organizou a Associação?

— Exato. Tenho amigos poderosos.

— Eles estão interessados em nossos planos de desenvolvimento?

— Muito interessados. Eles fornecerão todo o capital necessário.

— Quem são os outros membros dessa corporação?

— Seus nomes nada significariam para você. Nervoso ou constrangido, Ramus Ymph puxou os bigodes.

— Formamos um grupo fervoroso e operoso. Isso eu posso assegurar-lhe!

— Gostaria de saber mais alguma coisa sobre seu sindicato. Está baseado em Wysrod?

— Esta informação é realmente confidencial! Jubal balançou a cabeça,

sorridente.

— Nas circunstâncias presentes, nenhuma informação pertinente pode ser considerada confidencial.

Do rosto tranqüilo do Minie veio uma declaração:

— Deve revelar toda espécie de informação. Ramus Ymph recobrou a pose.

— Nada tenho a esconder. Meus associados estão baseados em Kyash, no planeta Eiselbar. São competentes e altamente experimentados; quanto a isso, não precisam temer. A cada ano, milhões de turistas visitam Eiselbar, onde são eficientemente alojados, transportados e entretidos.

— Tal informação dá uma nova perspectiva à sua proposta —

disse Jubal.

— Não verdadeiramente — disse Ramus Ymph. — Estamos interessados em benefícios. As técnicas eisels são patentemente vantajosas.

— Sem dúvida, você não confinará suas operações a Fônton?

— Absolutamente certo. Dohobay é uma região interessante, e as ilhas Afortunadas estão bem adaptadas a nosso programa.

— A despeito da oposição dos nacionais e, por certo, dos fantários?

Ramus Ymph levantou os ombros com desinteresse.

— O que poderiam fazer? Com modernos armamentos, nós podemos coagir os nacionais e intimidar os fantários.

— Por "nós", você quer dizer sua Associação, ou o Pan-Djan... ou talvez alguém mais?

Ramus Ymph encarou Jubal com terror. Jubal perguntou:

— Quais são as motivações de seus aliados? Você sabe?

Ramus Ymph explodiu:

— Você não é fôntone! Onde já o vi antes?

— Na Alta Estrada. Nas câmaras do Parlatório. Na Casa Droad.

O Minie, quase encostado ao tronco da Velha Árvore, disse:

— A discussão não precisa continuar.

Ele encarou Jubal, que involuntariamente recuou:

— Volte para o Poço de Erdstone; volte para Fantaeria e faça o que tem a fazer lá.

Jubal apontou para Ramus Ymph.

— E ele?

— É essencial que ele vá embora de Fônton. Não pode se desenvolver aqui. Em hipótese alguma você deve impedir sua partida.

Jubal fez a volta e caminhou a passos arrastados pela clareira.

Onde a trilha passava entre os penhascos, virou-se para olhar para trás.

O Minie continuava ao pé da Velha Árvore, contemplando Ramus Ymph, que movia os lábios falando sem produzir som, como um homem debaixo d'água; e outra vez a sensação de irrealidade veio estupidificar o cérebro de Jubal. Fato verdadeiro ou alucinação? As doze pessoas taciturnas que estiveram assistindo da sombra: onde estavam? Não estavam em lugar algum... O Minie permanecia embaixo da Velha Árvore. Jubal correu os olhos desde a saliência nodosa, que se assemelhava a um semblante humano, até o rosto do Minie. Afastou-se lentamente e, sem consciência clara, tomou seu caminho pela trilha... De súbito, parou. Que tinha sido isso? Uma exclamação rouca... Jubal ouviu.

O som não se repetiu.

Capítulo 18

Uma faixa roxa, logo antes do amanhecer, circundou o horizonte.

Skay era um imenso disco negro na incandescência, como a imagem negativa de

um sol. O escapo desceu um vale escuro, com cheiro de orvalho e folhas úmidas, e chegou ao Poço de Erdstone na hora exata em que Mora se levantava no céu.

Havia gente por todo lado na Taverna do Pem-Bar-Açado. Jubal dirigiu-se resolutamente para a sala comum e serviram-lhe uma tigela funda de caldo de pimenteira. Reparou que, do outro lado das janelas, o poço de Erdstone estava em maré baixa. A água corria por entre os bancos de areia e apenas uma corrente fraca passava através das Céludas. O *Clanche* vadiava nas amarras. O *Farwerl* não era visto em lugar algum.

Jubal virou com decisão a tigela e acabou o caldo. Partindo da taverna, desceu a doca até junto do *Clanche* e pulou a bordo.

Foi diretamente para a cozinha, preparou chá e esquentou um prato de cozido, que levou para o convés e devorou com grande apetite.

Shrack aproximou-se da popa, saindo do castelo da proa. Serviu-se de uma caneca de chá e foi para perto de Jubal na escada do porão.

— Então, está de volta!

— Onde está Torquasso?

— Foi embora ontem.

— São más as notícias — disse Jubal num tom de desânimo. —

Quando podemos navegar?

— Não até o meio-dia, na melhor das hipóteses. A maré está só começando.

Mieltrude saiu da cabina grande, sonolenta e despenteada.

Examinou rapidamente Jubal.

— Onde está Ramus Ymph?

— Nas colinas.

Mieltrude foi sentar-se na tampa do porão.

— Que houve?

— É uma longa história. E ainda não está terminada. Jubal serviu-se de outra caneca de chá e contou o que

ocorreu em Durruree.

Com voz abafada, Mieltrude perguntou:

— O que vão fazer com ele?

— Suspeito que nada de agradável.

Os três continuaram sentados em silêncio.

— Quero ir embora daqui — disse Mieltrude. — É um lugar assustador.

— Também quero ir embora — disse Jubal. — Antes que ainda aconteça mais alguma coisa.

— Que pode acontecer?

— Não sei.

— Ao meio-dia, quando a maré virar, nós partiremos — disse Shrack.

Por algum tempo, os três ficaram sentados contemplando a água subir pelas Céludas. Rangendo e estalando, o cais ergueu-se com a cheia. O *Clanche* repuxou as amarras.

Olhando para a costa, Jubal deu um grunhido de frustração.

— Meio-dia é tarde demais.

Quatro homens vinham caminhando devagar, vindos da cidade de Erdstone: o feitor de Erdstone, Ramus Ymph e uma dupla de fôntones sombrios. Viraram no cais. Atordoado, tonto, Ramus Ymph andava com as pernas bambas.

Os quatro homens pararam diante do *Clanche.* Jubal correu para o parapeito, agitando os braços em protesto.

— Ele não é nosso passageiro! Vão embora!

— Ele é um fantário e você é um fantário. Leve-o para Wysrod.

Os fôntones empurraram Ramus Ymph pelo convés do *Clanche*, onde ele ficou arregalando palidamente os olhos, primeiro numa direção, depois em outra.

— A responsabilidade por ele não é nossa! — declarou Jubal. —

Levem-no embora!

— Ele não deve encontrar terreno em Fônton.

— Não o trouxemos aqui. Não o queremos a bordo! O feitor estudou rapidamente Jubal, depois contemplou o *Clanche.*

— Seu navio foi construído aqui em Erdstone e ajustado com o nosso bom *mais.*

— Certo — disse Shrack, subitamente sério.

— Deseja que ele o leve em segurança pelo oceano?

— Sim, é claro, isso está fora de questão.

— Então, você levará Ramus Ymph para Wysrod.

— Seremos felizes em servi-lo — disse Shrack.

— Amarre-o bem e limite seu movimento. Quando germinar, ficará agitado.

Os fôntones voltaram para o Poço de Erdstone. Ramus Ymph continuou como antes, não encarando ninguém em particular.

Finalmente, Shrack se mexeu. Do pique de vante, trouxe um cabo de metal flexível, que amarrou com laço duplo em volta do pescoço e da cintura de Ramus Ymph. Prendeu, depois, a outra ponta no mastro.

Ao meio-dia, a maré atingiu seu ponto máximo. O *Clanche* navegou para fora das Céludas e tomou o rumo sul, através do Longo Oceano.

No segundo dia, Ramus Ymph recobrou a consciência. Num silêncio mortal,

deu-se conta dos arredores, reparando com perplexidade e desânimo que estava amarrado. Fitou Jubal num reconhecimento gradual, que logo se transformou num assomo de raiva. Quando Mieltrude saiu da cabina de popa, ele a olhou assombrado, de boca aberta, enquanto ela subia para o tombadilho.

Mas Ramus Ymph não fez declarações, não pronunciou palavra, como se tivesse ficado completamente mudo. Examinou os laços que o prendiam, estudou cuidadosamente a amarração do cabo em volta do mastro, depois atirou um olhar desolado pelo oceano. Shrack trouxe-lhe comida e bebida, que ele consumiu sem palavras. Dominado pela repulsa, Jubal permaneceu no tombadilho. Mieltrude, ignorando todo mundo, sentou-se casmurra no banco da popa.

Na manhã do sexto dia, Ramus Ymph ficou indócil. No porão, limitado pelo comprimento da corda, andava para um lado e para outro, com as pernas duras, parando de vez em quando para cocar as pernas e o peito. No oitavo dia, rasgou a camisa para poder examinar o pontilhado de manchas escuras que lhe aparecera na pele.

O *Clanche* seguia para o sul, as grandes velas esticadas para receber o impulso dos ventos alísios. Mieltrude isolava-se na cabina da popa ou se encolhia no banco. Falava o mínimo possível com Shrack e absolutamente nada com Jubal. Só voltava os olhos para Ramus Ymph quando era obrigada a isso, ao descer à gaiúta. Jubal a mantinha sob discreta observação. Nunca conseguira adivinhar-lhe os humores, e agora ainda menos.

No décimo dia, Ramus Ymph tornou-se agitado. Agitava os braços, batia os punhos contra o estômago nu, arranhava as pernas, onde as manchas escuras tinham-se transformado em nódulos, como quistos negros. Shrack dissolveu comprimidos analgésicos em vinho e serviu a poção a Ramus Ymph, juntamente com a refeição do meio-dia. Por algumas horas, Ramus Ymph tornou-se relativamente calmo.

Mas quando, à meia-noite, Skay se elevava no céu, começou a assobiar entre dentes. Olhando do tombadilho, Jubal e Shrack viram-no brandindo os braços para o monstruoso globo, num frenesi de súplica.

No dia seguinte, rasgou todas as roupas. Nódulos se apinharam em sua pele, revelando um brilho semelhante ao bronze de canhão. Shrack tentava administrar outra dose de analgésico, mas Ramus Ymph ignorava a comida e a

bebida e continuava nu no porão. A luz do sol bateu em sua pele e ele ficou rígido, olhar pasmado e vítreo, fixado no vazio.

Sua calma persistiu durante toda a noite, mas ao amanhecer soltou um sinistro som rouco.

Mora levantou-se no céu. Mieltrude saiu para o convés. Ramus Ymph dava botes como um animal feroz. O cabo puxava-o para trás e o jogava no chão do convés. Ele pulava em pé, aparentemente sem dor. Mieltrude disparou pela gaiúta, depois reuniu forças para fitar Ramus Ymph. Ele se tornara uma visão perturbadora. O cabelo caía do couro cabeludo, a pele tinha perdido o brilho e atingia um tom cadavérico, cinzento-esverdeado, os nódulos pareciam bolotas de um verde bem escuro. A calma de Mieltrude desmoronou. Sua boca pendeu, lágrimas rolaram-lhe pelas faces. Virou-se e correu até a popa. Sentou-se com as mãos prendendo os cabelos, os olhos fechados e comprimidos.

Jubal e Shrack murmuravam a meia voz.

— É um simples ato de compaixão atirá-lo no mar — disse Jubal.

— Para ele, mas não para nós. O feitor não disse "levem-no para Wysrod"?

— O feitor está muito longe.

— E o Minie, com sua jornada pela noite?

— Como eles poderiam dissolver o grude de uma distância tão grande?

— Se eu soubesse — disse Shrack —, governaria a nação.

— Quando chegaremos a Wysrod? — perguntou Jubal gravemente.

— Daqui a dois dias e duas noites.

Olharam com o canto dos olhos para Ramus Ymph. Jubal perguntou em voz baixa:

— Você acredita nisso?

— Oh, acredito — disse Shrack. — Não brinco com essas coisas.

Na manhã seguinte, Ramus Ymph estava entorpecido no porão.

Seu cabelo caíra completamente, a cabeça calva apresentava uma textura grosseira e encrespada. Outras mudanças eram evidentes. O

nariz tinha se entortado e achatado, os olhos esconderam-se atrás de chumaços de tecido grosso. Alguns dos nódulos se haviam rompido e mostravam miolos fibrosos e verdes.

O dia se passou. Mora assentou-se no mar entre uma melancólica sucessão de nuvens. O entardecer arroxeado tornou-se noite. Os arquejos estertorantes de Ramus Ymph começaram a produzir estranhos sons secundários: guinchos e um silvo estrangulado.

Subitamente, Mieltrude irrompeu da cabina e correu com os olhos arregalados para o tombadilho, onde Jubal e Shrack estavam sentados um ao lado do outro. A luz da lanterna de popa brilhou em seu rosto, acentuando as faces cavadas e a boca retorcida. Ela gritou:

— Não devem deixá-lo sofrer assim! É horrível! Os sons me enlouquecem!

— Controle-se por mais algumas horas — resmungou Shrack. —

Chegaremos amanhã a Wysrod.

— Que efeito é este? Ele não *é* mais Ramus Ymph; é uma criatura em tormento! Ninguém merece sofrer tanto!

— Que podemos fazer — perguntou Jubal com voz triste —, a não ser matá-lo?

— Dê-lhe remédios para acalmar a dor!

— Tenho posto comprimidos na comida e na bebida — disse Shrack. — Ele não toma nada.

— Então, mate-o!

Jubal fez que não com a cabeça.

— Concordamos em levá-lo para Wysrod. Tenho medo do Minie.

— Tem medo, mesmo quando o Minie está tão longe?

— Sim, muito medo.

— O que ele pode fazer a tal distância?

— Não me interessa saber.

— Isso é realmente inacreditável!

— Nem tanto — disse Shrack. — Se quiser, ele pode dissolver o grude.

Shrack apontou o mar escuro.

— Todos nós ficaríamos chapinhando ali no molhado, debatendo-nos e escoiceando para um lado e para outro. O Minie deve ser obedecido.

— Certo — uma vibração sonora no limite da audibilidade. Os três se olharam mutuamente, alarmados: quem falara? Um cabo chicoteou no vento; talvez aí estivesse a fonte do som.

Após uma pausa, Mieltrude falou com voz contida:

— E quando chegarmos a Wysrod, e depois?

— Isso é seu pai quem vai decidir — disse Jubal. — Telefonei para Wysrod. Ele estará presente quando chegarmos.

— Ele sabe que estou de volta?

— Assim espero. Não me lembrei de avisá-lo. Mieltrude assumiu aspecto ameaçador em meio à escuridão.

— Sou tão negligenciável, de interesse tão insignificante para todos, que ninguém se lembra de mencionar meu nome?

— Você está sob minha custódia. Ele sabe que está a salvo.

— Não pretendo levar em conta essa formalidade ridícula!

— Faça como quiser — disse Jubal de mau humor. —

Estou preocupado comigo mesmo. Não quero mais tê-la sob custódia.

Mieltrude batalhou em busca de palavras e, não encontrando nenhuma, sentou-se em silêncio. Por alguma razão paradoxal, um pulsar de cálida emoção a dominou: simpatia, afeição, gratidão; ela estava impelida a alcançar Jubal com a mão e fez um movimento repentino e vago, que, de forma igualmente brusca, conseguiu conter.

Virando-se para o lado, interrogou-se sobre as correntes secretas de seu subconsciente.

Os sons do convés central, abafados pelo vento e pelo fluir da água, eram quase imperceptíveis. Mieltrude curvou os ombros.

— A que horas chegaremos?

— No meio da manhã.

Mieltrude continuou sentada por alguns momentos de indecisão, depois desceu para a cabina, desviando os olhos da forma enrijecida no porão.

A alvorada iluminou o céu. No horizonte meridional estendeu-se uma mancha negra: Fantaeria. A presença de terra acentuava a solidão do mar e do céu. Mora levantou-se e a costa foi revelada em detalhe.

No sul, o Cam estendia um braço arborizado em volta da baía Duskerl; do outro lado, espalhava-se a textura cinzenta de Wysrod. O

Clanche, com todas as velas infladas, seguia adiante com movimentos enfadonhos e pesados. No convés da proa, Jubal, Shrack e Mieltrude contemplavam o litoral, cada um, em grau maior ou menor, acabrunhado e silencioso. Quanto à entidade se-mivegetal do porão, seus olhos já estavam vitrificados por uma crosta opaca e verde.

Perdera a flexibilidade dos músculos e não mais emitia sons. Pequenas ramagens verdes se espichavam das nodosidades; estimuladas pela luz do sol, começaram a desabrochar.

O *Clanche* atravessou as eclusas-marés, entrando na baía Duskerl.

Dentro em pouco, com as velas dobradas, fundeou no cais principal, onde estavam Noa, o Héter, com Eyvant Dasduke e algumas outras pessoas. Mieltrude pulou para terra e correu para o pai. Com um dedo trêmulo, apontou para Ramus Ymph, agora completamente coberto de folhas verde-azuladas.

Jubal dirigiu-se à forma enrijecida:

— Ramus Ymph! Você está me ouvindo?

A figura não mostrou compreensão. Os olhos, foscos como cúspides de mármore verde, mal podiam ser vistos atrás das folhas.

Shrack aproximou-se, soltou as cordas e desprendeu o cabo preso no mastro.

Ramus Ymph moveu as pernas aos arrancos. A passos pequenos e rápidos, trotou para a abertura no parapeito, as folhas farfalhando enquanto se movia. Cambaleou para terra com pressa desesperada, e os espectadores abriram caminho. Andou aos tropeções até o parque junto da esplanada, entrou num terreno de solo fofo, torceu os pés, cobrindo-os de terra úmida até os tornozelos. Com esforço torturante, ergueu os braços para o alto, rangendo e estalando, retorcendo o corpo, e nessa posição ficou imóvel. As folhas, desabrochando plenamente à luz do sol, cobriram seu rosto.

Alguém exalou um suspiro trêmulo. Eyvant Dasduke resmungou uma praga ligeira. Noa, o Héter, virou a cabeça para Jubal e os olhos pálidos, parecendo às vezes tão brandos, mostraram o polimento do aço.

— Sem dúvida — disse ele —, você tem muita coisa a me contar.

— Não vejo razão para lhe contar coisa alguma.

— Por favor — disse Noa, o Héter —, vamos evitar uma discussão cansativa, que só nos pode causar aborrecimento e atraso.

— Como quiser — disse Jubal. — Mas se está lembrado...

— Sim, sim! Sua situação, sua preciosa remuneração. Noa, o Héter, falava com voz tranqüila, sem aspereza.

Deu uma olhada na árvore verde-azulada.

— Sugiro que tratemos de nossos negócios em outro lugar. Os Ymph logo estarão chegando em grande número. No mínimo serão compelidos a uma retórica extravagante. Vamos continuar a discussão na Casa Héter, onde não seremos incomodados.

— Devo entender então...

— Sim, sim; tudo aquilo que quiser! Na Casa Héter! Jubal inclinou severamente a cabeça.

— Muito bem. Preciso de cinco minutos para uns acertos com meu amigo Shrack e encontrá-lo-ei na Casa Héter.

Capítulo 19

Noa, o Héter, esperava Jubal no salão, empertigado, imóvel, e só revelando um traço daquela urbanidade irônica a que Jubal estava acostumado.

— A sala matinal é agradável a esta hora — disse Noa, o Héter. —

Não podemos tratar de nossos negócios lá?

— Onde quiser.

Jubal estava decidido a competir com o modo descontraído de Noa, o Héter.

— Por aqui, então.

Passando por um corredor almofadado de branco, cruzando uma série de tapetes djan de três vidas, tecidos com fios coloridos, chegaram a uma câmara ao lado de um antigo jardim. Noa, o Héter, indicou uma cadeira de faiolo branco entalhado.

— Bebe alguma coisa? Talvez um gole desta excelente garrafa de Pardo? Ou aguardente de lariço?

— Lariço, por favor.

Noa, o Héter, derramou a tintura em duas taças. Depois sentou-se outra vez e contemplou Jubal por entre olhos semicerrados.

— Sente-se à vontade? — perguntou ele, empurrando uma bandeja. — Essas pastilhas são deliciosas; são importadas de Bazar.

Talvez outro gole de lariço?

— Por favor. Estou emocional e fisicamente exausto. Agora estou sentindo um agradável relaxamento. Mas minha mente funciona com absoluta clareza.

— Freqüentemente é isso o que acontece. Estou contente por vê-lo tão evidentemente bem de saúde. Posso saber de seus planos futuros?

Jubal cocou o queixo, pensativo.

— Quanto a isso, gostaria de ter seu conselho. Acha que posso fazer uma carreira satisfatória no D3?

Noa, o Héter, pensou no assunto.

— Pelo menos, posso dizer-lhe o seguinte: seu antigo posto ainda não foi ocupado.

— Nunca fui demitido — disse Jubal. — Na realidade, antes que me esqueça, preciso cobrar meu pagamento atrasado, que foi fixado em quarenta e cinco *toldecks* por semana.

— Lembro-me de que um número semelhante já foi mencionado.

Contudo...

— Na realidade, no caso de continuar no D3, teria de contar com um aumento.

— Realmente seus desejos ultrapassam a realidade! Quarenta e cinco *toldecks é* uma remuneração mais do que adequada, ao menos por enquanto!

— Muito bem. Não sou homem de discutir por causa de uns poucos *toldecks.* Talvez possa assinar um contrato comigo, sobre o meu cargo. Por favor, use minha caneta e este papel, que trouxe para este fim.

Noa, o Héter, permitiu-se rir com a boca fechada.

— Ao menos por uma vez, você terá de confiar em minha boa fé.

Vamos falar agora sobre Ramus Ymph?

Jubal chegou ao fim do relato. Por alguns minutos, houve silêncio na sala. Noa, o Héter, de pé junto às janelas, pensava sobre o assunto.

Depois voltou para sua cadeira e fixou os olhos espertos em Jubal:

— Que conclusões você tira desses acontecimentos? Jubal refletiu por um momento.

— Os fôntones não são gente para se brincar, estou convencido disso. É um povo muito curioso, com problemas urgentes, mas suas convicções religiosas — se for este o termo adequado — fazem com que esses problemas se agravem.

— Considera então que suas convicções não têm espírito prático?

Jubal encolheu os ombros.

— Não vejo necessidade de tantas árvores de djim... De qualquer modo, não sou um fôntone. Talvez eles conheçam melhor suas próprias necessidades. Sem dúvida, pensam diferente de mim. Ainda estou perplexo com o que vi. Talvez eu tenha sido confundido por truques de prestidigitação; caso contrário, como explicar tudo aquilo?

São coisas que fazem pensar.

— Exatamente — disse Noa, o Héter. — Além desses mistérios metafísicos, vários assuntos práticos clamam por esclarecimento, e podem ser esses os aspectos mais significativos de todo o episódio.

Por exemplo, como Ramus Ymph esperava neutralizar a hostilidade dos nacionais, mesmo articulado à Agência Turística Passeio Popular?

Como poderia coagir a nós, fantários? Quem forneceria elementos de persuasão tão poderosos?

— O Pan-Djan? — sugeriu Jubal sem convicção.

— Dificilmente eles iriam querer introduzir novos estrangeiros em Masque — disse Noa, o Héter.

— É uma pena que não possamos fazer uma ou duas perguntas a Ramus Ymph — disse Jubal. — Talvez Husler Wolmer pudesse fornecer a informação.

Noa, o Héter, balançou afirmativamente a cabeça.

— Estou considerando a possibilidade dessa investigação. De fato...

Jubal ergueu bruscamente a mão em protesto.

— Por favor, não me peça para voltar a Eiselbar; a música ainda ressoa em meus ouvidos. Desta vez, mande Eyvant Dasduke.

— Eyvant Dasduke? Não posso privar-me dele. Além disso, estou começando a apreciar sua objetividade, por mais rude que ela possa ser. Na realidade, já tenho em mente outra missão para você. Mas chega por hoje. Você está exausto e sem condições para ser inteirado de novas tarefas.

— Exato. Mas preciso falar de outra coisa. Por culpa de Ramus Ymph, a Casa Droad está em ruínas. Já que agora Ramus Ymph não passa de um enfeite de jardim, sem recursos financeiros...

Noa, o Héter, ostentou um sorriso torto.

— Não se iluda! Ramus Ymph é muito mais do que você supõe! A parentela Ymph vai colocá-lo nas nuvens!

— Não tenho de pedir uma indenização aos Ymph? Noa, o Héter, arregalou os olhos num assombro sem fala.

— Dá valor à sua vida? — perguntou ele por fim.

— Certamente.

— Se colocar essa exigência diante dos Ymph, com a atual disposição de espírito deles, você será morto quase imediatamente, e seu sangue utilizado para fertilizar o solo em volta de Ramus Ymph.

Jubal começou a protestar, mas Noa, o Héter, não quis ouvir.

— Não pense mais nada nesse sentido. Amanha, entre em contato com Eyvant

Dasduke para receber instruções.

— E meu pagamento atrasado?

— Apresente as contas a Eyvant Dasduke.

Jubal partiu da Casa Héter. Noa, o Héter, voltou para seu estúdio, onde, pouco depois, Mieltrude veio ter com ele. Os dois falaram demoradamente.

— E Jubal Droad? — perguntou Noa, o Héter. — Ainda o considera tão odioso?

Mieltrude fez um movimento espevitado com os ombros.

— Ele é obstinado, decidido, e às vezes age como um fanfarrão...

Contudo, para um clarímio, é suficientemente tolerável. Na verdade, é um jovem bem agradável.

— Eu estava me perguntando se você tinha reparado nisso — disse Noa, o Héter, secamente.

Capítulo 20

Jubal esperava no Jiraldra, um elegante pavilhão junto do Passeio Naval. Era o ocaso. O céu brilhava com cores melancólicas. Sob um longínquo acúmulo de nuvens, surgiu uma faísca castanho-avermelhada que se acendeu e sumiu. Mora se foi. No leste, Skay girava em cheio pelo Cam, sua esfericidade acentuada por uma gradação de cores: amarelo-fosco sobre o limbo superior, dourado na circunferência, uma mistura de pêssego e rosa embaixo.

Jubal deu uma olhada no relógio e ficou de pé; Vaidro era conhecido pela pontualidade. E lá vinha ele pelo Passeio Naval, o vulto recortado contra a face de Skay.

Os dois trocaram um tapinha com dois dedos sobre o ombro: a ordinária saudação clarímia. Vaidro disse:

— Você tem estado ocupado desde nosso último encontro.

— Fiz uma viagem interessante e, até certo ponto, acertei nossas contas com

Ramus Ymph.

— Um equilíbrio exato entre injúria e revide é difícil de alcançar

— disse criteriosamente Vaidro. — Acha que ainda existe carência?

— A Casa Droad está arruinada. Os bens móveis herdados e os troféus se foram, os documentos da família viraram cinzas. Posso apenas reconstruir a casa. Talvez daqui a trezentos anos ela recupere algo de sua dignidade. -

— É uma meta ambiciosa — disse Vaidro. —• Onde achará o dinheiro? Tenho alguns fundos, mas nem uma fração mínima do que seria necessário.

Jubal apontou para o outro lado da baía Duskerl, para o Cam.

— Logo abaixo daquela alta crista Gawel, o Ymph mantém seu palácio. Ele e os outros Ymph ricos é que deveriam reparar o prejuízo, mas Noa, o Héter, disse-me que tal esperança é mera ilusão.

— Ele diz menos que a verdade, mesmo quando diz alguma coisa

— Vaidro afirmou. — Os Ymph sofreram uma humilhação terrível.

Eles se indignariam com seu pedido.

— É provável — disse Jubal. — Você viu a árvore?

— Só de passagem. A cerca conserva os transeuntes à distância.

Os dois saíram andando pelo Passeio Naval, o vasto globo de Skay agigantando-se sobre eles.

— Parece haver planos de erguer um monumento ou sacrário perto da árvore — Vaidro observou.

— Os Ymph — resmungou Jubal — gostariam de retratar Ramus como um mártir heróico, cuja pior falta foi seu espírito aventuroso. O

que é possível, pois os fatos não são amplamente conhecidos.

— E quais são esses fatos? Eu mesmo estou curioso.

— Só posso dar minha própria versão, e minhas conjecturas, mas dificilmente concebo que possa estar errado. Ramus Ymph era um homem de energia e ambição: vaidoso, orgulhoso e, sem dúvida alguma, bravo. Na realidade, todas essas qualidades parecem ter-se desenvolvido em excesso em Ramus Ymph. Estou certo de que se sentia insatisfeito, até mesmo asfixiado pelas condições de sua vida.

Assim, empenhou-se em alterar essas condições, sem olhar para as conseqüências. Especificamente, ele queria um iate espacial, queria viajar à vontade entre os mundos distantes. Tal projeto é dispendioso, mas Ramus Ymph pensou que descobrira como ganhar o dinheiro necessário. Os fôntones, porém, indignaram-se com sua irresponsabilidade e o puniram de acordo.

— A árvore, sem dúvida, é uma visão bonita — disse Vaidro.

— Pelo menos a esse respeito, Ramus Ymph pode ser grato.

— Sempre supondo que sua inteligência ainda habita na árvore, inteligência que encerra um pensamento irrequieto... Reflita! Um homem consagrado à liberdade e à aventura arrojada que agora tem de permanecer imóvel!

— Você está sugerindo, então, que suas motivações não foram vergonhosas?

Jubal encolheu os ombros.

— Eu mesmo gostaria de possuir um Sagitário ou, ainda melhor, um Vagueador Magalânico. Eu podia até mesmo tentar vender tapetes djan. Ramus Ymph foi mais longe: tentou vender o planeta Masque para a Agência Turística Passeio Popular e para incontáveis módulos de turistas. Pense nisso! Com o maior dos hotéis no cabo Junção!

Os dois desviaram-se do Passeio Naval e caminharam através da penumbra para uma cerca de ferro, juntando-se a alguns outros homens e mulheres que tinham ido ver a árvore que fora Ramus Ymph. Uma luz brilhava sobre uma caixa pesada, de alabastro branco, com uma tabuleta.

"Neste local será edificado um sacrário digno

da memória deste indomável visionário:

Ramus Ymph!

Ele ficará para sempre entre nós; sua alma

debruça-se agora sobre você!

Seus amigos e parentes, com todas as suas relações

e contatos, e todas ás outras pessoas que

reverenciam a memória de Ramus Ymph:

coloquem uma parte de sua riqueza

dentro desta caixa, até o limite de suas

possibilidades, para que um adequado monumento

possa ser erguido em memória de

Ramus Ymph!"

— Desse modo, as façanhas de Ramus Ymph vão ser distorcidas e glorificadas — Vaidro meditou. — Suponho que esse seja o meio mais fácil de os Ymph saírem dessa situação embaraçosa, embora todos percam dignidade com tal expediente.

— Ninguém parece desconcertado — disse Jubal. — Veja aquele majestoso senhor. Acabou de colocar dez *toldecks* na ranhura.

— É uma coisa absurda e complicada. Ramus Ymph, a despeito de seus crimes, transforma-se num herói popular.

Por entre a penumbra, uma figura delgada, de capa escura, veio andando a passos rápidos e incertos. Sob um capuz, o rosto de uma mulher jovem brilhava à luz de Skay. Aproximou-se da cerca e, por muitos e longos minutos, contemplou a árvore com os ombros caídos.

Em seguida, com um gemido suave, virou-se para o lado e, com mãos trêmulas, enfiou *toldeck* após *toldeck* na caixa de alabastro. Reparando em Jubal, parou bruscamente.

— É você! — gritou ferozmente, com voz áspera, quase sibilante.

— Devia ter contado com isso! Você cumpriu sua vingança, agora vem vangloriar-se!

— De modo algum! — disse Jubal num tom gentil. — Você interpretou inteiramente mal minhas motivações.

— Então, por que está aqui?

— Por motivos muito importantes, mas particulares.

— Não creio em nada disso! Você veio gozar seus prazeres vingativos.

— Asseguro-lhe o contrário. Jubal virou-se para Vaidro.

— Permita que lhe apresente Lady Sune Mircea, que outrora foi amiga de Ramus Ymph.

— Amiga? — ergueu-se o tom de sua voz. — Como é insípida e banal esta palavra; como se ajusta bem a seu estúpido temperamento!

— Peço-lhe perdão — disse Jubal. — Nunca compreendi seu relacionamento com ele.

— Naturalmente que não. Éramos incomparáveis! Como poderia você saber de nossa paixão, nosso clímax de felicidade, os prodígios que executávamos juntos? Não espero isso de você. E sei agora por que você está aqui! Para ver-me em minha aflição! Muito bem, olhe o quanto quiser!

Sune arremessou o capuz para trás.

— Extraia seu prazer e eu o desprezarei por isso!

— Lady Sune — disse Jubal —, a senhora está inteiramente enganada. Não sinto outra coisa pela senhora senão piedade. Sugiro que vá embora deste lugar, se ele a perturba tanto.

— Nunca! Virei aqui todos os dias de minha vida. Quando o sacrário estiver construído, serei a primeira a deixar minha assinatura no templo!

Ela encarou a árvore:

— Ramus, você pode ouvir-me? Dê-me um sinal; certamente que é possível.

Os três caíram em silêncio e olharam para a árvore. Passou-se um minuto. A árvore continuou imóvel. Sune deu um gemido suave, depois virou e disparou a passos ligeiros e vacilantes.

— Uma jovem mulher um tanto teatral — Vaidro comentou. —

Mas suas sensações parecem sinceras.

— Sim. Ela as confirmou com *toldecks*, como deve ter notado...

Sinto pena dela, embora ela tenha me enganado uma ou duas vezes.

Esperou em volta da cerca. As pessoas que tinham vindo apreciar a árvore tinham partido. O local estava vazio, só havia eles dois. Jubal meteu a mão no bolso e tirou uma resistente sacola de lona. Pegou uma chave, foi até a caixa de alabastro, abriu a porta de bronze e derramou na bolsa o dinheiro acumulado.

Com ar zombeteiro, Vaidro apreciava as diligências.

— Tenho de admitir que esta é uma evolução inesperada dos acontecimentos.

Jubal fechou a porta de bronze e suspendeu a sacola. — Uma boa receita para um dia: várias centenas de *toldecks*, na pior das hipóteses.

— Tornou-se tesoureiro dos Ymph?

— Na verdade, os Ymph nada têm a ver com isso — disse Jubal com um sorriso sarcástico —, exceto os que puseram seus *toldecks* na caixa. Mesmo à revelia, estão pagando para reconstruir a Casa Droad.

— Foi você, então, quem fez a tabuleta?

— Sim. Com grande cuidado. Não reparou as palavras "um sacrário digno da memória de Ramus Ymph"? Não "um grandioso sacrário", não "um sacrário de ouro e mármore". Posso edificar em meia hora um sacrário adequado à memória de Ramus Ymph; talvez um monte de pedras do litoral ou um abrigo de

passageiros.

Vaidro leu outra vez a tabuleta.

— Você foi escrupuloso na escolha das palavras. É uma qualidade que aprecio.

— Afinal, não podemos saber o que pensa Ramus Ymph. Talvez sinta remorsos e aprove meus esforços. Ramus! Você aí na árvore!

Está me ouvindo? Qual é sua opinião? Como devo empregar este dinheiro?

A árvore não deu sinal de vida, embora os dois tivessem esperado por um longo minuto. Mas a noite estava silenciosa e sem vento. As folhas moviam-se menos que um tremor.

Jubal levantou a sacola e balançou-a para ouvir o tilintar.

— No devido tempo, tiraremos a tabuleta e a caixa, mas, por ora, deixemos os Ymph pagarem! Eu saboreio cada *toldeck!* Está disposto a um copo de vinho?

— Muito bem disposto.

— Vamos, então, visitar o Jiraldra, onde poderemos falar sobre Fônton, Noa, o Héter, o que jaz além do Veio de Zangwill, e eu poderei descrever a música de Eiselbar.

— Uma idéia de muito mérito! Enquanto estamos vivos, deveríamos sentar-nos entre luzes coloridas, provar bons vinhos e falar sobre nossas aventuras em lugares distantes. Quando estivermos mortos, a oportunidade já terá passado.

Os dois afastaram-se para o Passeio Naval, foram embora, e a árvore ficou sozinha, banhada pela luz de Skay.

GLOSSÁRIO

1 Permissão: um tempo de liberdade e despreocupação, marcando a passagem da juventude à maturidade. Quando chega o momento, os rapazes e moças de Fantaeria e Clarim tornam-se viajantes e percorrem os treze distritos. Viajam por trilhas e abrigam-se em estalagens de beira de estrada, ou acampam nos prados. Enquanto seguem viagem, defendem a paisagem: plantando árvores, reparando

caminhos, tirando as amoreiras mortas dos bosques, destruindo a praga da relva, a odiosa *hariah*, e os espinhos. Se alguém foge aos deveres da Permissão, torna-se tristemente célebre, e o rótulo *chraus* ("indolente", "alma mesquinha", "desprezível") é capaz de persistir pelo resto de sua vida.

Nunca o amor é mais pungente e os amigos mais queridos. As memórias perduram para sempre: rostos sorridentes, vinho tinto à luz de lampião, a música do bandolim e da flauta, noites em cimos verdes, quando as vozes são baixas e o Veio de Zangwill paira como uma cortina incandescente pelo sul, ou o terrível Skay rola pelo céu. Tão logo a Permissão termina, a juventude se vai.

2 Os saidaneses de Skay e os djans de Masque formam a espécie *Homo mora*, que não pôde caldear-se produtivamente com o *Homo gaea* — ainda que os fôntones de Fônton e certas tribos de Dohobay sejam considerados raças híbridas. Os saidaneses e os djans apresentam uma fisionomia tipicamente humana, proporções esguias, feições pequenas, cabelos pretos, a pele de um tom verde-oliva descorado, freqüentemente coberta de um leve brilho metálico.

Os olhos dos djans vão do verde-escuro ao negro, com pupilas elípticas.

Em Skay, um mesmo conjunto de imperativos sociais —

conhecido como Princípio Primeiro — estabilizou o grupo. Em Masque, a chegada dos fantários criou uma convulsão e o grupo tornou-se um tanto mais diferenciado.

Tanto os djans quanto os saidaneses empenham-se na manutenção de uma estrita ordem social. Toda e qualquer atividade é executada em articulação com outras, de acordo com um método padrão. A mínima unidade social djan é formada por um grupo de quatro pessoas, na grande maioria das vezes dois homens e duas mulheres, que estabelecem, de fato, uma cooperativa doméstica. Cada um é "casado"

com uma pessoa de um núcleo familiar diferente. Uma espécie de afeição indiscriminada, ou hábitos de gentileza e afagos mútuos, que podem incluir contato sexual, permeia as sociedades djan e saidanesa.

Na realidade, cada núcleo familiar está ligado a quatro outros; por círculos em contínua expansão, cada núcleo familiar entra em contato com toda e qualquer outra família de Djanad.

O comportamento djan varia conforme o tamanho do grupo imediato. Quatro é o menor grupo em que um djan pode sentir-se relaxado. Três djans tornam-se em pouco tempo ansiosos, suas vozes se elevam, tornam-se inquietos, superagitados. Dois djans, ao ficarem sozinhos por qualquer período extenso, estimulam-se mutuamente para a afeição ou para o antagonismo. O djan solitário, não possuindo restrições sociais, fica desorientado, instável, e é freqüentemente perigoso.

Os fantários empregam trabalhadores djans em grande número.

Orientam-se pelo seguinte esquema:

Um djan funciona a esmo, a menos que seja supervisionado.

Dois djans tornam-se violentos. Brigam ou fazem carinho um no outro. O trabalho sofre.

Três djans criam um desequilíbrio; trabalham com agitação e rancorosa energia.

Quatro djans formam um sistema estável. Respondem uniformemente às ordens, mas se esforçam apenas moderadamente e alimentam o relaxamento entre si.

Cinco djans formam uma combinação instável e perigosa. Em pouco tempo, quatro deles formarão um grupo; o quinto, rejeitado, fica ressentido e amargo. Pode tornar-se "solitário".

Seis djans produzem um conjunto estável e um par de desafiadores amantes.

Sete djans criam um fluxo imprevisível de situações cambiantes e um torvelinho de emoções.

Oito djans, após considerável artifício, cumplicidade, experiência, conspiração e calúnia, formam dois grupos estáveis.

Os humores do djan são um mistério para os mais apaixonados estudiosos da raça. O Instituto de Estudos Djan, em Wysrod, preparou a súmula abaixo, que se destina especificamente a fantários viajando em Djanad:

Um djan desacompanhado (uma situação em si mesma rara), encontrando-se com um fantário igualmente desacompanhado, dificilmente (4%) cometerá um

ato abertamente hostil, mas com relativa freqüência (40%) cometerá um ato encoberto, indo da travessura ao assassinato. Dois djans, ao se depararem com um fantário sozinho, com muita freqüência (65%) vão primeiro irritá-lo e finalmente atacá-lo, depois de um curioso e embaraçoso jogo de acomodações psicológicas entre os três participantes. Dois djans nunca (0%) atacarão dois fantários. Pelo menos temporariamente, o quadro torna-se uma réplica imperfeita do átomo social djan. Três djans raramente-(15%) atacarão um fantário sozinho, quase nunca (2%) uma dupla de fantários e nunca (0%) três fantários. Quatro djans quase nunca (1%) atacarão um fantário desacompanhado, mas serão ligeiramente mais inclinados (2%) a atacar dois fantários. Nunca (0%) atacarão grupos de três ou quatro fantários.

O quadro acima aplica-se com maior rigor quando Skay desaparece do céu. Com Skay visível, os djans tornam-se totalmente imprevisíveis, reagindo a influências que estão além da compreensão fantária.

De passagem, pode ser notado que, enquanto em Djanad o furto é desconhecido, em Fantaeria o djan é um larápio constante, persistente e irregenerável. Analogamente, em Djanad o djan é sóbrio e sexualmente contido, ao passo que, em Fantaeria, os fantários copulam eventualmente com garotas djan, embora os djans nunca tenham relações com fantárias, devido à repulsa mútua e desconformidades físicas.

3 Os faluchos do Longo Oceano são tripulados pelos nacionais do mar, que reivindicam soberania por toda a extensão do Longo Oceano e controlam todo o comércio e todas as rotas de trânsito. Travessias aéreas são absolutamente proibidas. Cada falucho está armado com um canhão de longo alcance, um radar e minas.

Os nacionais, cujo número mal atinge vinte mil, dificilmente poderiam fazer valer suas pretensões sem o apoio tácito dos fantários, dos quais deriva a maioria dos nacionais. Na verdade, os nacionais do mar são freqüentemente encarados como uma casta fantária especial.

Os faluchos são embarcações de grande beleza intrínseca, elaborados com arte pelos fóntones de Fônton, no Poço de Erdstone.

Alcançam de dez a vinte e um metros de comprimento e são acionados principalmente pelo vento. Os ventos alísios sopram sempre do oeste.

Tipicamente, o nacional do mar navega com seu falucho a favor do vento, de mar a mar e de porto a porto, para sempre e sempre ao redor do mundo.

4 O Parlatório, em Wysrod, é formado por três câmaras, com vários departamentos: a Corte Terrena, representando as castas mais baixas e a casta média; a Convenção das Parentelas; e os Cinco Servos. O grande edifício da Praça Travan é conhecido como

"Parlatório".

5 O sistema penal de Fantaeria opera segundo um sistema arcaico e altamente complicado. O que sofreu injúria, ou "primeira parte", expõe o caso diante de um magistrado; às vezes, mas não necessariamente, em contraste com a defesa do ofensor, ou "segunda parte". Se o magistrado considera o caso razoável, é emitido um mandado, e a primeira parte pode aplicar pessoalmente a punição ou pode contratar os serviços de um dos vários escritórios disponíveis para executá-la. A primeira parte especifica com exatidão o ato que está punindo e estipula a punição que achar adequada. Se a segunda parte considera a punição demasiado severa, leva o caso diante de um juiz. Se o juiz decide em favor da primeira parte, a punição pode ser aumentada ou os custos punitivos, cobrados. Decidindo-se pela segunda parte, um agente oficial executa exatamente a mesma pena sobre a primeira parte. Por isso, são encorajadas retribuições razoáveis. A segunda parte pode tentar fugir aos oficiais de justiça, mas não lhe é permitido resistir com violência, a menos que a punição seja a morte. Por esta razão, os oficiais de justiça nunca aplicam uma pena de morte, embora, às vezes, o efeito seja exatamente o mesmo.

6 Para informação dos turistas: musicologia eisel.

"Para que nossos turistas possam desfrutar ao máximo sua visita a Eiselbar, temos o prazer de analisar brevemente o assunto música.

Comecemos atacando o mistério básico: como uma sucessão de ruídos, não importa quão puras as vibrações ou rigorosas as harmonias, pode evocar reações emocionais dentro da alma dos homens? O ruído, afinal, não tem significado intrínseco.

Consideremos, então, dois aspectos da música: analogias corporais e naturais, e simbologia. Observamos imediatamente que os tempos musicais correspondem à série dos ritmos do corpo, muito especialmente ao bater do coração. Músicas

com andamentos muito mais rápidos ou muito mais lentos que os ritmos do corpo são imediatamente sentidas como forçadas e artificiais. Somente em ocasiões excepcionais, andamentos muito lentos ou muito rápidos corresponderão a uni ritmo humano. O canto fúnebre é uma sublimação de morosos gemidos de dor; a jiga acompanha o passo de chutes e batidas vigorosas dos pés.

Analogamente, os timbres musicais que provaram ser os mais evocativos e de maior apelo são os que contém reminiscências dos processos orgânicos: a voz humana, o canto dos pássaros, o mugido do gado. Por esse motivo, aumentos de tensão e seu relaxamento, bem como a resolução das progressões de acordes, encontram analogia nas tensões corporais e em seu alívio, isto é, no peso de uma carga fatigante e no descanso, constipação e descarga, medo de punição e trégua, sede e extinção da sede, fome e fastio, anseio erótico e satisfação, flatulência e alívio da flatulência, fadiga pelo calor e um mergulho na água fria. Os musicólogos eisels desenvolveram análises exaustivas nessas direções. São absolutamente capazes de produzir os timbres mais eficientes, *crescendos* e *diminuendos*, em seus sintetizadores. A música de Eiselbar é universal! E ninguém precisa ser um perito em bruxaria nem um poeta louco para extrair seus significados.

Todas as pessoas, ricas ou pobres, vagarosas ou velozes, desfrutam das mesmas sensações corpóreas.

A simbologia musical é um tema mais complexo, envolvendo processos cerebrais e mnemônicos.

A percepção dos símbolos musicais começa quando uma criança ouve os tons da canção de ninar de sua mãe.

Cada cultura é representada por uma série peculiar de símbolos musicais. Quando se ouvir alguém dizer que entende ou aprecia a música de uma cultura muito exótica, podemos amavelmente olhar esse alguém como estúpido ou brincalhão.

Contudo, quando uma cultura comum, como a do Braço de Gaea, tinge cada cultura local, haverá uma mistura de simbologias, de modo que um ouvido do mundo A consegue, dentro de certos limites, entender certas músicas do mundo B. Habilmente, os musicólogos eisels empregam a simbologia gaeana com um

criterioso enriquecimento dos símbolos especificamente locais. Possuem à sua disposição um vasto conjunto de escalas, acordes, seriações e padrões harmônicos, cuidadosamente catalogados, anotados e incluídos em índices remissivos. Com os princípios citados acima como fundamentação teórica, são capazes de extrair de seus computadores-sintetizadores a notável e útil variedade da música eisel.

Em tempos passados (e mesmo hoje, em regiões musicalmente atrasadas), o povo soprava ou batia em peças de madeira, fibra e metal para emitir sons de qualidade irregular, com altos e baixos. A música assim produzida era (e é) necessariamente impura e inexata, não havendo sequer duas execuções idênticas. Por esse motivo, não se presta à racionalização, não importa quão erudito e experiente seja o analista. Seus praticantes eram (e são) nada mais que posudos narcisistas! Concebem-se como autocratas musicais! Tais ambições não têm lugar numa sociedade igualitária. Os musicólogos eisels são severamente adestrados em princípios teóricos. Com seus poderosos computadores, seus versáteis e sensíveis sintetizadores, eles formulam, para uso de todo o povo, o âmbito e os objetivos da música eisel."

O AUTOR E SUA OBRA

Com o recurso da mais pura fantasia, Jack Vance cria planetas de vida surpreendente que fascinam os leitores do mundo inteiro. Uma característica marca esses planetas imaginários: todos foram colonizados pelo homem num passado muito distante e já se encontram desligados de suas raízes terrestres. Ao ganhar o Troféu Hugo de Ficção Científica, nos Estados Unidos, Jack Vance obteve o reconhecimento mais do que merecido por sua prodigiosa imaginação como contador de histórias.

Nascido em San Francisco, a 28 de agosto de 1916, John Holbrook Vance formou-se pela Universidade de Berkeley, na Califórnia. Em 1950, lançou seu primeiro romance de ficção científica: "The dying Earth". Com mais de trinta livros publicados, parte de sua obra está assinada com o nome de Holbrook: esse é o caso, por exemplo, de

"The man in the cage" (1960) e "Emphyrio" (1969).

Em "Planeta duplo", Jack Vance nos leva até a estrela Mora, com seus planetas gêmeos, Masque e Skay. Nesse mundo semifeudal, onde prevalecem estranhos

códigos de honra, complicadas relações de parentesco e rivalidades políticas ferozes, o leitor vai seguir a trilha de aventuras do jovem Jubal Droad, herói cínico, em busca da fortuna e da reconquista de seus direitos.